

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV N.º 25 Cr\$ 5,00 em todo o Brasil 17 de Junho de 1944

EDIÇÃO
DE
ANIVERSARIO



BRAS

COZINHAS AMERICANAS

2

Não há maior conforto...

Não há maior eficiência...

Não há maior beleza de linhas...

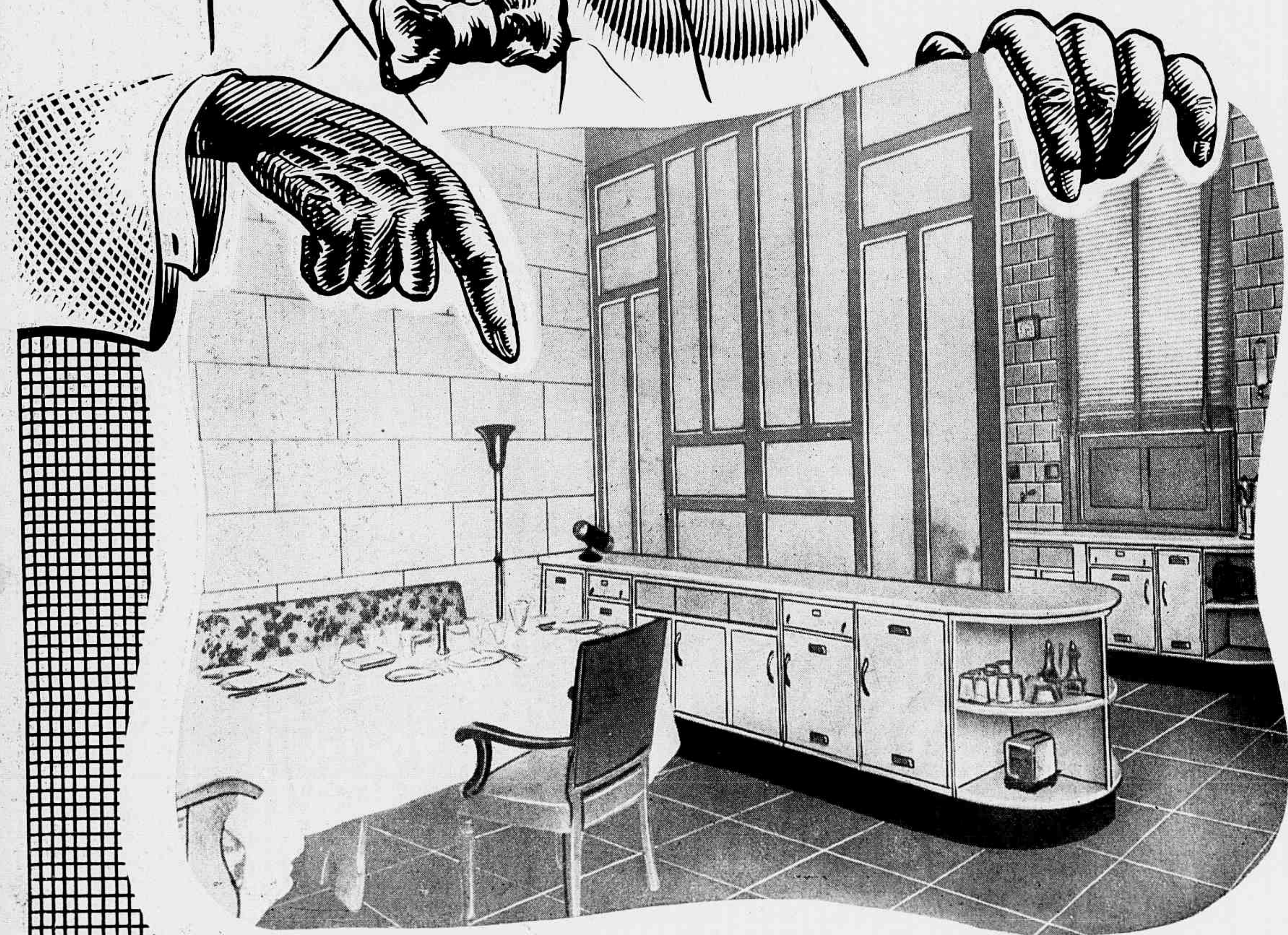
Os móveis "C.A.S.A" para copas e cozinhas, são, por excelência, tudo o que se possa imaginar de sólido, prático e distinto para ambientes onde devem imperar o gosto, a higiene e o prazer de trabalhar... Deixe-nos a tarefa de dar à copa e à cozinha de sua residência, uma impecável organização racional, tornando-as, ao mesmo tempo, mais belas e magestosas... Distribuição exclusiva do

"SALÃO DAS MARAVILHAS"

CASA DAVID

71, Ouvidor, 73

RIO DE JANEIRO



REVISTA DA SEMANA

Anno I. — N. 1

DOMINGO, 20 DE MAIO

Numero 300 réis

AS FESTAS DO IV CENTENARIO



O monumento comemorativo do descobrimento do Brazil, trabalho do escultor Rodolpho Bernardelli.
Vista da praça da Glória no dia 3 de Maio

(Photographia offerecida pelos Srs. Dantas)



RAUL

CONTA-NOS COMO APARECEU A REVISTA DA SEMANA

Por CELESTINO SILVEIRA

QUARENTA e quatro anos depois do aparecimento desta revista, ainda existe aqui dentro, na redação, um de seus elementos fundadores: Raul Pederneiras. Não nos sobrou tempo para averiguar se a sua colaboração alguma vez sofreu interrupções pelos clássicos "motivos de força maior", porque folhear as coleções de tantos anos demandaria ainda mais tempo. Mas não foi difícil encontrar as primeiras *charges* do Raul. Elas se encontram na segunda página do segundo número, aparecido em 27 de maio de 1900, e aí vão reproduzidas, na página visinha, como uma preciosa evocação. A observar, desde logo, que aquele tempo Raul não havia ainda incluído o seu clássico cachorrinho — ou cachorrinha? — como figura obrigatória nas *charges* que tão bem teem sabido resistir à ação do tempo. Nem mesmo a assinatura do artista possuía a característica do R com aquela voltinha famosa. De qualquer modo, quando pensámos em verrumar o passado e descobrir qualquer coisa de mais ou menos inédito sobre a fundação da REVISTA foi o Raul dos bonecos, do bigode eriçado, do chapelão imutável e do colarinho ainda preso por um alfinete "de fralda" quem nos salvou. Graças a Deus ainda existe um fundador, aqui dentro, e para ele apelámos. Eis o que nos disse, naquela sua voz personalíssima, que apesar de fanhosa até pelo rádio se gosta de ouvir:

— O primeiro número saiu no dia 20 de maio, mas desde muito antes trabalhávamos

na sua preparação. Alvaro Teffé, chegado da Europa, trouxe consigo tudo que era necessário para a empresa, temerosa para aquele tempo, sem dúvida. Viéram de Paris bonitos e artísticos cartazes, de grande formato, impressos em cores, ali feitos especialmente, e, com os cartazes, todo o material para fotografação e fotozincos, além de uma excelente máquina impressora, premiada na exposição daquele ano na grande cidade. Em Paris, visitando a exposição, foi que o Teffé mais se animara a fundar uma grande e moderníssima publicação carioca. De fato, a REVISTA DA SEMANA foi o primeiro periodico que instalou e reproduziu gravuras pelos processos fotoquímicos, pois até então trabalhava-se apenas com as pedras litográficas. O próprio Teffé estudara os processos, tomando espontaneamente um curso de gravador, na Europa e, aqui chegando, teve de improvisar-se em mestre para criar os seus discípulos. Assim, os primeiros *clichés* da Revista, foram feitos por ele mesmo, o dono e o diretor.

Raul acende o cigarro, sorri e recorda: — Vi-o acorçado em frente a um fogareiro de carvão, nesse trabalho... Acontecera, naquele dia, ter falhado o gaz e por isso a operação foi levada ávante com um legítimo fogareiro de cozinha! Assim se fizeram os *clichés* das festas do Quarto Centenário, com a inauguração da estatua de Cabral na Gloria, da chegada do cruzador *D. Carlos* à Guanabara e até um deles, muito engraçado, com

esta legenda: "No ano dois mil. Fotografia profética do que será o Rio de Janeiro no Quinto Centenário".

Por isso — continua Raul — o primeiro número da REVISTA foi o que se pode denominar uma "novidade" no gênero. Não havia, anteriormente, folhas impressas pelos seus processos. A parte de leitura cultivava de preferência os sucessos da semana, sem desprezar os de caráter policial, cujas reproduções das cenas, principalmente de agressões físicas, eram arranjadas no próprio atelier fotográfico, com personagens da casa. Numa dessas páginas, a da capa do número 6, reconstituindo um ataque feito em plena rua dos Ourives ao coronel Horacio de Lemos, o próprio Medeiros de Albuquerque posou em lugar da "vítima". Um dos personagens, vivendo o papel de agressor, era o dr. Antonio Maria Teixeira, professor da Escola de Medicina, que a isso se ofereceu para maior efeito do quadro.

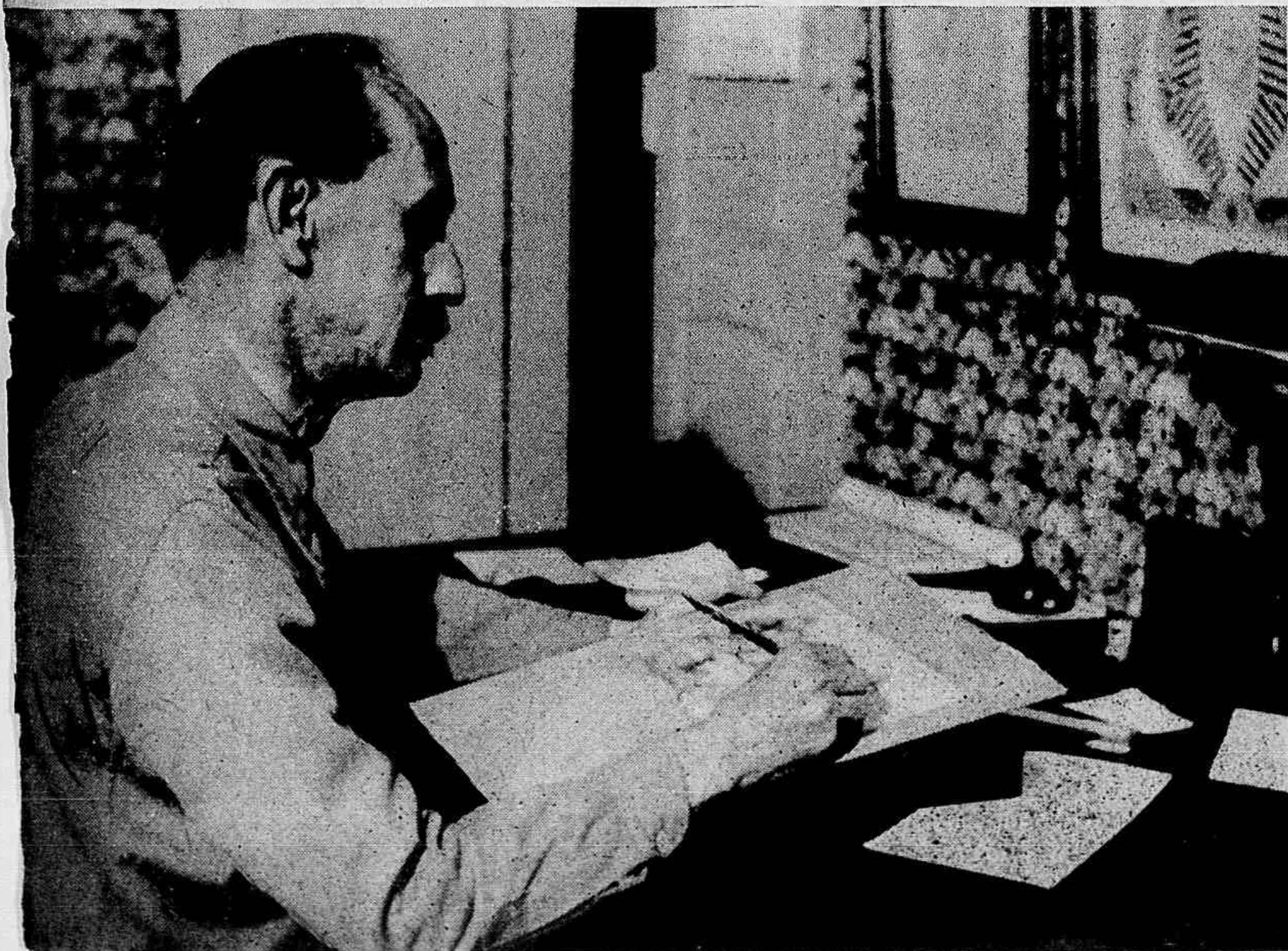
A palestra com Raul, está ficando interessante. Ele continua.

— Funcionou a empresa na rua Lavradio, onde hoje está a oficina Leuzinger. Pouco tempo depois, em agosto, Teffé passou a revista para o *Jornal do Brasil*, então situado na rua Gonçalves Dias, antes da abertura da Avenida. O *Jornal* convidou-me a continuar na redação, tal como eu fazia desde o primeiro número. É oportuno lembrar que foi Medeiros e Albuquerque o primeiro secretário e redator principal, por pedido feito pelo Rochinha, dono de *A Notícia*. Antes de lançar a folha, Teffé tinha desejos de que eu ficasse à testa da redação. Numa carta, expliquei não me ser possível por estar preso na polícia... Quero dizer, por estar na dobadora de delegado de polícia, bem entendido! Era então governo, Campos Sales, e Enéas Galvão chefe de polícia. Nessa carta, eu indicava o Manuel Porto Alegre para secretário, mas Teffé mostrou-me então a outra carta, que recebera do Rochinha, a quem não podia deixar de atender, como me declarou. Eis porque, logo no número de estréia, a REVISTA publicava dois trabalhos assinados pelo Medeiros, o *Correio da Semana* e os versos intitulados *Para não fazer um madrigal*. Aliás, já nesse mesmo número eu apresentava quatro pequenas ilustrações, simples vinhêtas. Mas as *charges* ficaram para o número seguinte porque a gravura não deu conta do recado a tempo...

Nova pausa, novo cigarro, uma taça de café e as evocações continuam:

— O *Jornal do Brasil* ou melhor, o Fernando Mendes de Almeida fez da REVISTA um quasi suplemento ilustrado, embora con-

Raul desenha em casa. É ali, no seu gabinete de trabalho, longe do borborinho, que prepara as "charges" editadas pela REVISTA DA SEMANA desde maio de mil e novecentos.



servasse a legenda que desde o primeiro número figurava, acima do "cabeçalho": "Fotografias, vistas, instantâneos, desenhos e caricaturas." Todo o material pertencia agora á nova empresa, e os desenhistas do *Jornal* ali passaram a trabalhar. Eram quatro e eu, colaborador efetivo. Desenhávamos em uma sala espaçosa, diariamente, para o *Jornal* e a *REVISTA*: eu, Artur Lucas (Bambino), Amaro Amaral, Plácido Isási e Luiz Peixoto. Os dois primeiros, já falecidos, o terceiro em Buenos Aires, e o Luiz conhecido teatrologo. Colaboraram por algum tempo o Julião Machado, que às vezes usava o pseudônimo Casimiro Miragy, e o Celso Herminio, ambos portugueses. Julião ficou muito mais tempo do que o último, que foi para Portugal novamente. Exercia as funções de gerente o coronel Gaspar de Souza, também gerente do *Jornal*. E para animar o movimento que esmorecia, por estar presa a revista aos preconceitos do jornal, Batista Coelho, Luiz Peixoto e eu tomávamos conta da direção, dando-lhe novo surto. Mudávamos o formato que passou a ser o de *Eu Sei Tudo*, e a *REVISTA DA SEMANA* criou alma nova, que não durou muito tempo, visto que ninguém via com bons olhos o franco sucesso capaz de empanar as vaidades naturais dos dirigentes da casa...

Artur Brandão, hoje em Portugal, e Malheiro Dias adquiriram a revista e fundaram uma nova empresa para o movimento. Estabeleceram-se na rua Buenos-Aires, esquina do Mercado das Flôres, e progrediram com Aureliano Machado, que lhe deu solida expressão comercial. Foi quando o Brandão se retirou para Lisboa. Tempos depois, também Malheiro Dias abandonava o seu cargo, ficando Aureliano á testa de uma sociedade. E ali continuávamos, eu e o Amaro. O movimento mais crescente favoreceu a publicação a ponto de conseguir casa própria, como hoje vemos com aplausos. E a popularidade era tal que em qualquer ponto da cidade onde surgisse a famosa "baratinha" do velho Vieira, hoje aposentado, todos sabiam: A *REVISTA* estava comparecendo...

E o Raul mergulha no seu mundo de lembranças:

— O principal gravador era o espanhol Gouveia, no tempo do *Jornal do Brasil*, homem perito no ofício. A composição era somente de caixotins, nos primeiros anos. Ainda não existia linotipo nem haviam surgido os aperfeiçoamentos de hoje. A litografia primou algum tempo para as páginas a côres, quando era propriedade do *Jornal do Brasil*. Desenhava-se então em papel gelatinado, do mesmo tamanho em que deveria ser impresso. Gênero difícil, porque a pena era de iridium e a tinta litografica especial, para aderir á pedra. Habitados, bem treinados, os desenhistas davam o traço tão fino e delicado como se fôsse de gravura foto-química.

E concluindo:

— Além de desenhos, na fase primitiva e nas gestões do *JORNAL* e do Malheiros eu colaborava também no texto de redação, com crônicas e pequenas novelas, seguidamente. Muitos bonecos editados na *REVISTA* foram por mim reunidos em um volume, *Album Alegre*, impresso para prêmio aos assinantes do *Jornal* e da *REVISTA*.



Quadros, objetos de arte, preciosidades e reliquias... Raul aponta ao reporter, um de seus quadros prediletos. Ele também pinta — mesmo quando não quer "pintar o selo".

Foi assim, leitor amigo, que se fundou esta publicação cujo 44.º aniversário agora estamos comemorando com a presente edição. Percorrendo as oito páginas bisonhas do seu número de estréia, nelas encontramos ainda outras curiosidades: Urbano Duarte assinava o artigo sobre o "Ano Dois Mil", fazendo profecias que já não teem razão de ser, inclusive esta: "Das coisas feias do Rio só existirá em 2.000 o canal do Mangue. Não houve engenharia capaz de dar cabo daquela abjeção".

Houve, sim. Apareceu a Avenida Presidente Vargas.

E do artigo editorial com que se estreava a *REVISTA DA SEMANA* — "Simples apresentação" — aqui vai o seu ultimo periodo,

ainda não desmentido e sempre em ordem do dia:

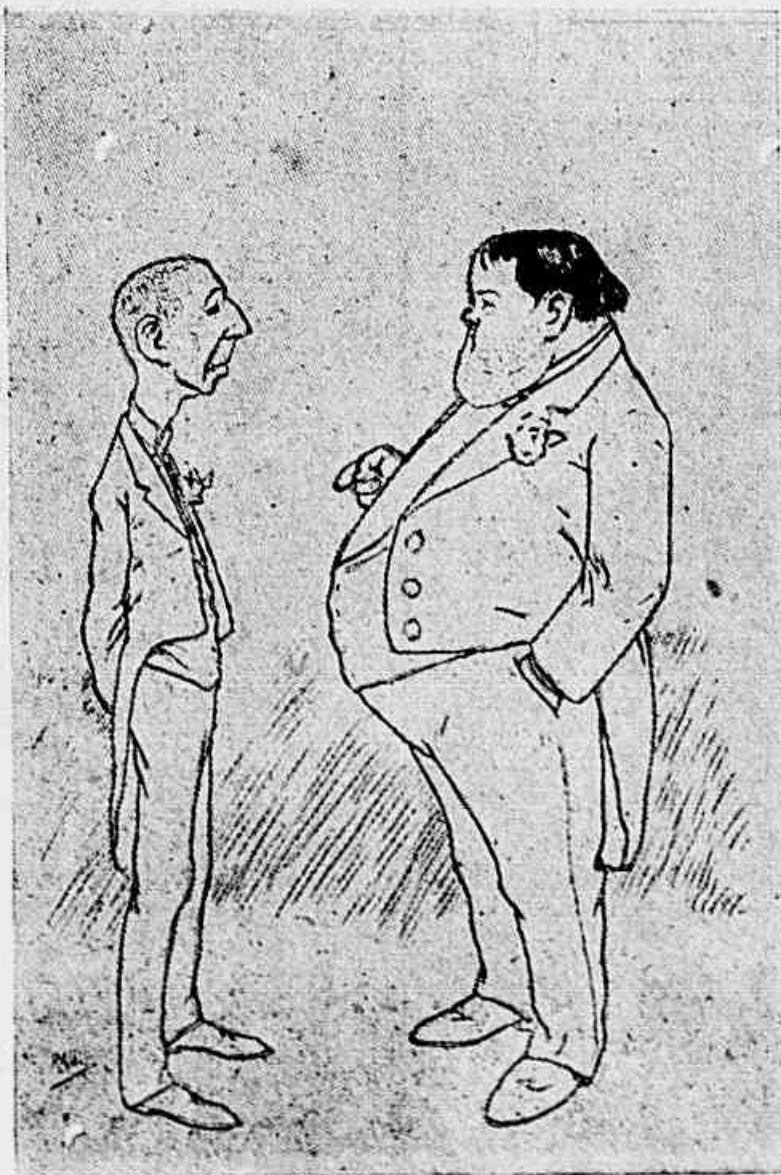
"O nosso empenho estará todo em impormo-nos á sua atenção e á sua estima, em fazer com que a *REVISTA DA SEMANA* seja a revista necessária em toda a familia brasileira, tão indispensavel a curiosos espíritos que nela busquem sobretudo a crônica ilustrada dos sucessos contemporaneos, como a formosas senhoritas, preocupadas com os ultimos ditames da moda e a travessas crianças querendo apenas alguns momentos de distração".

As crianças travessas, hoje, andam na casa dos quarenta. A vida, para elas, está começando. E as "formosas senhoritas"...

Vale o *formosas*.

No primeiro número da *REVISTA* apareceram quatro pequenas ilustrações de Raul, simples vinhêtas. Fôram estas as suas primeiras "charges" publicadas já no número dois. E, desde então, milhares de "calungas" do veterano artista do lapis desfilaram pelas nossas páginas, comentando os acontecimentos de maior atualidade, satirizando as ocorrências do

momento e despertando o bom humor do público. O traço de Raul, personalissimo, conhece-se á distância. E a assinatura de 1900, essa, mudou um pouco. Só mais tarde apareceu o cachorrinho das "charges" do humorista patricio. E até hoje, êle continúa apreciando, de lado, a tragi-comédia da vida, através do lapis de Raul...



Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O



OLEO de VIOLETAS
de MME. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO RUA DA ALFÂNDEGA, 19

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE AS VITAMINAS NECESSÁRIAS À SUA BELEZA.
CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

O segredo

do toucador depende de certos cuidados — cabelos ondulados, sedosos e isentos de caspas — que se obtém usando



Phenomeno
PERFUMARIA TARRÉRIO

Escritório OCTAVIO BABO

ADVOCACIA EM GERAL — REPARTIÇÕES PÚBLICAS — COMPRA E VENDA DE PREDIOS E TERRENOS

SOB A ORIENTAÇÃO E RESPONSABILIDADE DO
DR. OCTAVIO BABO FILHO

ADVOGADO — DESPACHANTE — CORRETOR DE IMÓVEIS

RUA 1.º DE MARÇO, 6 — (Edifício do Paço) — TEL. 43-6256

Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. E portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríases — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides, psoríases, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 17-6-1944 --- N. 253

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 124 PAGINAS

Com a presente edição, está a REVISTA DA SEMANA comemorando o 44.º aniversário do seu aparecimento. Foi no dia 20 de maio de 1900 que circulou o primeiro número desta publicação, apresentando-se portanto a edição natalícia que o leitor tem em mãos com o atraso de quase um mês, por motivos de ordem técnica imperiosos. Este não é, sem dúvida, o número que seria de nossa vontade oferecer aos leitores para o registro de tão grata efeméride, mas, sabem-no todos, as circunstâncias especialíssimas em que vivemos quase há um lustro, com vários e irremovíveis obstáculos, impõem-nos certas restrições de que ninguém pode furtar-se. Assim mesmo, o presente número vale por um testemunho do esforço denodado de quantos trabalham nesta casa, fazendo face a todas as adversidades da hora presente e reunindo, nestas 124 páginas, de par com as seções costumeiras, muito material de relêvo ao qual se associa um escolhido corpo de colaboradores.

Quando as trevas, que já começam a esbater-se nos horizontes da guerra, tiverem cessado por completo, saberá a REVISTA compensar os que a distinguem com sua leitura, oferecendo-lhes, como sempre, uma publicação que seja o reflexo exato da evolução da Imprensa. Por agora, queremos assinalar, neste registro, o nosso agradecimento aos leitores e anunciantes que, mantendo uma tradição, nos ofereceram o tributo de sua amizade, prestigiando a decana das publicações ilustradas com a sua valiosa cooperação.

A nossa Capa

O CORPO EXPEDICIONÁRIO tem também o seu contingente feminino. E um contingente precioso, cuja mobilização se fez entre um selecionado grupo de brasileiras dispostas a trocar, espontaneamente, o que mais ainda as valoriza, o seu conforto, os seus bons empregos, o seu conchego do lar e da família pelas incertezas de uma tão delicada viagem. Nossas patricias, porém, sabem colocar acima de tais requintes de egoísmo o dever a cumprir. Elas são as legítimas herdeiras de tantas mulheres heroínas cujos fastos a nossa História sabe realçar em páginas imorredouras. Por isso mesmo, a REVISTA DA SEMANA destinou a sobrecapa do seu número natalício para a homenagem que hoje fazemos à Mulher Brasileira, traduzida num de seus mais preciosos ornamentos. Não importa saber-lhe o nome. Ela é a Expedicionária do Brasil, a enfermeira solícita e prestimosa, a companheira dos homens valorosos que aí estão prontos a embarcar, tão depressa

REVISTA DA SEMANA



lhes dêem instruções nesse sentido. Vale, portanto, a homenagem que lhe dispensamos.

Comemorou o seu segundo aniversário a Agencia Continental Ltda.

Transcorreu recentemente o 2.º aniversário da fundação da Agencia Continental Ltda., empresa que, sob a criteriosa e inteligente orientação de técnicos competentes e dedicados, vem desenvolvendo, tanto nesta Capital como em São Paulo, onde mantém grande sucursal, uma intensa atividade nos setores publicitários.

Justo foi pois o jubilo com que se festejou a passagem desta efeméride, nos meios jornalísticos, radiofônicos, industriais e comerciais, onde a Agencia Continental Ltda. se fez merecedora de grande simpatia conseguindo, graças aos esforços dinâmicos de seus dirigentes prestígio e consideração invulgares.

Servindo a todos com absoluta probidade e fornecendo-lhes uma completa assistência, nesta Capital e em S. Paulo, a Continental conseguiu elevar-se entre as melhores agências de publicidade do país, sendo por isso motivo de satisfação geral a data de seu aniversário.

A inúmeras felicitações recebidas pela prestigiosa agência de publicidade, aqui juntamos as da REVISTA DA SEMANA.

Sumario

LITERATURA:

Literatura mal assombrada. (Genolino Amado).....	6
Livros Novos (Redação).....	8-9
Aldo and Mary... (Henrique Pongetti).....	12-13
Molière (Bandeira Duarte).....	18
Vícios (Aluisio Azevedo).....	19
Recordações de Annapolis (R. Magalhães Jr.).....	22-23
Nossa Irmã a Agua (Alvaro Moreyra).....	27-29
São João e a Guerra (Berilo Neves).....	49
Cultura Musical no Brasil (Paulo Armando).....	52
Oração (Sagramor Scuvero).....	54
Homicídio por Amor (Stuart Palmer).....	17
Eliseu Visconti e seu tempo (Frederico Barata).....	59-61
Capricho Acidental (Hormino Lira).....	76-77
A estranha aventura do Comte. Mario (Maurin Cosel).....	86
Silvio Julio exalta Eça (Manuel Silva Pinto).....	87
Parábolas (Sebastião Fernandes).....	88-89
Aconteceu numa noite de luar (Coelius Aulicus).....	90
Nunca me esquecerás (J. Ivert).....	99
Coisas não ditas (Escragnolle Doria).....	104
Taahran e o filho mau (Djalma Nunes).....	105
O fim da odisséia.....	115
Figuras e Fatos.....	121
Junho... (Celso Guimarães).....	114
REPORTAGENS:	
Raul conta-nos como apareceu a REVISTA DA SEMANA (Celestino Silveira).....	4-5
No baronato de Itararé (Sarah Marques).....	10

PROVENDAS

EMPRESA PROMOTORA DE VENDAS

**Rádios,
Refrigeradores,
Material de radiotransmissão e recepção,
Extintores de incêndio,
Grupos eletrogeradores a Diesel e gasolina,
Máquinas elétricas,
Ferramentas de precisão,
Artigos elétricos para uso doméstico, etc.**

39, ASSEMBLÉIA, 41

TELEFONES:

Gerência: 42-9653 [Contabilidade: 42-9521

Loja: 42-9311

RIO DE JANEIRO

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjoos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

Guevara — o unico paraguaio que venceu o Brasil.....	14-16
Matheus, o figurinista de St. Joana.....	32-33
Como vivem as viúvas dos Presidentes.....	36-37
A infancia literaria dos imortais (Roberto Lyra Fº).....	50-51
24 horas da vida de Eva.....	61-62
A mulher brasileira na guerra e no após-guerra (Juanita B. Machado).....	74-75
Antigamente eram assim.....	84-85
FOTOGRAFICAS:	
A capa do 1.º número.....	3
Dulcina.....	31
Odilon.....	34
Ginger Rogers.....	91
Cinema.....	94
FEMININAS:	
Nos Bastidores Femininos.....	43
Para o Inverno.....	64-65
Trabalho Manual.....	122
Modas.....	83
Outras Modas.....	92-93
Pequenos Modelos.....	101- 109-113-118
O que se deve evitar — Copa e Cozinha.....	98-107
DE GUERRA:	
Flagrantes da Invasão.....	72-73
A Rússia em Fôco.....	79-81
CARICATURAS:	
Um susto e uma corrida (Orlando Mattos).....	53
De Bom Humor.....	69
'Charge' de Raul.....	109
CURIOSIDADES:	
Os grandes cantores da floresta.....	24-25
A confederação amerindia do norte.....	35
História gráfica do para-quedas.....	38-39
O refugio dos sonhos.....	44-47
DE RADIO (Djalma Maciel).....	55

SAPATARIA
BRISTOL

RUA S. JOSE, 108/110
APRESENTA PARA A ESTA-
ÇÃO DE INVERNO OS

Calçado

BRISTOL

de Luxo

ULTIMOS MODELOS DE
SUA EXCLUSIVIDADE PARA
HOMENS, SENHORAS E
— CRIANÇAS.

FONE 22-1062-RIO DE JANEIRO

ROGERIO GUERRA & CIA. LTDA.

IMPORTAÇÃO
Caixa Postal 1512
Telefone 23-2804



EXPORTAÇÃO
End. Teleg. PAPER
Code: BENTLY'S

Representações de Fábricas
Americanas de Artigos para
Papeleria e Escritório

64 - RUA TEÓFILO OTONI - 64
RIO DE JANEIRO

EBERHARD FABER
PENCIL CO.
New York
A fábrica de lápis mais
antiga da América
LAPIS — BORRACHAS —
ELASTICO — CANETAS —
LAPISEIRAS

THE ESTERBROOK
PEN CO.
CAMDEN N. J.
A maior e mais antiga fábri-
ca de penas da América
PENAS PARA TODOS OS
FINS — CANETAS TINTEI-
RO COM A PENAS RENO-
VAVEL — BASES E JO-
GOS DE SECRETARIA

THE BATES MFT. CO.
ORANGE, N. J.
Máquinas de numerar
GRAMPEADORAS
INDICES — PRENDEDORES
DE PAPEL E ALMOFADAS
PARA CARIMBO

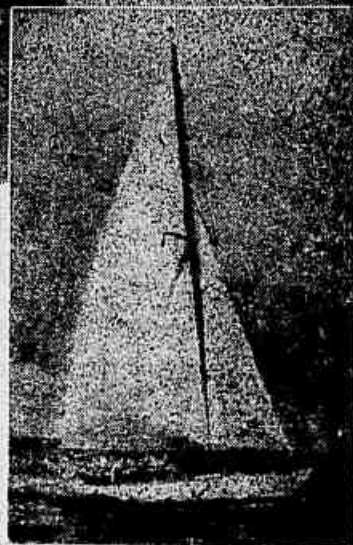
THE AUTOMATIC
PENCIL SHARPENER CO.
CHICAGO — ILL.
A maior fábrica de máquinas
de apontar lápis do mundo
MAQUINAS
GEM — GIANT — CHICAGO
— PREMIER E OUTRAS

FRANK A. WEEKS
MFT. CO.
NEW YORK
TINTEIROS — PARAGON E
ARTIGOS EM GERAL
PARA ESCRITÓRIOS

ÚNICOS DEPOSITÁRIOS DO
PAPEL AÉREO
"COLIBRI"



Deixa na boca
...O FRESCOR
DA BRISA DO MAR!



HÁ algo de tão refrescante e estimulante no Creme Dental Squibb que o simples fato de escovar os dentes com ele constitui um verdadeiro prazer. Não só tem um sabor delicioso, como também lhe inunda a boca com uma sensação admirável de frescor! Depois, deixa uma sensação de fragrante limpeza de que toda

mulher gosta! Há ainda maiores vantagens que o Creme Dental Squibb oferece. É absolutamente seguro para ser usado na boca mais delicada. Não contém nenhuma substância raspante ou adstringente que possa prejudicar gengivas rosadas ou o esmalte de dentes bonitos. Experimente um tubo hoje mesmo.



CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

Livros

A INFANCIA E A ADOLESCENCIA NA LITERATURA MODERNA

Sentimos na literatura moderna uma despreocupação dos romancistas, no que se refere ao estudo da personalidade dos adolescentes, dos problemas de ordem psicológica e espiritual concernentes a esta fase da existência humana. Entretanto o tema é rico e presta-se a estudos de grande interesse.

Evidentemente, para se escrever sobre a infância e a adolescência é preciso que se tenha chegado à maturidade, quando se pode contemplar de longe as transições e particularidades, podendo discernir o que é importante e definitivo dos fatos relativamente sem interesse. E precisa, em resumo, uma visão total, de modo a que não nos percamos em detalhes e minúcias.

Mas aparece aí uma grande dificuldade, que é a de lembrar, de modo preciso e nítido, sensações de tantos anos atrás. Uma grande capacidade de introspecção, de análise introspectiva deve possuir o escritor que se dedica a este setor da literatura.

Proust conseguiu encontrar de modo admirável "o tempo perdido". Entre os escritores modernos cujo nome certamente passará para a história da literatura em lugar de destaque, junto com os maiores autores de todos os tempos, está este inglês admirável que é Charles Morgan.

Num dos seus livros, Morgan estuda a figura de um adolescente e do seu primeiro contato com a morte.

Mas esta é uma figura excepcional, que não pode entrar em linha de conta para um estudo comparativo.



Ha entre a infância e a adolescência, uma diferença fundamental no que se refere ao conhecimento do mundo: a primeira é inteiramente absorvida pelas impressões mais superficiais, imediatas e objetivas do mundo material e físico, enquanto que a segunda aprofunda-se nos problemas psicológicos, tentando deusar os segredos íntimos do próprio eu. As suas cogitações referem-se especialmente aos fatos psíquicos, às reações íntimas aos fenômenos espirituais. Para a infância, ha uma completa predominância do mundo físico, ao passo que para o adolescente surgem os primeiros problemas de ordem espiritual. E a recordações que nos ficam dessas duas idades parecem mostrar que na primeira fase da vida, na infância, as sensações novas veem ligadas à alegria das descobertas, felizes.

Tudo é novidade e cada descoberta que fazemos traz-nos a impressão de uma conquista.

O mundo material não provoca na criança as angústias que dentro de alguns anos lhe serão impostas pelas revelações do mundo espiritual. E que estas últimas são incompletas, deixando sempre alguma coisa oculta, perdida nas profundezas obscuras do nosso eu íntimo, que nunca poderemos divisar. Dai uma sensação de impotência para chegar ao fim de um conhecimento, que nos traz a tortura.

As pessoas, o ser humano, que para as crianças representam pouco mais do que outros tantos corpos que se agitam entre os inanimados, chegando mesmo a se confundirem com eles, ganham novas dimensões para o adolescente.

O que não é físico escapa-lhe à compreensão. A parte espiritual não é alcançada e não a preocupa.

O adolescente pode divisar um drama ou uma tragédia em cada transeunte aparentemente despreocupado. E que ele já travou contato com o ser humano visto por dentro.

Enquanto as sensações inantis são em geral motivos de alegria, embora as descobertas de ordem espiritual possam muitas vezes produzir alegrias inefáveis, que nunca mais esqueceremos, justamente porquêsão mais profundas, em geral, são dolorosas.

As conquistas no campo espiritual são muito mais difíceis que as de ordem material. Talvez haja um pouco de exagero em considerar os contatos da adolescência com o mundo espiritual e seus problemas como os primeiros. Evidentemente a criança já os vislumbra de modo vago e impreciso, para logo deixá-los de lado.



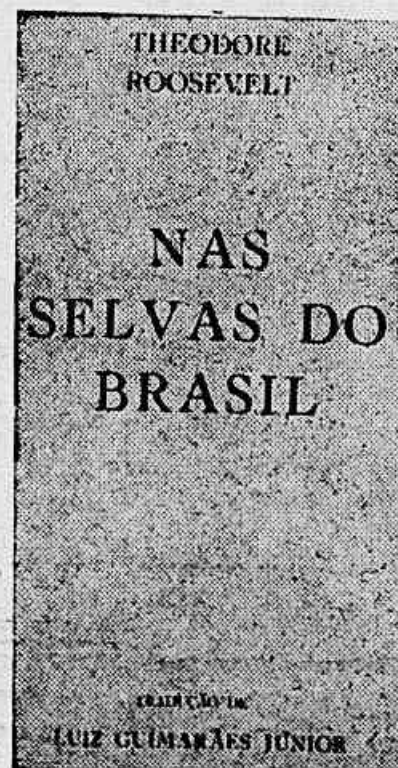
Em alguns livros recentemente aparecidos, vamos encontrar estudos interessantes sobre a infância e a adolescência.

Roger Martin Du Gard, neste grande romance: OS THIBAUT, faz a análise de um adolescente e dos seus problemas, principalmente da sua LIBIDÔ, fazendo toda a sua vida depender das primeiras impressões de juventude.

William Soroayam apresenta-nos um estudo interessantíssimo em *Ulysses*, o personagem central de A COMEDIA HUMANA. As sensações e reações provocadas pelos primeiros contatos da criança com as coisas do mundo, entre elas a maldade, são maravilhosamente descritas.



NAS SELVAS DO BRASIL. — Theodore Roosevelt. — Tradução de Luiz Guimarães Junior.



O estreitamento das relações com os Estados Unidos da América do Norte não só no terreno diplomático, mas em todos os campos de atividade que possam apresentar um traço comum com a grande República Americana, vem dar a esta obra um cunho de grande atualidade. Artistas, escritores, técnicos, tem visitado os Estados Unidos, procurando conhecer melhor seu ambiente. Também os americanos veem se interessando por tudo o que é nosso. E como é sabido, dessa compreensão e conhecimento dependem a harmonia e a amizade entre dois povos.

Achamos por isto mesmo oportuníssima a publicação deste livro do grande estadista que foi Theodore Roosevelt, feita pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura e contendo as observações que T. d. Roosevelt fez, na sua viagem pelo interior do Brasil.

Por se tratar de um estadista e de um homem inteligente e culto, as observações feitas adquirem incontestavelmente um grande valor.

A par do interesse propriamente científico, da exploração geográfica de zonas ainda desconhecidas da civilização, do sabor da aventura, apresenta o livro de Roosevelt um particular interesse sob o ponto de vista do estudo da terra e do homem, pois está nitidamente patenteado o seu interesse pelas questões sociais. Já então esse estadista eminente preconizava a necessidade e a utilidade da colonização do Oeste Brasileiro, mostrando que o regime cooperativista seria o ideal para levar a cabo esta empresa.



De muitos homens poderemos talvez dizer que desempenham múltiplas atividades. Theodoro Roosevelt, entretanto, é dos mais dinâmicos e múltiplos: fazendeiro, natura-

Novos

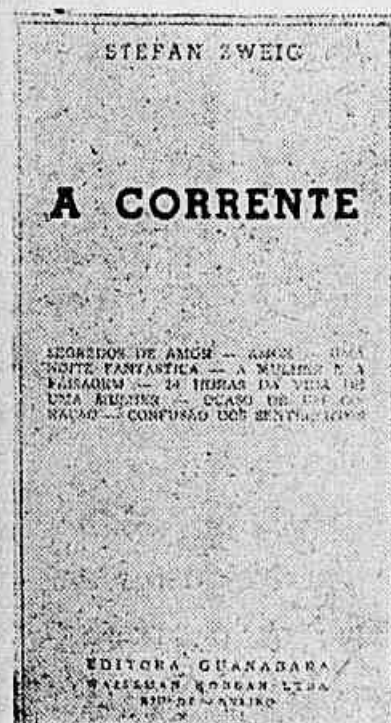
lista, caçador, explorador, soldado, historiador, escritor, homem de ação mas antes e acima de tudo um homem de invulgar energia.

Era um legítimo ianque, com todas as virtudes e naturalmente os defeitos do seu povo, ao qual não se pode negar este espírito empreendedor.

A figura do autor vem naturalmente aumentar o interesse da obra. Este livro muito concorreu para o melhor conhecimento do nosso país, na América do Norte.

• • •

A CORRENTE. — Stefan Zweig. — Editora Guanabara. — Rio. — 1944. — Tradução de Odilon Galloti.



Esta edição da Editora Guanabara, apresenta algumas das novelas e contos mais conhecidos de Stefan Zweig, como: *Segredos de Amor, Amok, Uma Noite Fantástica, A Mulher e a Paisagem, 24 horas Da Vida De Uma Mulher, O caso de Um Coração, Confusão dos Sentimentos.*

A figura de Stefan Zweig, é por demais conhecida entre nós para que a analisemos numa simples crônica. A crítica de suas obras, quer as de caráter histórico-biográfico, como esse livro admirável que é *Maria Antonieta* ou das suas novelas e contos, não poderia ser feita num espaço tão limitado. Isto pela razão de que não se pode apresentar mais o autor de *Joseph Fouché* ao público leitor. Poderíamos, isso sim, fazer um estudo das suas obras e da sua personalidade. Mas isto foge aos limites desta seção. Seria realmente superfluo dizer que Stefan Zweig é um grande psicólogo e que consegue dar aos seus romances e às suas biografias, se bem que muitas vezes prejudicando um pouco a história propriamente dita, um colorido encantador que os torna leves e agradáveis.

Todos os leitores de Zweig já puderam observar estes defeitos e estas qualidades que aliás, saltam aos olhos. Limitamo-nos pois, a apresentar este trabalho muito bem impresso e traduzido, onde encontramos alguns contos de Zweig.

• • •

D. MANOEL DE ASSIS MASCARENHAS. — Adaucto da Camara. — Rio. — 1944



A figura de Adaucto da Camara é bem conhecida nos meios intelectuais do Brasil. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, são bem conhecidas as suas obras e as suas atividades no terreno da cultura.

O opusculo apresenta-nos a conferencia proferida na Federação das Academias de Letras do Brasil, em 30 de Outubro de 1943.

Nela o conferencista aborda e analisa brilhantemente a figura de uma das personalidades mais interessantes do Senado Imperial: Dom Manoel de Assis Mascarenhas, que representou ali, durante 16 anos, o Estado do Rio Grande do Norte.

Falando sobre D. Manoel de Assis Mascarenhas, recorda Adaucto da Camara a sua destacada atuação na politica do seu tempo, tendo estado por duas vezes à frente da administração da sua terra, tendo sido enviado por ela à Assembléia Geral e ao Senado onde pdeu revelar as suas raras e brilhantes qualidades de orador eloquente.

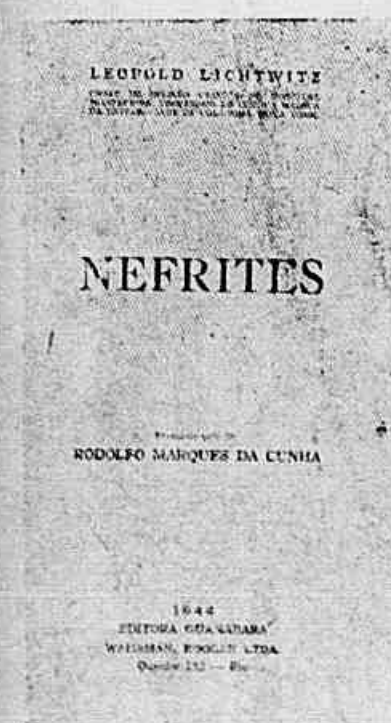
Mostra assim o autor do opusculo em que encontramos a conferencia, a origem, a vida pública, a carreira parlamentar, dando-nos um retrato perfeito e vivo do biografado.

• • •

SANTA CLARA. — Novelli Junior. — Romance. — Rio. — 1944.
Recebemos este romance, com capa de Santa Rosa.

• • •

NEFRITES. — Leopold Lichtwitz. — Traduzido pelo Dr. Rodolfo Marques da Cunha. — Editora Guanabara. — Rio. — 1944



Lichtwitz, autor de diversas obras de medicina bastante conhecidas, entre as quais "Prática das Doenças Renais", em três edições alemãs, quatro espanholas e uma portuguesa, é um nome conhecido na sua especialidade. Esta obra, que recebemos, descreve um método de análise da função renal e da capacidade excretora, que torna possível a qualquer médico sem grandes dificuldades a sua aplicação, com o mínimo possível de técnica de laboratório e de aparelhagem. Apresenta, além disso, este método uma completa informação quanto ao diagnóstico e o prognóstico. A questão da dieta a ser prescrita, qualitativa e quantitativamente adequada, merece a atenção e o estudo do autor. De acordo com os métodos descritos na obra, terá o leitor uma orientação sobre os requisitos essenciais para se obter uma noção do equilíbrio entre a ingestão e a eliminação renal. Temos assim uma obra que poderá prestar um grande auxílio aos estudos do assunto.

• • •

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDUSTRIA E COMÉRCIO.

Recebemos esta publicação do Ministério do Trabalho correspondente ao mês Abril do corrente ano. N.º 116. Ano X.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

E. WOLFF

IMPORTADOR

Produtos Químicos em Geral para Industrias

ACIDOS - ANILINAS

Artigos de superior qualidade pelos MELHORES PREÇOS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 817

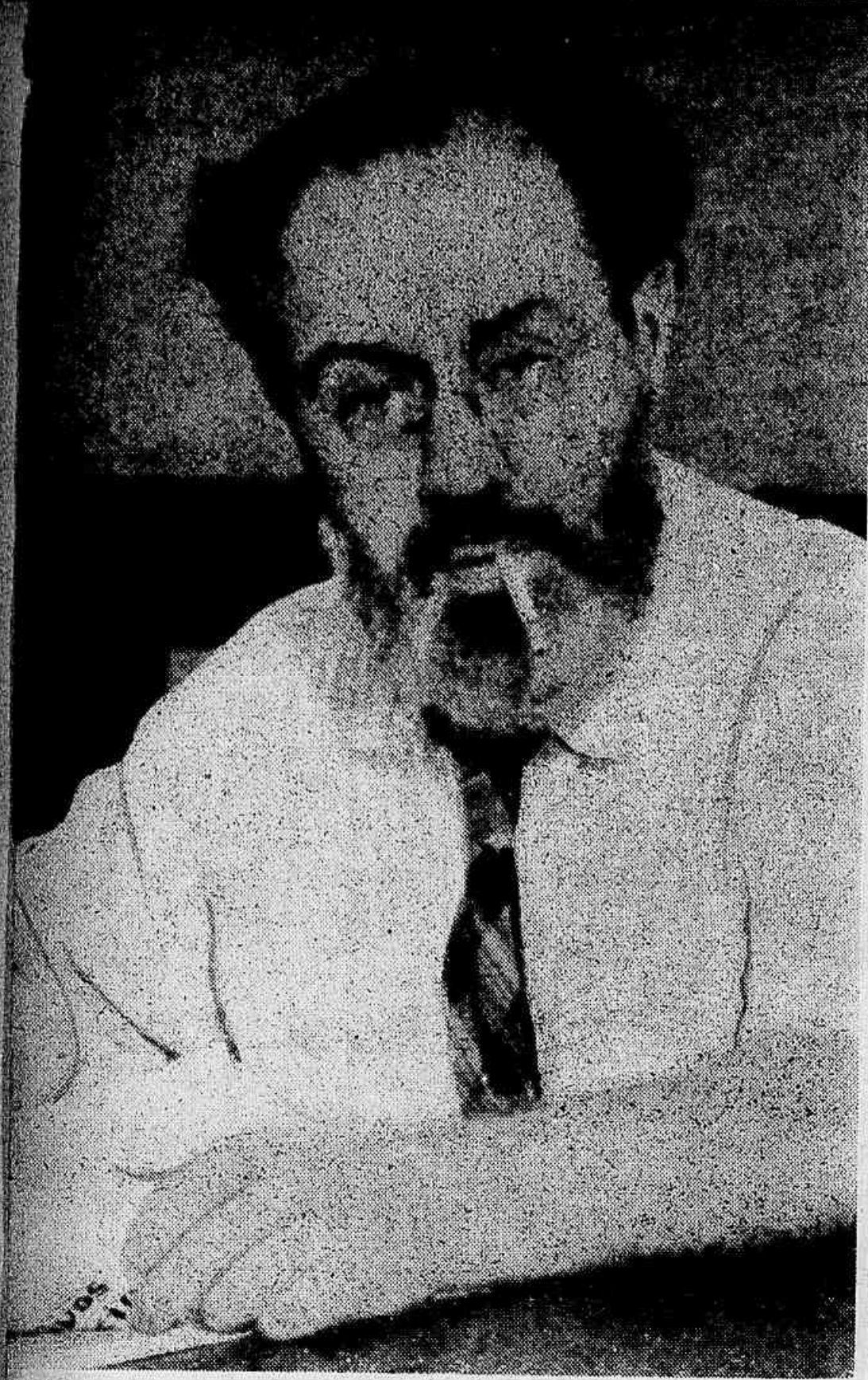
TELEFONES 43-7915 — 23-2618

RIO DE JANEIRO

ELIXIR DE NOGUEIRA



DEPURATIVO DO SANGUE
(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)



Se quereis conhecer o Barão de Itararé na intimidade — ah! não emprendais, senhores e senhoras, a penosa peregrinação a Bangú-sur-Mer, onde o velho baronato aponta com o seu teto pontudo, no cocoruto de um môrro!

Não tomeis o trem elétrico na estação Pedro II, numa tarde de domingo, com os rapazes que vão ao futebol, com as mocinhas que vão visitar o noivo tuberculoso no Hospital Xavier da Silveira!

Talvêz possais conversar com o Barão, na intimidade, à sombra de uma árvore de praça pública, num banco de rua, encostado na pedra de uma estatua ou entronisado numa porta de engraxate.

Em Bangú, o Barão raramente aparece. Sei disso, eu que acreditei na memória do ilustre fidalgo e tomei a sério um compromisso seu: — “Domingo espero a sua visita. Se quizer darei entrevista. Se não quizer, mostrar-lhe-ei as minhas terras, os meus bichos, as minhas árvores e os povos dos meus domínios.”

Domingo, 4 de Junho, ao meio dia, tomei o elétrico na estação apinhada. E mal o trem largára, atirando os que iam em pé no cólo dos que iam sentados, percebi que a glória do Barão é grande e se estende pelas ruas dos suburbios, quasi lendária. Acreditei, mesmo, que por um fenómeno de telepatia todos os passageiros ficaram sabendo que eu ia a Bangú só para ver o Barão. Uma senhora de preto, de rôsto bom e fala mansa, me contou que o marido, fotógrafo na rua da Carioca, é amigo íntimo do fidalgo. E acrescentou:

— Naturalmente, êle mandará a carruagem esperá-la na estação. A casa é muito longe, muito bonita no meio das árvores. Da estação de Moça Bonita, poderá ver o teto, em cima de um môrro.”

Mas não havia carruagem na estação; nem o “taxi” do Ermida, “chauffeur” que Itararé me recomendára para subir a rampa do baronato. Havia sol e poeira na rua larga e comprida que principia na estação e se estende, sem fim, entre os jardins humildes de grades de ferro enfeitadas de “bougainvilles” e acácias.

Esperei numa farmacia até que um velho carro empoeirado aparecesse e me levasse, sacolejando, ao portãozinho de madeira onde começa a propriedade do muito ilustre senhor Barão de Itararé.

Não houve, pontes levadiças rangendo nos fôssos. Nem guardas apresentaram armas, pedindo a senha. Só uma cadelinha preta, miuda e assanhada, saíu latindo ao meu encontro. A caseira aparece na porta e desce as escadas da varanda, muito surpresa com a visita.

— O Barão? Há dez dias não aparece. Estou aqui há dois meses e só o vi tres vêses. Mas, se quer entrar...”

A voz e o gesto convidavam. E a curiosidade da reporter, ali estava, camuflando a invasão do domínio alheio com os nomes bonitos de “dever para com o interesse público...”

Ah! é um castelo da nobreza decadente, o baronato de Itararé. O mato cresce à volta da casa, afogando as laranjeiras carregadas de tangerinas, de laranjas-lima, verdoengas. Estão enferrujadas as grades da varanda; há um ar de velhice nas salas que raramente se abrem. Mas, quando o sol entra pela janela, as porcelanas azues e os cristais transparentes brilham no aparador. Uma cigana de lábios vermelhos e flôr vermelha nos cabelos sorri na parede. E a poltrona é fofa e confortável. E os moveis torneados de estílo antigo têm o brilho sombrio do verniz novo.

Ah! se duvidais, senhores e senhoras, dos fóros de nobreza de Itararé, visitai a velha casa de Bangú: tudo ali proclama que há sangue azul e velhos hábitos ancestrais de conforto e de elegancia na medula desse homem de barbas brancas que descobriu o caminho do cérebro alheio, fazendo rir. O sujeito ri sem saber que houve um estalo na cabeça e que vai começar a pensar, sem querer, com raiva de estar pensando.

Itararé é nobre. E a caseira me falou que em Bangú se diz a bôca pequena que o

Barão descende de Pedro II. Itararé é nobre e tem muitos nomes como todos os nobres.

— “Eu fico doida com esse telefone — a moça conta. Perguntam: — O Aparício está? — Outros querem saber do Aporelly, do Bãrão, do Itararé. Eu nem sei como êle se chama.”

Conta que é um homem bom. Não reclama. Não dá ordens para o almôço ou para o jantar, quando aparece. Come o que vem à mesa e agradece à cozinheira. E’ calado. Não fala da vida própria nem da alheia. Mas...

— “Quando êle vem aqui, atende qualquer um. Sujeitos de pé no chão, sujos e esfarrapados ficam sentados nessas cadeiras aí, conversando com êle. E’ um sujeito muito bom” diz a caseira, pensativamente.

Vi, senhores e senhoras, no tapêto junto da cama, um chinelo de couro repousando. E o diabo do chinelo — um chinelo como todos os outros — conseguiu me comover contando as vigílias do homem bom que fica repousando na poltrona, a cabeça nas mãos, os pés descansando dentro deles. Em cima da cama, o retrato de um garotinho louro. Outras fotografias em frente: uma linda moça e uma música que fez em pauta, com notas e claves, sustenidos e bemóis, a dedicatória. Quem são? A caseira não sabe; mas oferece laranjas, do pomar de Itararé, dôces e frias, com esse gôsto puro das frutas que nunca viram uma quitanda. E conta que há galinhas, porcos e um bode, no fundo do quintal.

— “Não sei o que hei de fazer com óvos. Se devo fritá-los ou esperar pelos pintos.”

O bode, esse eu vi, junto à sebe de trepadeiras, com os seus olhos amarelos, sua barbicha em ponta, meio branca, meio preta. E o bode me contou muitos segredos. Um, eu divulgo:

— “Itararé não tem casa, nem tempo, nem idade. Itararé não existe e não há de morrer. E’ a tragédia humana que aprendeu a rir para salvar os outros. E’ o barão das terras no futuro, quando não houver latifúndios, nem grileiros, nem incorporadores.”

**NO
BARONATO
DE
ITARARÉ**

LITERATURA MAL-ASSOMBRADA

GENOLINO AMADO

HOUVE um tempo em que muito se discutiu se a vida valia mesmo a

pena de se viver. Hoje, porém, é outro assunto, ainda mais pessimista, que deve entrar em discussão. Perguntar-se-á, com ansiedade, se realmente vale a pena morrer. E creio que os filósofos mais sombrios da terra, inclusive aquele sinistro Hartmann que pregou o suicídio universal, responderiam agora pela negativa.

Na verdade, a morte já perdeu, para as almas desencantadas, a sua antiga sugestão consoladora. Os que se agoniam no amargor de existir não podem mais contar com essa doçura repousante do nirvana, essa volúpia do nada que o velho Machado de Assis apresentava como a última esperança de todas as criaturas em desespero. O que nos oferece presentemente o outro mundo é o prolongamento do que há de mais detestável neste em que moramos — a literatice. O alem-tumulo ameaça transformar-se em academia, em porta da "José Olimpio", em mesa sub-cultural do "Amarelinho". E assim os pobres espíritos desencarnados não terão descanso, pois nunca faltam intrigas irritantes, competições mesquinhas, tolas questiúnculas, cabotinadas furiosas, onde quer que apareçam poetas e escritores.

Assusta-me, por isso mesmo, a teimosa atividade intelectual a que se vêm devotando, através dos aparelhos mediúnicos, tantos fantasmas dignos de melhor sorte. O caso de Humberto de Campos, tão debatido atualmente em consequências das suas repercussões forenses, é um exemplo ilustrativo. Afirmam sinceros e ardorosos kardecistas que o autor de "Memórias" continua a trabalhar enormemente na paragem misteriosa em que se encontra, compondo livros e mais livros, numa intensidade produtora tão grande como a que teve de afrontar neste planeta, onde lhe coube o triste destino de operário da inteligência.

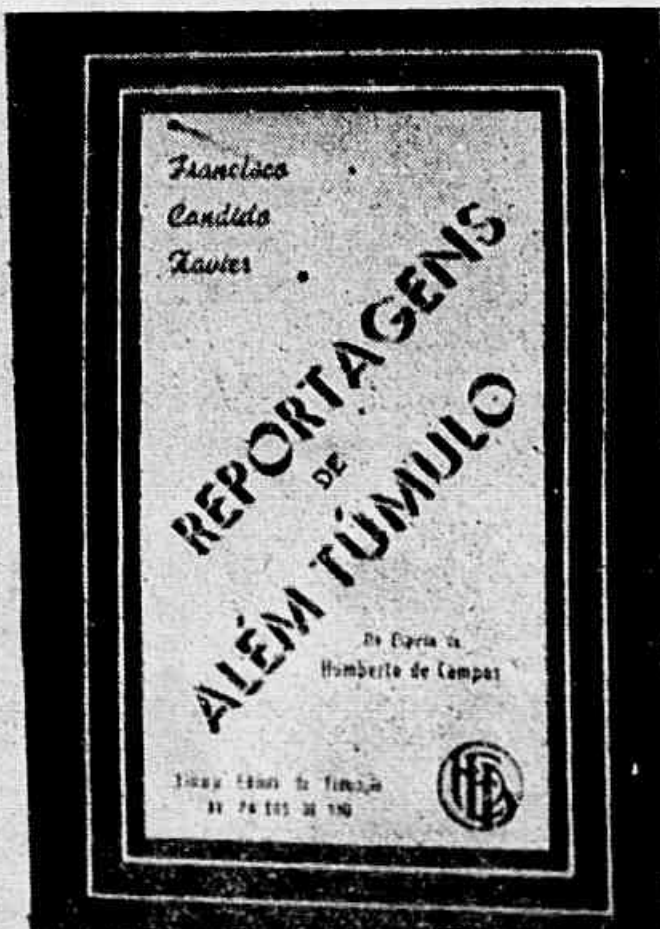
Ora, não se trata apenas de apurar o caráter apócrifo ou verídico de tais obras. Essa questão fica para os cientistas ou talvez para os detetives. O problema começa a ganhar amplitude e interesse quase aflitivo quando é aceita a hipótese da veracidade. Porque então se conclui que a literatura não acaba infelizmente com a vida terrena, que ainda teremos de afrontá-la nestas regiões desconhecidas para onde todos somos des-

pachados um dia. E aí de nós! Depois de bons defuntos, ainda assistiremos á feira das vaidades,

ao arranjo dos elogios mútuos, á briga dos autores com os críticos, ás estereis polémicas de gloriolas concorrentes. Não resta dúvida de que é para desalentar quem esteja á beira da sepultura...

Dir-se-á, talvez, que a mediunidade nos permite conhecer novas páginas de velhos poetas e prosadores desaparecidos. Mas o certo é que elas nada adiantarão ás páginas antigas, tendo de repetir, forçosamente, impressões e experiências já formuladas em vida, pois os espectros literários, em geral, não se preocupam em nos transmitir idéias e imagens do Alem, o que seria tão curioso, tão útil, mas sempre nos falam do que viram, conheceram, quizeram ou odiaram no tempo da sua encarnação. São auto-biográficos por excelência. Num egoísmo que ultrapassa os limites do mundo físico, para atingir ás fronteiras do transcendente, aborrecem aos que ainda existem com as histórias já gastas da sua existência perdida. E, mesmo quando não falam de si, falam de coisas da sua época, tão mortas para todos nós como eles próprios. Não evoluem no pensamento e no estilo. Ficam deploravelmente passadistas. Quando, por exemplo, Vitor Hugo escrevia os seus versos em Paris, o que lhe saía da cabeça tinha o lustro da novidade esplendida. Era o mestre do romantismo nascente, o poeta revolucionário. Mas agora Vitor Hugo escreve os mesmos poemas no Astral, sem compreender que sua arte foi superada pelos que vieram depois.

Por outro lado, a literatura é hoje uma profissão, um ofício. Não me parece justo, portanto, que os espíritos, livres afinal dos problemas de armazem, alfaiate, aluguel de casa, colegio para os filhos, imposto sobre a renda e tudo mais que aqui em baixo atrapalha tanta gente de poucos recursos, venham fazer concorrência desleal aos escritores em seu meio de vida. Se essa concorrência aumentar, muitos sucumbirão por miséria. E, seguindo para a distante morada onde se encontram os responsáveis pelo seu fim prematuro, nem ao menos lhes restaria o conforto de saber que lá não se pensa em livros e livreiros. Em vez da eterna bem-aventurança, espera-os — oh! ironia das ironias! — a literatice perpetua!



ALDO AND MARY

Os acrobatas contorcionistas sempre me causaram certa inveja. Seu corpo de borracha é uma insurreição vitoriosa contra as nossas algemas musculares. Eles ampliam por assim dizer os direitos físicos do homem. Torcicolos e torções dolorosas causados pela nossa pobreza de elasticidade deixam de fazer parte do seu inventário de pequenas desgraças cotidianas. Conta-se que a Inglaterra se tornou rainha dos mares na era napoleônica porque seus canhões mexiam um pouco de um lado para outro, de cima para

baixo. Os dos navios adversários eram fixos, complicavam a pontaria obrigando a belonave a difíceis manobras. Eis a acrobacia dando louros à balística. Aliás, nos últimos cinquenta anos os inventores tem pintado o diabo no sentido de dar fácil maneabilidade às máquinas, de torná-las perfeitas acrobatas. Entre um automóvel de 1912 e outro de 1944 ha diferença comparável à que se verifica entre um anquilosado e um acrobata. Os automóveis anunciavam "ação de joelho" — mas quantos joelhos melhores dos que os nossos se en-

fileiram aos milhares nas linhas de montagem de Detroit !

Por sua vez o avião adquiriu tal elasticidade normal de movimentos que a acrobacia aérea se tornou uma coisa do espaço como as nuvens, as estrelas e o vôo planado das gaivotas. Ha poetas que sonetizam o outono sem jamais pôr a cabeça fora da sua torre de marfim para espiar uma "folha morta" do piloto.

♦

Quando eu era menino, o homem-cobra do circo me fazia pensar nas vantagens que eu teria se meu pescoço fosse de borracha como o dele. Sempre que um menino volta as costas, os outros meninos botam as mangueiras de fora. Com os homens acontece a mesma coisa. Há duas humanidades diametralmente opostas: a que se esconde diante dos nossos olhos e a que se mostra atrás das nossas costas. Deus não instalou olhos na nuca do homem-cobra para este vigiar a hipocrisia humana e cercear-lhe as manifestações. Mas deu-lhe borracha para o pescoço.

No circo, era aquele pescoço giratório a minha inveja e o meu extase. Eu vou me fazendo de muito distraído pelo recreio: todos os meninos botando as cangicas de fora para me filar as balas da dindinha, dona da fábrica de caramelos. De repente — brrrr! — meu pescoço dá três voltas e põe minha cara do lado oposto. Lá estão o Zizinho imitando o meu andar, o Jonjoca botando a língua de fora para mim, enquanto o Pipi-

nha dispara com o rabo de papel que ia me pregar na camisola ! Pescoço de menino-cobra não deixa ninguém caçar tranquilo. Permite que se veja quem merece bala e quem merece uns bons tabefes nas fuças. Quando se cresce, então se precisa muito do pescoço elástico. Pelo seguinte: mais o que se passa diante dos nossos olhos nos lisonjeia, mas o que se passa atrás das nossas costas nos alertaria... se fossemos o homem-cobra. A quantidade de indivíduos que confiam na nossa indigência de dons acrobaticos é proporcional à dos indivíduos que à nossa frente parecem confiar na nossa vaidade.

De repente — brrrr ! — olha o camarada que nos promoveu o banquete-monstro tentando esconder o rabo de papel, quando frio de vergonha e de surpresa diante da nossa cara em palanque sobre os fundos !

♦

Não sei como amam os acrobatas. Tenho tentado fazer uma idéia percorrendo os serpentários do dr. Vital Brasil. "Aldo and Mary", acrobatas contorcionistas, se negaram a me fazer confidências sobre o assunto taxando-me de sensacionalista barato. Mary disse porém a um prestidigitador, e este ao meu informante, que o maior prazer de um contorcionista de profissão é restituir os membros do corpo à sua ordem convencional. Fora do **music hall** Mary ama Aldo como homem-homem, e não como "Aldo, a serpente humana". E Aldo se assustaria se Mary, com preguiça de virar o



Por
HENRIQUE PONGETTI

(Especialmente para a
REVISTA DA SEMANA)

corpo, lhe desse um beijo colocando a boca no lugar da nuca. Eles só se compreendem elásticos, de borracha, durante os momentos de luta pelo pão. Quando bate o "gong" para o descanso do corpo a corpo com a vida, no intervalo de um "round" para outro, "Aldo and Mary" retiram de cada movimento físico o cartaz de "great attraction". Assim me contou o informante. Mas eu continuo a procurar nos serpentários o segredo amoroso dos acrobatas contorcionistas.

Os contorcionistas literários tiveram nos paradoxos de Oscar Wilde seus melhores exemplos de virtuosismo. Wilde demonstrava com raro êxito como se pode fazer de um aforismo rígido uma verdade de borracha, esticável para qualquer lado à vontade do freguês. Houve tempo que o paradoxo tinha o consumo das camaras de ar e dos saltos de "caoutchou". Pensamentos normais, de pescoço e juntas comuns, obtinham fraquíssima cotação no mercado do espírito.

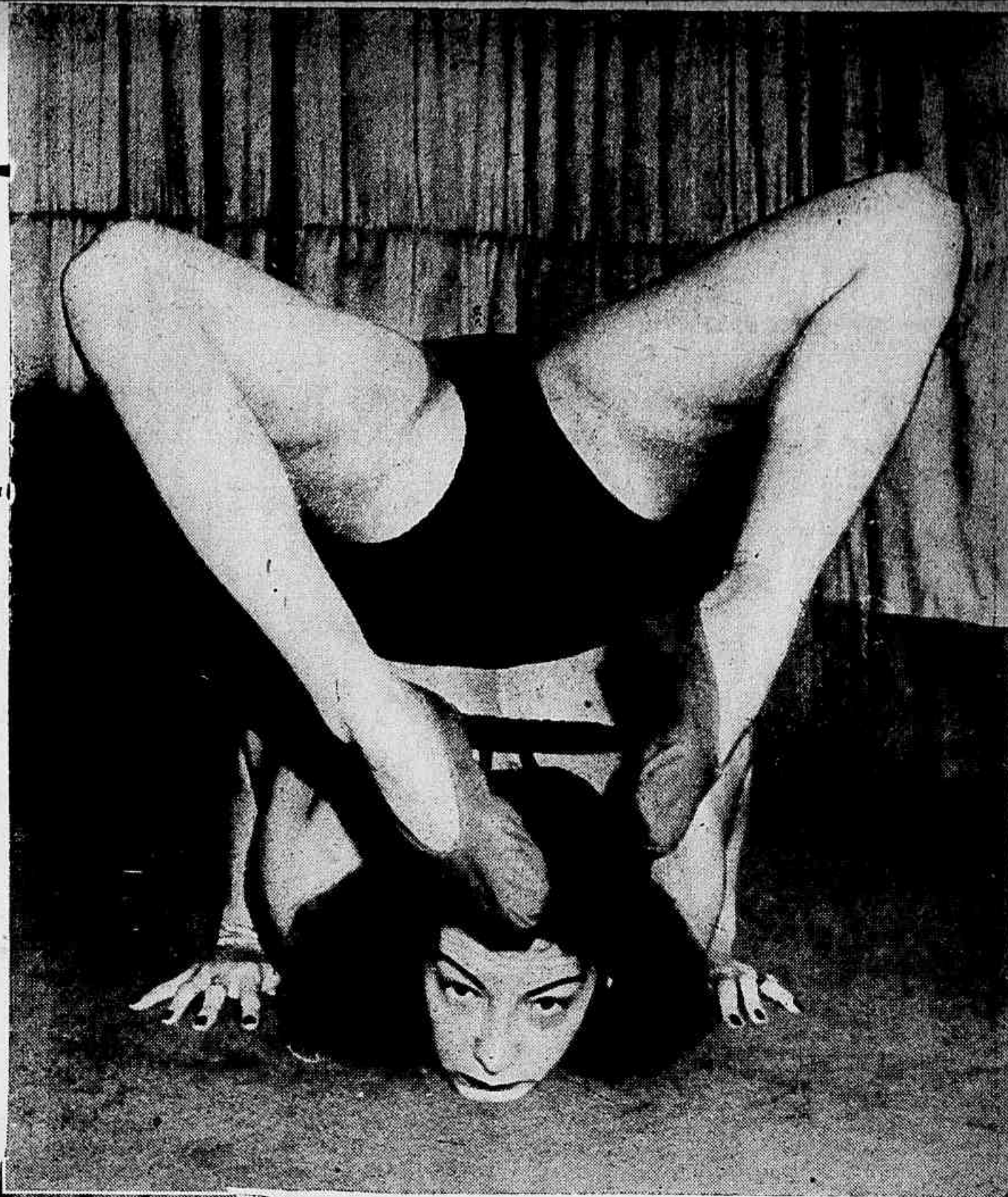
Surgiam livros exaustivos como um **music hall** onde só se exibissem acrobatas contorcionistas. Não se encontrava uma vertebra, um osinho nas frases antológicas ultra-flexíveis.

Wilde e Mancos. Dois grandes emporios de material acrobático. Depois a literatura readquiriu carne e ossos, recalcificou-se.

Mas eu não perderei nunca minha inveja e minha

admiração pelos acrobatas contorcionistas. Eles não se conformaram com o limite da elasticidade física aceita pela maioria dos homens; impuzeram aos próprios membros pesadas disciplinas revolucionárias. Talvez que no mundo novo de amanhã "Aldo and Mary" sejam

os tipos comuns de uma humanidade vitoriosa sobre sua milenar deficiência de borracha orgânica. Cabeças altamente giratórias ampliarão os ângulos de visibilidade dando ao homem o que ele não tinha no passado: o controle da retaguarda: ou o domínio dos quatro pontos cardeais do seu mundo individual. E com a abertura da quarta frente, ai dos hipocritas!



Três poses excêntricas de uma bailarina ainda mais excêntrica inspiraram a Henrique Pongetti estas páginas. Ela chama-se Mary. Tem "partenaire", Aldo, que não posou desta vez, quem sabe si exausto de mais alguns ensaios acrobáticos! Ela, porém, não mostrava o menor vestígio de cansaço. Talvez a resistência de Mary seja muito maior, talvez compreenda, mais a fundo, o sentido da publicidade... E aqui a vemos, três vezes, em outras tantas atitudes cada qual mais inconcebível. Olhando-as, é caso para indagar até onde vai a elasticidade dessa criatura tão desengonçada, capaz de se enrolar e desenrolar a si própria e parecendo desconhecer as mais elementares leis de gravidade... Existirá mesmo essa mulher? Claro que sim. E tanto existe que deu a Pongetti este excelente assunto.

G U E V A R A

O UNICO PARAGUAIO QUE CONSEGUIU VENCER O BRASIL

DE VOLTA O CRIADOR DO BARÃO DE ITARARÉ — UMA BIOGRAFIA EM ESTILO "BLITZKRIEG" — HUMBERTO DE CAMPOS PAGA UMA DÍVIDA A GUEVARA — PORTINARI, UM GRANDE NA SUA ARTE — UM PROFETA QUE PINTA EM CAMPOS DE JORDÃO — "O ACADEMISMO "SUI GENERIS" CHEIRA A VIZINHANÇA DE NECROTÉRIO..." — APEZAR DE SEUS SAPATOS BRANCOS, AUGUSTO RODRIGUES PODERIA COLABORAR EM QUALQUER JORNAL DO MUNDO — EVOCANDO O NASCIMENTO DE "A MANHA" — SURGE A X L. — "E AQUI ESTOU EM COMPANHIA DE VELHOS E BONS AMIGOS!" — O CARICATURISTA DE ONTEM E O GRANDE ARTISTA DE HOJE.

O BARÃO DE ITARARÉ todo mundo conhece. Aparece todos os dias, de manhã inteiramente glabro e à tarde ornamentado por uma enorme barba profética, assinando artigos que são a alegria dos hepáticos e a furia dos vendedores de drogas para o figado. O Barão ameaça muito seriamente toda a sua industria, a golpes de *humour*.

Mesmo porque, ultimamente, o prestígio do Barão tem crescido notoriamente, desafiando esse vendaval que derrubou todas as testas coroadas da Europa. Sua nobreza continua invulnerável.

Entretanto, até bem pouco tempo, muita gente ignorava quem se escondia atrás da caricatura que se tornara familiar à cidade, cujo humor se tomava todas as manhãs, bem dosado, para não fazer rir de mais, antes, durante ou depois do café e antes ou depois do jantar, à noite.

Muita gente ignorava que o Barão de Itararé fôsse o título nobiliárquico de Aparicio Torelli, o qual em outros tempos já assinou AxL, isto é: A por L (Aporelly). E ainda agora, muita gente ignora como nasceu esse título de nobreza.

Por que o cidadão Aparicio Torelli, passou a assinar pomposamente "Barão de Itararé"?

Como nasceu aquele jornzinho humorístico de que todos se lembram saudosos e que se chamava "A Manha", onde o Barão dava largas ao seu humorismo?

Quem foi, afinal, o criador do Barão de Itararé? Onde vive? Como é?

Quando fomos procurar Guevara, não tínhamos em mente o Barão. Guevara não vive em função daquela caricatura. Tem vida própria. Basta dizer que ele foi o seu idealizador e criador. Si estamos falando em Aparicio Torelli, Aporelly e Barão de Itararé, afinal três pessoas distintas numa só verdadeira, a culpa é exclusivamente de Guevara, que a celebrou.

Quem nos culparia de lembrar D. Quixote, falando de Cervantes? ou de Galatéia lembrando Pigmalião? Pois é só aplicar *el cuento*.

O caricaturista parece ter o dom de descobrir nas fisionomias aspectos que passam despercebidos a todos fixando-os em poucos traços, no papel. E a verdade é que nesses traços reconhecemos imediatamente a pessoa. Surpreender esses aspectos e traduzi-los graficamente, eis em que consiste essa difícil arte. A caricatura

O índio Andrés Guevara, paraguaio de nascença mas artista brasileiro-argentino, em sua banca de trabalho palestrando com o vizinho de mesa — Aparicio Torelli. Até as pedras se encontram! Há dezoito anos fizeram juntos A MANHA e aí estão novamente juntos. As voltas que o mundo dá, Guevara...

do Barão de Itararé tem um criador, uma história e evolue com a passagem do tempo. Não é estática. É fácil acompanhar a sua evolução.

Primeiro inteiramente glabro, aquele narigão empinado e intrometido, pronto a se meter em todos os assuntos para depois perguntar, arrogante, aos que protestassem contra a sua bisbilhotice: "E daí?"

Atualmente, Itararé aparece mais sério, ostentando uma enorme barba emaranhada que lhe dá um ar de profeta em vilegiatura, tendo perdido aquele ar arrogante de desafio. E realmente a caricatura tem acompanhado a evolução do caricaturado. Aporelly não é mais tão alegre como naqueles tempos risinhos e francos do seu jornzinho "A Manha", por sinal, o único quintaferino que se vendia às sextas-feiras.

Se não ficasse feio usar a imagem tão estafada do iceberg, diríamos que em cada frase do *Amanhã Tem Mais* as coisas amargas estão para as alegres assim como a parte submersa do iceberg está para a porção emersa. Mas, justamente por estar visível, só percebemos a primeira vista o que é alegre.

A literatura de Aporelly tem um grande lastro de coisas sérias. Está deflacionada.

— Mas afinal, perguntarão, você vai nos falar de Guevara como prometeu desde o começo, ou de Aporelly?





— Qual a sua impressão sobre a arte no Brasil?

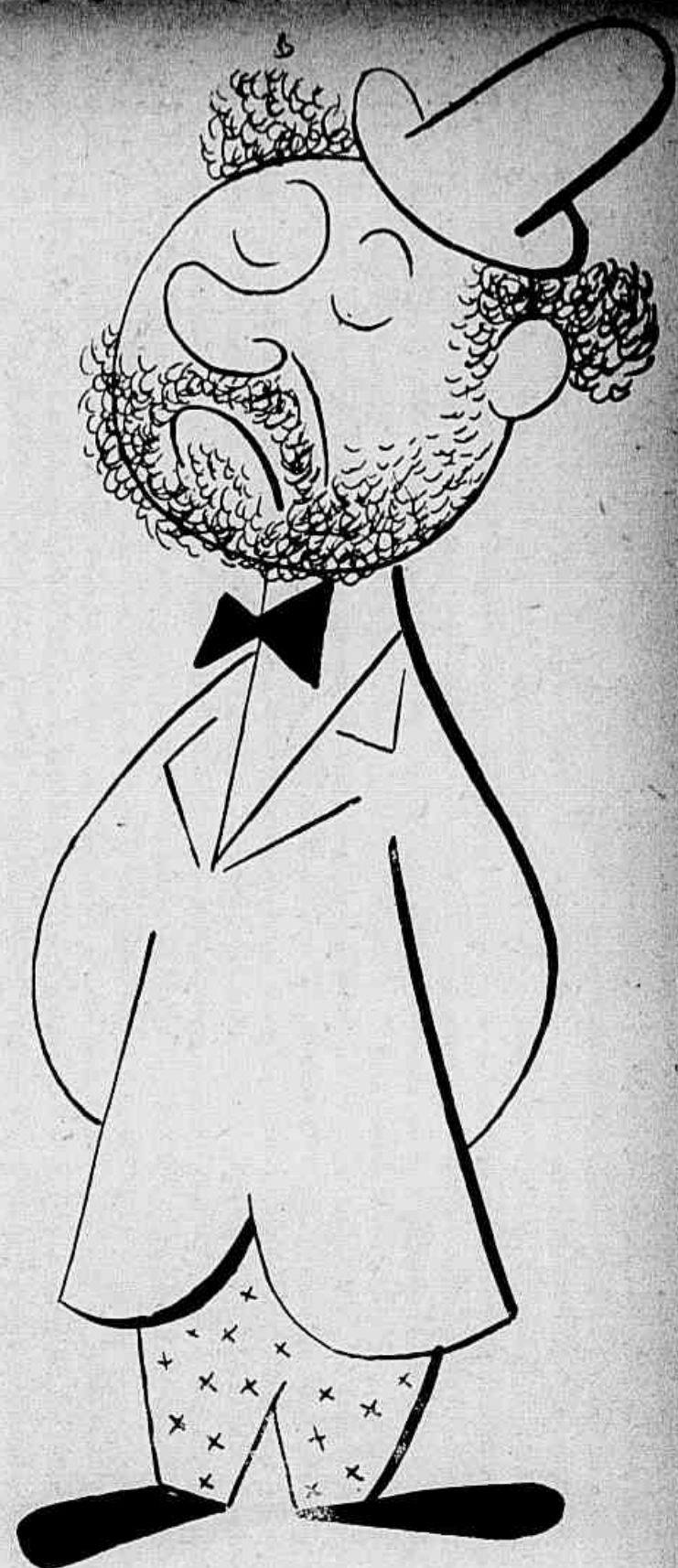
— Tenho desejos de observar serenamente e com tempo as obras dos grandes artistas brasileiros. Como ainda não os conheço bem, não posso arriscar a minha modestíssima opinião. Não é por falta de valentia: apenas faltam-me argumentos.

— E a respeito de Portinari?

— Na minha opinião Portinari é grande na sua arte, forte nas suas criações e um autentico *leader* do movimento modernista, a legitima pintura do nosso tempo.

Pancetti, pintor humanissimo, simples, espontaneo e profundo, é outra expressão de enorme talento. Pena que o profeta pinte em Campos de Jordão... Sua modestia e sua vida torturadas pela falta absoluta de estímulos, talvez sejam obstaculos para sua plena consagração.

Falando de Portinari, a quem me une a lembrança de uma amizade de quasi 20 anos, posso afirmar que com ele, Roberto Rodrigues, desenhista e pintor de ta-



A' esquerda, o Primeiro Itararé, caricatura de Guevara na época em que era apenas o "nosso querido diretor". Elegante, petronio legitimo, de nariz arrebitado... A' direita, o Itararé treze anos depois, tal como veio encontrá-lo Guevara de volta ao Rio. Em baixo, a mais recente "cabeça" do humorista famoso, também feita especialmente para esta reportagem pelo notavel caricaturista que é, também, um excelente pintor.

E nós prometemos falar de Guevara ou melhor, deixar que ele mesmo fale de si. Até porque para o sentido visual, graficamente, Itararé existe em função de Guevara.

Não vamos apresentar apenas o criador de Itararé. Apresentamos simplesmente Guevara, caricaturista, sim, mas também artista, pintor de reais meritos e homem de espirito.

Fomos encontrá-lo na redação da *Folha Carioca*, onde trabalha. E' baixo, moreno, verdadeiro tipo de indio, um geito displicente, de quem não dá confiança á fama e á popularidade, pois tem a certeza de que essas ilustres e cortejadas senhoras, virão fatalmente procurá-lo. O fato é que já o encontraram e não o deixam.

Disse-nos que abandonou a caricatura para dedicar-se á pintura. Parece-nos difícil. Percebemos nele um desses caricaturistas natos dos que mesmo sem querer estão desenhando as coisas pelo seu lado cômico. Até mesmo falando, Guevara faz caricaturas.

Querem uma prova? Eis a que ele fez da própria vida, quando lhe pedimos que dissesse algo sobre a sua pessoa.

— "Nasci em Villeta, uma aldeia com pretensões seculares a cidade, uma aldeia simples e pitoresca do Paraguai, sem nada de extrarodiniário, onde nem a peste consegue prosperar, e onde, como em toda parte, a gente só morre uma vez. Ali nasci há muitos anos, sem entretanto, passar as fronteiras do século XX.

Comencei a *querer* desenhar aos 16 anos. Si insisti, é culpa de gente inimiga.

Não tenho entradas na policia. Se *funciono* de pessoa honesta, não é por excesso de virtude e sim por espírito de conservação.

Não faço coleção de sélos, não sou pescador, mas falo guaraní.

Eis toda a minha biografia.

— Essa a caricatura da sua biografia, Guevara?

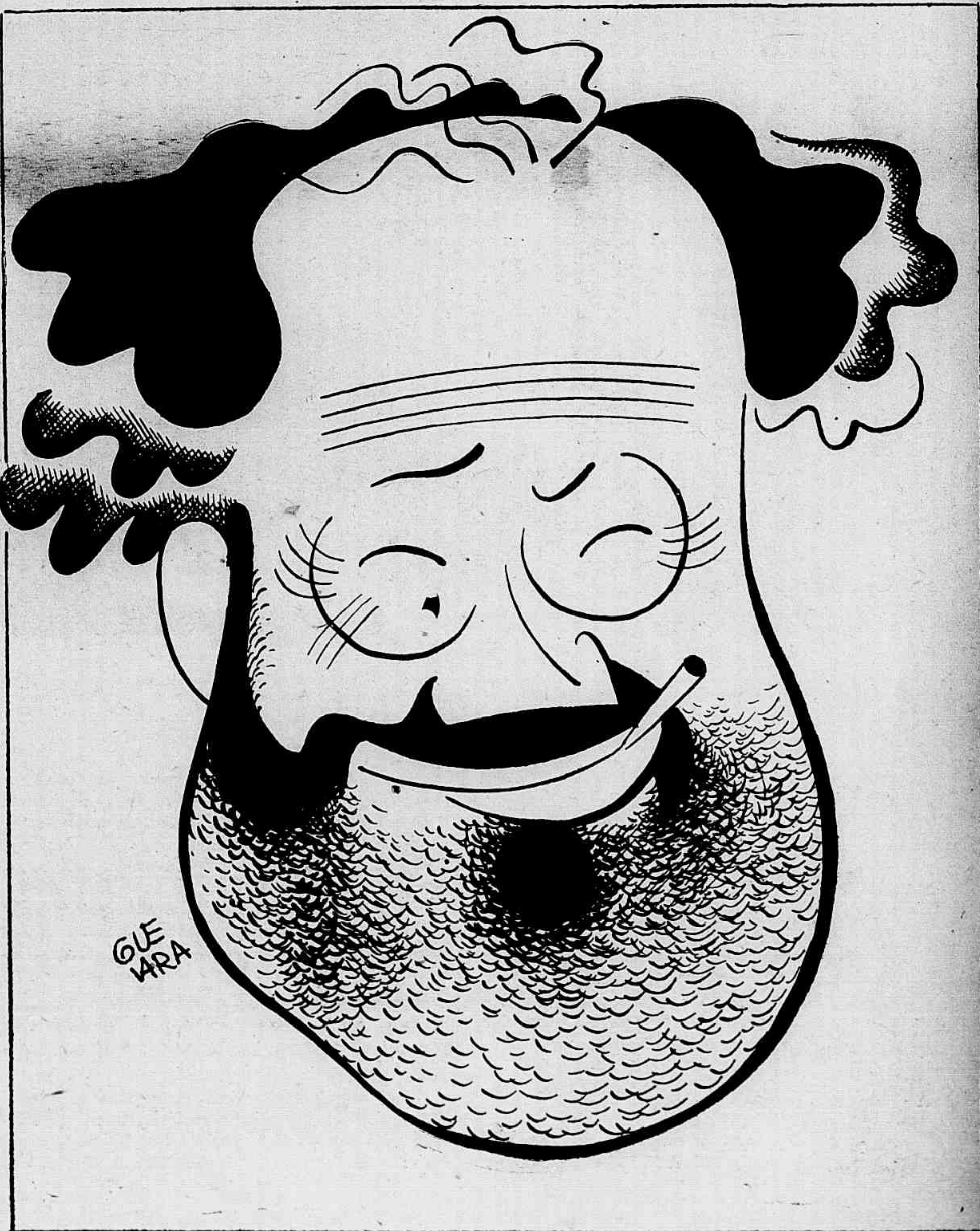
— Talvez. Mas afinal de contas sou eu.

— Como veio para o Brasil? Aliás, você já havia estado aqui e depois de uma ausencia mais ou menos longa, voltou, não é verdade?

— E' verdade. Sou irrequieto por temperamento e tendo deixado aqui tantos amigos, ha muito andava com saudades do Rio, onde comecei minha carreira, em 1925, por insistencia de Humberto de Campos, que naquela época dirigia uma revista mais alegre que literaria.

Minha amizade cordialissima com Humberto de Campos foi fatal para minhas economias. Devendo-me alguns mil reis, um dia resolveu cancelar a divida. Para isso, deu-me um livro com a seguinte dedicatória: "Ao Guevara, o único Paraguaio que nos venceu..."

E aqui estou de novo no Rio. Pretendo ficar uns meses. Isso, aliás, é um pouco duvidoso, pois, da primeira vez que aqui vim de passagem para a Europa, também pretendia apenas descer e acabei ficando 7 anos...



lento, formava uma trindade perfeita de amigos inseparáveis. Lembro-me que o atual Barão de Itararé, na sua "tenda árabe de trabalho", sofreu muitas vezes com as nossas discussões. Naquele tempo Portinari defendia calorosamente ao Zuloaga, o grande artista de Espanha, Roberto o apoiava e eu o atacava.

E Guevara continúa recordando:

— Um dia, Aporelly e eu aceitamos posar para uma cabeça. Portinari desistiu de Aporelly terminando porem a minha que achei maravilhosa pois eu era então exatamente um Rodolfo Valentino...

Atualmente, Portinari é um dos maiores pintores modernos, e quero lembrar esse episódio com enorme satisfação.

— No terreno artístico, qual a sua posição?

— Creio que em arte, há coisas boas e más em todas as tendências artísticas, mas acredito, sem temor de estar errado, que o academicismo *sui generis*, cheira a vizinhança de necroterio, mesmo a uma grande distancia. Acho um perigo voltar a ele, mesmo em avião com seguro de vida.

— Voltei ao Brasil contratado como técnico gráfico, minha atividade mais recente. Estou trabalhando nessas condições na *Folha Carioca* e espero ficar no Rio trabalhando em revistas e outros jornais. De resto, como sabe, estive nos Estados Unidos estudando artes gráficas.

— *É quais as suas impressões sobre essas artes na América do Norte?*

— Impossível dispor de tempo e "espaço vital" para dizer de modo completo a minha impressão. Sintetizo-a com um adjetivo, aliás pouco elogioso hoje em dia: Fantásticas.

— *E por isso abandonou a caricatura?*

— Deixei a caricatura por motivos de simples determinação e porque achei na ilustração e na pintura um campo de ação mais amplo. Ignoro se errei, mas ameaço fazer uma exposição das minhas obras no Rio.

— *Guevara, gostaríamos de saber alguma coisa sobre a sua amizade com o Barão de Itararé?*

vontade de quebrar minha cabeça, mas era tarde para retificar minha proposta. Daquele dia em diante, por vingança e como lição, o Barão me explorou cordialmente.

E para aumentar meu desespero, jogava no chão, dinheiro em quantidade, esperando que eu chegasse á redação. A redação era um quarto, no qual, para caminhar com facilidade, cada pessoa visitante devia ser lateralmente da grossura de uma gilete. Ali, reunia-se muita gente.

Era nosso vizinho um alfaiate com pretensões a jornalista. Em consequencia dessa fraqueza, dentro de pouco tempo seu negocio falia. E o mais triste é que tivemos, daí por diante, de ouvir seus poemas soporíferos.

Naquela redação onde, no começo, o mais prestigioso e abastado colaborador podia exigir no maximo uma violenta média com pão-e-manteiga, por falta absoluta de credito, naquela redação cresceu o prestigio da *Manha* e do Barão de Itararé.

Uma pausa, um cigarro e continúa:

— A história da nobreza de Aporelly é curta e muito simples.

Um belo dia, ali na Avenida Rio Branco, em plena revolução de 30, Aporelly, adotou por vontade propria, sem mesmo consultar o povo, o titulo de Duque de Itararé para numa semana, de modo fulminante chegar ao baronato.

Eu tenho orgulho de ter criado a efígie do "nosso querido diretor".

Apenas por preguiça, tive a preocupação de fazê-la simples e de facil desenho. O resultado foi essa cara de homem sem preocupações, um pouco despotico e orgulhoso. Assim viveu ele muitos anos até minha volta há 4 meses.

Resolvemos então, depois de uma conferencia, envelhecê-lo. Não parecia lógica a sua idade estática. Agreguei-lhe então uma barba discreta... e vespertina.

Guevara referia-se á caricatura de Aporelly que aparece barbuda, na *Folha Carioca*, todas as tardes, enquanto pela manhã, ainda se apresenta glabro, no *Diario de Noticias*.

Esclareceu-nos ainda Guevara, que a caricatura do Barão vai se uniformizar: só haverá um Barão, e Guevara será seu profeta.

Queríamos saber quais os projetos artisticos do pintor. Fizemos a pergunta e o nosso entrevistado disse-nos:

— Penso intensificar minha obra no Brasil, país com expressões fortes e muito proprias. Acho que minha estadia no Rio, será para mim de enormes beneficios. Estava precisando de um pouco de tropico, um novo clima, um ambiente diferente. E aqui estou, sinceramente satisfeito, em companhia de velhos e verdadeiros amigos.

Devíamos dar por encerrada a entrevista, mesmo porque já se fazia tarde e viamos que Guevara precisava trabalhar. Um jornal não espera. Lembrámos entretanto da viagem de Guevara aos Estados Unidos. Guevara dissera-nos muito pouco a esse respeito. Não podíamos deixar de conhecer a sua opinião sobre este grande artista americano que é Walt Disney.

— *Teve ocasião de falar com Disney, durante a sua permanencia nos Estados Unidos?*

— Não apenas com Walt Disney, mas com todos ou quasi todos os autores de historietas hoje tão ávidamente procuradas e lidas nos rodapés dos jornais — respondeu.

— *E qual a sua opinião sobre Disney?*

— Arriscando-me a uma frase vulgar, direi que o considero simplesmente genial. Não seria possivel encontrar outro adjetivo para o criador do *Pato Donald*. Na minha opinião *Fantasia*, sua obra prima, foi a mais ousada tentativa de corporizar as coisas abstratas.

Há alguns anos, conheci um individuo que pretendia pintar as palavras.

A nossa cara de espanto e incompreensão fez com que Guevara tentasse explicar melhor.

— Sim, ele pretendia desenhar as palavras, note bem, as palavras e não as letras.

E como continuassemos espantados, acrescentou para nos tranquilizar:

— Evidentemente considere esse homem um rematado louco. "Considere" porque, hoje em dia, depois que vi a realização de Walt Disney, passei a achá-lo perfeitamente normal.

A coisa se complicava e entrava por um terreno quasi transcendental.

Despedimo-nos, prometendo voltar.

E eis aí quem é Guevara, o unico paraguaio que conseguiu vencer o Brasil...



Ele tem a idéia, faz a caricatura e ainda se incumbe da legenda. Em Buenos-Aires encerrou, ha pouco, um vitorioso ciclo de atividades na grande imprensa. Voltou saudoso. Mas voltou um artista maior do que conhecíamos. Seus quadros vão ser expostos.

— *E quanto á caricatura? Que pensa dos seus cultores no Brasil?*

— A caricatura, minha antiga arma de combate, no Brasil achou um cultor de valor autentico e original: Augusto Rodrigues. Estou com ele todos os dias, sou até padrinho do seu filho. Torno-me portanto suspeito e talvez ele mesmo não goste que fale assim da sua pessoa, mas não me importo: é um espírito inquieto e brilhante, capaz de chegar a ser uma grande figura continental, apesar dos seus sapatos brancos de palhaço. Para mim é uma figura ímpar e acho que poderia assinar orgulhosamente em qualquer jornal do mundo. Na Argentina há grandes caricaturistas. Alguns autores dessas historietas que todos nós conhecemos e lemos, tão bons ou melhores que americanos: Lino Palacio, Divito, Fantasio, Mazzone e muitos outros.

— *De modo que, alem da caricatura, vem desempenhando entre nós outras atividades? — indagamos.*

— Voltei ao Rio, e minha preocupação maior era abraçar o meu velho amigo e nobre Barão de Itararé, a quem conheci como simples plebeu, antes de atender ao Baronato. Por sinal que a minha estreia na *A Manhã* de Mario Rodrigues, fez-se em companhia de Aporelly, numa página inteira, que foi um verdadeiro sucesso. Mario Rodrigues, naquela época, apenas nos conhecia, e ficou tão surpreso que resolveu duplicar os nossos ordenados. Começou assim a nossa popularidade. Durante muito tempo, em colaboração com Aporelly, eu fazia uma página inteira publicada aos sabados.

Logo depois, AxL (era assim que o Barão se assinava naquele tempo: A por L fundou *A Manhã*, parodiando *A Manhã*.

Convidou-me então para fazer uma sociedade. Pouco otimista, não aceitei o convite. Preferi um ordenado certo por temor ao pouco êxito. No dia seguinte, quando soube do sucesso que obtivera *A Manhã*, tive

EMBRAM-SE de Hildegarde Withers? Faz pouco tempo apresentamo-la às voltas com um cadáver que caía, inesperadamente, de dentro de um guarda-roupa. Hoje temos o prazer de anunciar mais uma proeza da velhota perspicaz. Desta vez ela se vê envolvida num caso extraordinário de homicídio por amor.

Mas procedamos com ordem e comecemos pelo princípio. O casamento de Corinne Lapham com Paul Severance foi anunciando no mês de Maio. O povo americano, preocupado com a guerra e o racionamento, não pôde dar grande atenção ao acontecimento que, em tempo de paz, ocuparia várias colunas nos jornais. A festa, entretanto, não deixou de ser um sucesso e foi grande o número de convidados.

Alguns dias após a comemoração do noivado, a mãe da noiva, sra. Hermione Lapham recebeu uma visita.

Estava a conhecida milionária no seu **boudoir**, preparando-se para uma festa, quando o criado veio anunciar que uma moça a procurava.

— Uma moça? Não deu o nome?

— Deu, sim, senhora. Diz chamar-se Elsie Pender.

— Elsie Pender? Não conheço. Enfim, faça-a entrar. Deve ser algum pedido.

— Peço-lhe que espere?

— Não. Pode mandar entrar para aqui mesmo.

— Sim, senhora.

A jovem era alta e magra. Tinha grandes olhos negros e pele muito clara. Sem ser um tipo de beleza, não era, entretanto, totalmente desprovida de atrativos. Sua beleza provinciana, é certo, da sua mocidade, que lhe emprestava uma frescura e um encanto especiais; mas, além disso, notava-se que a iluminava uma luz interior; grande vitalidade, entusiasmo desmedido ou uma paixão arrebatadora, diagnosticou logo a experiente senhora Lapham.

— Senhora Lapham?

— Sou eu mesma. Em que lhe posso ser útil, senhorita... senhorita... Não me lembro do seu nome.

— A senhora não me conhece.

— Tem, sem dúvida, uma carta de apresentação para mim.

— Não, senhora. Vim aqui porque precisava falar-lhe, e desde já tranquilizo-a. Não venho pedir dinheiro.

O ar digno da moça interessara a dama.

— Sou toda ouvidos, senhorita.

— Madame, eu amo Paul.

— Paul?

— Sim, o noivo de sua filha.

— Minha senhora! Francamente, eu...

— Por favor, madame, não finja espanto... Eu sei que a senhora não aprova aquele casamento. Sei que não gosta de Paul. Por isso, dirigi-me à senhora.

— Mas eu não compreendo...

— Sejam francas, madame, peço-lhe. Eu amo Paul. Durante um ano ele me dedicou toda a sua atenção. Um dia porém apareceu sua filha... Mostrou-se apaixonada por ele. Era o encanto da novidade. Sim, porque Paul, no fundo, nunca deixou de amar-me. Mas, em todo o caso, foi levado pela sedução de uma mulher moça... Madame, eu não posso abandoná-lo! A senhora não vai me obrigar a este sacrifício. Proíba este casamento, arranje um pretexto qualquer. Sua filha o esquecerá, ao passo que eu... eu morrerei se ele me faltar.

— Senhorita, eu sinto-me constrangida...

— Não há motivos para isso, madame. Vim aqui, sem nenhuma formalidade, como seria direito, sem que a senhora me conhecesse. Queria falar-lhe como uma mulher que sofre para outra mulher que sofre. Vendo sua filha casar com um homem leviano a senhora não pode deixar de sofrer. Eu suporto tudo. Mesmo assim, inconstante como ele é, eu o quero. Estou disposta a lutar pelo seu amor enquanto me restarem forças.

— Mas eu não vejo como poderei intervir...

— Não é verdade que haverá aqui dentro em breve um jantar íntimo? Não é verdade que virão a este jantar Paul e o assistente, dr. Parkhill? Pois bem, eu quero estar presente nesse jantar. Quero encontrar-me cara a cara com Paul e a noiva. Ah! Então ele não terá coragem de persistir nessa idéia absurda de casar com essa moça. A senhora verá. Eis tudo o que lhe peço. E' bem pouco, creio. Para a senhora é muito fácil. Basta uma ordem ao seu criado de me fazer entrar...

E' justo assinalar que madame Lapham quase cedeu. Via naquela mulher a última esperança de desfazer aquele noivado que lhe desagradava. Mas não teve coragem de sujeitar a filha à cena que, sem dúvida alguma, a moça planejava. Queria fazer escândalo. E este precisava ser evitado no interesse de todos, tanto do noivo como no dela e da filha.

(Novela de Stuart Palmer, traduzida especialmente para a "Revista da Semana").



MOLIÈRE

Em brilhante tradução de Bandeira Duarte, vem de aparecer "O Avaro", uma das mais famosas criações de Molière, precedida de um desenvolvido estudo bio-bibliográfico e resumo da História do Teatro Francês. Trata-se, inegavelmente, de um magnífico trabalho e preciosa contribuição do festejado escritor patricio, do qual oferecemos aos leitores, a seguir, um interessante capítulo.

EMFIM, LIVRES DAS HEMORROIDAS



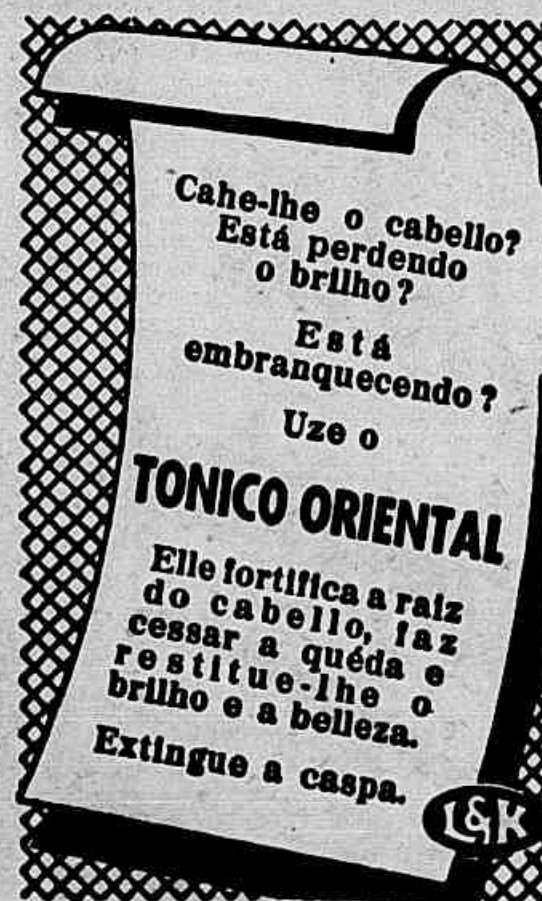
Quaisquer hemorróidas desaparecem, sem operação, com o uso das Pilulas de Herva de Bicho, extraídas da nossa flora.



CUSTAM
FOUCOE...
VALEM
SAUDE!

**PILULAS DE
HERVA DE BICHO**
COMPOSTAS IMESCARD

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE



OS registros da igreja paroquial de Saint Eustache dizem o seguinte: "Du samedi, 15 Janvier 1622, fut baptisé Jean, fils de Jean Pouguelin, tapissier, et de Marie Cressé, sa femme, demeurant rue Saint-Honoré; le parrain, Jean Pouguelin, marchand de grains; la marraine, Denyse Lescacheux, veuve de Sébastien Asselin, vivant marchand tapissier".

A verdadeira grafia do nome era Poquelin, pois assim a imortalizou Molière em sua assinatura. Mas com esta ou com aquela grafia, foi esse documento que permitiu à posteridade afirmar que Jean-Baptiste Poquelin (1) nasceu em Paris, a 15 de Janeiro de 1622 (2).

Pesquisas posteriores provaram que a casa em que ele nasceu ficava na rua Saint-Honoré, esquina da rua Vieilles-Étuves perto da Place du Trahoir e era conhecida como o Pavillon des Singes.

O pai, burguês abastado, é ainda um simples negociante-tapeceiro, mas já existe na família um título, o de "tapissier valet de chambre du roi", pertencente a um tio de Molière. Só em 1631 Jean Poquelin pode usar uma parte desse título, o de "tapissier ordinaire de la maison du roi" pela resignação de seu irmão Nicolas, e apenas em 1637 consegue o direito ao título completo.

Molière nasce, assim, na alta burguesia e nas vizinhanças do Mercado, local onde desde tempos imemoriais floresceram os mais agudos espíritos de Paris e de onde partiam as melhores pilhérias populares.

Nada melhor para a sua futura atividade do que o panorama que lhe foi oferecido desde a sua primeira infância e que abrangia todas as camadas sociais da época, desde a burguesia, de onde provinha, à nobreza com a qual vai privar através as relações paternas, passando pelo povo que frequenta as "Halles" e as feiras vi-

(1) Jean era o patronímico de um dos ramos da família Poquelin. Para distingui-lo dos outros irmãos e parentes, Molière foi chamado, mais tarde, Jean-Baptiste.

(2) Quando a data do batismo não coincidia com a do nascimento, o fato era mencionado no registro, motivo pelo qual é lícito afirmar-se que Molière nasceu a 15 de Janeiro de 1622.

Cia. T. Janér, comércio e Indústria

RIO DE JANEIRO

AV. RIO BRANCO, 85 - 12.º
EDIF. "CITY"
CAIXA POSTAL 960
TEL: 23-2064

SÃO PAULO

RUA DR. FALCÃO FILHO, 56
EDIF. "MATARAZZO"
CAIXA POSTAL 3593
TEL: 3-5116



**PAPEL E CELULOSE
IMPORTAÇÃO EM GERAL
EXPORTAÇÃO DE
PRODUTOS INDUSTRIAIS
E AGRICOLAS**

zinhas, e pelos operários que trabalham para o pai. Os tipos humanos desfilam ante os seus olhos e ficam impressos no seu espírito para compor um dia, — sem que nesse momento a criança pudesse prever isso — palpantes de vida e de verdade, a mais genial galeria de símbolos que qualquer artista jamais criou.

Órfão de mãe aos dez anos, enteado da segunda mulher de seu pai aos onze, substituto eventual do velho Poquelin aos dezesseis, — quando recebeu a sobrevivência do cargo paterno por ato de 14 de Dezembro de 1637 —, a primeira infância e a adolescência de Molière permanecem no domínio da fantasia dos historiadores, visto que nenhum documento ou testemunho irrefutável esclarece esse período.

Segundo alguns, o gérme do teatro teria penetrado a alma do garoto por influência dos espetáculos a que assistia no Hotel de Bourgogne, levado pelo avô materno, Louis Cressé, e das "farsas" de feira. Querem os mesmos que afirmam isso que esses espetáculos tenham sido uma evasão para a criança encerrada na loja do pai, aprendendo o ofício do velho Poquelin.

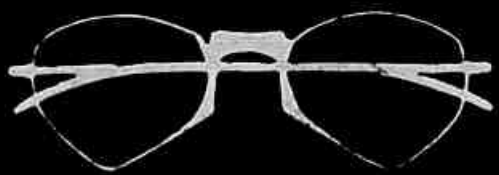
A hipótese peca pela base. Molière foi educado como um filho de família rica, frequentando de 1636 a 1641, como aluno externo, as aulas do Colégio Clermont, dirigido pelos jesuitas, um dos melhores estabelecimentos de ensino que havia em Paris nessa época, acolhendo os filhos da alta nobreza de França e entre eles Armand de Bourbon, príncipe de Conti, irmão do Grande Condé.

Aluno destacado dos padres da Cia. de Jesus, Molière cursou, após deixar o Colégio Clermont, as aulas de Gassendi, o famoso filósofo epicurista, tendo por companheiros Chapelle, Hesnaut, Bernier e Cyrano de Bergerac, um grupo que se caracterizou mais tarde pela independência mental de seus componentes.

Certas conclusões levam a afirmar que Molière traduziu com Hesnaut, o poeta latino, Lucrécio, e que escreveu comédias com Cyrano de Bergerac, suposições que encontram apoio, a primeira em uma cena do "Misanthrope", reminiscência da tradução, e a segunda, na cena da galera das "Fourberies de Scapin", copiada de Bergerac.

(CONTINUA NA PAG. 54)

**JOIAS - RELOGIOS
ARTIGOS PARA
PRESENTES**



O PINCE-NEZ DE OURO

LUIZ RICART

28, RUA DA CARIOCA, 28 - TEL. 22-4690

Uma organização
completa em
Ótica

Tarde de inverno. Ouvia-se o relógio palpar soturnamente ao fundo da longa sala e ouvia-se o crepitar das asas de um inseto que se debatia contra as vidraças de uma janela fechada. A casa, na sua adormecida opulência coberta de pó, tinha um duro e profundo aspecto de tristeza.

Dous homens, pai e filho, um eternamente irrepensável e criança, apesar das suas rugas e dos seus cabelos falsamente negros, o outro já desiludido e velho, a despeito dos seus miseráveis vinte e poucos anos; ambos cansados, ambos tristes, ambos inúteis e vencidos, quedavam-se, sem animo para mais nada, assentados um defronte do outro, olhando o espaço, como que vegetalizados ambos por um só mesmo tédio, por um só e mesmo desgosto de existir, por uma só e mesma preguiça de viver.

Sentia-se desconsoladamente que naquelas escuras paredes sobre cobertas de enegrecidos painéis e desbotadas tapeçarias e naquele teto de estuque já sem cor e naqueles dourados móveis despolidos pelo tempo, há muito não ecoavam rir e palrear de crianças ou alegres vozes de família. Apesar dos dous espectros de homem que lá permaneciam imóveis, a casa toda parecia totalmente desabitada.

O velho de cabelos tintos levantou-se afinal, bocejando, deu como um sonâmbulo algumas trópegas voltas pelo aposento, tomou um cálice de "cognac" da frascueira que havia a um canto sobre um tremó antigo, acendeu um cigarro e encaminhou-se lentamente para o outro, a quem tocou no ombro.

— Então?... disse, parando defronte dele.

O rapaz fixou-o com o seu indiferente olhar de enfermo sem cura, e balbuciou suplicante:

— Prepara-me uma injeção de morfina... Sim?

— Não!

— Oral!

— Não é possível, meu filho...

— Por amor de Deus!

— Não. Só logo mais, quando eu voltar.

O moço contraiu aflitivamente o rosto, em cópia de toda a sua dolorida contrariedade; e abateu-se mais na cadeira, deixando pender a cabeça sobre o peito e abandonando os braços ao próprio peso.

— Sentes-te mal hoje? perguntou o pai.

O interrogado sacudiu os ombros indiferentemente, sem levantar o rosto.

Pobre criança!... pensou aquele, refranzindo as rugas da sua marmórea e despojada fronte de velho folgazão. Muito caro pagas tu a minha loucura de te haver dado a vida!... Maldita hora em que consenti, por conveniências de fortuna, me casassem com tua mãe!

O enfermo, como se lhe percebera o pensamento, ergueu os olhos para fixar os do pai; e este acrescentou, agora falando:

— Que falta te fez ela na infância!... tua mãe!

O moço deu de ombros outra vez com a mesma desdenhosa indiferença.

— Minha mãe... tartamudeou depois, pondo-se a olhar um retrato de mulher que havia na sala. Minha mãe... sei cá!... Nem sequer a conheci!

E, insistindo em contemplar o retrato, disse ainda com um suspiro bocejado:

— Era bem bonita minha mãe!

— Bonita e boa! Não serias, talvez, assim inútil e perdido para a vida, se nos teus primeiros anos ela te inoculasse no espírito, com o seu amor, as idéias do Bem, que eu nunca tive!

E prosseguiu, depois de sorver de um trago um novo cálice de "cognac":

— Era uma boa criatura; era, não há dúvida! Honesta, friamente virtuosa, muito discreta e concentrada. Não sei se algum dia me amou, casou-se por obediência aos pais, foi sempre em absoluto indiferente às minhas carícias como às irregularidades da minha má conduta de homem casado! Mas, quem sabe, se ela não morresse logo depois do parto, se te não deixasse tão cedo sozinho comigo; quem sabe o que poderias vir a ser?... A nossa riqueza, o meu temperamento leviano e a educação ociosa e galante que me deram, tudo isso, meu pobre filho, conspirou contra ti e fez de teu pai o pior que até hoje existiu no mundo!

O rapaz sacudiu novamente os ombros, com desprezo, enquanto o outro ia ainda exgotar um cálice de "cognac" à garrafeira do tremó.

— Ah! se ela não tivesse morrido tão cedo!... exclamou o velho estróina, lamentosamente. E acrescentou, como se precisasse descarregar a consciência numa humilhante confissão de todo o seu crime paterno: — Vê tu que desgraça! Fui eu, eu só, o teu exemplo na infância, o teu guia, o teu mestre — eu! Eu, que jamais compreendi deveres de espécie alguma, nem tive nunca esperanças no futuro, nem ambições de qualquer gênero, nem ao menos confiança



e fé na família ou em Deus! Sei que sou homem, porque às vezes sofri o companheiro fiel que me seguiu pela existência, meu filho, não foste tu, nem foi tua mãe ou algum amigo estremecido, foi a forte paixão pelos meus próprios vícios; e, na ausência destes, foi só o tédio que enxerguei sempre ao meu lado. Ah! como tenho remorsos de te haver feito viver!... Como fui mau, principalmente com relação a ti!

— E' exato! suspirou o filho.

— Como sou um pai digno da tua inutilidade e da tua degeneração! Como tu, pobre esqueleto gótico, és bem o filho dos meus ossos!

E, depois de outro cálice de "cognac," o velho começou a declamar, em uma explosão nervosa, agitando os braços e dando à voz inflexões teatrais:

— Fui na existência um navio inútil, sem carga, sem destino, sem bandeira e sem munições para nenhum combate! Vaguei, errante e perdido, por todos os mares largos do vício, sacudido por todas as tempestades e por todos os vendavais da intemperança e da luxúria! Cheguei à velhice como um casco naufragado, com a mastreação partida, as enxárcias estaladas e o cavername arrebatado! Eis o que sou!

O filho afastou-o com a mão, enfadadamente, a torcer o rosto aflito em um esgar de repugnância.

— Vai-te embora!... murmurou. Já estás bêbedo!

— E é este despojo, continuou a declamar o pai, sem levar em conta aquelas palavras; e é este resto de

naufrágio que há vinte anos representa para ti, minha querida vítima, todo o teu passado e toda a tua família!... Oh! sem dúvida que não serias isso que és esta prostrado nessa cadeira, a implorar por amor de Deus uma injeção de morfina, se fosses gerado por qualquer outro homem!... Perdoa-me ter sido eu o teu pai, meu filho!

— Mas vai-te embora! Vai-te embora, por piedade! Para que me hás de torturar?!

— Amo-te, entretanto, pobre criança! sempre te amei! O meu amor, porém, nunca te serviu de benefício; fez-te, ao contrário, caminhar até hoje pela minha mão no sombrio e úmido caminho da minha loucura, sem me lembrar, desgraçados de nós! que não tinhas tú herdado de mim, como eu herdei de meu pai, a resistência física que ele economizara durante a sua vida e que eu prodigamente gastei toda inteira, só comigo, nos meus prazeres egoístas!

— Mas vai-te embora! São quatro horas. A primeira banca principia no Clube às quatro e meia! Vai-te embora! Vai jogar!

— Queres tu vir comigo?...

— Não.

— Vê se te resolves... Talvez até isso te faça bem...

— Não posso... Sinto-me mal.

CONTINUA NA PAG. 120

Vícios

CONTO DE

ALUIZIO AZEVEDO

Ilustração de ORLANDO MATTOS

UM BELO MONUMENTO QUE É O ORGULHO DA CIDADE

Importantes melhoramentos estão sendo introduzidos no morro do Corcovado, para embelezar a monumental estatua de Cristo.

DO ALTO DA MONTANHA, BRAÇOS ABERTOS, A MONUMENTAL ESTATUA DE CRISTO DOMINA A CIDADE.

BALAUSTRADAS DE LINHAS SÓBRIAS E "BELVEDERES" ELEGANTES ORNAMENTAM O PITORESCO RECANTO.

DAS GRADES DO "BELVEDERE", DEBRUÇADOS SOBRE A MONTANHA, OS TURISTAS CONTEMPLAM A PAISAGEM MARAVILHOSA QUE SE DESCORTINA.

DOMINANDO a cidade, o monumento do Cristo do Corcovado é uma das mais belas referências de nosso gosto urbanístico e uma promessa de fé nos destinos da Pátria. Alçando os braços no espaço, bem perto do céu, a grande estatua do Redentor do Mundo é uma afirmação dos sentimentos católicos do nosso povo, espiritualizando a mística religiosa de nossa gente. Dentro da paisagem magnífica da Cidade Maravilhosa, envolto na luminosidade do sol carioca, o Cristo Redentor é bem uma demonstração viva da hospitalidade da terra brasileira, que de braços abertos recebe o forasteiro.

Tão belo monumento jamais tem sido esquecido pelos administradores de nossa metrópole. O prefeito Henrique Dodsworth só tem procurado enriquecer o admirável pedestal em que ele se planta. Varias obras veem sendo realizadas no morro do Corcovado, para tornar o seu acesso mais fácil e mais agradável aos que o galgam para admirar as belezas naturais de nossa capital. Agora mesmo, um grande número de obras notáveis estão sendo realizadas com esse objetivo e estas, já quasi concluídas, são dignas de elogios não somente pelo vulto do empreendimento, como ainda pelo bom gosto com que foram traçadas.

Accessível a veículos, o cimo do monte exigia a construção, ali, de um *plateau* para automóveis. Esse importante melhoramento está sendo construído, debruçado na montanha, todo de cimento armado, num verdadeiro arrojo de técnica.

Para que o turista pudesse admirar a cidade em todas as direções, varios *belvederes* foram construídos. Escadarias de pedra, bem cuidadas, levam os visitantes em todas as direções, facilitando-lhes, por todos os meios, os pontos mais pitorescos da montanha. Balaustradas, de linhas caprichosas e elegantes gradeados de ferro de efeitos ornamentais e adereços próprios, tornam o Corcovado um dos mais belos recantos do Distrito Federal e o monumento um dos mais importantes do mundo. É preciso acrescentar, ainda, que todas as pedras utilizadas nesses melhoramentos foram retiradas do Distrito Federal. Um novo sistema de iluminação permite as visitas, á noite, ao monumento, e o torna mais belo á distancia.

No piso branco do chão, em que se assenta o monumento, foi construída uma enorme cruz de granito negro, que será vista do alto, por quem sobrevoar o Corcovado.

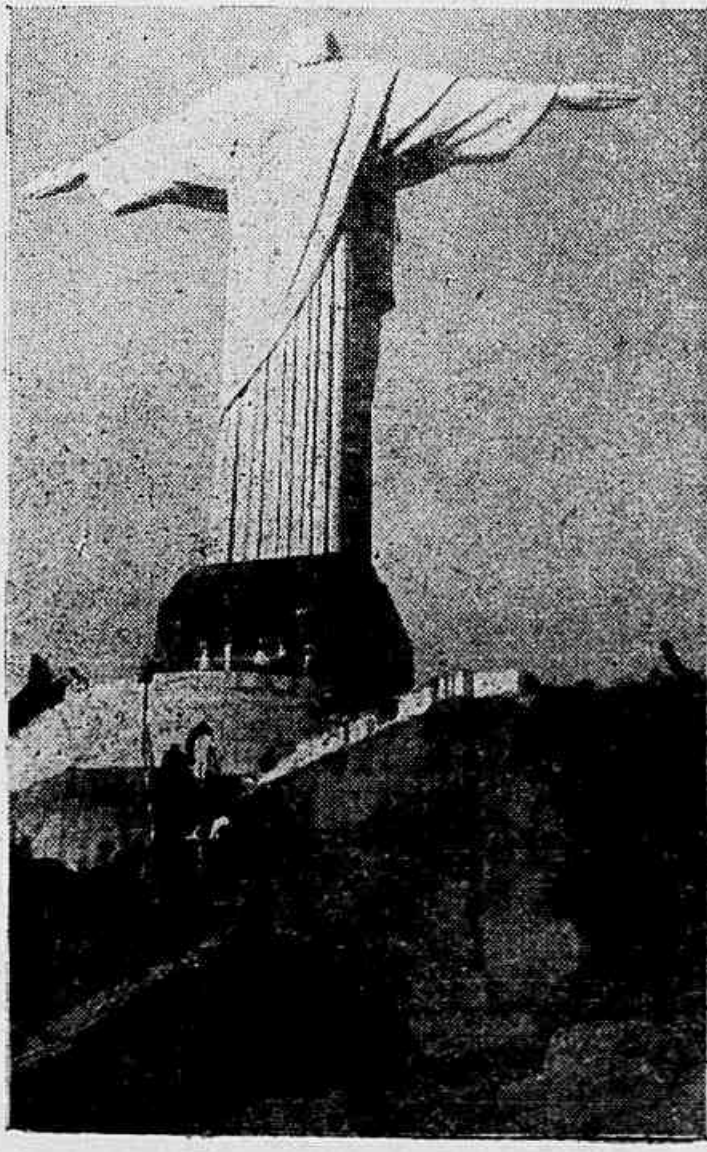
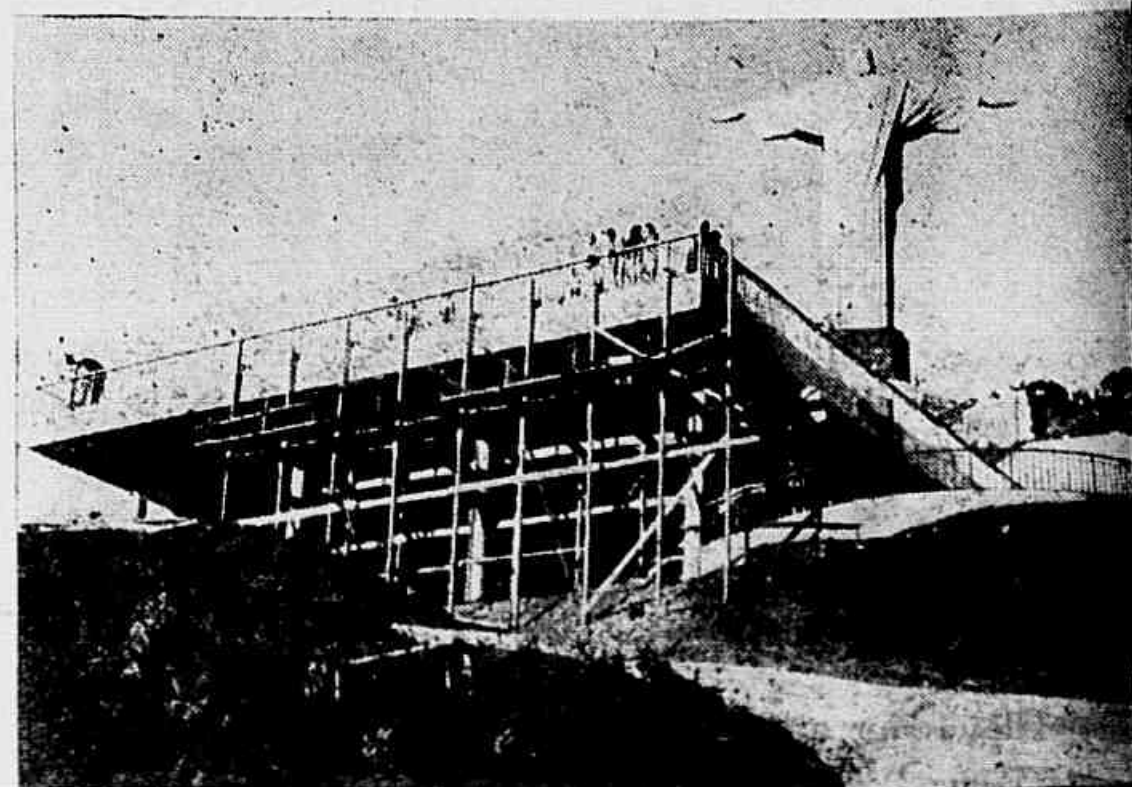
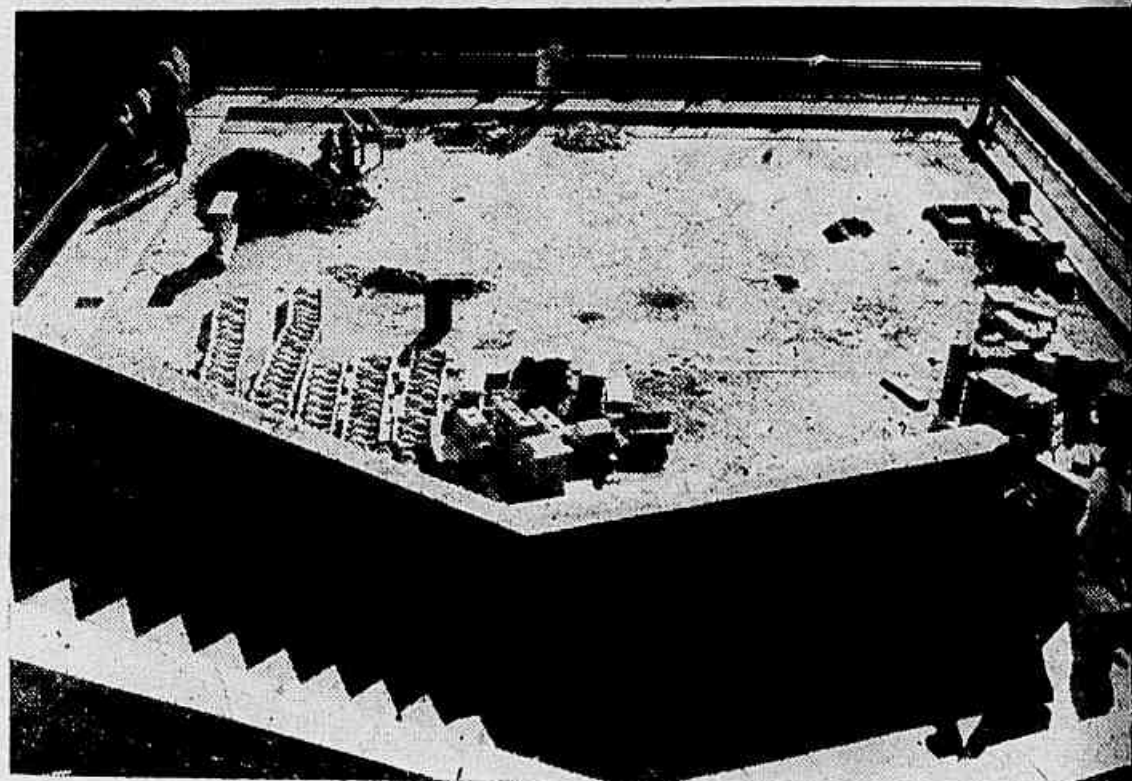
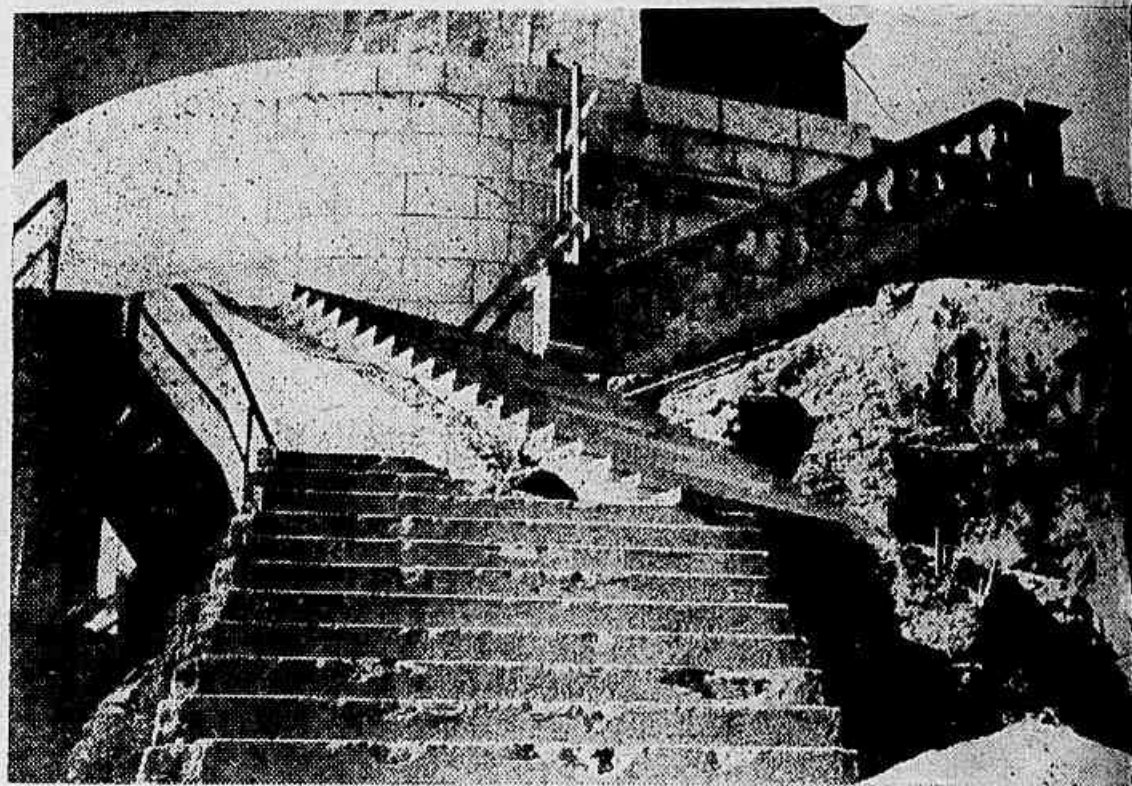
Em um dos lances da montanha, no lugar denominado Chapéu de Sol, o prefeito Henrique Dodsworth pretende mandar construir um modernissimo restaurante para turistas e, como se isso não fosse bastante, para tornar a subida da montanha uma constante atração, o Prefeito deliberou a construção de um elevador ao lado da estação de trens, destinado ás pessoas idosas e ás que não possam fazer a subida pela escada.

Para completar, um importante serviço de ajardinamento das margens vai compondo a paisagem já por si surpreendente.

DO ALTO, A VISTA É UMA SUCESSÃO DE MARAVILHAS.

A ESQUERDA: ESCADARIAS DE "GNEISS" TRABALHADO LEVAM O TURISTA A TODOS OS PONTOS DA MONTANHA. ... E CRISTO, NUMA BENÇÃO PERMANENTE, É O SIMBOLO DE FÉ CRISTÁ DO NOSSO POVO.

UM MAGNIFICO "PLATEAU" DE CIMENTO ARMADO, NO FIM DA ESTRADA, AGUARDA O TURISTA DESEJOSO DE CONTEMPLAR A CIDADE.



VIVA A VELHA GUARDA!

Ar livre, alegria, bom humor, bons cigarros, boa alimentação, roupas confortáveis, eterna juventude de corpo e de espírito

DE MARIA LUIZA

TALLULAH BANKHEAD, que grande artista! Lembro-me de havê-la visto ha muitos anos, em um grande filme cujo nome não posso recordar, mas que ficou indelevelmente gravado em minha memória, graças ao seu trabalho, verdadeiramente extraordinário. Depois, ela voltou para o teatro, de onde viera, preferindo a sensação do aplauso direto dos espectadores presentes e a emoção de representar integralmente grandes obras de arte, ao suplicio das cameras cinematograficas, das cenas de amor ou de emoção interrompidas de minuto a minuto, devido ás exigencias técnicas, e á sensação difusa do aplauso que chega através de cartas. Voltou para o teatro e nós, os espectadores do mundo a perdemos, em benefício dos privilegiados espectadores de Nova York. Agora, porem, a guerra trouxe novamente para nós. Vê-la-emos em breve e ela nos parecerá tão estranha fisicamente, como no seu primeiro filme e, talvez, melhor artisticamente. E' a velha guarda que se vê obrigada a ocupar os lugares deixados vazios por aquelas que a guerra levou, temporaria ou definitivamente, como Vivian Leigh, que foi para a Inglaterra ou Carole Lombard, sacrificada pelo nazismo. Não ha tempo para a apresentação de novos valores, porque a guerra precisa das moças, em todos os setores, e a velha guarda do teatro submete-se ao cinema, para servir á patria e ao mundo, em filmes anti-nazistas. Quantos anos tem Tallulah? No Brasil seria demasiado velha, pois sem duvida tem idade suficiente para ser minha mãe e tua avó, jôyem leitora, mas, graças a Deus, nos Estados Unidos como no resto do mundo, não é a idade que regula o valor das grandes artistas. Tallulah Bankhead é jovem, muito jovem, em primeiro lugar porque é uma grande atriz e, depois, porque soube conservar a juventude do corpo e do espírito, embora haja varias rugas indiscretas em seu rosto, que a *maquillage* se encarrega de eliminar quando é necessario. Ei-la aqui, atravessando o estudio com grandes passos de jovem esportiva. Cabelos soltos ao vento, sorriso aberto ao sol, corpo perfeito modelado indiscretamente pela mais perigosa das *toilettes* modernas. Ei-la fumando alegremente o seu cigarro e caminhando ao ar livre, como faz todas as manhãs para conservar a agilidade e a juventude do corpo e de espírito. Quem diria que não tem vinte anos? Mas que mulher de vinte anos poderia possuir a plenitude de seu talento? Viva a velha guarda!





O BRASIL PODE TER REPRESENTAÇÃO NA FAMOSA ACADEMIA NAVAL NORTE-AMERICANA — O ENSINO DO NOSSO IDIOMA AOS CADETES — A CAPELA E O MUSEU NAVAL — TECUMSEH, O AMIGO DOS ESTUDANTES

UMA das mais gratas impressões que trouxe dos Estados Unidos foi a da minha permanência de três dias em Annapolis, a convite do Departamento de Línguas Estrangeiras da famosa Academia Naval Norte-Americana. E uma das primeiras coisas que me informaram foi que o Brasil poderia ter uma representação de, pelo menos, três dos seus cadetes navais em Annapolis. Isso em razão de um ato do Congresso dos Estados Unidos, aprovado a 14 de Julho de 1941 — ato que autorizou o secretário da Marinha a permitir, por designação do presidente da República, a matrícula, naquele estabelecimento, de cadetes de outras nações do continente, contanto que o número desses cadetes não exceda de vinte em cada período letivo e que cada país não tenha mais de três representantes de cada vez.

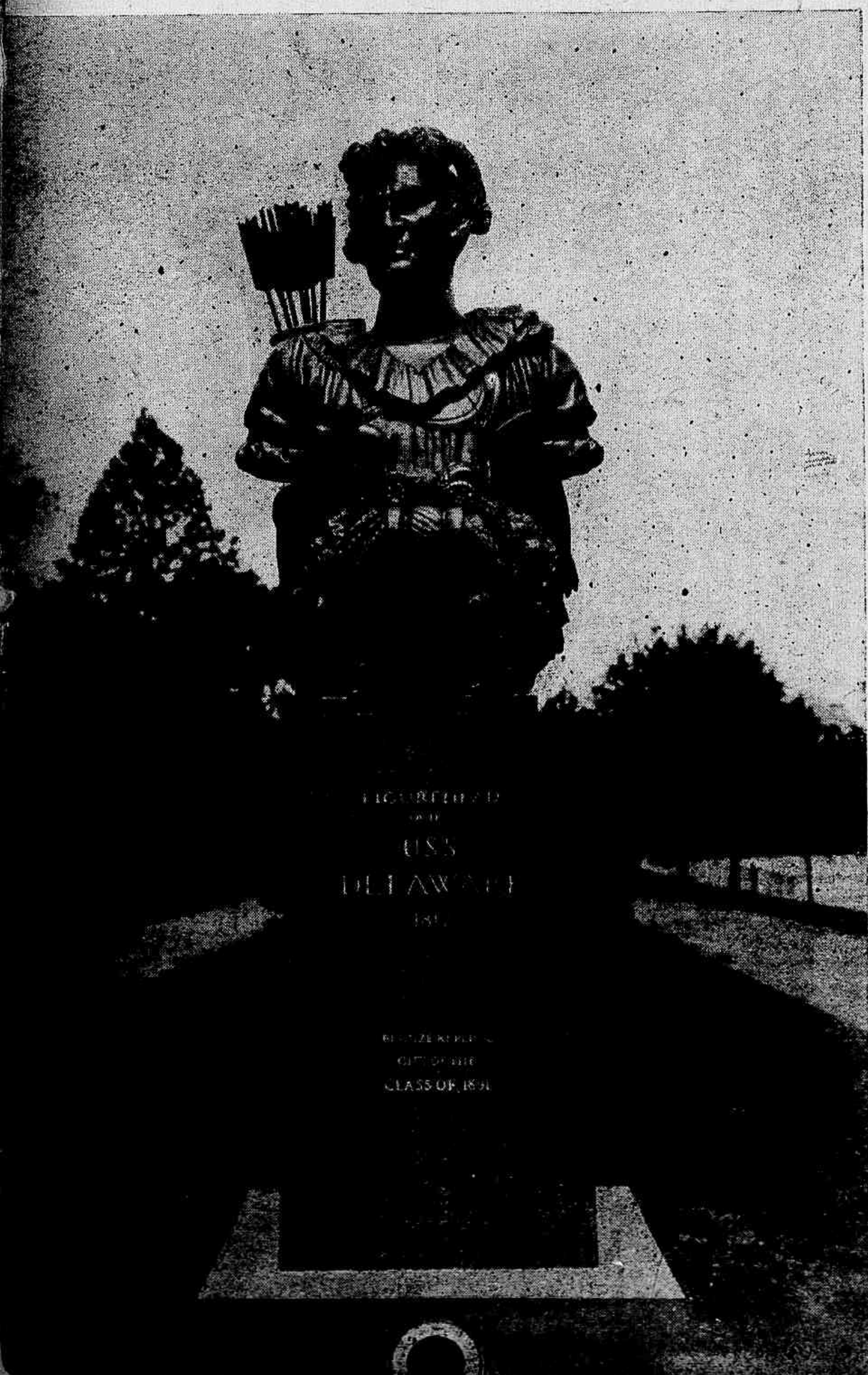
— Temos lugar aqui para três brasileiros, — disse-me o diretor do Departamento de Línguas Estrangeiras, — e seria para nós um grande prazer acolhê-los, em homenagem à amizade brasileira e à excelente cooperação que a Marinha do Brasil nos tem dado no patrulhamento do Atlântico e na luta contra os submarinos do Eixo. Esses cadetes, se vierem para Annapolis, terão o mesmo salário, ajuda de custo e regalias que os norte-americanos. E também os mesmos deveres. Para a admissão dos mesmos, porém, as exigências são menores. Por exemplo, estarão eles isentos de exame de literatura anglo-americana e de história dos Estados Unidos, bastando apresentarem um certificado de que passaram nos exames de literatura e história dos seus próprios países. O exame fica limitado ao de gramática inglesa e composição, bem como às demais humanidades exigidas para os cursos navais: matemática, álgebra, geometria, física e química. Digo-lhe sinceramente que gostaríamos de ter conosco três brasileiros que, além do mais, poderiam auxiliar o ensino do idioma português em Annapolis, em cursos de conversação. Annapolis teria grande prazer se pudesse mandar três dos seus cadetes, já versados em português, para o Brasil. Acho que seria o início de um proveitoso intercâmbio entre os futuros almirantes dos dois maiores países do hemisfério...

A essa altura atalho o meu informante, para perguntar-lhe:

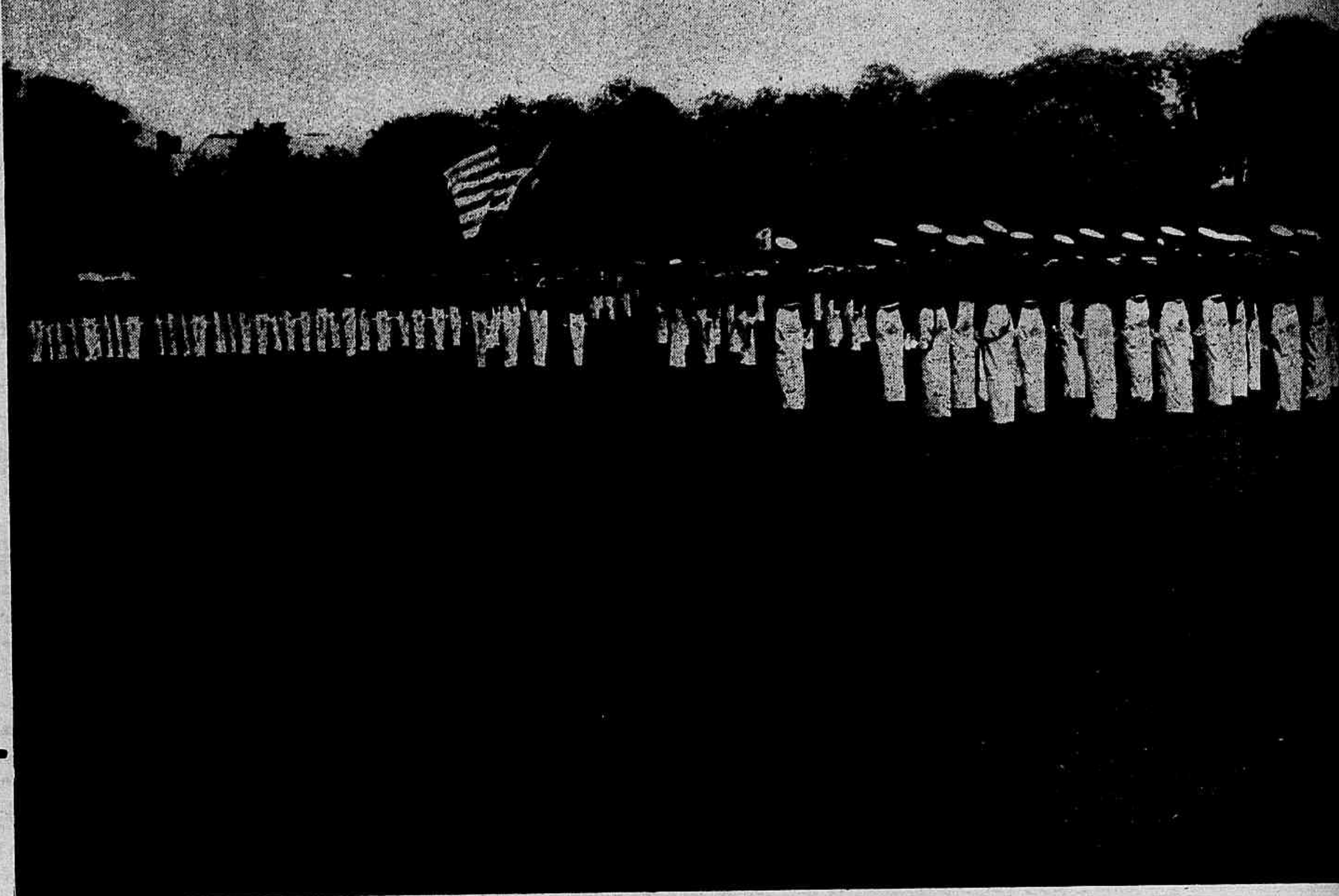
— Que é necessário fazer, para que os cadetes brasileiros venham estudar em Annapolis?

— Em primeiro lugar, é preciso que haja a boa vontade dos próprios cadetes. Se eles se interessarem, o adido naval do Brasil em Washington pode indicar os seus nomes ao Secretário da Marinha, afim de que o presidente da República faça a nomeação ou matrícula dos mesmos em Annapolis. Se o ministro da Marinha do Brasil tiver interesse na vinda desses cadetes dará do Rio de Janeiro as necessárias instruções ao seu representante em Washington e tudo será feito, sem obstáculos. O que me parece, — conclui o meu informante, — é que não houve publicidade suficiente a este respeito. Só assim posso compreender que não haja ainda representantes do Brasil em Annapolis. Por que não escreve a esse respeito e diz aos cadetes navais do Brasil que aqui temos um lugar para eles na nossa casa e no nosso coração.

Essa conversa se realizou no Departamento de Línguas da Academia Naval de Annapolis e foi quebrada por uma enérgica voz de comando: "Direita, volver!" Sim, direita, volver!, com o mesmo som e o mesmo acento que nos habituamos a ouvir nos nossos tempos de Tiro de Guerra e de exercícios militares. E cento e dez cadetes de Annapolis desfilaram, no amplo corredor ao lado, atendendo ao comando do líder do grupo em nosso idioma. E' assim que é feito o ensino de línguas em Annapolis: ensino vivo, prático, dinâmico. Primeiro, os alunos formam, fora, ao lado dos edifícios residenciais. Depois, fazem exercícios e desfilam através do largo parque para os pavi-



A' ESQUERDA: CONJUNTO DE EDIFÍCIOS DA ESCOLA NAVAL DE ANNAPOLIS. A' DIREITA: FORMATURA DE CADETES DE ANNAPOLIS. MUITOS DELES SÃO DAQUI FALANDO PORTUGUÊS E GOSTARIAM DE TER ENTRE ELES REPRESENTANTES DA ESCOLA NAVAL DO BRASIL. EM BAIXO: À ESQUERDA: A ESTATUA DE TECUMSEH, RÉPLICA DA FIGURA DE PRÔA DO "DELAWARE" NO PARQUE DA FAMOSA ACADEMIA NAVAL. À DIREITA: O TUMULO E BUSTO DO ALMIRANTE JOHN PAUL JONES, NA CRIPTA DA CAPELA DA ACADEMIA NAVAL DE ANNAPOLIS.



lhões de aulas, ouvindo tôdas as vozes de comando no idioma que estão estudando no momento. As classes de português em Annapolis, — regidas por dois professores, os tenentes Lee D. Hamilton e Ned Carey de Fahs, — têm cerca de duzentos alunos. Nas aulas a "Inocência", de Taunay, é lida e analisada gramaticalmente. Contos de Humberto de Campos e até anedotas de Cornélio Pires são populares entre esses alunos, por terem sido, muitas vezes, utilizados como material didático. Foi para falar aos alunos de português do grande estabelecimento que passei três dias na minúscula e rissonha capital do Estado de Maryland, onde está instalada a tradicional Academia. Silenciosa como um convento, cercada de grandes muros, a escola dá para uma linda base que serve de ancoradouro a vários navios de guerra, utilizados para as aulas práticas de máquinas, navegação, tiro, etc. No meio do vasto parque, está a estatua de Tecumseh, que temos visto tantas vezes nos filmes norte-americanos que têm como argumento a vida dos cadetes de Annapolis. Tecumseh é uma réplica, em bronze, da figura de prôa de um antigo navio de guerra norte-americano, que deixou um grande nome nos annais do século passado: o "Delaware". Os estudantes da grande escola nutrem a superstição de que conseguirão controlar melhor os nervos e passar nos exames se atirarem alguns "pency" aos pés da estátua de Tecumseh. Ao redor da estátua, entranhado no solo, meio ocultos pela grama, pudemos ver centenas de pequenas moedas de cobre, ex-votos de estudantes que tinham pouca confiança em si mesmos e procuraram o auxílio do "injun". Um dos professores de Annapolis pilheria e me diz que inveja Tecumseh, porque é ele a única pessoa nos Estados Unidos que consegue fazer dinheiro sem pagar imposto de renda... Uma das curiosidades de Annapolis é a espaçosa capela onde os cadetes assistem diariamente aos serviços religiosos. É essa uma das igrejas mais democráticas do mundo. Tem um altar simples, despojado de quaisquer ornatos. Ali, padres católicos, ministros protestantes e sacerdotes de outros credos dizem missa ou praticam atos religiosos dos seus cultos, em dias alternados ou em horas alternadas. De um lado, há vitrais com figuras religiosas, algumas alusivas à vida de Cristo. Do outro lado, porém, os vitrais são profanos, reproduzindo cenas de batalhas, episódios heróicos da história naval norte-americana. Em baixo da capela, há uma cripta, na qual se acha o túmulo do imortal almirante John Paul Jones, uma das maiores glórias da marinha dos Estados Unidos, vencedor dos ingleses na guerra da independência. Os restos mortais de John Paul Jones foram removidos de Paris, onde ele morreu (depois de haver sido almirante da frota russa na guerra russo-turca), para a Academia Naval de Annapolis, onde são visitados em romarias constantes por tôdos quantos visitam a capital do Estado de Maryland. O Museu Naval de Annapolis é outra das curiosidades locais. Cheios de relíquias preciosas de várias guerras, nele encontramos os presentes que o governo brasileiro fez, em 1922, por ocasião do centenário, à oficialidade dos navios de guerra norte-americanos. Da presente guerra, já há nesse museu grande número de relíquias: bandeiras japonesas varadas de balas e manchadas de sangue, capturadas nas ilhas de Salomão; espadas de oficiais nipônicos; a lançada em que três marinheiros vo-garam no mar durante trinta e quatro dias, padecendo fome, sede e os rigores das intempéries; o sabre do tenente Sakamaki, o primeiro japonês feito prisioneiro, em Pearl Harbor, a bordo de um pequeno submarino; a bandeira americana, em farrapos, de um porta-aviões, que lutou contra a aviação japonesa e abateu 32 "Zéros", além de afundar três cruzadores; um pedaço do mastro do navio de guerra "Juneau", a bordo do qual morreram os cinco irmãos Sullivan, cujo nome foi dado há pouco a um novo destróier; e muitas outras preciosidades recolhidas nos campos de batalha do Pacífico. Ali figuram relíquias de Decatur (sobretudo desenhos com as cenas das batalhas contra os piratas da Tripolitania), de Farragut, de John Paul Jones, de Perry e de outras figuras da galeria de heróis navais norte-americanos. É interessante assinalar que o que lembra Perry são as peças exóticas de mobiliário por ele trazidos do Japão, como presentes do imperador japonês ao homem que havia aberto os olhos ainda semi-echados dos nipônicos às luzes da civilização moderna... Os poucos dias que permaneci em Annapolis me convenceram de que dificilmente se poderia organizar um retiro mais próprio ao estudo do que esse, silencioso, amplo, magestoso, numa cidade tranquila, sem vida social, sem teatros, sem cabarés, e sem bares, onde os estudantes vivem para os livros, para os números e para os navios. Neste momento, com o desenvolvimento do estudo de línguas, Annapolis é uma verdadeira Babel. Entre as línguas cujo ensino está sendo vivamente intensificado estão o russo, o português e o japonês. Passando pela galeria, onde estão afixados os nomes dos "alunos de honra" da secção de línguas de Annapolis virifiquei uma circunstância interessante: a de que o maior número de "alunos de honra" que figuram nesse quadro são descendentes de imigrantes italianos, com nomes caracteristicamente latinos, vindo em segundo lugar os descendentes de irlandeses...

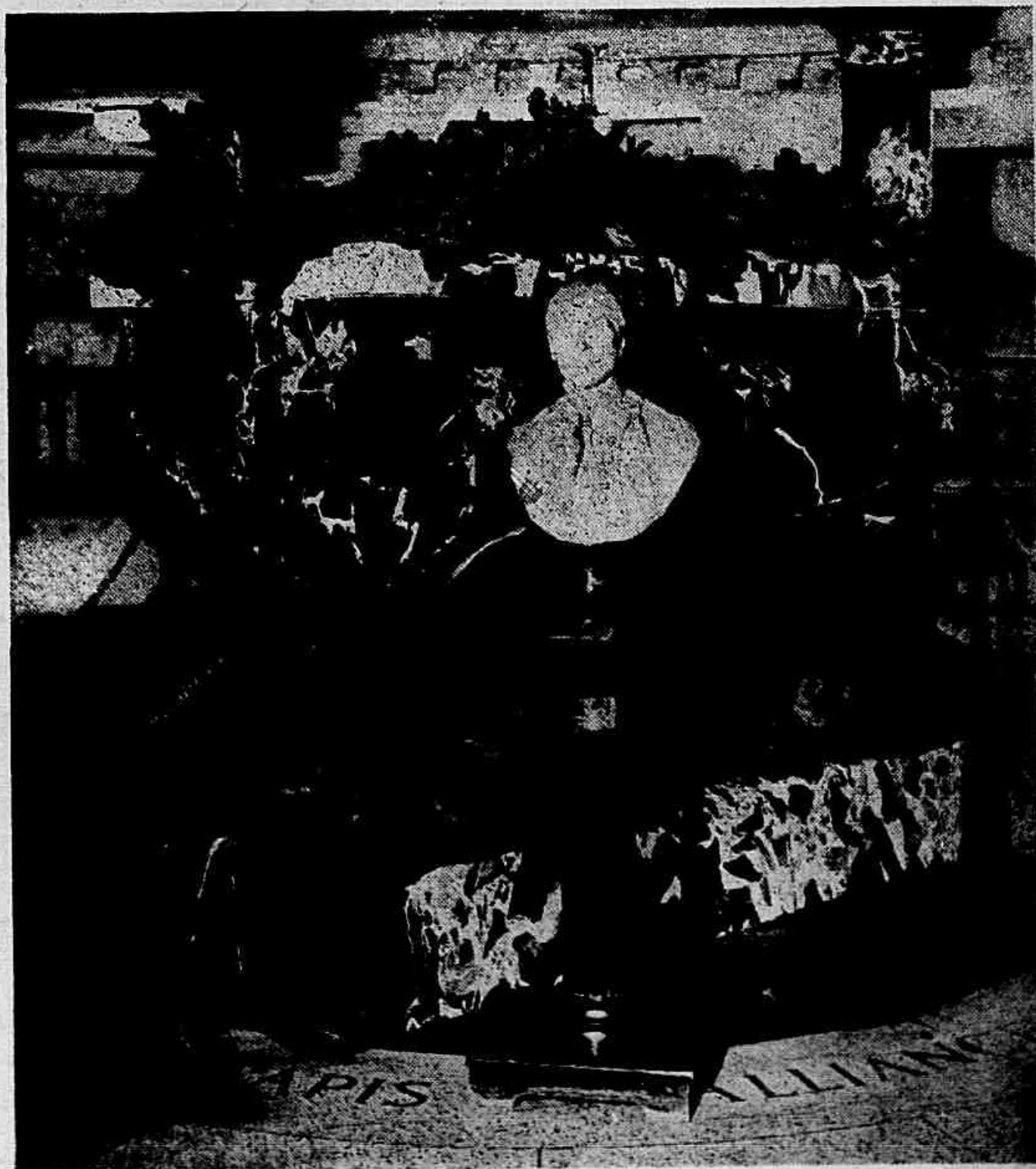
RECORDAÇÕES DE ANNAPOLIS

— POR —

R. MAGALHÃES JUNIOR

ESPECIAL PARA A

"REVISTA DA SEMANA"



OS GRANDES CANTORES DA FLORESTA

— ZOOFONIA —

HERCULES FLORENCE escreveu e o Visconde de Taunay traduziu, em 1877, um estudo muito original e interessante sobre os cantores das florestas brasileiras; traduzindo sobre pautas em notas musicais as vozes de passaros e animais.

A pocêma harmoniosa ou a algara ensurdecadora de chiados, pipilos, gorgeios e chilros, arrulos, grasnados e gritos, da pletórica mata brasileira, encerra em seu impêrvio misterio, uma grandeza or-

A' ESQUERDA, AO ALTO, VIOLETA COELHO NETO DE FREITAS, O PASSARO HUMANO QUE NA FLORESTA NEGRA DA VIDA, SOLTA SEUS GORGEIOS DE ACENTOS DRAMATICOS, COMO O CANTO DA "ANHUMA" FORTE E SONORO, ENCHENDO O AMBIENTE DE HARMONIA, E A VIDA DE LUZ, A LUZ ESPIRITUAL DA ARTE, QUE ELA HERDOU EM PROSA RICA E CONSAGROU NA OPULENCIA DO CANTO: — EM BAIXO, Á ESQ., MARIA SÁ EARP; UM NOME AUREOLADO DE GLORIA, VERDADEIRA ARAPONGA DOS TROPICOS, CUJOS ACENTOS ARGENTINOS ECÔAM PELOS AMBITOS DA TERRA-MATER FAZENDO-A VIBRAR DE ALEGRIA E ENCANTAMENTO.

DEPOIS BLANCA ANTONY. NA LIRICA FORMOSURA DE SUA CABEÇA MORENA, DEUS POZ O ESTIGMA DA TERRA TROPICAL. ELA É O SOBERBO JAPUIM QUE IMITA O CANTO DE TODOS OS OUTROS PASSAROS, DESDE A ARAPONGA Á SURUCUÁ, QUE EM VINTE MINUTOS PERCORRE A ESCALA CRÔMATICA. FILHA DA TERRA MORENA, JURUPARI POZ-LHE NA GARGANTA AS HARMONIAS DA TERRA VIRGEM. A' DIREITA, AO ALTO, ADALDINA FONTENELLE NO



questral que já inspirou o gênio de Carlos Gomes, na sua *Alvorada do Schiavo*, e Nepomuceno em sua *"Alvorada na Serra"*, e tantos outros.

Essa inspiração, que vem do seio cosmogênico da terra e eleva a alma humana a um culto dendrolatra do mais sublime e belo panteísmo, creador de uma arte pela qual perpassa o espírito de um deus artista e sonhador, unge o dicaz materialismo da vida, dando ao homem, sobre a terra, um destino melhor, o maior destino da imortalidade.

Sob a reverberação do sol potente dos trópicos o índio solerte ou o tropeiro ignaro, quando atravessam o azerve emaranhado das florestas, param insensivelmente tocados pela grandeza orquestral daquela sinfonia selvagem-sinfonia da gênese terrenal.

O fabulário nativo conta que o canto mandingueiro do uirapuru da' a quem o ouve uma felicidade duradoura, tão difícil e raro é ouvi-lo; conta ainda que o Tanguru-para', o clownesco imitador de todos os outros passaros, nunca se atreve a cantar quando canta o japim, porque em seu tope vermelho tem a lembrança da luta de extermínio entre os dois bandos havida, por terrível rivalidade. A ipata grave do jacurutu' é de mau agouro, como o canto do cauré, alma penada de um pagé que nele se encarnou; e o grito dos bugios, o esturro dos jacamins, o canto gutural dos símios, o bramido da onça que espanta o jacaré; tudo

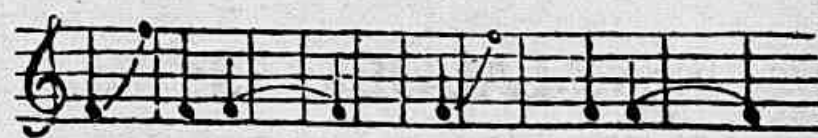
"SCHIAVO", O SABIÁ-HUMANO, NA "ALVORADA", IDENTIFICANDO, NO ESPÍRITO DIVINO DA MÚSICA, A DIVINA BELEZA DE UM SÍMBOLO HARMONIOSO, PASSARO DA TERRA BRASILEIRA, ALMA CANORA DA MATA. EM BAIXO, FINALMENTE, MARA, A VIZ À NOSSA PRÓPRIA NATUREZA. SEU FOLCLORE É O FABULÁRIO PLETÓRICO DA TERRA NOROCCIDENTAL, UMA VOZ DE LENDA COMO A DO ENCANTADO UIRAPURU. TRAZ FELICIDADE A QUEM A OUVIR, PORQUE FALA A NOSSA ALMA E NOS LEMBRA QUE PELA GRAÇA DE DEUS NASCEMOS NO BRASIL.



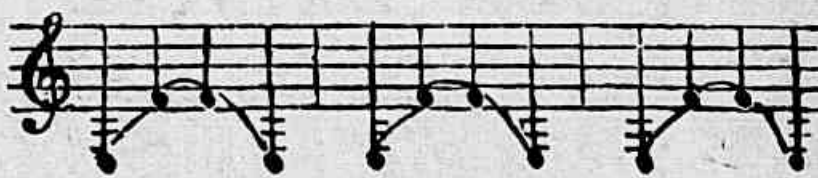
nesse fabulário edênico tem um simbolismo verde e telúrico, icástico e maravilhoso. A zoofonia é a voz da alma da natureza enchendo a vida, e dando-lhe uma significação divina. A siriema anuncia a alvorada, a já é o canto melancólico do entardecer; o coçar dos sapos imita o batuque dos negros; o socó-boi a beira das lagoas e pantanos parece o mugido dos bois; a araponga solta seu canto forte metálico-sonoro que se assemelha ao bater do martelo de ferreiro sobre a bigorna; a saracura parece monologar na solidão; a anhumã lembra o bucólico badalar de um sino de aldeia; e o canto do orféon dos bugios, reunidos em uma árvore, surpreende pela imprevista harmonia; de repente cessa o canto de conjunto, há uma pausa, depois uma voz isolada recomeça, e as outras, cada uma de per si, entram novamente no concertante.

E a música da Floresta humente unge a vida anima espiritualizando-a na harmonia eterna dos seres das cousas, tanto dos que for m como dos que hão de ser.

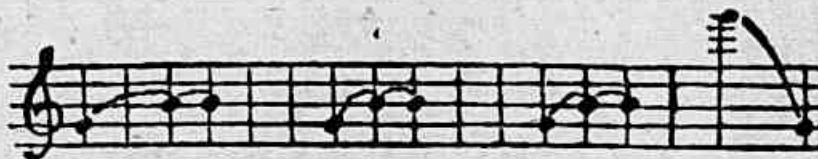
Canto do bem-te-vi



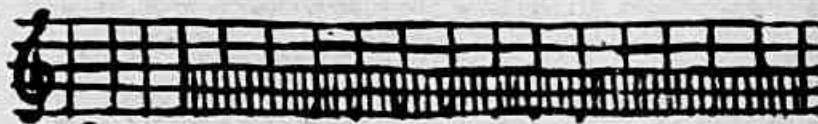
Úrro da onça



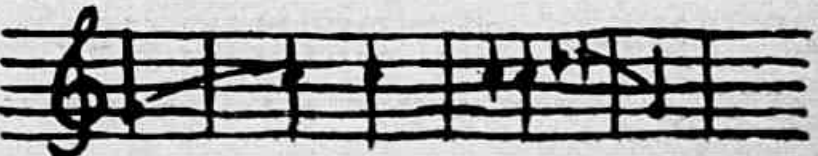
Canto da araponga



Coaxar de um sapo á margem dos rios do Pará



Canto do João-corta-pau



PETRÓPOLIS

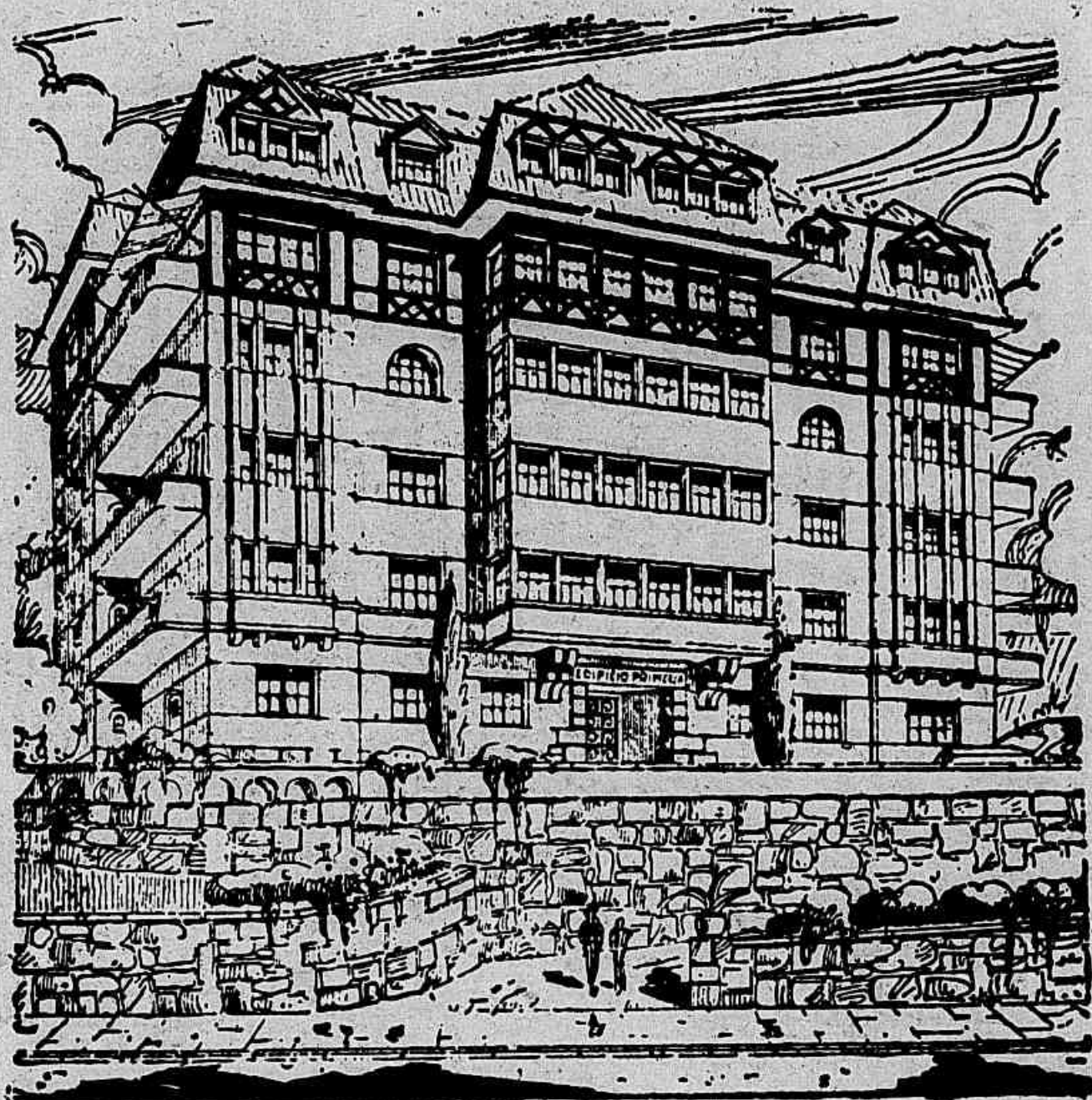
Edifício "PRINCESA"

O MELHOR EDIFÍCIO NO MELHOR LOCAL

RUA 13 DE MAIO N. 80 — A 80 metros da Catedral

O EDIFÍCIO JÁ SE ENCONTRA EM CONDIÇÕES DE SER HABITADO

Luxuosos e confortáveis apartamentos com deslumbrante vista para a CATEDRAL E MONTANHAS
Garage em todos os apartamentos -- Parque de recreio para crianças.



PERSPECTIVA DA FACHADA

Facilidade de pagamento
Tabela Price

INSTALAÇÕES DE
ULTRA-GÁS PARA
ÁGUA QUENTE
EM TODOS OS
APARELHOS

PROJETO, CONSTRUÇÃO
E INCORPORAÇÃO DE

GERNIGOI & CIA. LTDA.

BECO MANOEL DE CARVALHO, 16 -- 4.º andar -- EDIFÍCIO COLOMBO. (Fundos do Teatro Municipal) Fones: 42-9890 e 22 8815.
Informações em Petrópolis: Empresa REX — Avenida 15 de Novembro, 986 e 1026 — Telefone: 2621 e 4084.

TRÊS APARTAMENTOS POR ANDAR

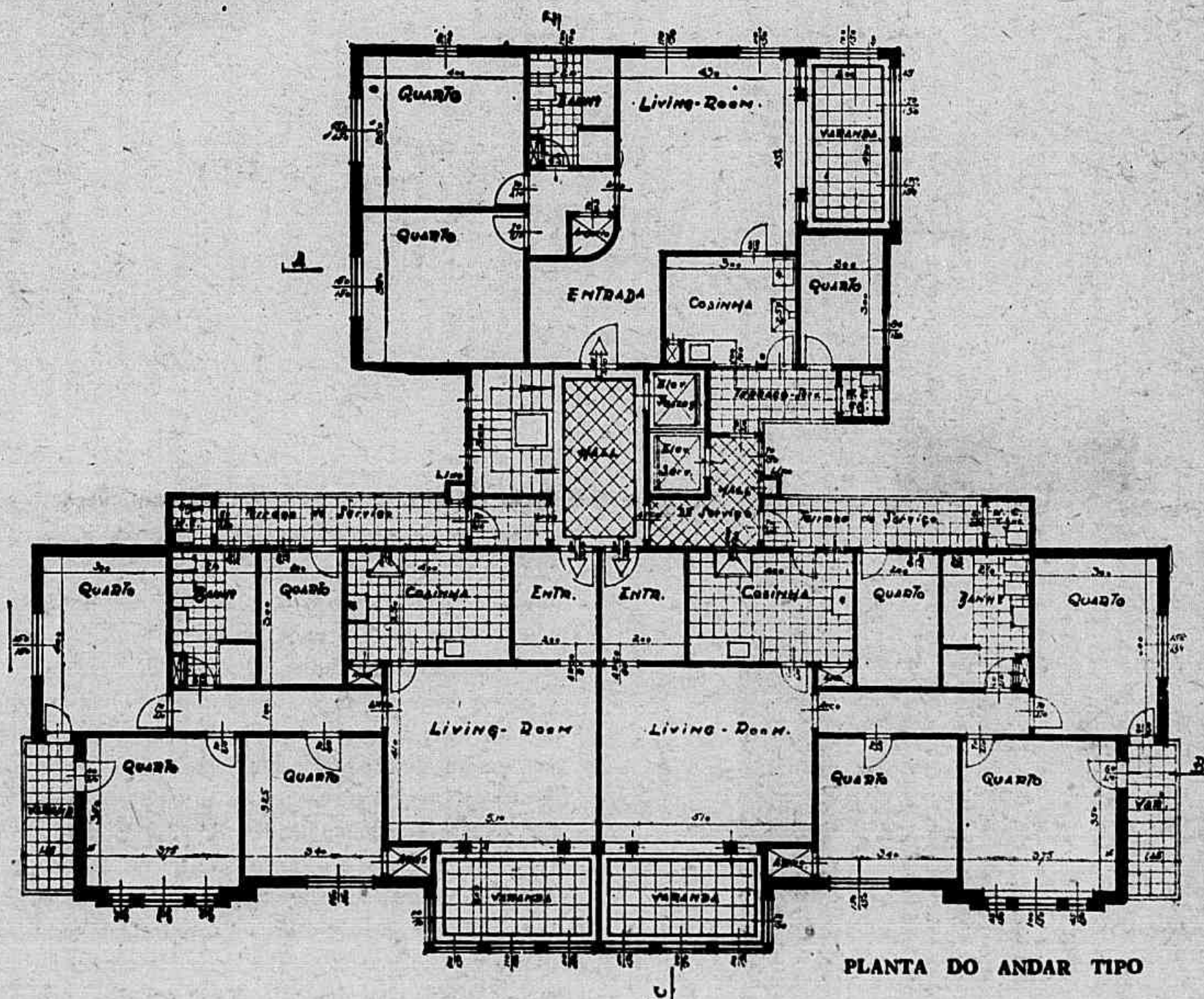
ELEVADORES "SUWIS"

FINO ACABAMENTO

MOSAICOS SÃO CAETANO

AZULEJOS DE COR

APARELHOS SANITÁRIOS DE COR



ALVARO MOREYRA
escreveu

NOSSA IRMÃ ÁGUA

POR ela também São Francisco de Assis louvou o Senhor: — “pela nossa irmã Água, tão útil, tão humilde, tão pura”... Em tantos nomes que tem, em tantas formas que toma, é sempre a companheira, a amiga boa que, desde o primeiro dia do mundo, se acostumou a levar o espírito de Deus. Não é a Bíblia que conta? Depois de criar o céu e a terra, o espírito de Deus era levado sobre as águas.

No seu jeito mais simples e mais livre — água corrente — andando, andando, a si mesma se diz e escuta:

— Vai de-vagar, que há muito sede no caminho...

Na juventude a gente olha para as estrelas. No tempo de baixar a cabeça é a água que a gente vê. Mas na água ainda as estrelas brilham, e então parece que estão mais perto.

A água extingue todo o orgulho de afirmar: “Ninguém diga: desta água não beberei.” Apaga a ilusão de refazer: “Águas passadas não moem...” Dissipa o desânimo de insistir: “Água mole em pedra dura tanto dá até que fura.” E, unida ao pão, consola a miséria... É a inocência da terra. É a doçura da vida. Si os homens a aproveitam para ruindades, é porque às vezes os homens são mais fortes do que a água. A lei, na Idade Média, autorizava a fervê-la, para o último banho dos moedeiros falsos. Em idades de outros tamanhos, o suplício da gota de água foi um suplício exploradíssimo. Que culpa coube à água naquela catástrofe enorme do Dilúvio? A notícia chegou aqui, de ouvido, e um pouco diferente. Souberam os índios que, quando a chuva encharcou tudo, só os galhos das árvores maiores ficaram de fóra. O povo, seguro nos galhos, resistiu quanto pôde. Não pôde mais. Apenas um casal escapou: Uaçu e Sofará. Quando os dois desceram, na volta do bom tempo, nem os ossos dos companheiros encontraram. Daí surgiu a idéia dos



Cascatinha da Tijuca.

índios fazerem as suas casas por cima dos rios, casas que subissem e baixassem em caso de Dilúvio... Muitos rios do Brasil forneceram espaço a esses domicílios desconfiados. Entre eles, talvez, o Carioca, o pobre Carioca que é hoje um canal escondido, quase seco, e já possuiu água longa e larga.

Na “Confederação dos Tamôios”, Aimbiré aponta para o alto e fala a Pindobuçú, que estava sepultando o filho:

“Alí naquele morro onde se eleva
O Corcovado, píncaro ventoso,
Doce e manso deslisa o Carioca,
A cujas margens minha mãe cantava...”

E devia cantar com ótima voz. Informou um cronista da cidade: “O Carioca era uma espécie de rio sagrado dos Tamôios, os quais, exagerando a virtude e excelência de suas cristalinas águas, as consideravam muito favoráveis à beleza das mulheres, assim como à voz dos músicos e cantores, qualidades estas a que o escritor Tomás Ewbank acrescenta a de curar a melancolia dos hipocondríacos”. Era assim o rio Carioca. Os Tamôios não exageravam. Parentes do “nosso rio”, o Catumbí, o Iguassú, o Trapicheiro alegravam as paisagens que foram mais tarde o Rio de Janeiro, com novas habitações e novos habitantes.

A água para o uso quotidiano tinha de ser buscada. Vendedores ambulantes a entregavam nas residências. Os escravos dos mais econômicos iam aos lugares próprios, com cântaros e pequenos barris. Por causa da água se derramou sangue, pois as brigas faziam parte do abastecimento. Outro cronista da cidade ajuntou que moradores da vizinhança represavam as águas ou as alteravam, roteando a terra. “Para evitar tais abusos resolveu a câmara que se devia comprar aquelas terras e matas, para ficarem perpetuamente livres, não podendo em tempo algum ser aforadas; mas tão útil providência não se executou, por falta de dinheiro. Cuidou-se em trazer a água à cidade pela encosta do morro das Laranjeiras; e para esta obra destinou a carta régia de 6 de maio 1672



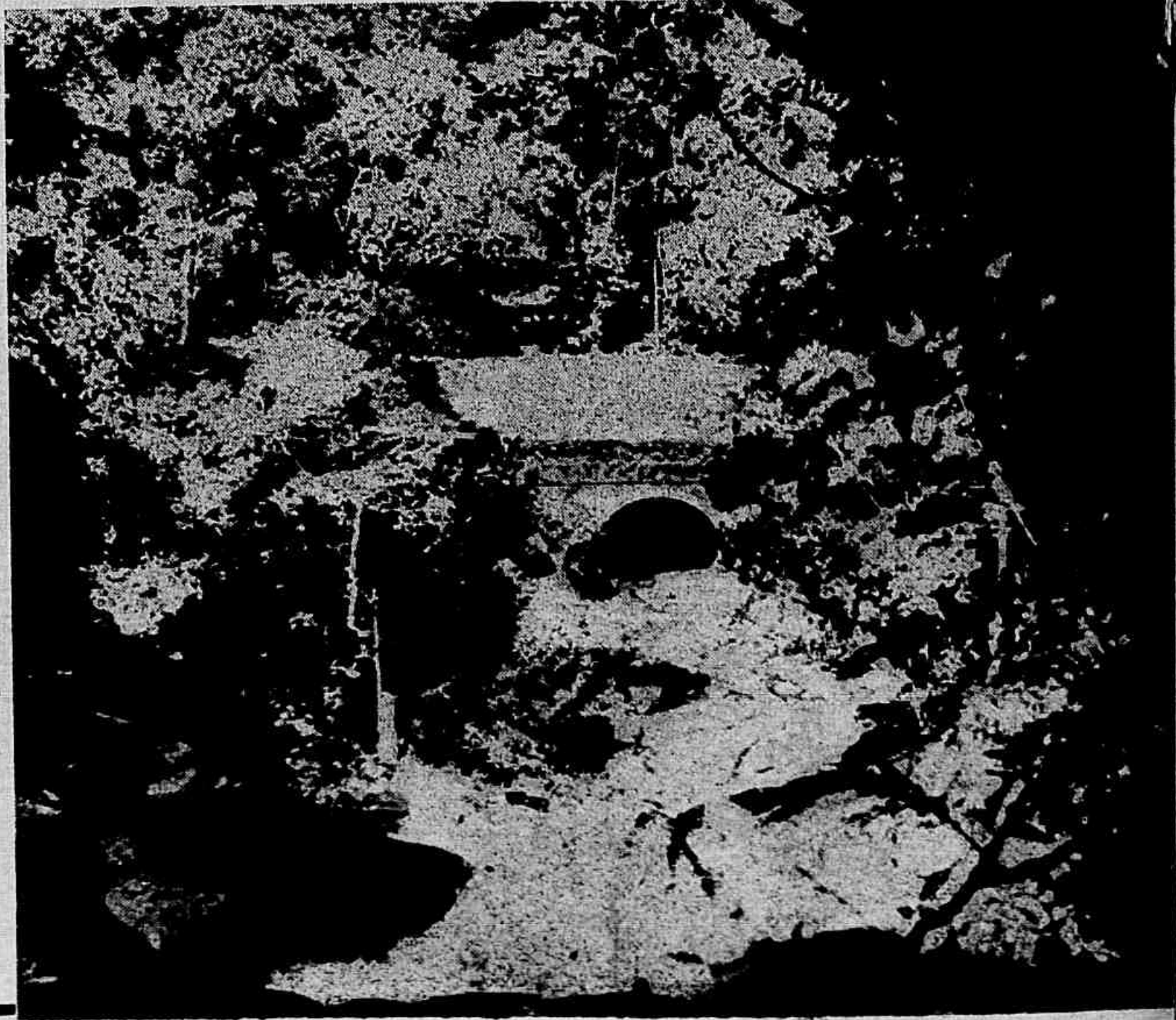
Chafariz das Saracuras.

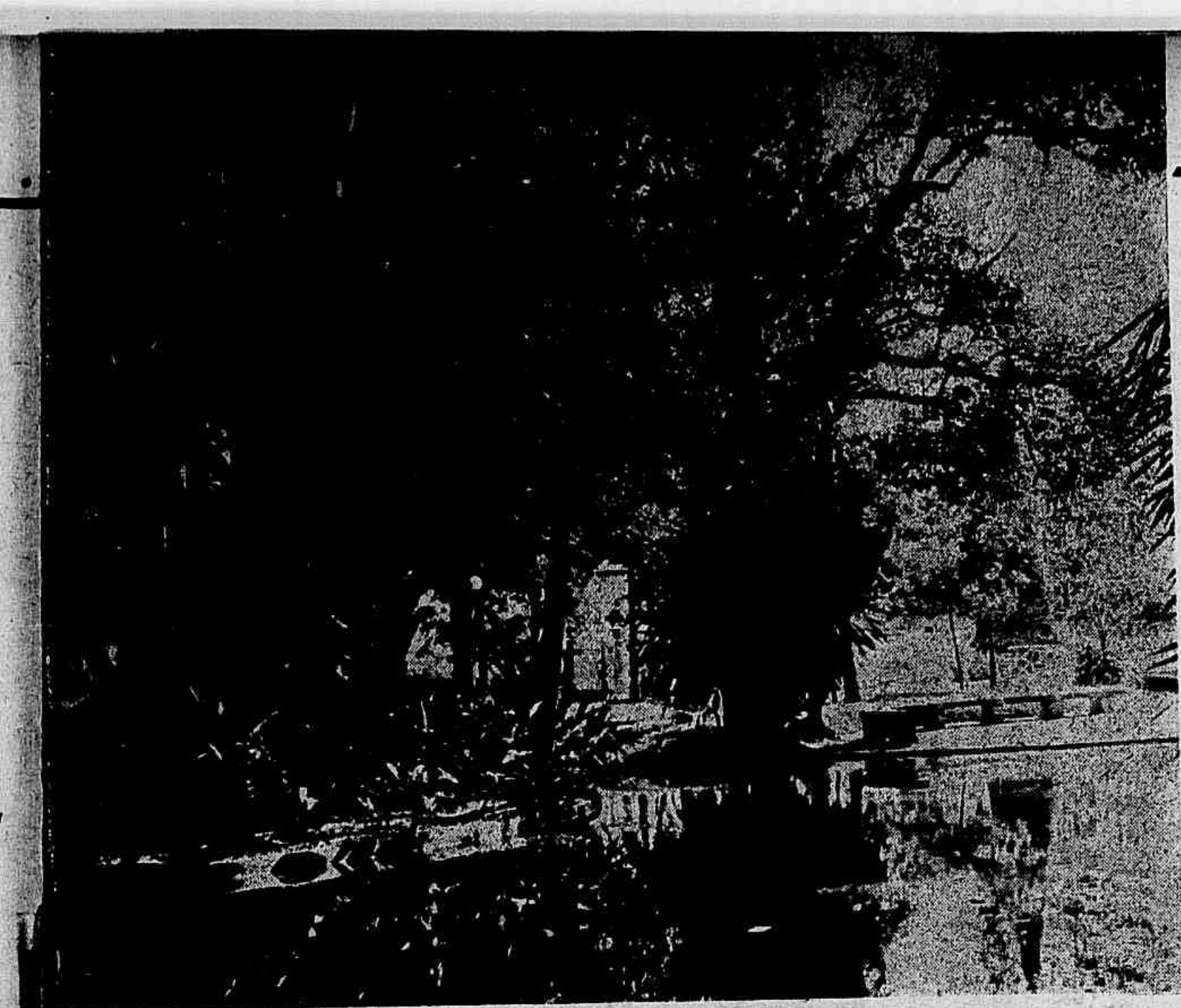
tas". A invasão dos Franceses deteve os trabalhos. Em 1723, enfim, a água jorrou das dezesseis bicas de bronze do primeiro chafariz. "Nomeado Gomes Freire de Andrade governador do Rio de Janeiro, mandou colocar uma sentinela constante no chafariz da Carioca, quer para evitar desordens dos pretos que concorriam ao lugar, quer para a conservação das bicas, que o povo danificava. Vendo a pouca solidez que apresentava o aqueduto e a má direção que lhe haviam dado, tratou Gomes Freire de construí-lo com pedra do país, em vez de empregar pedra vinda de Lisboa, que se tornava mais dispendiosa aos cofres públicos, e encaminhar as águas do morro de Santa Tereza, para o de Santo Antônio, por meio de uma dupla arcaria de pedra e cal, com quarenta e dois arcos." Os arcos continuam existindo. Não passa mais água por eles: passam bondes. O chafariz da Carioca, que teve três estados, desapareceu nos nossos dias. Entretanto, chafarizes menos antigos, e fontes abertas em seguida, apesar da água ausente, dão uma graça primitiva a certas ruas e a certas praças, no centro e nos bairros. Na praça 15 de Novembro, antes chamada do Carmo, do Paço e Pedro II, o senado da câmara, com licença de Lisboa, edificou o segundo chafariz; o segundo, oficial. Já os jesuitas haviam construído uma fonte em São

—
Ao lado — Passeio Público

Em baixo — Silvestre

o subsídio pequeno dos vinhos, e metade do rendimento das despesas da justiça. Era governador João da Silva e Souza, quando em 1673 se deu princípio ao encanamento do rio Carioca. No lugar em que começaram as obras, ergueu-se um altar, no qual houve missa em presença do governador, da câmara, da nobreza e do povo; tomou o governador uma alavanca, afastou com ela alguma terra, e desse modo indicou dar princípio à obra. Foram nomeados mestres de encanamento João Fernandes e Albano de Araujo, dando-se ao primeiro 500 mil réis por trazer a água até ao morro do Desterro, e ao segundo, 120; sendo empregados no serviço cinquenta índios, aos quais se daria comida, e sete varas de algodão por mês a cada um. Marchou a obra com lentidão, quer por falta de recursos, quer pelas questões suscitadas entre os jesuitas e os vereadores, exigindo os primeiros se desse o salário de oitenta réis diários a cada um índio, além do sustento e das costumadas varas de algodão para o vestuário, mas representou o senado da câmara contra a exigência do reitor dos jesui-





Outro trecho do Passeio Público.

Ao lado — Os arcos.

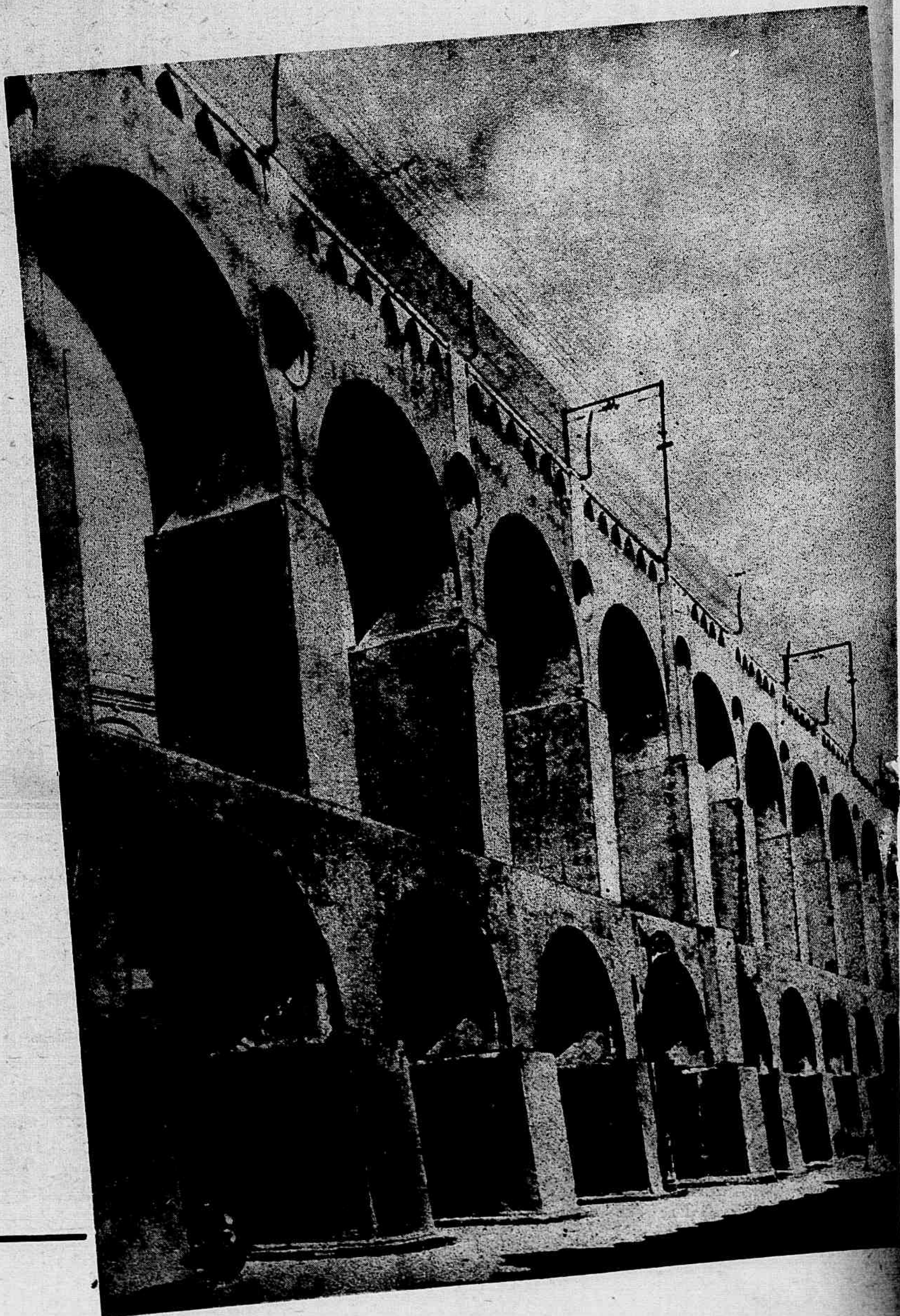
Diogo, para os marinheiros. O da Praça 15 resistiu; lá está, de cantaria lavrada e mármore, com um ar de templo, á distância; tem quasi duzentos anos. Dos dois chafarizes da rua Riachuelo — ex-caminho da Bica, ex-estrada de Matacavalos — sobrou o que foi custeado pela policia, sem água, com esta inscrição:

O REY
POR BEM
DO
SEU POVO
M. F. E. O.
PELA POLICIA
1817

Sobrou um, dos dois da Glória; reformado por Passos; sêco; triste. Sobraram o chafariz do Lagarto, na actual rua Frei Caneca, anterior caminho do Engenho Pequeno, rua do Conde de Cunha e rua do Conde d'Eu; — o chafariz de Catumbi, no mesmo quarteirão apenas recordativo; as cinco bicas de bronze deixaram os buracos onde foram; — a fonte da estrada velha da Tijuca; — a bica do Monteiro, mais acima; — a fonte do largo do Boticário; — a bica da rainha... O Passeio Público, tão mexido, mantém firme a cópia em chumbo do menino que foi de mármore e roubado, e que, com a divisa "Sou útil inda brincando", mata a sede dos turistas. Atrás dele, a fonte dos Amores olha as horas na torre do edificio Mesbla. O chafariz das Marrecas, de Mestre Valentim, se dispersou; pedaços para o Jardim Botânico, pedaços para o Arquivo; pedaços despedaçados; ficava na rua dos Barbonos — Evaristo da

Veiga — com um quartel á direita, e a Roda dos Expostos á esquerda. O chafariz das Saracuras, posto no pátio central do Convento da Ajuda — a Cinelândia — foi dali levado para Ipanema; as saracuras fugiram, na viagem; restaram as belas pedras.

Irmã A'gua! Irmã A'gua! brincavas no tempo do Entrudo, e não eras, para os ancestrais, unicamente a que servia ao corpo. Tu enfeitavas a terra, diante da baía, á sombra das montanhas. Eras para o espirito, com a tua voz de evocação, com a tua imagem que criava imagens... Os repuxos te conduziam para o céu... Jorravas pelo prazer de derramar no silêncio da cidade remota uma alegria de menina... E não partiste dos teus lagos com os teus cisnes... Velha no chafariz do largo de São Salvador, moça na fonte Ramos Pinto, tens a idade do Manequinho... E até ganhaste, nas remodelações, o jeito das grandes águas de Versalhes, imaginadas, muito imaginadas...



ESTA FÁBRICA ASSEGURA...



HIGIENE ABSOLUTA:

Rigorosa higiene, uma das garantias dos produtos da ANTARCTICA. Em todas as fases da fabricação essa higiene é assegurada por processos mecanicos especiais.

MATÉRIA PRIMA:

Toda a materia prima é submetida a exames de absoluto rigor. Somente os ingredientes da melhor qualidade são utilizados.

PERFEIÇÃO TECNICA:

Além da higiene e da seleção de materia, merece realce a competencia dos tecnicos que dirigem todas as delicadas operações da fabricação, atravez de uma experiencia de 52 anos de progressista atividade.

CERVEJA ANTARCTICA



Cerveja leve de baixa fermentação. - Não ha nada melhor na época do calor.

MATRIZ: S. PAULO. FILIAIS: RIO, SANTOS, RIBEIRÃO PRETO, B. HORIZONTE E RECIFE



Dulcina

Se o nome de Dulcina era já credor de nossa mais justa admiração, muito mais o ficou sendo este ano, depois da memorável série de espetáculos do Teatro Municipal, nos quais a festejada artista, em companhia de Odilon e de um selecionado núcleo de interpretes, proporcionou ao publico verdadeiras noites de requintado sentido de arte. Reaparecendo, agora, no palco do Regina, outro acontecimento da temporada vem de registrar-se. A peça de estréia, escrita por Maria Jacinta especialmente para Dulcina e Odilon, chama-se "Convite à Vida" e, quando esta edição circular, certo já o publico e a critica a consagraram, como de hábito sucede em cada novo empreendimento do illustre casal de comediantes. De resto, as temporadas do Regina já se integraram na relação das obrigações sociais da cidade. Nesta página, oferecemos aos leitores uma das mais recentes poses de Dulcina, ao natural — e outra, recordando a sua marcante criação no papel de Cleopatra da peça de Bernard Shaw que tantos aplausos arrancou, noites seguidas, em nosso principal teatro. Mas si a lembrança desses espetáculos paira, indelevel, no espirito de quantos os assistiram, apraz-nos saber que por alguns meses outras e sucessivas noites de emoção artistica, das mais gratas, nos estão sendo proporcionadas no elegante teatrinho da rua Alvaro Alvim.





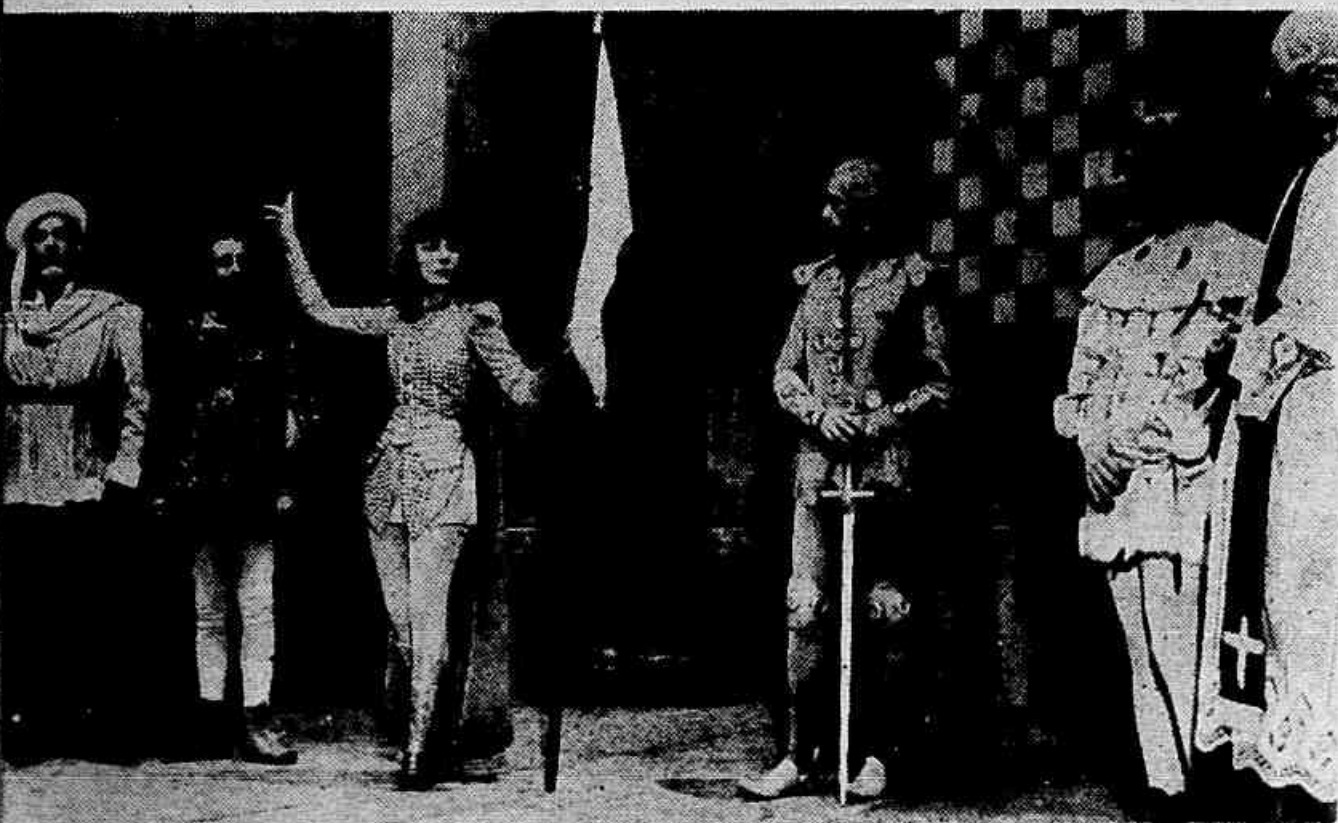
O teatro é o caldeamento de diversas artes. Entre essas, a indumentaria tem destacada relevância, embora o grande público não esteja sempre apto a julgar dificuldades e trabalhos que fôram vencidos para a realização de um "guarda-roupa", de vêz que o executor deve possuir conhecimentos de pintura, desenho e escultura para, com honestidade, interpretar o estilo mais variado que se apresenta.

A documentação examinada deve ser confrontada com diversos autores, evitando que uma informação falsa dê margem a qualquer falha, às vezes desastrosa. Sendo assim, ou temos de possuir uma boa biblioteca sobre todos os estilos e indumentarias, ou precisamos empreender uma peregrinação pelos museus e bibliotecas públicas e particulares, colhendo dados e informações os mais diversos.

Até os "costumes", embora em estilo de época ou regionais, acompanham a moda ou o gosto da época em que vivemos. Melhor dito: estilizamos tudo, mesmo porque nem sempre se aplica o mesmo material que foi empregado na época ou na região onde o "croquis" teve seu berço. O mesmo "costume" pode ter diversas interpretações de acordo com a sua apresentação, numa comédia alegre, no drama lírico ou num casino. Cada modalidade tem sua representação do "costume", podendo sofrer radicais transformações sem sair do estilo. Por exemplo: UM COSTUME mexicano, de saia até ao chão, pode ter a saia

MATHEUS

O FIGURINISTA DE "SANTA JOANA"



É da autoria de Matheus, o artista moderno cujos figurinos constituíram um dos atributos do sucesso de Dulcina e Odilon em SANTA JOANA de Bernard Shaw, o artigo que se lê nestas páginas, sobre a arte de "vestir" uma peça de teatro. Matheus teve ainda a gentileza de oferecer-nos os "croquis" de algumas das roupas apresentadas no Teatro Municipal e cuja reprodução fazemos para ilustrar o seu artigo, escrito especialmente para o número natalício da REVISTA DA SEMANA.



encurtada para uma *girl* até ao máximo, sem que o estilo nada sofra e podendo ser imediatamente identificado não só como costume mexicano, mas até quanto á região a que pertence no Mexico.

Em "Santa Joana", tão admiravelmente interpretada por Dulcina e sua companhia, sem sair dos canones do estilo e aplicando material dos mais diversos, desenhei e executei um guarda-roupa que, sem nenhum constrangimento, pode ser levado á cena por qualquer artista e em qualquer teatro do mundo. Além do seu colorido suave e bem combinado, utilizaram-se as "cotas de malha", as armaduras dos guerreiros e soldados, tudo tratado de maneira leve e decorativa, como requer o gênero do teatro de comedia. Si eu tivesse de executar um guarda-roupa para uma opera, já o trataria de outra maneira, e si o mesmo tema fôsse adaptado a um "show" de casino, seria ainda diferente a sua reprodução.

As operas que se apresentam no nosso Municipal registariam sucesso maior si o seu guarda-roupa e os cenários fôsem executados hoje, com estilização orientada pela época atual, tal como já se faz na America do Norte.

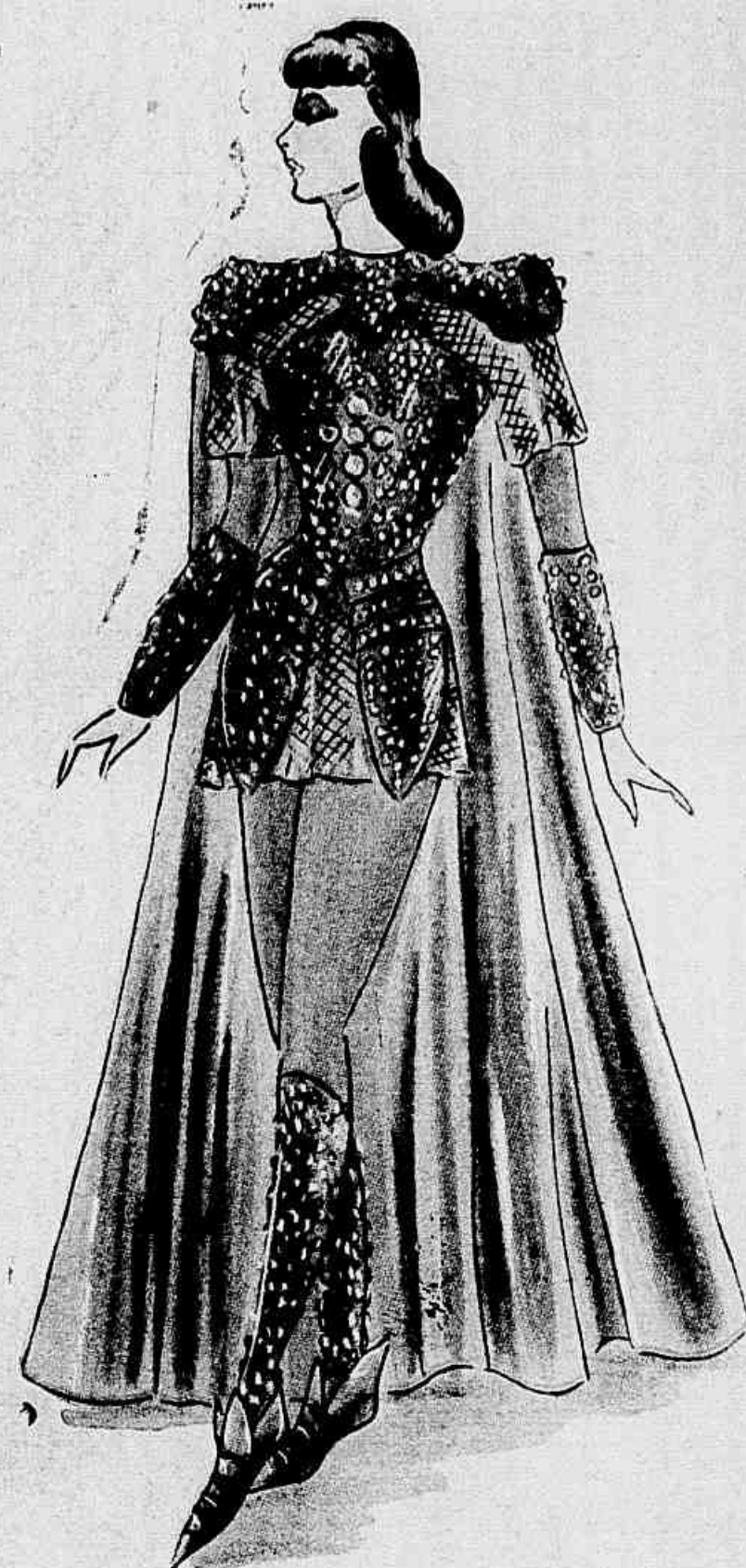
Mas, continuando a mostrar ao público de nossos dias cenários e guarda-roupas executados ha mais de trinta anos, as novas gera-

ções deixarão de assistir ás obra-primas que as passadas aplaudiram com vigor. Quando encenaram essas peças pela primeira vêz, seus autores dêram-lhe um pouco de poesia nas côres e estilização nas formas, embora á moda daquele tempo. Hoje a interpretação devia evoluir, com o tempo.

Tratando-se de teatro de fantasia onde o artista tem plena liberdade, o equilibrio das linhas e das côres deve formar um conjunto harmonioso e expressivo com o assunto, podendo mesmo fazer-se escola, como está tentando Salvador Dali nos EE. UU.

Fazer um guarda-roupa teatral requer mais perspicacia dos detalhes do que se pensa. Nêle reside toda a razão visual do espetáculo. E' um engano empregar material usado ou inferior julgando que o espectador não distingue o que é bom e novo.

Vai longe o tempo em que uma peça de teatro se oferecia ao público sem maiores cuidados quanto ao guarda-roupa que os artistas apresentavam. Também os cenários constituíam capítulo de menor importância. Havia "guarda-roupas" efêtivos, permanentes, que os empresários alugavam de particulares quando montavam uma peça de época. "O Martir do Calvário" tinha as mesmas roupas desde quando foi levado à cena, a primeira vez, com Olímpio Nogueira na companhia Dias Braga, até quando se reprisava nos teatros do Rio, em grande estilo. E ainda hoje muitas reedições da sovadíssima peça de Eduardo Garrido é oferecida ao público, com as mesmas roupas de trinta anos passados. Os cenários eram de papel, sempre iguais. Ainda nas revistas, caprichava-se em montagem. As companhias de comedia eram paupérrimas na montagem de suas peças, mesmo as de maior relêvo. Hoje, tudo mudou. Os cenários —



cenoplastia das melhores — às vezes reconstituem, ao vivo, um "interior" que dá vontade de ir morar dentro dele. E os guarda-roupas são um atributo dos mais sérios. A temporada Dulcina no Municipal requintou nesse particular. O artigo de Matheus vale por uma lição aos que, a partir de agora, desejarem "vestir" bem as peças de época.





Odilon

Odilon — ator da geração m^oça, artista de indole e de temperamento, discípulo dos grandes mestres que o nosso teatro possuiu — inclusive Fróes e Chaby — soube fazer-se, a golpes de talento, um val^or intrinseco e reconhecido pelas platéas mais exigentes. Trocando as letras e a carreira jurídica pelo teatro, onde se impôz em curtissimo espaço de tempo, está hoje associado aos mais expressivos cometimentos de arte que no Brasil se tem observado. Aqui o vemos ao natural e em duas p^oses de "Cesar e Cleopatra", peça que lhe valeu um triunfo indiscutivel, no desempenho do protagonista. Odilon, está agora, no Regina, ao lado de Dulcina e de seus artistas vivendo o papel central da comedia de Maria Jacinta — "Convite á Vida".



A JURICABA

RESUMO INEDITO

AJURICABA é talvez o maior entre os grandes índios da história porque amou e defendeu sua terra num impulso de ingenuidade sem medir nenhum sacrifício, de bens ou de vidas, com a fibra de um herói de epopéia, altivo e impetuoso como o próprio rio-mar. Como Jagoanhara, Aimberê ou Cunhambêbe ele odiou o invasor, como Ararigboia foi um grande chefe; maior que Tabira, que Tibiriçá que Pindobussú ou Piragibe porque nem além da morte fez aliança com o invasor. Entre esses vultos aureolados da luz da lenda, como todo herói em todas as raças, não figura o nome de Ajuricaba. A florista é a sua bandeira verde, o sol do Setentrão, a sua glória, a planície o seu mausoléu.

Pelas margens do rio Iá afluente esquerdo do Negro, estendiam-se três grandes malocas; da mais florescente era tuchaua o bravo Ajuricaba, filho de Uinibêne um dos maiores chefes Manãos, neto do brioso Caboquena inimigo dos portugueses e que morreu defendendo a aldeia por ele fundada. Descendente de intrepidos guerreiros deles herdou o animo belicoso, a tempera rija, o brio indomito, juntando a esta herança a que lhe vinha do avô: — **Ódio ao invasor.**

Do alto Uarirá até a ponta inferior da ilha Timone, por quase todo o vale do Rio Negro dominavam os poderosos Manãos, aos quais as outras tribus rendiam vassalagem: só as Barés com eles rivalizavam.

No pateo circular e amplo da aldeia erguia-se a grande Oca de Uinibene, por entre os flagelos das palmeiras, a mata munificente e densa e a hialina beleza do rio. A porta estava cerrada por vistoso japá de fibras de jupaty pintado de cores vivas. Até o pateo chegavam os ecos de vozes altercando.

A voz de Ajuricaba era forte e irada, a do pai serena e firme.

— Pai, si fizer essa aliança, deixarei a Oca e a aldeia, antes que de novo o

sol ilumine 'essa desgraça.

— Uinibêne só tem uma palavra, prometi ao branco paz e ajuda e assim se cumprirá.

— Mas como pode o grande chefe dos Manãos, como pode o filho de Caboquena, fazer tal promessa ao branco, que vai de aldeia em aldeia matando os nossos e destruindo tudo? Caçam o índio como nós caçamos o tapir e levam nossos irmãos como escravos. O branco mente é traidor, não respeita nenhuma aliança. Pai o branco vai acabar com a nossa raça. Escute pai, o grito de vingança de milhares de irmãos assassinados e escravizados. O cauré anuncia morte e destruição. Teu nome maior que a floresta, não póde dar força ao invasor. A terra é nossa pai, a terra é nossa!

— Basta Ajuricaba! Volta para tua oca, és moço demais, o odio cega-te. Sem paz não poderemos ser os senhores da terra, por mal eles nos tomarão tudo.

Lançando em derredor um olhar de despeito e afastando-se da oca de seu pai o moço falou:

— Vou lutar contra o invasor e contra seus aliados.

A mãe de Ajuricaba correu para o filho apertando-o de encontro ao seio tremulo, as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos.

O guerreiro vigoroso como um tronco peliano, agastando-a brandamente diz com laivos de brio na voz:

— A mãe do guerreiro não chora quando o filho luta contra os inimigos de sua raça.

Com passo firme deixou a oca dos seus maiores, e sem olhar para trás atravessou a aldeia, até a porta de sua oca, onde o esperava ansiosa sua companheira Maiby, a flôr dos Tariás, filha do tuchaua daquela tribo. Seu olhar inquiridor cruzou o do guerreiro, ela compreendeu tudo. Ajuricaba disse: — Leva para a "montaria" tudo que nos pertence.

— Onde vamos?

— Para as margens do Iá erguer a nossa oca e fundar a aldeia de Ajuricaba.

Muitas luas haviam já passado, depois que Ajuricaba deixara a maloca de seu pai. Os brancos temiam e hostilizavam o guerreiro, cuja fama se alargava por

todos os ambitos daquela região do oceano fluvial. Não havia furo, igapó ou paraná, onde o grupo cada vez maior de seus guerreiros não levasse o terror ao estrangeiro preador de índios. Cada maloca apresada ou incendiada pelos portugueses, pagava, um alto tributo de vida ao guerreiro, que como um furacão desencadeava-se sobre o aldeamento dos brancos. Zombava dos soldados d'el-rei, dos seus mosquetes e bacamartes, aquartelado em sua paliçada de madeira.

O Governador paraense Maia da Gama em carta ao rei D. João V de Portugal faz referencias a este povo indigena "inegavelmente superior, que não se arreceiava das autoridades régias".

Em 1723 quando o governo, mandou abrir devassa para apurar as tropelias dos Manãos por todo o vale e pelas arterias fluviais, ficou apurado que nas escaramuças já estavam implicadas quasi todas as nações do Rio Negro, insufladas pelo temeroso Ajuricaba. O governador pediu licença a Portugal para fazer guerra aberta ao índio pois o poder de Ajuricaba na selva amazonica, punha em perigo o dominio português.

Do reino vieram ordens e contingentes. Os sertanistas, a coberto das autoridades régias, continuavam as suas desumanas caçadas ao índio, escravizando-os e torturando-os que não se submetiam.

Neste pé andavam as cousas quando rebenta na aldeia de Ajuricaba a noticia do assassinato de seu pai pelos portugueses. Bramindo como o jaguar ferido ele enristou as flexas e fazendo zunir no espaço o pesado tácape soltou seu grito de guerra: Iá! Iá! Iá!...

Vinte nações responderam ao seu apelo e sob seu comando se formou a "Confederação amerindia do norte".

Ajuricaba à testa de uma flotilha de 25 canôas, corta o rio-mar, alistando tribus rebeldes e destroçando as que se aliavam ao estrangeiro invasor.

Ao seu flanco formavam os valentes Maipenas, à retaguarda os bravos Tariás, e a razia implacável e tremenda enlouquece os portugueses. Está em perigo o seu dominio na "Nova Andaluza". Ajuricaba como um raio do próprio Tupan, não dá treguas, inutiliza o reforço cada vez mais numeroso das tropas de resgate rio acima, já não sabem que fazer os bravos capitães luzos.

João Paes do Amaral acabava de escrever ao governo do Pará, quando

Maiby a flôr da tribo dos Tariás.

em sua cabana entrou o jesuita Frei Manuel José de Souza. Ao avista-lo exclama o capitão:

— Frei Manuel que novas me traz do demônio índio?

— Estão acampados nas cachoeiras da aldeia Maipena, e os holandeses fornecem-lhes armas e munições. Sua flotilha leva na prôa da capitânea a bandeira flamenga.

— Que aconselha Frei?

— Venho pedir-lhe permissão e meios para ir falar ao chefe da Confederação:

— Pensa na eficacia de meios brandos?

— Penso que é melhor tentar todos os meios. Esse homem é um grande chefe, cerca-o ainda um prestigio de lenda, tornando-o maior e mais perigoso. É uma vitória difícil, capitão, e dolorosa pelos sacrificios de vida que exige. Algumas horas depois Frei Manuel subia o rio, em bem equipada montaria com os jacumabas índios.

Ajuricaba havia descido da região das cachoeiras, por isso o encontro do jesuita com o guerreiro foi mais de pressa do que esperavam, pois Frei Manuel aportou à aldeia mais perto a espera da flotilha de Ajuricaba.

Naquele mesmo dia Ajuricaba recebeu em sua tenda o missionario, tinha ao seu lado seu filho Cucunaca vigoroso guerreiro de 18 anos, rebelde e valente como seu pai.

Frei Manuel entrou resolutivo na oca saudando com voz firme o demonio selvagem que lhe pareceu forte e orgulhoso como um herói de legenda.

— Deus conserve a vida do mais valente e poderoso chefe.

O guerreiro não se comoveu com o louvor do missionario, seu animo desconfiado não o abandonou jamais; com gravidade ofereceu ao hospede o cachiri e o tauari da boa-vinda.

Começou então o frade sua arenga diplomatica.

— Ajuricaba, teu poder é como o fogo de Tupan, por isso o nosso rei e Senhor que mora para além do grande mar e é dono de muitas cidades e muitos exercitos, manda oferecer-te aliança.

O guerreiro franziu a boca com desdém, o Jesuita fingiu não perceber e continuou mais insinuante:

(CONCLUE NA PÁGINA 106)

A CONFEDERAÇÃO AMERINDIA DO NORTE

COMO VIVEM

"Como vivem os homens que governaram o Brasil" é o título de um interessante volume de reminiscências publicado recentemente pelo escritor João Lima, da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil. Há, nesse livro, um capítulo sobre "As Viúvas dos Presidentes", onde se fazem curiosas apreciações sobre a sra. Anita Peçanha, viúva de Nilo Peçanha, a sra. Mary Sayão Pessoa, viúva de Epitácio Pessoa e a sra. Naír de Teffé, viúva de Hermes da Fonseca, viúva do Marechal Hermes da Fonseca. Pela documentação e os subsídios tributados nesse capítulo, em relação à terceira dessas distintas damas, para os nossos historiadores, parece-nos interessante reproduzir as páginas que nos falam também de um memorável período da presidência no Brasil. É o que fazemos, "data vênia", linhas abaixo.

perto da presidência da República, embora um ou outro não estivesse tão longe do capitalismo. Uma cortina de ouro envolveu, daí em diante, Mlle. de Teffé, na alta sociedade, e Rian, na alta caricatura. Em nove anos a mais, de uma vitoriosa atividade social e artística viu-se aureolada pelas simpatias e admiração de muita gente. Pinheiro Machado, que lhe votava paternal estima, dizia, com a autoridade de chefe da Política nacional:

— Que lhe daria um noivo deputado.

A estrela do seu futuro lhe acenava com presente maior. Um dia, pessoa de sua família dizia na terrassa do Villino Naír desconhecer coração maior do que o do presidente Hermes, contando alguns episódios da vida íntima do então chefe da Nação, que assinalavam a sua tendência para o bem.

Naír, que se encontrava no seu tocador, a pentear os cabelos, ouvia aquilo e, com o pensamento para o alto, pedira a divina providência um esposo assim, com aquele tão acentuado fundo humano. Longe estava de pensar no que lhe reservava o destino. Assim é que quando meses depois chegava a notícia da morte da esposa do Presidente, a virtuosa d. Orsina da Fonseca, o Barão de Teffé e a baronesa se apressaram em descer de Petrópolis para a camara ardente, a filha se decidia a ficar com a família dr. João Barcelos. Foi isso em Novembro. Dois meses e dias, e o presidente seguia para o Palácio Rio Negro, inaugurar a estação de verão — 6 de janeiro de 1913. A' gare de Petrópolis compareciam o Barão e sua filha, havendo apenas votos de boas vindas, no meio da etiqueta oficial.

Para o chefe da Nação nada mais tedioso do que aquele casarão fechado entre montanhas, sem que dos aposentos particulares se fizesse ouvir uma voz feminina, tanto mais quanto era ele afeito a vida familiar. E para quebrar a monotonia saíra, no dia seguinte, sozinho, num passeio a cavalo pela cidade serrana. Mlle. de Teffé, que passeava também a cavalo, àquela hora, viu-se de repente abordada pelo cavalheiro solitário.

— Mlle. de Teffé, v. por aqui!

— Bom dia, marechal!

— Nesse caso não passarei sozinho. E o passeio se estendeu um pouco, indo por fim, o Presidente levar a companheira imprevista a sua residência, em cuja porta se achava o Barão de Teffé, a quem o marechal disse:

— Amanhã sairei de novo, e virei buscá-la para outro, como o de hoje.

— Não poderia ficar para depois de amanhã? disse o Barão, é que eu gostaria também de tomar parte no passeio.

— Boa idéia, Barão, então até depois de amanhã.

Desse dia em diante qualquer coisa de interessante se passou na mente do marechal, alegrando-lhe o coração. Um pouco de lirismo lhe penetrou cantando na alma, não lhe saindo dos ouvidos o riso franco, o timbre parisiense da voz argentina da companheira do primeiro passeio a cavalo no início da estação de verão. E, dois dias após, chegava o marechal a porta do Barão de Teffé, com a fisionomia mais fagueira, o rosto escanhado e os bigodes devidamente frisados, ungidos de discreto perfume. A' espera estavam já pai e filha — o titular e Mlle. de Teffé. Esse segundo passeio foi a pedra de toque do romance, e da celeuma em torno, em os comentários maliciosos das rodas sociais do lugar. Petrópolis é a terra da dissecação. Fala-se muito. Cidade de repouso e recreação, quem lá está precisa de assunto e, quase sempre, no período de verão é que mais sofre a pele do próximo... Em relação aos dois passeios do Presidente com a filha do Barão de Teffé não houve língua que não vibrasse, embora com relativa discreção, o que não impediu que aqueles se repetissem continuamente.

Num deles, em o pitoresco arrabalde de Caxambu, o chefe da nação achou que Mlle. de Teffé se afoitava de mais, pondo o ginete em marcha acelerada. E, logo que se pôde emparelhar com a amazona, segurou as rédeas do animal, dizendo a meia voz a' jovem recreante:

— Sabe, Mlle. de Teffé, tive ontem um sonho maravilhoso consigo, sonho que me encheu a imaginação dos mais risinhos anelos.

— Como foi, marechal?

— Sonhei com uma coisa irrealisável.

— Comigo?

— Sim, com você.

— Como foi?

— Que te-la-ia em breve por esposa.

— Sim?

— Mas, isso eu considero irrealisável, não acha?

— Não direi tanto, por que? Terei apenas seis meses para pensar.

Mas estas últimas palavras foram pronunciadas com um sorriso de franca adesão. E o marechal, que falava com certa doçura, compreendeu o seu alcance.

E nesse dia ambos se sentiram enlevados — ele, por haver conquistado o coração de uma linda moça da aristocracia e ela pela preferência do homem que enfeixava nas mãos o poder supremo do Brasil.

A discreção dos dois sobre o caso foi religiosamente mantida. Mas a curiosidade ambiente se tornou cada vez maior, aguçada por umas tantas coincidências que vinham aumentar o prestígio da família Teffé. Pelos bastidores começaram surdos rumores sobre o romance, o qual ia despertando inveja a umas tantas moças casadouras e despe-

A senhora viúva Hermes da Fonseca em uma fotografia recente.

TRACAR a vida da viúva Hermes da Fonseca é evocar dois magníficos cenários que ela perlustrou com o fulgor do seu espírito e a graça de suas atitudes — o europeu, onde começou a sentir a existência, numa ambiência aristocrática, de refinada elegância, na qual foi Mlle. de Teffé, e o brasileiro, de igual esplendor e de maior fastígio, no qual foi a esposa do Presidente da República. Lá, viveu entre o estudo e o recreio dentro do seu sonho de arte, na contemplação do futuro de ouro que lhe sorria. Viveu seis anos entre Bruxelas, Roma e França. No governo Floriano, seu pai, o Barão de Teffé, sofreu um cruel reves na sua carreira diplomática. (I) o que o fizera vir, ao Rio, trazendo-a ainda na infância.

Demitido — por que? — ficou aturrido, no primeiro instante, o ministro brasileiro, ignorando a razão daquele ato do presidente Floriano. Tratava-se de um embuste de mau brasileiro, pelo qual o chefe da representação diplomática conservava hasteada a bandeira monarquista na sede da legação. Coincidiu a denúncia aqui chegada, com um telegrama do ministro Teffé dando parabéns ao almirante Custódio de Melo, cujas relações com Floriano já eram tensas. E o caso da bandeira foi este — proclamada a República e continuando o ministro no seu posto, graças às suas relações com Deodoro, substituiu o pavilhão do antigo pelo do novo regime, ficando aquele jogado numa dependência do edifício.

Um dia a encarregada de serviço doméstico, na ignorância do que representava aquele pano de lã com as cores brasileiras, jogou-o a um canto, de modo a servir de agasalho a um dos cachorros da casa. Pouco tempo depois, pessoa da família, descobriu do a bandeira naquele estado, mandou sacudi-la e estendê-la numa janela.

Quem a observou assim tratou de fazer a intriga, a qual lançou o Barão fora do corpo diplomático.

Dentro de pouco tempo, o ex-ministro veio ao Rio, com a família. Naír era uma menina interessante, viva, inteligente, e enlévo do velho titular. Alva, corada, de olhos azues, falando bem o francês, dir-se-ia uma boneca parisiense. Aqui, os cenários patrios encheram-na de encantamento, bem como a sociedade carioca, que desconhecia, uma vez que daqui saíra com um ano e meio de idade. Depois de curta demora no Rio, voltou novamente a Europa, donde retornou no começo do século, já aos dezessete anos, encontrando melhorado o panorama carioca — o Rio em franca transformação de cidade colonial em bela e movimentada metrópole. Recepcionada pelos parentes, em grande número, e mais pessoas da amizade de sua família, viu-se a encantadora filha do Barão de Teffé envolvida nos olhares e afagos da mocidade, em cujo seio se encontrava o sr. Vicente de Ouro Preto. Um dos primos arriscou um palpite.

— Vejo que dentro em pouco v. estará conseguindo um noivo.

— Eu? Não é fácil.

— Por que não?

— Sim, porque para isso urgia o Presidente da República ou algum capitalista...

Riram todos, mas um riso de desapontamento porque nenhum daqueles estava

AS VIUVAS DOS PRESIDENTES

to a uns tantos rapazes de bom gosto, avivando, ao mesmo tempo, amizades amortecidas pelo tempo e criando, imprevisivelmente, dedicações exageradas.

Com a lisonja dos empreiteiros de boas situações nasceram as plantas daninhas que haveriam de trazer inquietação ao lar em projeto. As rosas que sorriam aos primeiros beijos do sol, naquela alvorada de tão doce harmonia, como que estremeciam de graça e de perfumes para em tão pouco perderem as pétalas, deixando os espinhos para dilacerarem por fim as mãos de quem as retinha.

Quem pode penetrar na alma humana para desvendar os seus mistérios? Flores e risos era o que se via naquele largo ambiente de fastígio, onde se observava nos elementos estranhos a expressão de sentimentos afetivos mal encobrindo a hipocrisia. De um lado a política, levava o Barão de Teffé a' Sennoria, pelo Amazonas e, do outro uma parte da sociedade carioca a cantar hosanas a' noiva do Presidente. E o telefone do palacete da rua Paissandu' onde já se achava instalada a família Teffé não mais teve sossego, ao mesmo tempo que crescia a correspondência postal e telegráfica.

Entretanto, o Itamaraty engalanou-se para homenagear ao ex-presidente Julio Roca, da Argentina, no momento, embaixador daquele país.

Mlle. de Teffé comparecia com a graça encantadora do seu porte e as cintilações eletrizantes do seu espírito. Em empolgante causerie estava ela naquele alto mundo social, político e diplomático, quando o general Pinheiro Machado, vice-presidente do senado, que era, na época, a maior figura política do país, deu-lhe o braço para conduzi-la ao salão da ceia. Foi quando surgiu de repente, ostentando bem alinhada casaca, o sr. Regis de Oliveira, então introdutor-diplomático, oferecendo o braço a' moça:

— Perdão, general, a Mlle. de Teffé está reservado logar ao lado do Presidente.

Pinheiro Machado hesitou e, com aquele olhar taciturno, mas penetrante, encarou-a: — Que é isso, menina?

Ela, que tinha pelo leader gaúcho afeto respeitoso, segredou-lhe ao ouvido:

— Estou noiva do marechal.

Pinheiro, tomado de espanto, em linguagem um tanto rude.

— Como v. arranhou esse negócio?

— Estamos apalavrados, convindo, por isso, a maior reserva. E como vê, general, esse consorcio?

— Como vejo?! Com alegria e desvanecimento, até porque se trata do meu maior amigo. Mas é verdade mesmo?

— Como lhe disse.

E o chefe da política nacional:

— Neste caso, de parabéns estamos nós dois — eu, por vê-la unida ao meu maior amigo, e você, menina, por ter de me mandar...

— Não será bem isso, general, mas de nos compreender...

Ele sorriu satisfeito. Em 1.º de junho, à noite, numa grande recepção dada no palácio Monroe aos delegados ao Congresso Pan Americano, com a presença do Presidente da Republica, o embaixador Morgan, que dispensava a Mlle. de Teffé carinho fraternal, quiz fazer uma surpresa aos futuros noivos. E assim, convidou o corpo diplomático para cumprimentar o chefe da nação, felicitando-o pelo seu proximo noivado.

No dia imediato, parava na porta do palacete da rua Paissandu', o carro da Presidencia da Republica, dele saltando, desacompanhado, o marechal Hermes da Fonseca, ostentando um bem elegante fardamento escuro, sendo recebido à porta pelo Barão de Teffé e, no salão nobre, pelos membros da família, a cuja frente se viam a figura respeitável e simpática da baronesa e sua filha.

O marechal sentou-se ao lado do velho titular, visivelmente emocionado, deixando transparecer nas linhas do rosto indissolvel regoijo íntimo. Antes, porém, de qualquer pronunciamento, do presidente, querendo pô-lo à vontade, isentando-o de certo constrangimento próprio desses momentos, falou o Barão de Teffé, em tom familiar:

— Já sei marechal, o que o traz aqui — pedir minha filha em casamento.

O Presidente, sorrindo, fez um discreto sinal de assentimento com a cabeça.

E o velho titular continuou:

— ...E eu li'a dou com satisfação muito grata, primeiro, por se tratar de um cidadão digno da minha família, depois pela certeza de que a fara' feliz.

— Muito grato, Barão, e quanto ao futuro, tudo farei pela felicidade da minha futura esposa. Passado esse primeiro instante, a conversa tomou outro curso, animada pela verve da noiva, vendo-se o noivo envolvido num halo de afeto.

Decorridos três meses foi anunciado o pedido oficial, e só em dezembro, dia de N. S. da Conceição, se realizou o enlace, no palácio Rio Negro, em Petrópolis, dentro de um protocolo plasmado pelo Itamaraty. Nesse dia a cidade serrana amanheceu sorrindo, movimentada por uma onda de forasteiros de elite, em que se via o que o Brasil tinha de mais expressivo na política, administração, na sociedade, nas letras, na imprensa, nas artes. O ato religioso foi celebrado pelo cardeal Arcoverde com toda a pompa do rito católico.

Petrópolis viveu um dia inteiro de intensa vibração.

Seguiram-se dias floridos, de intensas alegrias e regosijos familiares. E, com a substituição dos líricos botões de laranjeiras pelos cravos e rosas rubros de Petrópolis, foram-se os trejeitos gracios da artista encantadora do lapis, para dar lugar ao porte egrégio e senhoril da primeira dama do Brasil. Novo modelo de vida, entre a sociedade e a política, alvejada pela admiração calculada de muitos e da estima sincera de poucos, entre o afeto comedido dos verdadeiros amigos e as manifestações esprepitadas dos aproveitadores das situações.

No primeiro contato da dona da casa com a economia doméstica sofreu ela a primeira decepção: pagamentos em atraso e majoração das contas. Havia um alcance de cinquenta mil cruzeiros. Em que teria ido aquela importância? A simplicidade de vida do Presidente não autorizava aquilo.

Era então mordomo do Palácio o Sogra, posteriormente funcionario demissionário da Alfandega, após ruidoso processo.

A nova esposa do Presidente tratou de regularizar os compromissos, chamando os fornecedores à fala, e conseguiu redução de preços de uns e outros, e adiamento dos pagamentos. E, contando o fato à sua progenitora, no meio de séria aflição, encontrou da parte da baronesa de Teffé pequena coadjuvação:

— Não te apoquentes com isso, Nair, pois tudo se arranjará dentro da prudência.

E, dando um balanço na sua economia privada, a ilustre dama pouco depois lhe entregava a modesta soma de dez mil cruzeiros.

— Aqui está, minha filha, a minha contribuição.

E com as economias ministradas daí em diante pela sra. Hermes da Fonseca, dentro em pouco estavam saldadas os compromissos tendo sido, antes, despedido de suas funções, de modo sumário, o funcionario culposos. Mas não ficou nisso a contra-

riedade da esposa do Presidente, em razão de haver encontrado umas tantas irregularidades e deficiência de objetos de uso do próprio chefe da nação, cuja simplicidade, na vida doméstica, não se coadunava com o seu modo de encarar um homem de suas responsabilidades publicas. Assim, tratou de melhorar-lhe o guarda-roupa, bem como dotando-o de outras utilidades de uso pessoal. Enquanto se dava a esse trabalho de caráter íntimo, recrudescia a campanha contra o Presidente, em face dos acontecimentos do Ceará, seguidos do fechamento do Clube Militar e da decretação do estado de sítio. Sob esse regime de exceção, a tribuna parlamentar não cessou de hostilizar o governo, vindo à tona, na eloquência dos oradores da oposição, alusões pejorativas a' vida íntima do Presidente. Amargurante foi, assim, o resto do mandato, o que entretanto não abateu o animo varonil da sra. Hermes da Fonseca. A campanha demolidora, tangida pelo interesse contrariado, impopularizou, é certo, a família presidencial, mas não conseguiu guirida no seio das camadas superiores e criticas da cumurhão brasileira, não passando, portanto, de inconsciência plúbia.

Com o término do mandato político, o marechal recolheu-se a Petrópolis, para meses depois seguir para a Europa. Lá encontrou a esposa do ex-chefe da nação clima reparador às injustiças, à ingratidão e à maldade. E cinco anos depois regressava cheia de nostalgia, trazida pelo amor a' patria encontrando, com espanto, uma outra atmosfera de simpatia, de admiração, de respeitoso apreço, de reparação, enfim. Como a campanha anterior se revestisse da maior injustiça e até mesmo de perversidade, não foi difícil uma reconciliação integral dos antigos combatentes com as vítimas de suas diatribes. Até Ruy Barbosa, que havia sido a figura central do movimento reconciliou-se com o marechal, com ele almoçando no Jockey Clube. (2)

Latentes eram na época os interesses em torno da sucessão presidencial da Republica e o marechal, que já devia estar escarmentado pelo que a política lhe creara, sem compreender, com a nitidez que os fatos indicavam, a trama premeditada, visando o prestígio do seu nome em benefício de terceiro, se deixou emaranhar na tessitura infernal que envolvia o grande problema político. Acenavam-lhe com o Capitólio para vê-lo descer à rocha Tarpéia. E assim, o telegrama do presidente do Clube Militar, em má hora passado ao comando da região em Pernambuco (3) lhe abriu o caminho lóbrego do ostracismo, do esquecimento e da morte, por isso que dentro de meses de tortura moral e de abandono de quase todos aqueles a quem envolvera no manto nitente da sua bondade, deixava de viver, aureolado pelo martírio, suavizado pelo carinho e a dedicação da família e de uns poucos amigos de todos os momentos. Daí em diante ficou a viúva com o seu raio de ação social um tanto circunscrito, não perdendo, porém, o contato com as artes, as letras e as pessoas de suas relações de amizade, dispensando a' memória do marido a maior soma de afeto e gratidão, e vivendo no mesmo ambiente em que vira decorrer a sua mocidade florida, no vilão Nair, em Petrópolis, donde sairia em breve para o palacete da Estrada da Saudade, que vem de adquirir. Sem ser rica, tem do que viver com decência.

Em tempo, alienara joias, objetos de arte, adquirindo com o resultado um terreno na Avenida Atlantica para a construção de um cinema, que acaba de se instalar, depois de varias operações de crédito em bancos e, por fim, na Caixa Economica. Afinal, depois de uma luta porfiada de quase um decênio, sente-se bem, satisfeita com a sua realização, podendo aguardar tranquilamente o decorrer da existência que lhe tem sido de sorrisos e amarguras.

Viúva há quase vinte anos, tendo perdido o esposo aos 36, em plena mocidade, se lhe ofereceu em tempo oportunidade de contrair segundas nupcias com um reputado capitalista luso, radicado no Brasil. Mas o Barão de Teffé se mostrou contrario.

— Como é que v., minha filha, vai casar com um homem sem título!

— Pode haver maior título, meu pai, do que a graduação na alta industria, imposta pelo trabalho honesto — de simples operario na adolescência a capitalista na velhice?

O Barão calou-se e o casamento não se fez. Também pouco depois o capitalista morria.

E a viúva do antigo Presidente, embora bem moça, não mais pensou em segundo enlace, para se dedicar a' educação de Risete (Maria Francisca Tereza), a encantadora adolescente que enche de graça e de enlevo o seu coração afetivo. Nessa linda criança, entre menina e moça como diria o poeta, é que bruxoleia o sol das suas esperanças, como remate de uma existência movimentada, votada a' intelligencia, a' arte e a' beleza.

Virtuosa do piano e do violão, intérprete fiel dos grandes criadores de ritmos, a viúva Hermes da Fonseca, sem desprezar a musica classica, o bel-canto, se compraz nas horas de lazer ou de recolhimento espiritual, no seu poético e silencioso retiro de Petrópolis em evocar ao piano cantos gregorianos, numa exaltação simbólica a' sua retardataria tendência mística.

(1) O Barão de Teffé, antes da proclamação da Republica, andava chocado com a política monarquista, em razão das preterições sofridas na sua carreira. Não era possível, portanto que ficasse aferrado a um saudosismo injustificável.

(2) "Figuras da Republica Velha", pag. 118.

(3) O telegrama dirigido pelo então presidente do Clube Militar à guarnição federal em Pernambuco era advertindo-a a não se envolver na política.

JOÃO LIMA.

(Do livro "COMO VIVEM OS HOMENS QUE GOVERNARAM O BRASIL")



A senhora Nair de Teffé Hermes da Fonseca, pouco depois de ter contraído nupcias com o Marechal Hermes da Fonseca, então Presidente da Republica.

HISTORIA GRAFICA DO PARAQUEDAS

A PROXIMADAMENTE ha cento e cinquenta anos o mundo assistia a um transcendental acontecimento nos annos da aeronautica: o do primeiro lançamento de um homem com paraquedas, facto que, não obstante o auge e a notoriedade adquiridos em nossos dias por esse importante auxiliar da aviação, passou completamente despercebido nos ultimos tempos. O acontecimento teve lugar no anno de 1797 e foi seu principal protagonista Garnerin, que se arrojou ao espaço dentro de um balão cativo, elevado a uns oitenta metros, logrando sair ileso dessa audaz empresa, como a classificaram os contemporâneos. Naquele tempo, os paraquedistas não se preparavam como em nossos dias, mas eram artefactos pesados e de grandes dimensões, providos de uma barquinha. Garnerin viu-se obrigado, por isso, a levar o seu paraquedas amarrado ao balão que empregou na empresa, durante a ascensão prévia ao lançamento, e com dificuldade logrou evitar uma catastrophe no momento de cortar as amarras, pois a tela do aparelho enredou-se nos cabos que pendiam. As illustrações destas páginas mostram uma série de emotivos episodios — trágicos uns, pitorescos outros — os começos incertos e perigosos do uso do notavel invento de Leonardo da Vinci e de outros artefactos similares de idé-

ticos fins. E todos eles fôram ensaiados, sem excepção, por seus proprios inventores, sem duvida, embora as cronicas da época não nos esclareçam esse particular, porque não encontraram outros candidatos que quizessem prestar-se á aventura... Actualmente o paraquedas, que conserva quasi a mesma forma que lhe deu Vinci, é um aparelho seguro e eficiente. E a participação que elle vem tendo na guerra actual, faz que mereça um lugar proeminente na historia da Humanidade. Mas quando Mr. Hampton, o "intrépido aeronauta de circo" apresentava suas proezas em casas de diversões, longe andavam os homens de admitir que o paraquedista, algum dia, viesse a contribuir para derrotas e victorias no campo da luta. Os primitivos heróis, os que expunham a vida jogando-se de oitenta metros ao sólo, eram os precursores desses bravos soldados que hoje se apresentam tal como se vê na ultima gravura destas páginas. Em Londres, no inicio do século passado, já se utilizava os guarda-chuvas para esse fim. Mas o mais curioso, em todas estas reminiscencias, é observar que Leonardo da Vinci, um dos homens mais geniais que a Humanidade ainda produziu, tanto tempo antes de nossos dias já se preocupava com assuntos de tal natureza. E o que para a época era apenas pito-

REPRODUÇÃO FOTOGRAFICA DE UMA DAS DESCIDAS QUE GARNERIN EFETUOU EM LONDRES, EM 1902. NAQUELA ÉPOCA, ERA ENORME O ENTUSIASMO QUE DESPERTAVAM TAIS EXIBIÇÕES.

UMA CURIOSA CARICATURA DA ÉPOCA, REPRESENTANDO GARNERIN EM UMA DE SUAS EXPERIÊNCIAS. DESDE LOGO APARECIAM OS DETRATORES DA SENSACIONAL E PITORESCA NOVIDADE.

UM DOS MUITOS INVENTORES QUE ENSAIARAM APARELHOS PROVIDOS DE AZAS FOI GROOT. ESTA FOTO REPRODUZ O MOMENTO EM QUE SE LANÇAVA NO ESPAÇO, NA BELGICA, COM RESULTADOS FATAIS.



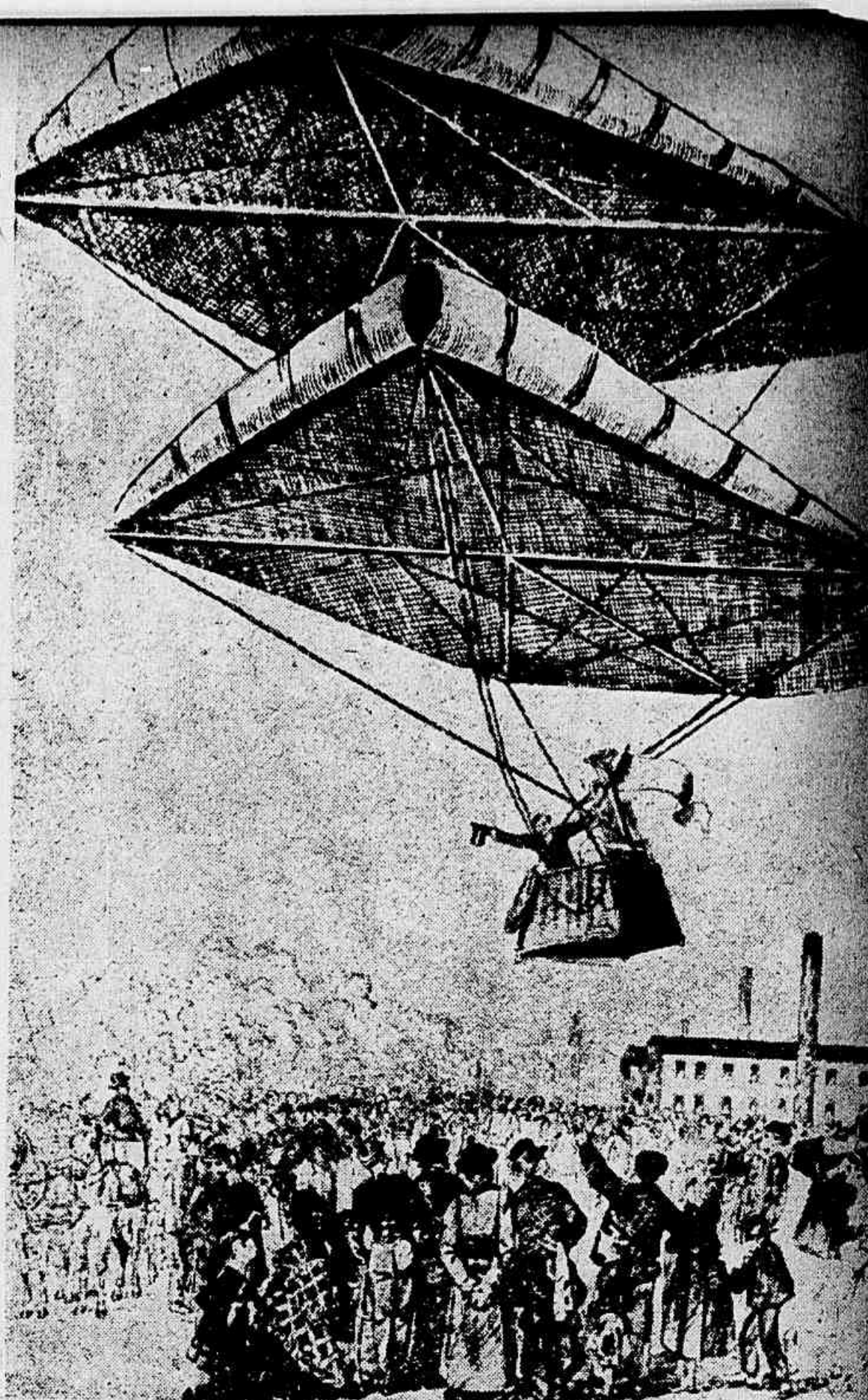
JOSEPH SIMMONS FOI OUTRO DOS PRINCIPAIS PROPULSORES DO PARAQUEDISMO. AQUI O VEMOS, RECEBENDO OVAÇÕES PELO BOM ÊXITO DE SUA DESCIDA NUM DESES APARELHOS DE EXPERIENCIA.

resco, jocoso, mesmo cômico, devia tornar-se, com o correr dos séculos, problema vital para as grandes campanhas de guerra. O paraquedas talvez ainda esteja no início de seu aproveitamento. Porque esse aproveitamento não será apenas bélico, como hoje acontece, mas desviado para outros fins mais uteis, quando a Paz voltar. E os vindouros, apreciando s flagrantes da guerra de 1944, talvez ainda voltem a sorrir, como o fazemos nós observando os velhos experimentos de Garnerin. A aviação tem horizontes imensos, perspectivas que não se podem ainda avaliar. E na aviação, o paraquedas ha de figurar como um derivativo de real proveito, de eficiencia indiscutível e de aperfeiçoamentos sempre e cada vês maiores.

LENORMAND, PROFESSOR DO CONSERVATORIO DE ARTES DE PARIS, FÉZ VARIAS EXPERIENCIAS COM ANIMAIS. DEPOIS JOGOU-SE COM UM GUARDA-CHUVA SAINDO ILÉSO DESA "AUDAZ AVENTURA".

EM 1849, O PARAQUEDAS ESTAVA JÁ MUITO APERFEIÇOADO MAS NÃO TINHA APLICAÇÕES PRATICAS, UTILIZANDO-SE PARA EXIBIÇÕES CIRCENSES COMO A QUE SE ANUNCIA NESTE CARTAZ.

E FINALMENTE UM PARAQUEDISTA DE NOSSOS DIAS. PERTENCE AO EXERCITO NORTE-AMERICANO E PREPAROU-SE A RIGOR PARA CAIR SOBRE A "FORTALEZA" DE HITLER AGORA NA INVASÃO.



CREMORNE HOUSE CHELSEA.

GRAND PARACHUTE DESCENT.



MR. HAMPTON,

The Unrivalled and Intrepid AERONAUT.

Will have the honor to make his first appearance this Season at the above Splendid and Highly distinguished Grounds, on **Thursday, June 13, 1839** Being his 15th Ascent!

With his magnificent Balloon, the "ALBION" and at an Altitude of least 10,000 Feet from the Earth, separate himself and Apparatus from the Balloon, and Descend in his Royal

SAFETY PARACHUTE.

With deep enterprising and unparalleled Skill, having been successfully Performed by Mr. HAMPTON, last Autumn at Cheltenham in the presence of an immense Assembly of Gentlemen, and Fashion, including upwards of

100,000 SPECTATORS!

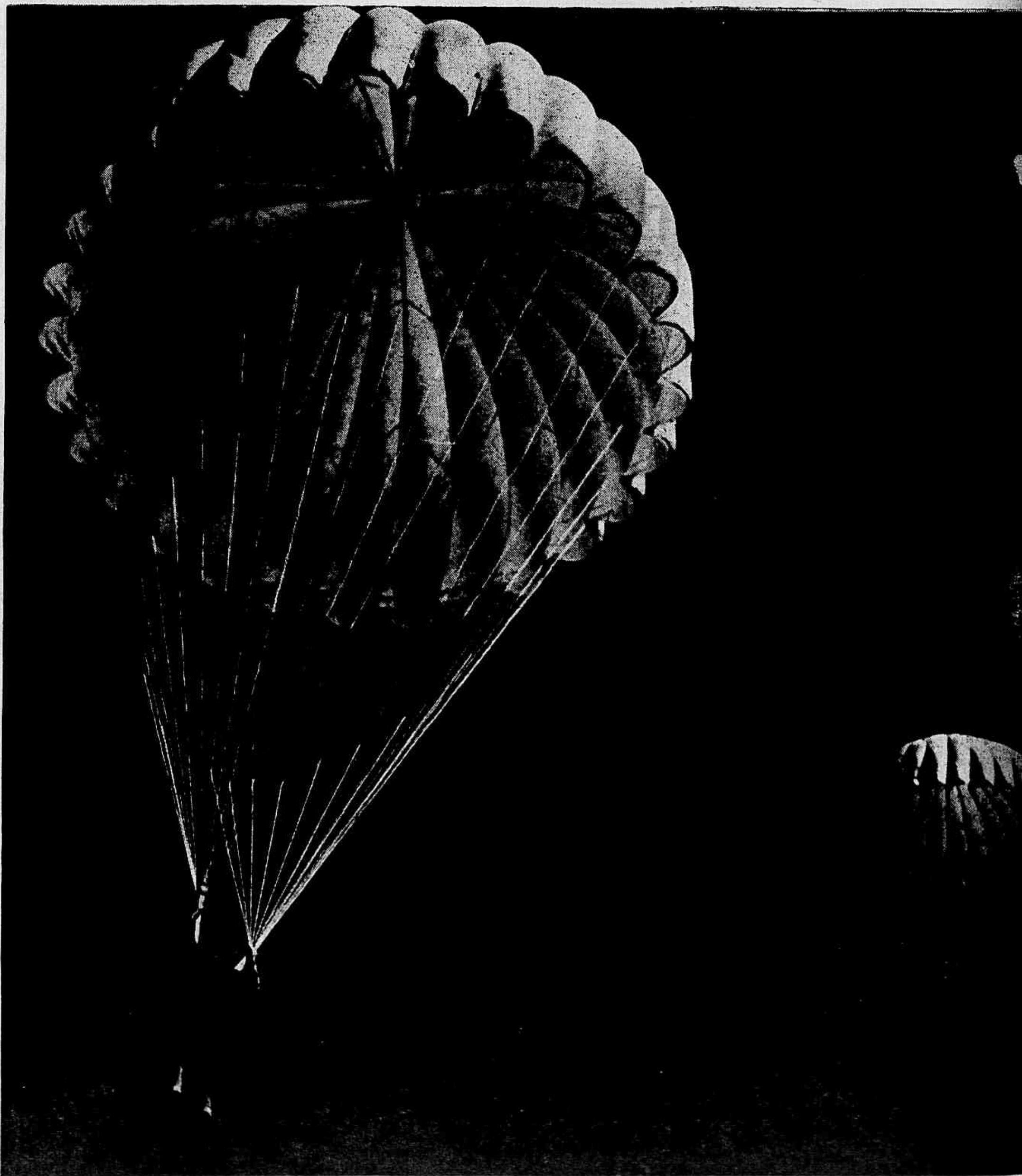
Has never hitherto safely Accomplished since the time of the Distinguished Aeronaut **MONSIEUR GARNIER!**

Royal Victoria Brass Band

will perform during the day, several pieces of Music.

THE DIRECTION OF THE EVENING will be given by Mr. EDWARD HAMPTON.

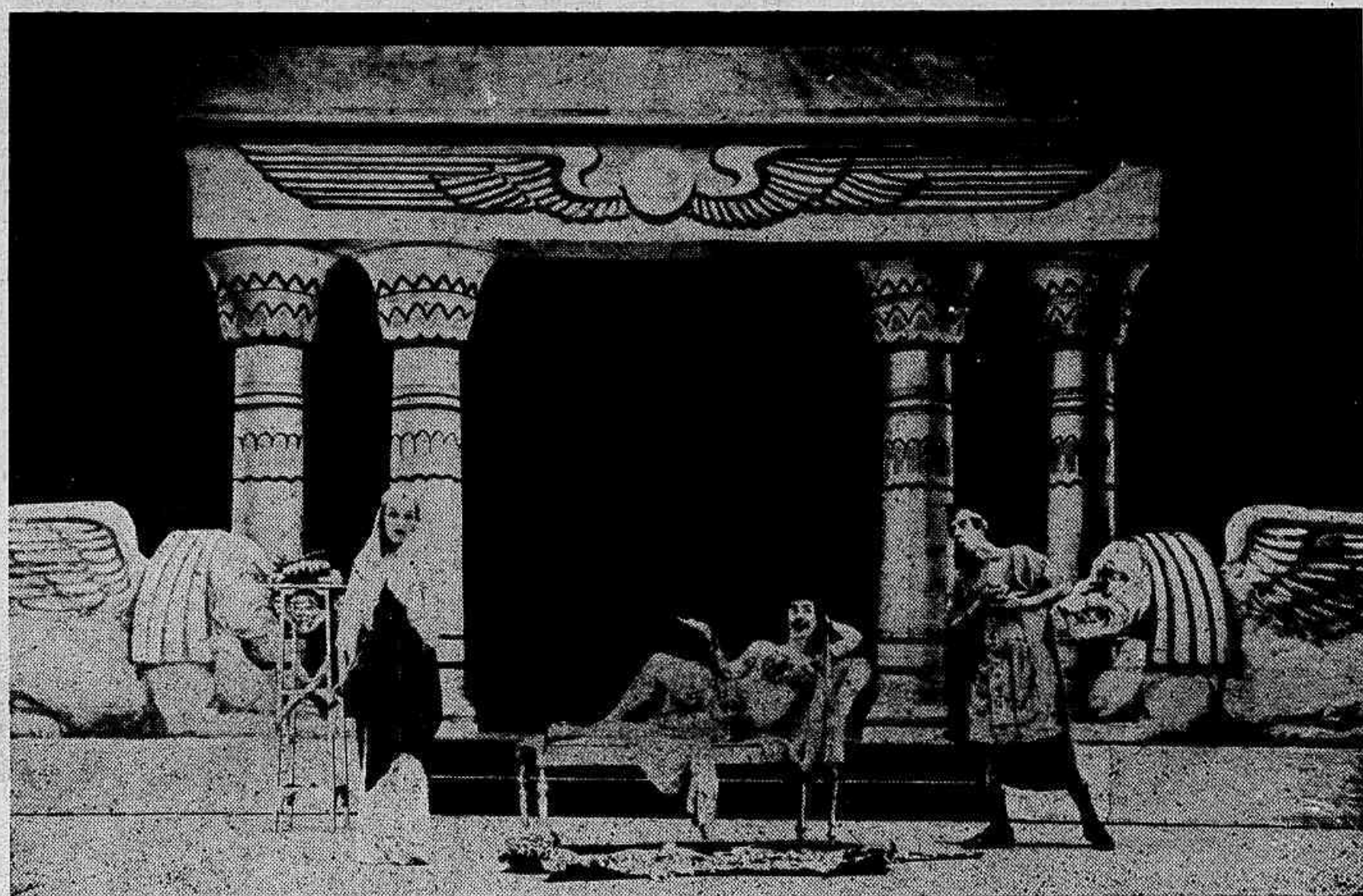
In order to make the Royal Victoria Band perform and visible to the entire Assembly of Gentlemen, HAMPTON will ascend his Balloon at 5 o'clock, and be descended at 7 o'clock.



FÔGO NA Cangica!



Beatriz Costa é uma vedeta completa e porisso desempenha todos os papéis, além de cantar e dançar com gentil graciosidade. A foto acima mostra um flagrante da primorosa fantasia PORTAS DA EUROPA, aparecendo o tenor Armando Nascimento e o corpo de baile da Companhia.



CEZAR E CLEOPATRA, a charge que se popularizou, constitui mais um sucesso dos dotes cômicos de Oscarito, Walter D'Ávila e Beatriz, os quais, na sátira à peça de Shaw, dão uma lição de como se faz rir...



Beatriz Costa sempre oferece, em seus espetáculos, uma nota de verdadeira arte teatral. Já vemo-la na sua magnífica interpretação do quadro PESCADORES DA NAZARÉ, um momento emolivo de FOGO NA CANGICA.

1.ª MISSA NO BRASIL, quadro de espetacular cenografia, foi considerado pela crítica como a mais teatral e empolgante reprodução da famosa tábua de Vitor Meireles.

Inegavelmente, o sucesso teatral da temporada, no gênero popular, é a engraçada revista de Luiz Peixoto e Freire Junior que a Companhia Beatriz Costa-Oscarito mantém em cartaz, no Teatro João Caetano, já a caminho do centenario e meio de representações consecutivas. A Empresa Celestino McReira soube dar a esse espetáculo uma aparatosa montagem, das mais dispendiosas que ultimamente se viram no Rio. Beatriz — a graça em pessoa, a "estrela" favorita de todos os publicos, — vive papeis excelentes, em todas as modalidades, desde o intensamente cômico ao fortemente dramático. Oscarito é o idolo favorito das nossas platéas, e a dupla Beatriz-Oscarito já se apoderou, em largo estilo, das simpatias de nós todos. Walter d'Ávila completa o "trio" de frente, mas todos os elementos da peça tem suas ótimas oportunidades. A música, de diversos compositores, é das que se popularizam em dois tempos. As "charges", os bailados, as cenas dramaticas, as apotheoses, tudo enfim faz de "Fôgo na Canga" um espetáculo que se vê e revê com prazer, e que os "turistas", aportando ao Rio, incluem desde logo no seu "carnet" de obrigações imprescindíveis. Até serem redigidas estas linhas, o João Caetano nem sequer anunciava peça nova.



Um harmonioso conjunto de "girls" torna-se indispensavel nas revistas. As bailarinas do João Caetano, ensaiadas por Henrique Delff, conquistam a simpatia da platêa porque são bonitas, disciplinadas e dançam com louvavel desembaraço.

Ornamentando residências particulares e as grandes edificações do Rio, Petropolis e Niteroi

As modernas edificações, que vão remodelando a estrutura urbanística da nossa metrópole e das cidades adjacentes, apresentam-se-nos tanto mais elegantes quanto mais caprichados forem os seus detalhes, por mais ínfimos que sejam. Tais detalhes, realmente, abrilhantam tanto, e tanto aformoseiam o aspecto de uma construção, que supõem a necessidade de oficinas especializadas para apurá-los e imprimir-lhes a graça que irradiam, impressionando lisongeiamente quem os admira.

Acha-se no caso, ora apontado, a montagem de escadas. A escada, é, de fato, entre tôdos os remates de uma construção, o que mais chama a atenção, pois

não apenas ornamenta, mas é uma das peças de mais utilidade especialmente em se tratando de confortáveis moradias particulares. Além disso, a disposição da escadaria requer, muitas vezes, acurado espírito de observação e indispensável tirocínio artístico, pois é sabido que a sua colocação decide de muito a estética da edificação.

No Rio de Janeiro, podemos afirmar, a confecção de escadas para interiores é quasi privilégio do sr. B. Gonçalves de Azevedo. Mantendo movimentada oficina de carpintaria, à Rua Rezende, 105, o sr. B. Gonçalves de Azevedo, que é um exemplo de perseverança no trabalho, é muito justamente distinguido com



ESCADAS, ENCANTO DAS LARES MODERNOS, TRABALHO DEVIDO À TÉCNICA E AO GOSTO DAS OFICINAS DIRIGIDAS PELO SR. B. GONÇALVES DE AZEVEDO.

a preferência de grande número de construtores do Rio, Petrópolis e também da vizinha Capital do Estado do Rio, Niterói; onde se constróem a cada momento lindas residências. Lá, este conceituado industrial — ao que fomos informados — tem ornamentado várias moradias de estilo, com as artísticas escadas construídas nas suas oficinas, que dessa maneira muito contribuem com o contingente valioso da sua colaboração para a melhor apresentação urbanística destas tres importantes cidades.

Dos construtores que não dispensam o concurso do sr. B. Gonçalves de Azevedo, citam-se os componentes da firma FREIRE & SODRE, que já se incorporou aos anais urbanísticos do Rio e Petrópolis, pelo muito que há feito no sentido de mais e mais aprimorar a nossa arquitetura.

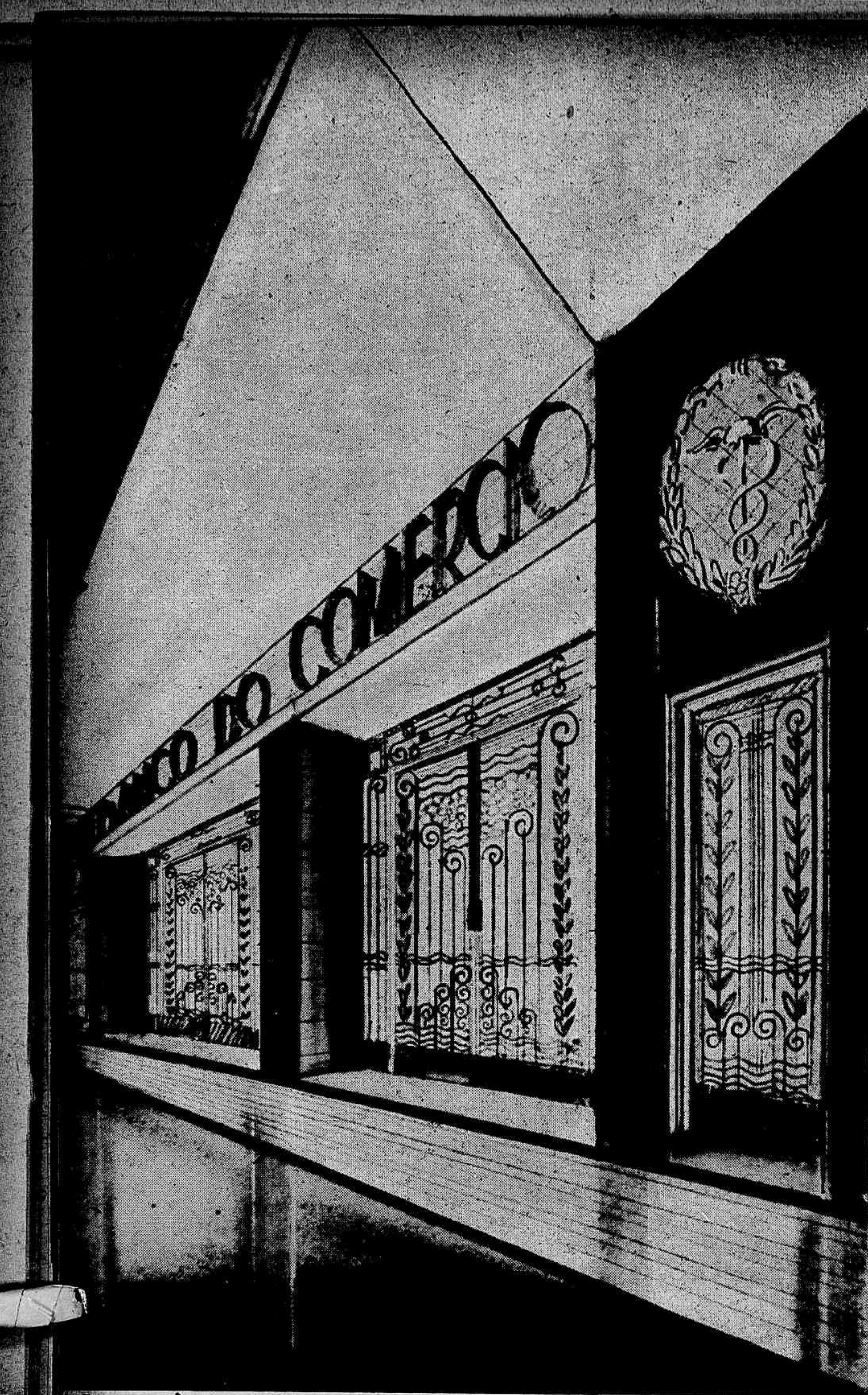


BANCO DO COMERCIO S. A.

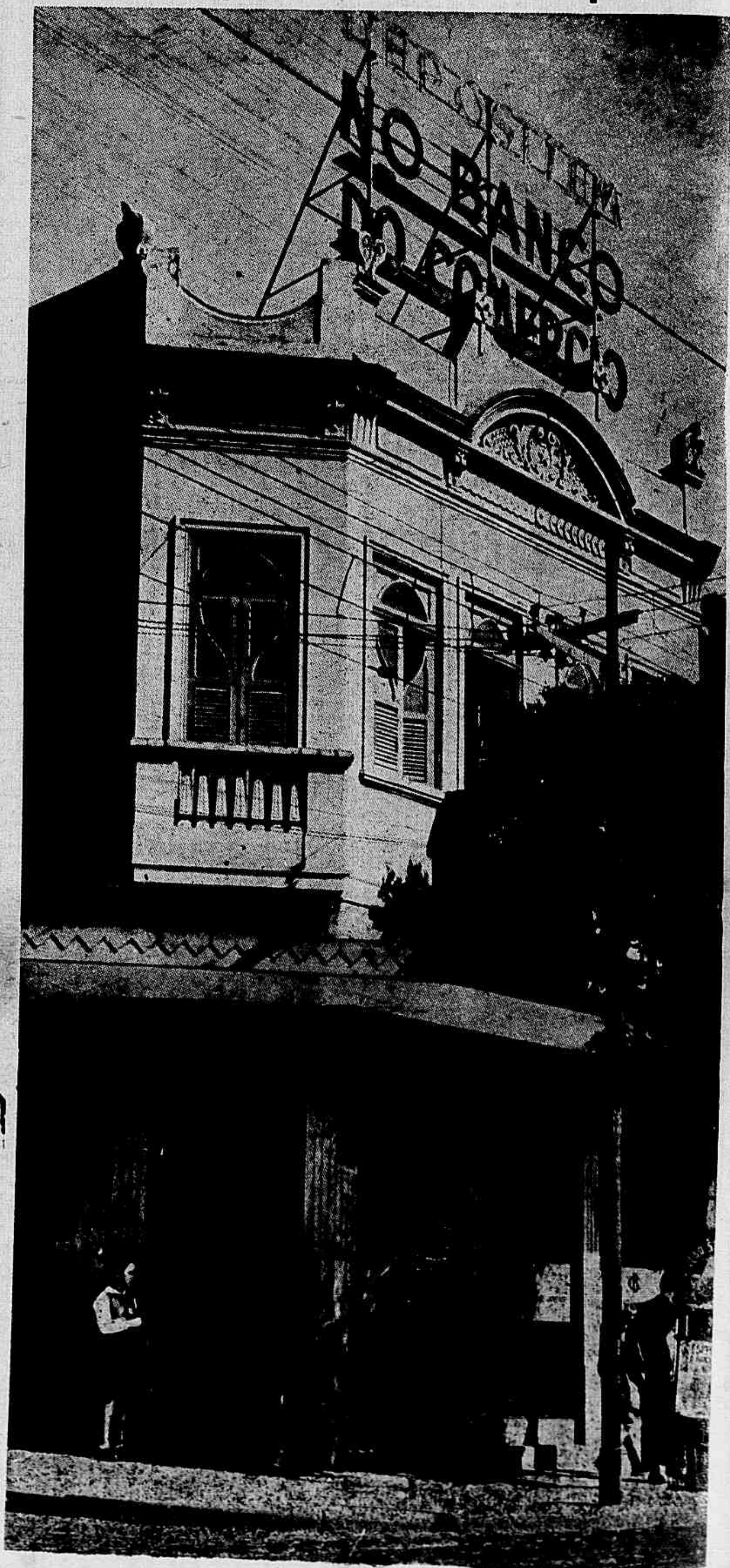
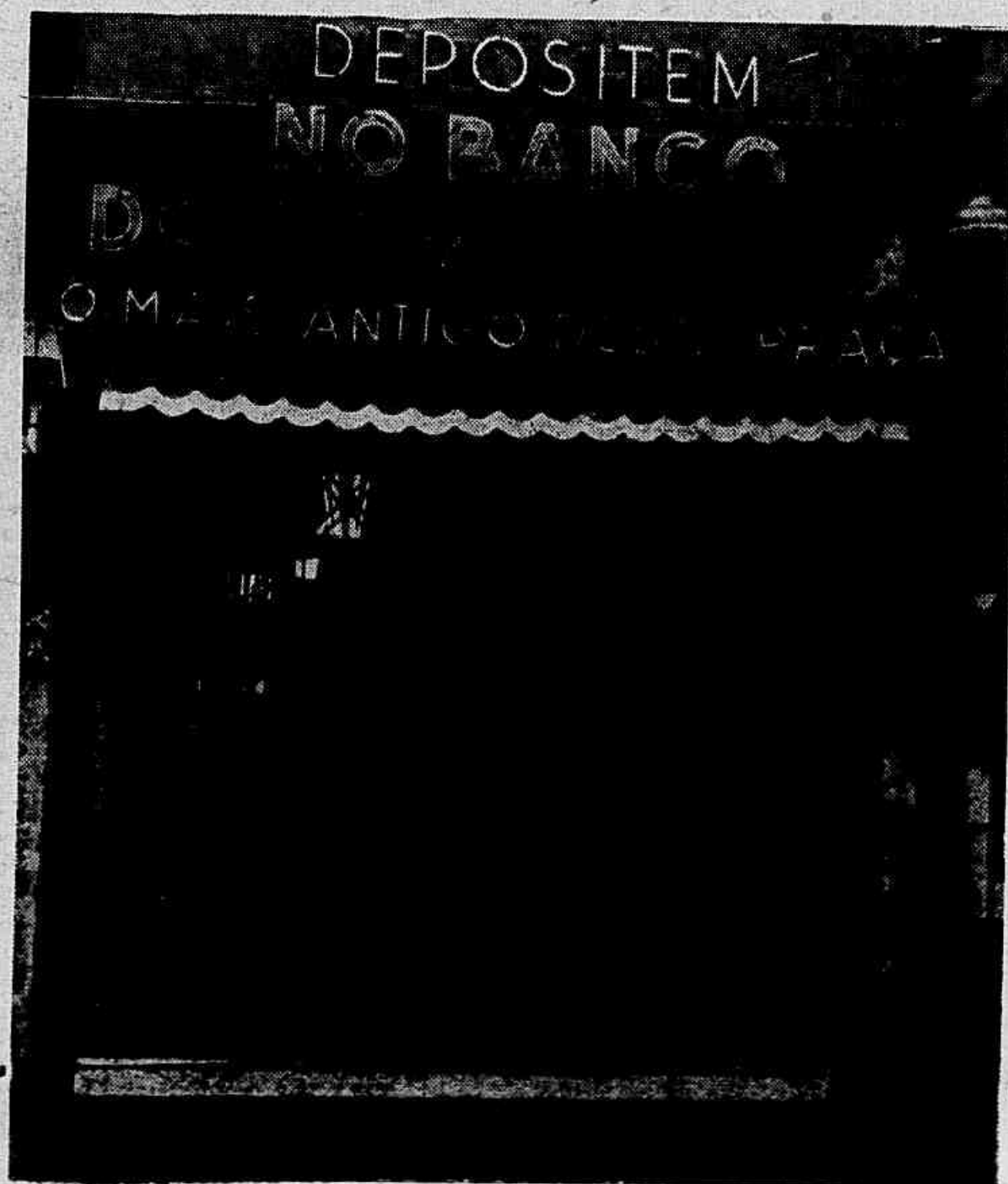
Presidido pelo Sr. Dr. M. T. Carvalho de Brito, tendo como Superintendente o industrial e capitalista patricio Sr. Oswaldo Costa, fundado em 1875, contando presentemente com um capital e reservas de Cr\$ 79.689.912,00, o Banco de Comércio S. A. presta inestimáveis serviços à economia nacional.

Em face do Relatório que a sua administração apresentou aos acionistas com referência ao ano de 1943 bem como diante do balancete referente às atividades até 29 de Abril próximo findo, conclue-se que a tradicional instituição bancária prossegue na sua marcha vitoriosa como vanguardeiro do crédito bancário no nosso meio.

Estampamos nesta página: ao alto uma foto da sede do grande banco, à Rua do Ouvidor 93-95, um belo prédio dotado das mais modernas instalações; à direita, um flagrante da Agência do Meyer, à Rua 24 de Maio, n.º 1.355; em baixo, à esquerda, um aspecto da Agência da Tijuca, à Praça Saenz Peña, n.º 9 — sucursais essas abertas para que o Banco pudesse atender à sua sempre crescente clientela.



Em cima: Vista exterior da sede da Matriz do Banco do Comercio, à Rua do Ouvidor, 93-95. Em baixo, entrada da Sucursal da Tijuca, na Praça Saenz Peña. Finalmente, à direita, fachada da Sucursal do Meyer.



NOS BASTIDORES FEMININOS

MAIS UM ANO DE VIDA

Minha leitora amiga.

A nossa REVISTA c nta mais um ano, acrescentando mais um pedaço de luz na tessitura que de ha longos anos vem estendendo e desdobrando sobre a paisagem espiritual da terra brasileira.

Deus lhe dê mais glórias pelo destino feliz e luminoso de espalhar a cultura e a beleza, a arte e o sonho. Deus prolongue a vida fecunda dos que lhe guiam a trajetória, na luta diária de manter e alimentar o fogo sagrado, dando-lhe o esforço melhor do seu espírito e do seu coração.

A REVISTA DA SEMANA é uma grande e brilhante entidade na vida intelectual do país, tem uma ávita e nobre tradição de fidalguia, inteligência e eficiente cooperação. Atravessou as fronteiras de todos os climas políticos e sociais, mantendo a mesma linha reta e brilhante prosseguida pelo espírito empreendedor de Aureliano Machado e mantida hoje por Gratuliano Brito.

Mais um ano a serviço da inteligência e da cultura de um povo jovem, que apenas começa a ter uma consciencia mais ampla do seu valor e do seu destino na comunhão universal, mais um ano a serviço da beleza física do nosso territorio, de nossas tradições, de nosso patrimonio moral e espiritual.

Mais um ano de apostolado em prol da Vitoria, da Paz, da Liberdade e ela lança à

Patria o seu voto, com o ardor civico com que José Marti, o apostolo libertario de Cuba; exclamava na chegada do monumento da Liberdade oferecido pelos francezes à America, e que domina magestático o cenario do seu portico maritimo:

—“Liberdade é a hora da tua chegada, vieste trazida em gloriosa apoteóse pelo mundo inteiro. Aqui estás como um sonho de poeta, grande como o espaço entre o céu e a terra.”

Nenhum grande dom do céu nos seria mais grato que o dom da Paz e, com ela, o dom maior ainda de uma Liberdade magnanima e confiante, progressita e sábia e justa, da qual soubesse o povo brasileiro fazer uso para sua gloria e bem-estar.

Acompanhando semanalmente os fatos mais relevantes da vida nacional, a REVISTA busca de forma amena, simples e elevada, dar aos seus leitores de todas as latitudes, uma visão clara do panorama nacional, em todas as suas multimodas e multifórmes faces, rubricando todos os seus trabalhos com um traço forte de sentimento nacionalista, valorizando aquilo que Deus nos deu e aquilo que o homem construiu, na gleba maravilhosa e pletórica que estende seu corpo gigantesco sob a lirica constelação do Cruzeiro.

Operarios, artezãos e leitores fraternizemos neste ensejo, para desejar sinceramente que a nossa REVISTA continue ininterruptamente a sua caminhada de luz e gloria através de todas as vicissitudes para que a sua cooperação seja cada vez mais ampla, porque ela é arauta fidalga de brasilidade, e apostolicamente dá o seu esforço de guerra em prol da Vitoria que é Paz, reconstrução, Justiça e Liberdade.

NOS ESTUDIOS DA UNIVERSAL. — “CONFRATERNIZEMOS NUM GESTO DE PARABENS PELAS SUAS GLORIAS PASSADAS E PELAS QUE HÃO DE VIR”.





UM BARCO Á VELA, FRÁGIL E OUSADO, TRIPULADO TALVEZ POR ALGUM VIAJANTE SOLITÁRIO, CHEGA A UMA DAS ILHAS ROMÂNTICAS DO SUL DO PACÍFICO, EM BUSCA DA TRANQUILIDADE QUE NÃO PODE ENCONTRAR NA CIVILIZAÇÃO DOS OUTROS CONTINENTES.

O REFUGIO DOS SONHOS

Um paraíso terrestre encontrado nas ilhas dos mares do Sul

A felicidade, exilada de todos os continentes civilizados pela brutalidade dos homens, esconde-se espantada, procurando um refúgio na superfície deste mundo convulsionado pelo ódio e pela ambição.

Ela tem fugido de todas as partes, procurando um lugar em que se possa instalar definitivamente.

Fugindo aos ruídos da civilização, ela procura outra vez o contato com a natureza, a mãe-terra, longe da maldade dos homens, onde não se ouça o troar dos canhões, o ronco dos aviões e o estardalhaço das grandes máquinas.

A felicidade gosta de andar descalça e de tanga, à sombra amiga de um coqueiro, ouvindo os passaros, ouvindo o glu-glu do riacho. Um lugar em que o verde das montanhas não seja interceptado pelos monstros de cimento armado, onde os olhos se possam estender livremente pela superfície do mar até que ele se encontre com o céu, no horizonte, e onde se ouça o barulho ritmado e eterno das ondas que se quebram na praia.

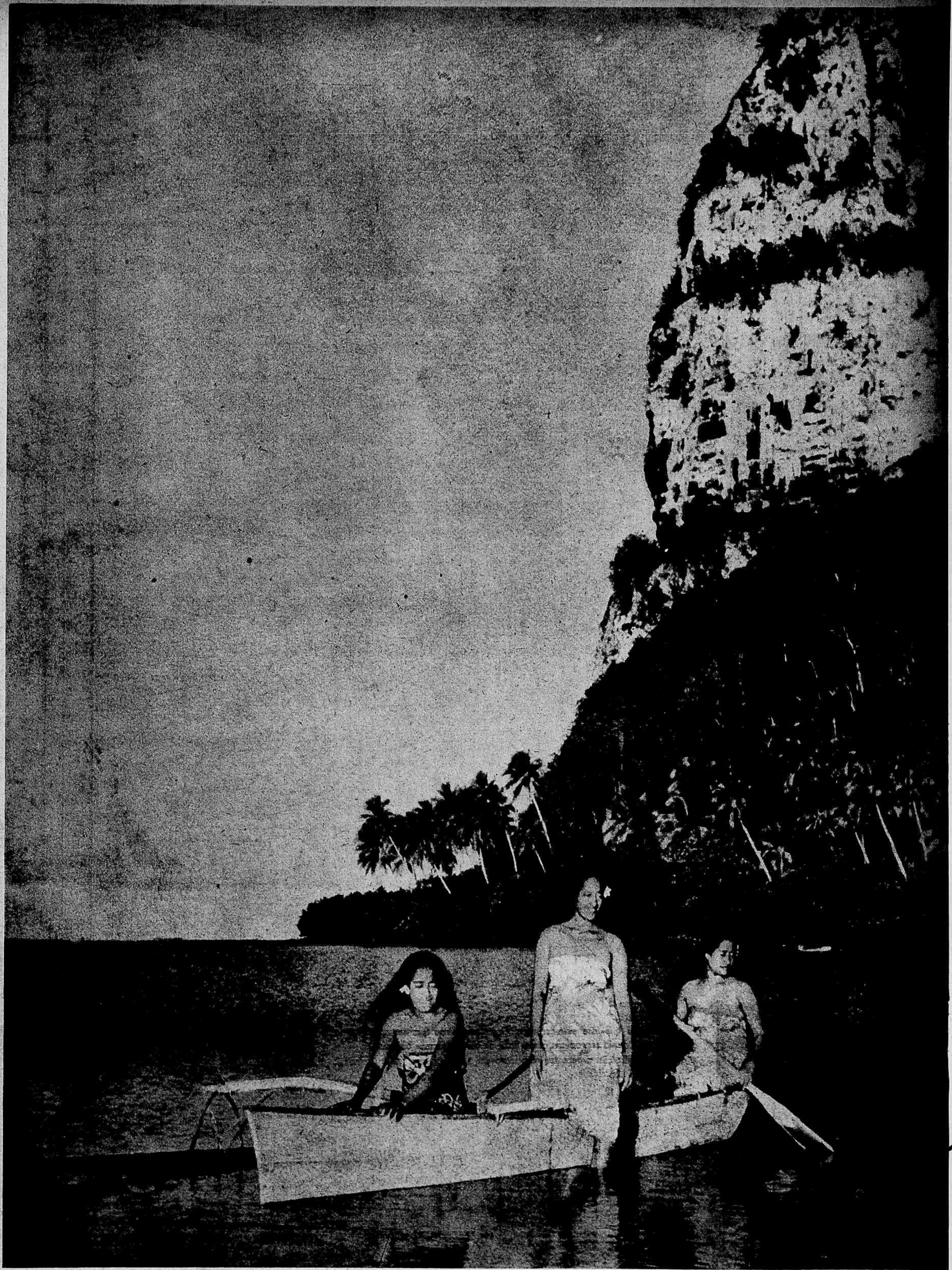
A felicidade não gosta de calçar sapatos e de se cobrir de sedas e jóias. Não pôde viver em arranha-céus, ouvindo os apitos das máquinas e as businas dos automóveis, toda essa sinfonia infernal criada pelo progresso.

Tudo isso a assiste, a afugenta. Mas onde encontrar esse lugar ideal? Existirá ainda alguma coisa parecida?

Depois de percorrer toda a superfície da terra, todas as partes do mundo, ela resolveu embarcar numa fragil embar-

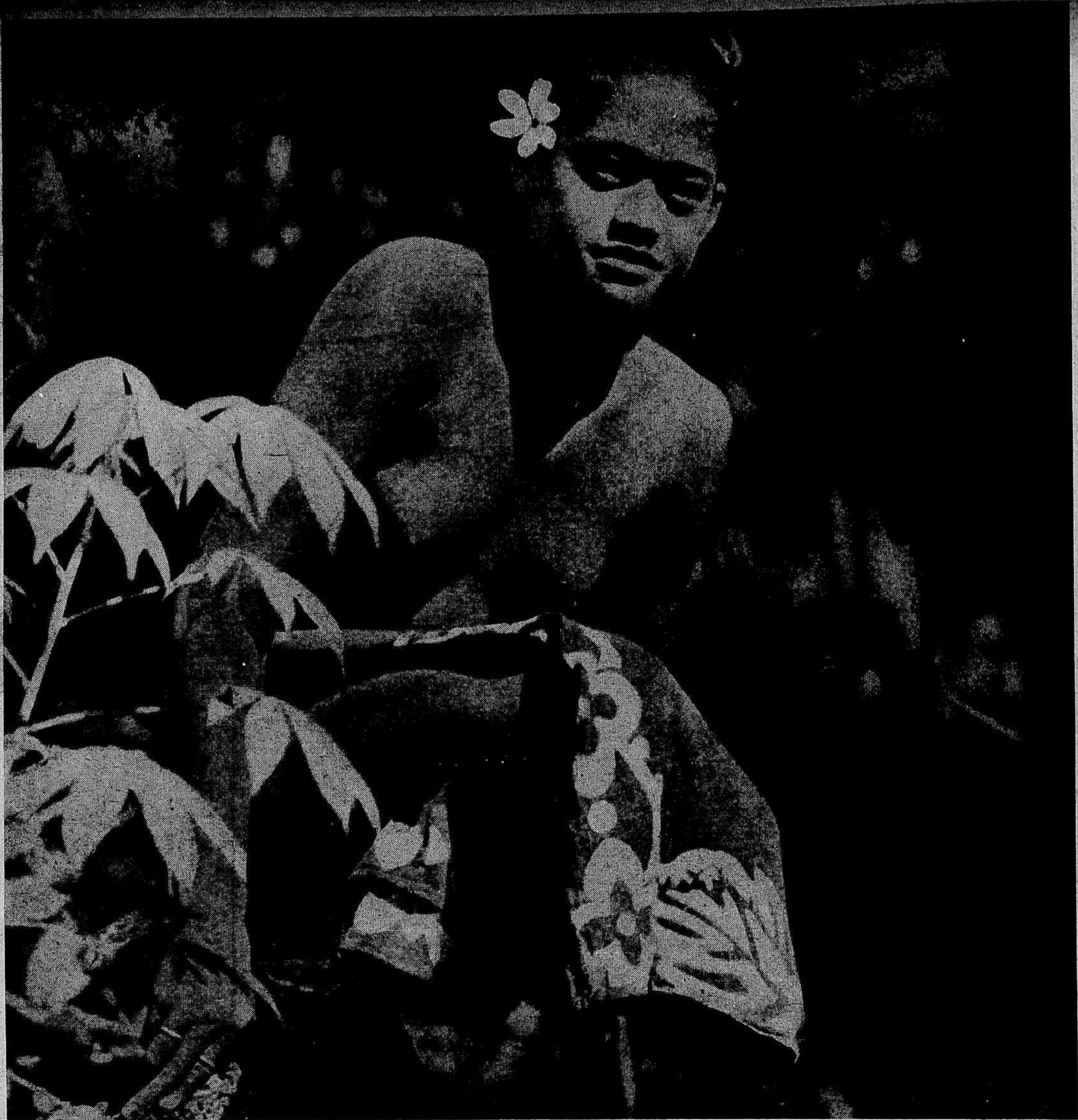
UMA HABITANTE FELIZ DAS ILHAS DOS MARES DO SUL, SEM OS ARTIFICIALISMOS DAS CIVILIZADAS, APARECE EM TODA A SUA BELEZA PRIMITIVA.





AQUI, NESTE PARAÍSO TERRESTRE, VIVE-SE PRIMITIVAMENTE, CAÇANDO, PESCANDO E AMANDO, EM CONTATO COM A NATUREZA.

AS MULHERES TAMBÉM TRABALHAM, MAS O SEU TRABALHO É QUASI UM DIVERTIMENTO. ESSAS TRÊS BELDADES PODER RIVALISAR COM AS NOSSAS BANHISTAS DE COPACABANA, EMBORA SEJAM TALVEZ UM POUCO MAIS INGENUAS.



ELA ERA INTEIRAMENTE FELIZ, ESSA NATURAL DE UMA DAS PEQUENAS ILHAS DO ARQUIPELAGO. MAS VIERAM OS HOMENS BRANCOS. MAÏLA, O OLHAR PERDIDO NO INFINITO, SONHA TALVEZ COM O GUERREIRO BRANCO, SEM SABER QUE NO SEU CORAÇÃO HÁ VENENO: O VENENO DA CIVILIZAÇÃO.

cação, e solitaria, enfrentando a furia dos oceanos, aportou finalmente numa pequena e quasi ignorada ilhota da Oceania.

Ali estava o Eden procurado, ali estava a Terra da Promissão.

Neste lugar artistas de todas as partes, poetas, escritores e pintores encontraram inspiração e mandaram para o mundo as suas mensagens de arte.

Foi aí que esse extraordinário Gogin encontrou também o paraíso que o seu genio reproduziu numa festa de cores e formas bizarras.

A civilização parece ter respeitado até aqui a pureza desse ultimo reduto da felicidade.

Os arranha-céus que erigam toda a superficie da terra, essas Babéis modernas onde toda uma humanidade, arrumada em prateleiras, vive os seus dramas quotidianos, não se levantaram ainda ao lado das montanhas. Eles não resistiriam à furia dos tufões dos mares do sul.

As florestas quasi virgens não foram ainda rasgadas pelas estradas de ferro, e não se ouve passar a locomotiva, bufando, carregada, suarenta, como o próprio homem da cidade, intoxicado de civilização.

Aqui os vales são ainda verdes e o tronco heráldico das palmeiras não foi substituído pelas chaminés das fabricas vomitando sua negra fumaça.

Tudo aqui respira inocencia e pureza. O riso das crianças e das mulheres está ainda cheio daquela alegria ingenua que não é mais possível para as pobres crianças e mulheres da Europa.

E' para nós, prisioneiros das cidades, é um lenitivo olhar esses quadros. Vendo-os temos a ilusão de que algum dia poderemos romper as cadeias que a elas nos prendem e sair em busca do ultimo refugio dos sonhos.



TENTADA PELA VAIDADE, VAHINÉ QUIZ ABANDONAR SUA VIDA PRIMITIVA E APARECEU NA CIDADE ASSIM VESTIDA E CALÇADA.



MAS BEM DEPRESSA RENUNCIOU À VAIDADE E VOLTOU À CAPELA ONDE TORNARÁ A ENCONTRAR A INOCENCIA.

NÃO HÁ MAQUINAS, NÃO HÁ AUTOMOVEIS, NÃO HÁ CHAMINÉS DE FÁBRICAS LANÇANDO SUA FUMAÇA NEGRA, NÃO HÁ OS DETESTÁVEIS RUÍDOS DA CIVILIZAÇÃO; POR ISSO MESMO NÃO ENCONTRAMOS TAMBÉM NESSAS ILHAS A AMBICÃO DESMEDIDA, A CONCORRÊNCIA DESENFREADA, TODOS OS MALES DA "URBS". AQUI AINDA SE PODE SER INOCENTE, PURO E BOM. DESSA INOCÊNCIA, DESSA BONDADE QUE SÓ A VIDA SIMPLES E PRIMITIVA, EM CONTATO COM A NATUREZA, PODE DAR.



AS RAZÕES DA POLÍTICA DO AÇÚCAR

As razões nacionais da política do açúcar não são nem podem ser entendidas por todos. O problema é demasiado complexo para ser compreendido como se compreendem as questões fáceis, de acessibilidade universal. Os fundamentos da política açucareira residem no equilíbrio estatístico entre a produção e o consumo, isto é na justa correspondência de dois fatores que tiveram de ser interceptados ao livre arbítrio e disciplinados por altíssimas conveniências nacionais. Não bastaria para alicerçar essa política a defesa do preço, acarretadora da superprodução, já patenteada quanto ao café, e impunha-se simultaneamente a limitação da produção.

Foi em 1931 que se iniciou a política do açúcar, e a sua exata compreensão decorre, com clareza meridiana, das exposições feitas pelo dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, nas sessões ordinárias da Comissão Executiva do mesmo Instituto de 28 de Abril e 10 de Maio de 1943. Volvidos treze anos sobre o início da política açucareira e passado um sobre as referidas exposições, nem motivos houve

para o abandono das razões nacionais que determinaram a procura do equilíbrio da produção e do consumo, nem sobreveio razão alguma de ordem doutrinária que pudesse alterar o valor dos argumentos e das ilações brilhantemente dispostos nas duas referidas exposições.

O limite da produção — compreendeu todos sem a menor dificuldade — não é problema de solução por palpite, tentativa ou de afogadilho. As questões dessa magnitude terão sempre de repousar no empirismo, na experiência. O sr. Barbosa Lima Sobrinho, revela a escolha do caminho seguido, toda ela prestigiada por uma análise e um estudo acurados de critérios dispares e múltiplos.

Fazer o limite da produção decorrer da capacidade agrícola das propriedades, seria distanciar a solução do equilíbrio estatístico colimado. Calcular na capacidade das fábricas existentes, seria chegar a uma produção de mais de quinze milhões de sacos, quando o consumo nacional ia pouco além de cincoenta por cento dessa cifra e a crise que o mundo atravessava, dentro de uma estranha superprodução do açúcar, determinava o colapso do mercado externo. Daí a medida que ressaltou, de um limite máximo que não ficasse tão longe do consumo, limite esse que foi tirado da média de um quinquênio de produção — de 1929 a 1933.

Entretanto, não foi proibida a plantação de cana nem a produção de açúcar pelo Instituto. O que este estabelecia eram as quotas com ingresso no mercado, ficando os produtores livres expostos aos seus próprios riscos; e a medida que melhorava o consumo foram sendo consentidas quotas suplementares, sem lesão do equilíbrio estatístico.

Os menos avisados poderão vislumbrar na essência desse regime a existência de privilégios individuais e, portanto, de determinados Estados. Entretanto, o açúcar teria de subordinar-se a uma das duas fases do dilema: a liberdade da produção ou a sua defesa. A liberdade levaria à super-produção, à ruína econômica; a defesa, no sistema de quotas, determinaria o equilíbrio estatístico entre a produção e o consumo. E a visão do privilégio não poderá ser acolmada de parcialidade, porque não se improvisaram privilegiados, de vez que os produtores preexistiam, dentro do quinquênio que serviu de base à média reguladora.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho expende argumentos valiosos ao encarar a possibilidade dos privilégios:

"O privilégio dos Estados ainda é mais defensável que o dos indivíduos. O desenvolvimento dos centros sulistas, sobretudo de São Paulo, daria como consequência que a produção de açúcar tenderia a fixar-se mais perto dos centros de consumo, isto é em São Paulo, sobretudo quando essas condições representam diferença de mais de Cr\$ 15,00 por saco, em favor da produção sulista. Campos não estaria na mesma situação favorável, pois que o transporte ferroviário não leva grande vantagem, em tempos normais, sobre o transporte marítimo da produção do Norte, no que diz respeito ao mercado carioca. Se a indústria açucareira fosse deixada ao seu próprio destino, assistiríamos, na primeira fase, a uma fuga das usinas do Norte e de Campos, principalmente, para São Paulo, o que não obstaria lutas futuras entre os mercados nacionais, que sobrevivessem à crise, super-produção, queda de preços, ruína. A defesa da produção açucareira teria que vir, para esses sobreviventes, como veio para quase todos os países do mundo, tanto os que trabalham a cana de açúcar, como os que aproveitam a beterraba. Teríamos, assim, uma nova política de defesa da produção açucareira, dessa vez para proteção dos núcleos sulistas, enquanto que os Estados do Norte sofreriam os sacrifícios imensos da emigração de forças econômicas substanciais. Que poderiam fazer, sem o açúcar, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, que não têm terras excelentes senão para a cana de açúcar? Tornar-se-iam focos de agitação, por efeito da miséria que os afligiria. E o mais interessante é que, perdendo, por tudo isso, a maior parte do seu poder aquisitivo, tornariam ilusórios os benefícios aparentes dos núcleos sulistas."

Dentro destes breves períodos há uma verdade a ressaltar, incontida: a política do açúcar surgiu com o senso da oportunidade, quando já caminhava para uma objetivação não muito remota um estado de coisas que importava a medida de providência, que então já não mais poderia sequer ser remediadora.

As exposições citadas põem em foco uma face relevatíssima do momento açucareiro, que entende com a crise de consumo, a qual se deve resolver sem que seja afetada, mercê de medidas de efêmera aparência normalizadora, a estrutura da política do açúcar.

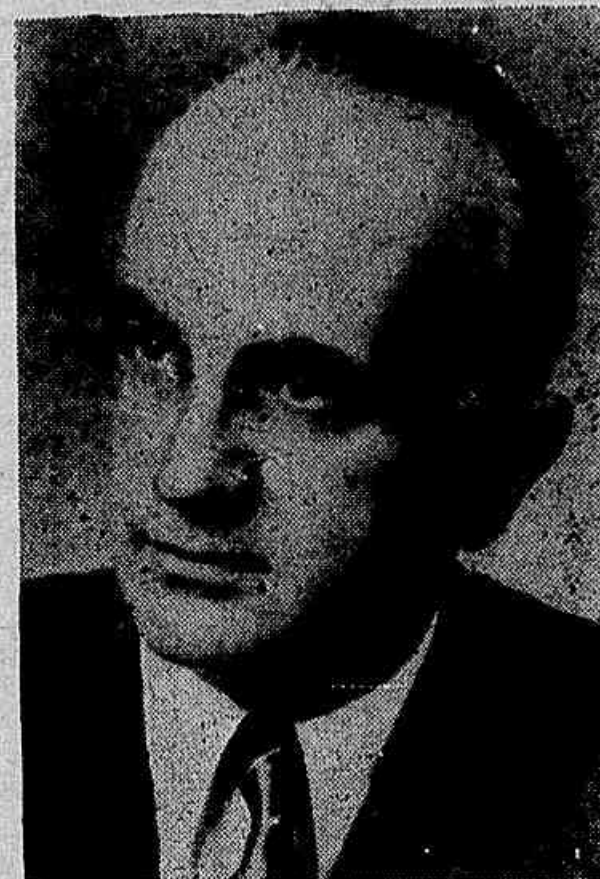
E' bastante interessante a parte que diz respeito ao instante de apreensões que ditou a medida governamental do racionamento do consumo do açúcar. O presidente do Instituto analisou o panorama sob todos os aspectos, fixando com relêvo a crise de transportes. E a consideração desse fenômeno decorrente das contingências lamentáveis da guerra — hoje quase conjuradas por completo — induz à reflexão sobre os estoques do Norte, paralizados à força, quando o produto é de natureza a não ser susceptível de prolongada estocagem e, acima de tudo, é a base econômica desses centros açucareiros.

A complexidade do problema estaria a exigir duas soluções simultâneas, pois uma só delas seria insuficiente e enganadora: a solução do produtor e a do consumidor.

As sutilezas da questão escapam ao grande público. A concepção do vulgo acredita que há falta de mercadoria por causa da limitação da produção. E, entretanto, há saldo na produção.

Bem andou o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool em dar às duas exposições apresentadas o caráter explicativo, a feição justificativa que deu. O exame dessas duas peças magníficas convence por completo aos que ainda não tenham percebido os fundamentos nacionais da política do açúcar, como equilíbrio estatístico.

"Quando não há economia dirigida, o produtor se encarrega, por si mesmo, de tornar realidade aquele equilíbrio estatístico, que é condição básica de sua existência. Nenhuma produção subsiste aos efeitos e consequências da super-produção, a menos que sejam empregados meios artificiais, precários e custosíssimos, para obviar os males do excesso de oferta. E se o equilíbrio estatístico, entre a produção e o consumo, é indispensável à subsistência do produtor, pior será, sem nenhuma dúvida possível, quando abandonado à influência de fatores dispersos e descoordenados, como os que determinam as atitudes individuais."



Dr. Barbosa Lima Sobrinho

INDUSTRIAS QUIMICAS DUPRAT
RIO DE JANEIRO — BRASIL.

Duprat & Cia. Ltda.

QUIMICOS E INDUSTRIAIS

RUA VISCONDE DE SILVA, 106

TEL. 26-2433

RIO DE JANEIRO.

P A P E L
de todos os tipos

FORNECEDORES DA
REVISTA DA SEMANA



REPRESENTANTES:

Companhia Importadora Sueca Ltda.

Av. Rio Branco, 52 — Tel. 23-0632
RIO DE JANEIRO

Adriano Ramos Pinto & Irmão Ltda.

Cumprimentam a REVISTA DA SEMANA pela passagem do seu aniversário, desejando felicidade a todos os que cooperam com o seu esforço para o engrandecimento deste brilhante órgão da imprensa ilustrada brasileira.



a perversidade dos homens! Tôda a fúria dos tiranos de Roma é nada em comparação à sede de sangue dos tetrarcas modernos. Que foi a matança dos meninos da Judéia em paralelo com a destruição científica de Varsóvia, Rotterdam ou Coventry?... Porque não aprendes, velho Herodes, com os bestas feras de Berlim, a arte de matar milhões, sem a desculpa sonora de uma Salomé. As crianças gregas morrem às esquinas das ruas, caminho da escola onde deveriam aprender as noções antigas do Direito e da Lei... O' céus, por que não completais a obra dos homens, incendiando, de vez, o planeta cujas entranhas geraram monstros dessa espécie, feras dêsse teor?...

Salomé era um instrumento da ambição, humana, um ardil da argúcia feminina... Não foi ela quem dançou: foi a cabeça do Tetrarca. Não há pés ligeiros que alterem o ritmo de um pensamento — quando o cérebro é são, e a alma — forte. Não foste imolado ao capricho de uma mulher bonita, ó meu São João das lendas e das sortes! Sacrificou-te o instinto de conservação de uma mulher que envelhecia: Herodiades... Tão simples, tudo!...

A alma compassiva de São João retrai-se, compungida e assustadiça, nas intimidades siderais do Paraíso. O padroeiro das artes pirotécnicas, debruçado sobre o miserável ponto do Infinito que a Terra ocupa, percebe que alguma coisa extraordinária se passa no planeta onde lhe cortaram a cabeça augusta por conta do amor senil de um tirano vulgar. O mártir da cidadela de Maqueros, afeito às luci-lações pálidas dos fogos de Junho, assusta-se porque tôda a Terra é um braseiro de onde sobem, como a pedir socorro e valimento, as fagulhas dos Impérios, os restos comburidos das Pátrias! Pela primeira vez na história do Infinito, um habitante do céu incendeia-se a si mesmo — e, como enorme bólido, dança, nos espaços astrais, o bailado flamívomo das catástrofes, a dança ígnea das alucinações planetárias...

Alguma nova Salomé teria jungido, aos cabelos perfumosos, a cabeça oscilante de um Tetrarca? Os representantes de César teriam exigido, para regalo de seus olhos corrompidos, o incêndio total de um mundo?... Desta vez, não é a beleza de uma mulher que provoca a ruína dos povos: é a fealdade moral de um louco, ajudado pelo instinto sanguinário de um povo. Hitler não tem, como Herodes, a atenuante de uns belos olhos a que haja sacrificado tudo. A fera de Berchtesgaden tem a volúpia dos incêndios, o gozo malé-

volo do rechinar das carnes humanas no braseiro das execuções coletivas. Agora, não é Salomé que baila ao som dos tambores e das flautas: é a Humanidade que rodopia, sob o chicote de togo de um flagelo imensurável...

Posto que a água afogue a milhares, e a terra desabe sobre milhões, esta guerra é, por excelência, o domínio do mais espetacular dos elementos naturais: o fogo. A filosofia dos peripatéticos haveria de tirar ilações graves deste fenômeno destruidor e fascinante... O fogo, companheiro multi-secular do Homem, trai-lhe o destino da espécie e fecha-lhe a perspectiva do futuro. A bomba de aviação, a granada de artilharia, o torpedo submarino, a mina terrestre ou marítima — tudo é chama e tudo é incêndio.

Os próprios sinais dos naufragos nos desertos aquosos do Oceano, fazem-se com luz — e são como gritos de socorro traduzidos em flama fugitiva e angustiosa...

Não verás, Iokanã amigo, neste mês de Junho ardente, o espetáculo romântico dos balões a oscilarem por entre as nuvens passageiras da Terra... O balão junino era um verso solto, em busca de uma rima luminosa... Em vez dêle, milhares de aparelhos metálicos escrevem, no céu, as estrofes rutilantes da Morte... Revoadas de pássaros estranhos lançam, do alto, a semente vivaz dos incêndios. A aviação é uma sementeira de raios mortíferos... Que faria, num céu estrelado de projeteis anti-aéreos, o ingênuo balão com que os meninos ensaiaram o instinto universal das ascensões?... Seria como imaginar que uma lágrima aumentasse o volume do mar e alterasse a mar-

cha das correntes líquidas do planeta...

O Mundo queima-se na febre e no delírio da guerra total e totalitária... Arde com a violência de incêndios em plena mata seca de estio longo... Nenhum recanto da Terra está livre das fagulhas e do calor da catástrofe. As imensidades oceânicas não bastam a interpor uma coluna salvadora entre o centro das chamas e os países longínquos, ou insulares... Os arquipélagos do Pacífico são outras tantas fogueiras subsidiárias do incêndio principal. Nada escapará à fatalidade do fogo — que lavra com a força de um castigo e a inflexibilidade de um cataclismo...

O' doces noites de Junho, onde andais perdidas nas estradas sinuosas da lenda? Quem vos interrompeu a tradição secular e matou a graça nativa? Como queimar fósforos chineses, se a própria China arde e morre?... Cumprir-se-á o vaticínio antigo, segundo o qual, desta vez, o Mundo se acabaria em chamas? Como encontrar, nos escombros da Civilização, a carcassa de um profeta?...

Herodes, Salomé, Maqueros... Como era infantil, há 2.000 anos,

Que iremos ver, no fundo da água miraculosa da noite de São João? Uma igreja? Onde haverá alguma, livre das bombas aéreas?... Um navio? Quem embarcará nessa ilusão fragilíssima?... Um esquife? Este é o símbolo dos tempos, e o resumo das guerras. Quando se apagar esta enorme fogueira, que restará, na intimidade fria das cinzas? Terão os homens aprendido a grande lição do Decálogo? Bastaria um preceito para os tornar amáveis e quasi perfeitos: NÃO MATARÁS. Então, as crianças do mundo inteiro poderiam soltar balões na noite fria de Iokanã... Perdão, meu santo; Tu és João, para nós, latinos e católicos, e é como João que te acolhemos no nosso lar e te abraçamos no nosso afeto!...

A noite é fria... Entra, precursor, e anuncia de novo, aos homens, a próxima vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

**SÃO JOÃO E
A GUERRA**
Por BERILO NEVES

vêzes poeta, nas trovas espontâneas e nos poemas do Direito, compostos na cátedra e despeçados no fôro... Ideal nos cimos da ciência, realidade na planície dos interesses: homens que se esmagam e se devoram nas páginas dos autos. E o juiz sofre porque não pode mais do que limpar a arena, na certeza de precisar repetir a façanha amanhã, até chegar o dia de juízo do egoísmo e da maldade.

— Como começou a escrever versos?

O poeta falou:

— Meu amigo, veio-me da infância o amor pelas letras, pela poesia. Desde menino, "menino de engenho" pernambucano, meu maior encanto era nas férias colegiais ouvir os tocadores de viola, guardar as toadas, decorar as estrofes saídas, como que por milagre, daquelas caixas encantadas nos desafios...

Quando voltava do colégio, minha tarefa de férias era ler versos para meu avô, que era

Manuel Bandeira é poeta, e grande poeta, por fatalidade. Aconteceu.

— A poesia é uma coisa que dá na gente — êle mesmo disse.

Em concisão rápida e objetiva, o imortal falou:

— Dez anos. Estudante do Pedro II. Versos humorísticos.

— E o primeiro livro?

— "Cinzas das Horas". 1917. Duzentos exemplares. Tipografia do Jornal do Comércio. E teve elogios de João Ribeiro no artigo "Poesia Nova".

Um fenômeno, o sr. Barbosa Lima Sobrinho. Nordestino e logo de Recife. O luar do sr. Ademar Tavares. Talvez com a luz elétrica, o guarda noturno, e o cinema a serenata tivesse desaparecido. Mas havia mocidade e trópico. E

A infância literaria dos

PEDIMOS ao desembargador, ao professor Ademar Tavares que nos apresentasse ao poeta Ademar Tavares e nos contasse a sua estréia. Êle estava com o coração mais doce e macio do que nunca. Da terra do açúcar e do algodão, quem pode estranhar aquela doçura e aquela maciez? O pernambucano é poeta lírico e acaba de tornar-se avô... Poucos homens tão naturalmente bons, tão dispostos sempre a dar a mão a uma criança, a um velhinho, a um doente, a um pobre, a uma vítima de qualquer mal, de qualquer necessidade. Os conterrâneos que veem fazer o Rio. Dar a mão, somente?

Ouvimos de um oficial de Justiça no Tribunal de Apelação:

"No dia de pagamento há duas filas: uma no guichet e outra em qualquer lugar do Rio de Janeiro, junto ao bolso do desembargador-poeta."

O seu salário é o que sofre mais descontos. A coisa se faz com o segredo da caridade sincera e insaciável. E aquêle contínuo tinha suas razões pessoais para conhecer os mistérios que só os beneficiários devassam e apregoam.

Homem bom, homem justo, de espírito e de sociedade... Mas homem de sociedade que não se rende ao mundano, antes espiritualiza a frivolidade bulhenta e venturosa, com os convites de sua musa acessa de simpatia humana e de solidariedade social, dêsse luminar duas

um grande amoroso de poesia e cego, muito agarrado a mim. Era eu quem lhe lia Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias... Levava tardes inteiras lendo para êle. Quantas vêzes escuto, nos combates da vida, essa grande voz do passado:

... "A vida
É luta renhida;
Viver é lutar."

Meus primeiros versos foram publicados no jornal colegial "A Palavra", do Instituto Pernambucano.

Meu primeiro livro publicado "Descantes", em 1907, Recife. Éramos cinco estudantes da Faculdade de Direito de Recife: Carlos Estevam, Silveira Carvalho, Manoel Monteiro, Moreira Cardoso e eu. Trovas. Luar de Recife, mocidade, as serenatas estudantinas. Meu pendor de poesia sempre foi a trova, a poesia cancionista. A poesia das violas da infância.

Depois do trovador romântico, o poeta que "sempre gostou da sátira" para repetir-lhe as palavras.

Manuel Bandeira foi menino prodígio. Aos dez anos já atrapalhava o namôro dos tios com versinhos de testemunha maliciosa.



BARBOSA LIMA SOBRINHO

está dito tudo. Porém o sr. Barbosa Lima Sobrinho não só nunca perpetrou um verso, como também atravessou incólume a mocidade de ficção. Depois, todos sabem, brilhou também na fantasia literária. Mas o impulso juvenil endereçou-se, singularmente, ao geral. História. Viu desde logo a floresta, o oceano. Não destacou árvores, gotas. E o que escreveu no tempo de colegial...

— Foi a história o primeiro motivo de interesse intelectual. História do Brasil e História Universal. O que me deslumbrava, e impunha as primícias de escritor, eram as conquistas da humanidade e, especialmente, as nossas. Este o terreno predileto não só da inteligência como da imaginação.

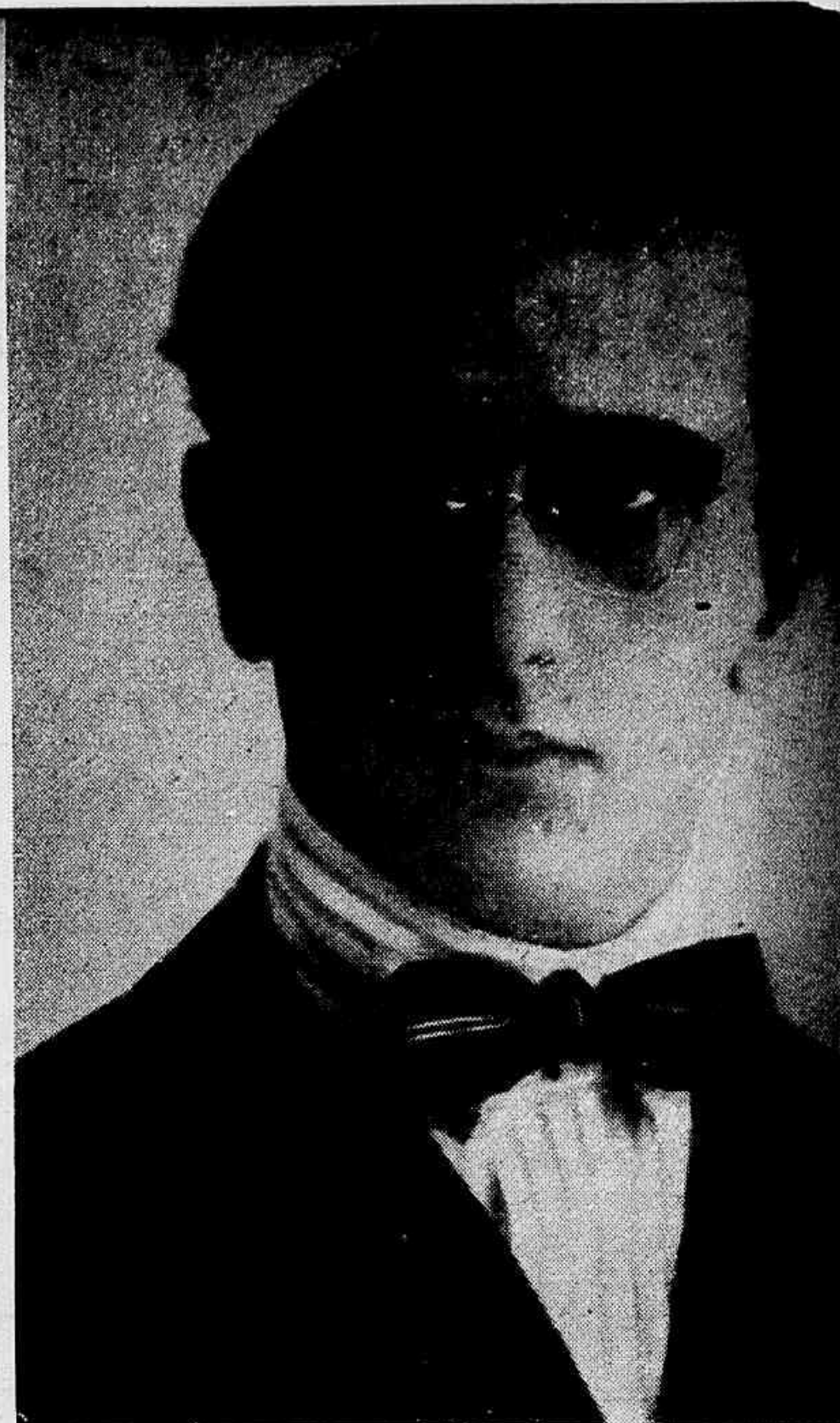
Deve ter sido um precoce na austeridade e no equilíbrio que, sem desprezar a beleza, entregou-se à verdade: jurista laureado na mais ampla de suas especialidades — o Direito Internacional — e economista. Daí o jornalista, o par-

lamentar. Mas virgem de compromissos com as musas. Jovem que não frequentou o circo da ficção e que se dedicou aos problemas públicos desde os primeiros artigos. Um fenômeno. E' um caso para abrir inquérito!...

E' nome conhecidíssimo do público brasileiro o do sr. Pedro Calmon. São notórios os seus dons de orador. Foi, portanto, com admiração, mas sem surpresa, que ouvimos a sua palavra e recebemos as gentilezas do *gentleman* afeito às indiscreções dos trabalhadores do jornal.

Disse-nos o professor Pedro Calmon:

— Comecei a escrever... posso dizer que foi aos dez anos de idade. Garatujava uns contos de capa e espada. Tenho ainda os originais (ou que melhor nome tenha) das novelas históricas — sim, terrivelmente históricas — que rabisquei aos onze anos, metendo nelas generais de Napoleão, piratas do mar das Caraíbas e caçadores de raposa da Sibéria. O livro manus-



“IMORTAIS”

ESTREIAS, PROJETOS, CONFIDÊNCIAS — O AÇÚCAR DO SR. ADELMAR TAVARES E O SAL DO SR. MANUEL BANDEIRA — OS DRS. BARBOSA LIMA SOBRINHO E PEDRO CALMON NÃO FORAM MOÇOS COMO OS OUTROS...

de ROBERTO LYRA FILHO



crito tem títulos, subtítulos, capítulos, índice e ilustrações. Para cada cena importante, uma caricatura. Então o desenhista media forças com o romancista. Forças ou fraquezas. O fato é que dessa época ficou o livro, primeiro esboço duma tendência literária que se desenvolveu por si mesma com o tempo, que corrige certas manias agravando outras... Viriam muitos livros atrás do primeiro, esquecido (em boa hora) e guardado entre os papéis que gostamos de esconder. Depois daquele, outros cadernos ali estão, no mesmo armário, repletos de folhetins, historietas e tentativas literárias. Até que, um belo dia, em 1923 (Monteiro Lobato andava a provocar as jovens vocações com a sua casa editora, também recente), surgiu à luz o meu primeiro livro impresso, “Pedra d’armas”. Coletânea de contos, com cronologia e romantismo, correspondia — achava-se eu no 4.º ano da Faculdade — ao ideal que acalentara desde cedo: a aliança da arte e da verdade documental, em forma duma literatura que lembrasse Herculano sem esquecer Oliveira Martins, Rabelo da Silva, Julio Dantas ou Camilo... Ambições pueris. O livro de estréia é o mais respeitável dos nossos livros. Merece simpatia, porque é, queiram ou não, uma audácia. Si mal recebida decepçiona e convida ao retraimento; si estimulante recompensa e incita à continuação... O que foi simples. Continuei.

— Nunca escreveu versos?

— Versos? Jamais os perpetrei. Não que

desprezasse a poesia. Oh, como li Castro Alves, Junqueira Freire e Camões! E os seguintes e os românticos, parnasianos, simbolistas e novos! Mas — o que considero uma inaptidão lamentável — nunca pude imitá-los. Verdade, não procurei nunca fazer versos. Como o latino, creio que os poetas nascem. Questão de natureza. Não nasci poeta de rimas. Que em prosa se pode ser sentimental, descritivo, até vibrante, mesmo harmonioso... quando o permite a veia poética, que todos temos como as outras veias. Questão circulatória. Acaba no coração, que acaba conosco quando não acabamos com êle. A prosa hoje, como a poesia sempre, dá para tudo. Estilo? E' o homem, diz quem isso entende. Principia como influência alheia; segue como processo artístico; termina como temperamento, projeção individual, modo de ser; ou o homem emancipado pela inspiração, pela técnica, pela “atitude”, pela forma. O pior do estilo é o pior da poesia. E' querer fazê-lo. Não se faz: acontece. Si alhures conseguí parecer poeta... é que aconteceu; e muito me agrada tenha sido assim. Deveras, quando a gente escreve por destino, porque nasceu talhado para o ofício (insistamos na ressalva), tem de escrever, sem embargo das diferentes solicitações da vida que desacreditam a profissão literária... O jeito é tomar da pena... Perdão!... da máquina de escrever, e esmagar-lhe o teclado com os dedos nervosos com que manipulamos a nossa literatura. E é só.”

P E D R O

C A L M O N

Cultura Musical no Brasil

POR

**PAULO
ARMANDO**

A música nasceu e cresceu com o Homem, e, com ele, evoluiu lenta e gradativamente. Associada nos primeiros tempos à dança, às cerimônias religiosas e ao teatro, mais tarde se destaca e passa a evolver separadamente. Com esta evolução, foram surgindo os diversos gêneros em que hoje se escalona, desde as toadas populares até as sinfonias e quartetos. Esta ascensão, porém, não foi rápida nem geral. A humanidade levou muitos e muitos anos para passar de um a outro grau superior de criação musical. Milhares e milhares de vezes girou a Terra antes de surgirem Bach, Mozart e Beethoven. Nem foi geral. Há grupos humanos na Ásia, América, Oceânia e África cuja música ainda se encontra em estado primário, mais melopéia do que música, e ligada à dança, cerimônias litúrgicas e tea-

tro, também primários é claro. (1) Entre os países de civilização européia, há alguns, a maioria aliás, que ainda não possuem música sinfônica e onde não apareceram ainda os grandes compositores. No século passado, já depois das conquistas alemãs e francesas, a Itália ainda estava criando a música lírica, que, infelizmente, se espalharia pelo mundo. Nesta mesma época, no entanto, o "grupo dos cinco" movimentava a Rússia, com suas avançadas realizações. E assim como não há simultaneidade na evolução musical dos povos, não há também na dos indivíduos. E esta evolução individual deve estar submetida ao princípio de Haeckel que afirma ser a evolução ontogenética reprodução acelerada e abreviada da filogenética. Isto quer dizer que o indivíduo percorre mais depressa e sem dar voltas o

mesmo caminho que a espécie percorreu. De forma que haverá sempre pessoas em todos os graus da escala musical. E é exatamente o que verificamos se olharmos para o nosso próprio grupo social. A heterogeneidade é grande. A maioria não passou ainda do samba, fox, um ou outro tango e canção italiana e das marchas carnavalescas. E' constituída quasi que inteiramente por elementos da classe pobre, além dos mocinhos e mocinhas das outras classes. Outros já estão mais à frente. Gostam das valsas antigas, sabem pedaços de operetas, trauteiam o "Danúbio Azul", o "Mercado Persa" e acham interessante a monotonia do "Bolerô", embora nada saibam de Ravel. São em geral pequenos-burgueses e já ouviram falar em Chopin e Beethoven. Conhecem mesmo a "Polonaise" e a "Sonata ao Luar" que a vizinha toca ao piano. Alguns se alargam até a ópera e se entusiasma com o ponto atingido, que julgam ser o máximo. Não perdem temporadas, acompanham baixinho, de olhos fechados, as árias conhecidas e conversam sobre Puccini e Verdi. Dizem "violontchelo", orgulham-se em dizer que gostam de música fina e estão absolutamente convencidos que nada mais há para a frente. São parte da pequena e o grosso da grande burguesia, diferenciando-se apenas pela cor dos bilhetes de ingresso e pelo lugar a que eles conduzem.

E há, finalmente, o reduzido grupo dos que atingiram o verdadeiro grau máximo — a música sinfônica, às vezes chamada de pesada e imprópriamente de clássica. Os indivíduos dos graus anteriores, se a ouvem por acaso, não entendem e a chamam de "maluca". Mas os seus aficionados a consagram como a "música boa". Estes socialmente se distribuem por classes diferentes. Há o estudante pobre que recorre às pouquíssimas e deficientes mesas da Discoteca da Prefeitura e exulta quando ganha um ingresso para a Pró-Arte. Freguês inveterado das entradas francas. Sabe a vida dos grandes compositores, briga por causa deles e tem os seus retratos, tirados de revistas, nas paredes do quarto da pensão. Há, também, os felizardos donos de eletrolas automáticas e coleções completas de discos. São na verdade exemplares raríssimos, mas existem. Como existem as datilógrafas que durante toda a semana economizam, para, na manhã de domingo, se deleitarem com Szenka no cinema Rex. O número deste grupo tem aumentado bastante entre nós. Alguns mais adiante, outros um pouco para trás, mas todos ardorosos no amor à "música boa", e no desprezo pela música italiana. Uns já compreendem Debussy, Cesar Frank e agora Shostacovitch, enquanto os mais novos ficam apenas com Beethoven e Tschaikovsky. Aquêles já analisam as sinfonias, ao passo que estes apenas gostam. Mas o número cresce promissoramente, de algum tempo para cá.

A que se poderá atribuir isto?

Além da evolução natural, outros fatores tem contribuído ao desenvolvimento observado e dentre eles não hesitaremos em apontar como o principal a eficiente e constante

(Continua na pag. 114)

A incorporação do "MARTINELLI"



- A MAIOR DO BRASIL (42.169 m)
- PLANIFICADA EM 27 DIAS
- SUBSCRITA EM 48 HORAS

- A PRIMEIRA ORIUNDA DE CONCORRÊNCIA PÚBLICA
- LANÇADA EM PLANOS ORIGINAIS
- INTEGRALIZADA EM 30 DIAS

foi o resultado da
experiência de 20 anos

DE MILTON FERREIRA DE CARVALHO

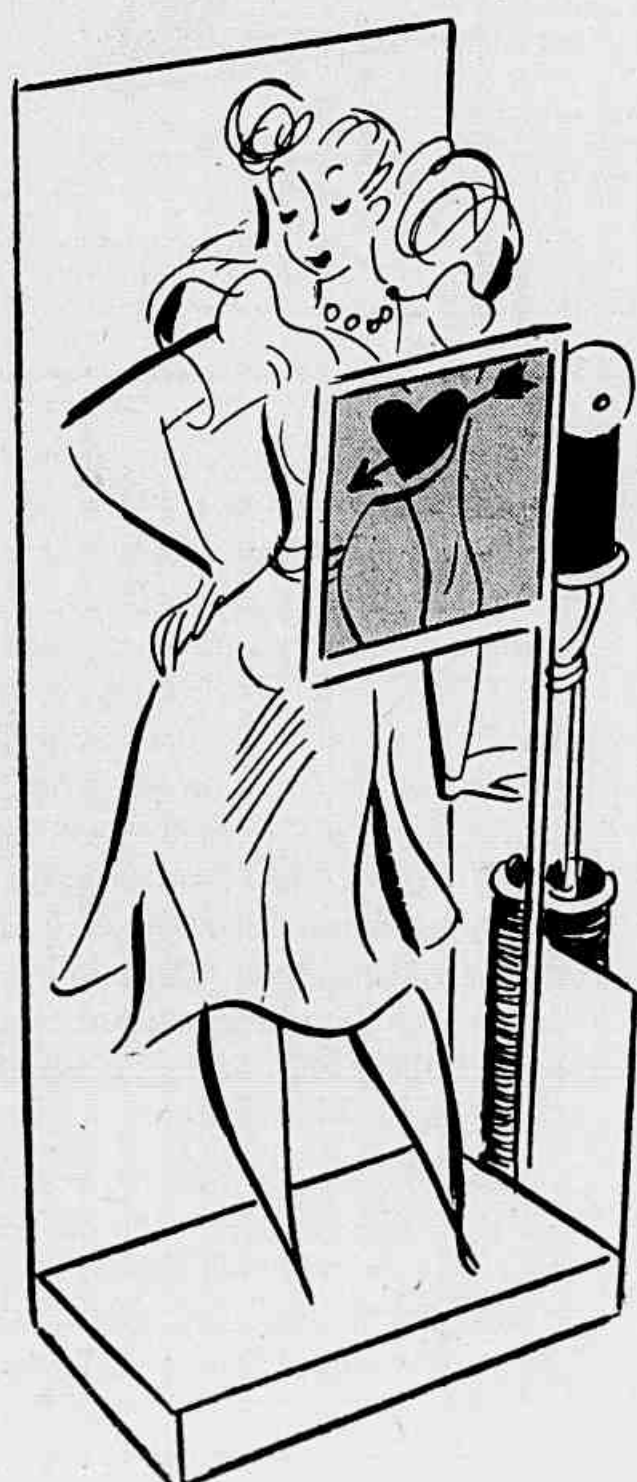
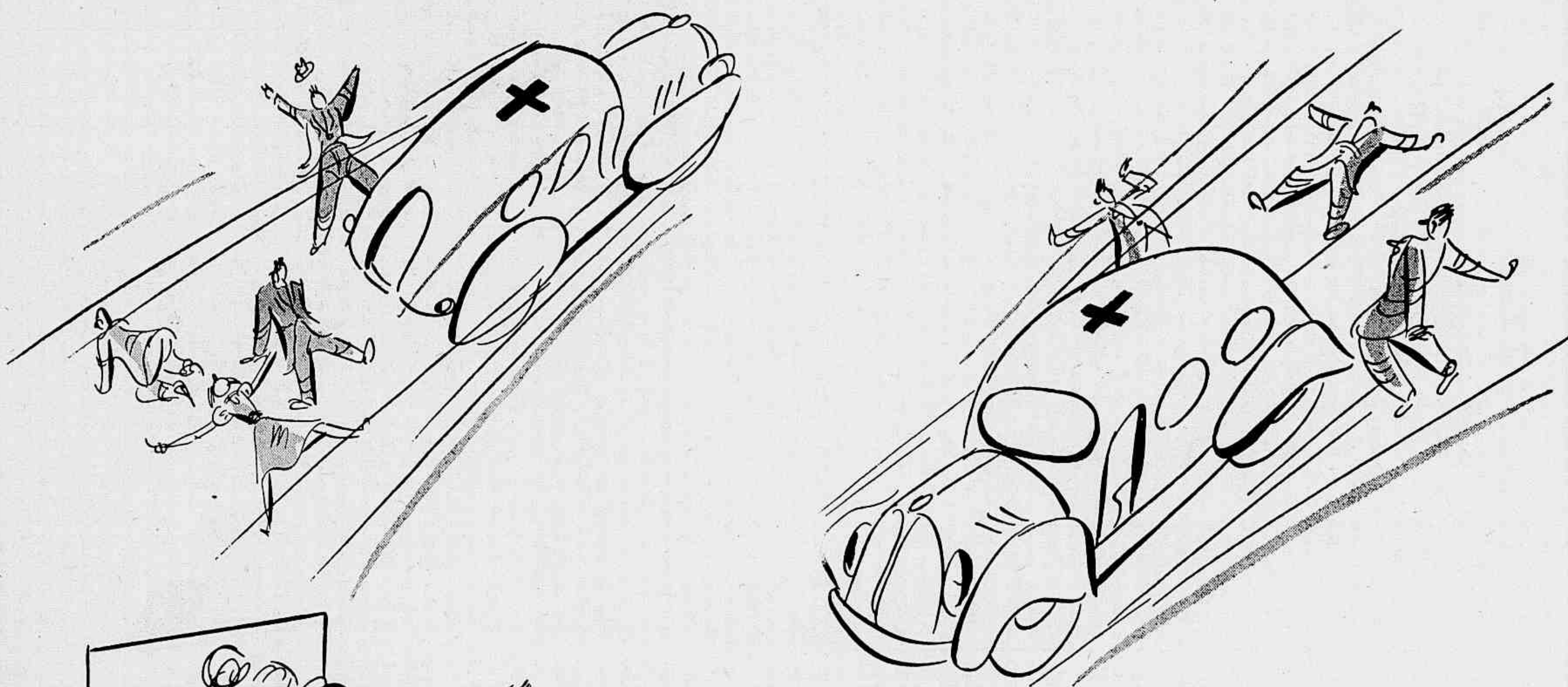
COMO CORRETOR, INCORPORADOR E ADMINISTRADOR DE IMÓVEIS



INCORPORAÇÕES NO RIO

MEXICO • PIAUI • HOLLERITH • TABAPUAN • BARBACENA • INUBIA • URUSSUI • PARNAIBA • A MANHÃ

Um Sustoe UMA CORRIDA...



ORLANDO
MATTOS

ORAÇÃO

Por alma dos soldados mortos na guerra

(Transmitida na voz de Sagramor Scuvero, diariamente, às 18 horas, pela Rádio Mayrink Veiga)

QUE Deus todo Poderoso, lá nas alturas, derrame as Suas Bênçãos àquêles que, nesta hora, na mais cruenta das lutas derramam seu sangue generoso para que o Dia de amanhã seja de Paz, de Justiça, de Bem-aventurança!

Que Nossa Senhora, a Santíssima Virgem, volte seus olhos misericordiosos para este "vale de lágrimas" e deite aos corações das mães que choram seus filhos, o bálsamo da sua misericordiosa resignação.

Oh! Deus Todo Poderoso! Oh! Santíssima Virgem! Esclarecei, com todo o Vosso Poder Divino, a mente daquêles que ainda laboram revolvidos na lama do ódio, das injúrias e dos grandes pecados. Derramai, como se pétalas fossem, as Vossas Bênçãos, por sobre as campas daquêles que tombaram no campo da honra! Suavisai os corações de mães, esposas, filhas, noivas irmãs! Recebei em Vosso Seio Sagrado, a Alma dos bons, dos justos, dos magnânimos, dos corajosos e dos heróis!

Oh! Deus Todo Poderoso! Descei até nós (miseráveis pecadores) o Vosso olhar Santificado, para testemunhardes como sofre a Humanidade, a mesma que um dia, vindo à Terra, Vós tentastes salvar. A Cruz que carregastes em Vossos ombros — sob o látigo dos ímpios — carrega hoje, tódia a Humanidade!... Porque sobre ela, desceu o espéctro da guerra com todo o seu séquito de horrores... e nela se sacrifica o sangue generoso da Juventude, a quem foi entregue a imensa tarefa!

Glória Eterna e Paz às almas dos que tombam heróicamente no campo de batalha. Glória Eterna e Paz aos mortos da guerra... cujo sangue há de lavar as feridas da Terra sofredora! Glória Eterna (Oh! Deus! Oh! Virgem Santíssima) à ALMA DO NOVO SOLDADO DESCONHECIDO, em cuja campa as lágrimas do Amanhã serão banhos de Luz! AMÉN!

PORQUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier n.º 1 para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier n.º 2 para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convem. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem estar das mulheres.

SEU ROSTO MANTERÁ MOCIDADE PERMANENTE COM O USO DE

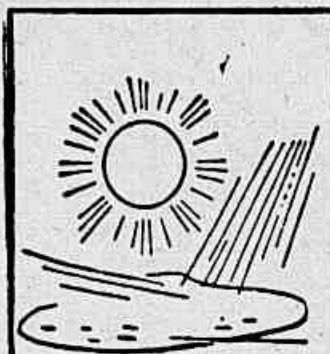
Um Só Creme!



ONDE NASCE A VELHICE
RUGAS NA TESTA: Marcam o fim de uma mocidade... destroem a beleza...
PÉS DE GALINHA: Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, que envelhecem a fisionomia.
CRAVOS E ESPINHAS: Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade.



Prático e eficiente, o tratamento da pele com Rugol é também o mais rápido!



• Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugol age como suavizante e protetor. Rugol é o verdadeiro embelezador da cutis!

Ao fazer uma massagem com Rugol, os seus ingredientes penetram até as camadas sub-cutâneas, estimulam a circulação do sangue e ativam o funcionamento das glândulas: ao mesmo tempo, outros elementos da fórmula do Rugol, permanecem sobre a pele, desobstruindo os poros, limpando a cutis e protegendo-a. Rugol faz desaparecer rugas, espinhas, cravos, manchas e todas as imperfeições. O "tratamento experimental de três dias", com Rugol, mostrar-lhe-á os primeiros resultados, mantendo em sua cutis a beleza permanente de inalterável mocidade!



Creme
RUGOL

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO



Molière

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 18)

A verdade é que o primeiro encontro demonstrado de Molière com a sua futura vocação verificou-se entre os 14 e os 19 anos, no seu tempo de aluno do Colégio Clermont, quando interpretava papeis nas obras montadas pelos jesuitas e escritas pelos alunos sob as vistas do mestre, e quando escreveu, ele mesmo, a sua primeira peça, uma tragédia intitulada "La Thébaïde".

Depois das humanidades e da filosofia, Molière estudou Direito, como se estudava nessa época, isto é sem frequentar as aulas e sem travar um conhecimento muito profundo com as doutrinas dominantes.

Ainda nesse período de sua vida há discordâncias entre os pesquisadores. Alguns afirmam que Molière chegou a exercer, como substituto do pai, na viagem de Luís XIII a Roussillon, o cargo do velho Poquelin, e que teria mesmo assistido à rumorosa prisão de Cinq-Mars, em Narbonne, a 13 de Junho de 1642. Segundo os defensores dessa hipótese, foi então que ele conheceu Madeleine Bejart, a dedicada companheira de suas lutas futuras, que excursionava pelo Meio-Dia.

Na opinião de outros, o conhecimento de Molière com os Bejart proveu de relações de vizinhança e da paixão comum pelo teatro. Jovens camaradas, residindo no

(CONTINUA NA PAG. 115)

De Rádio

Uma adversativa no eter

(DIJALMA MACIEL)

Nesse ambiente de guerra, de crise, de expectativa, o rádio é uma pasmaceira que se "arrasta indefinidamente, vivendo da burrice crônica de uma publicidade bacalhadeira e dos favores da crítica turibularia". Os programas das segundas-feiras, invariavelmente se repetem às quartas e sextas, os de terça não falham às quintas e sábados. Domingo é o dia do cio verbal, com cabeludas apostrofes aos microfones de futebol e ridículas bambochatas humorísticas em quasi tôdas as estações. Passam-se semanas, meses, em que não aparece uma cara nova e — o que é pior — não morre ninguém! Lá fóra, isto é nas ondas que nos chegam de outras terras, agita-se um mundo de coisas interessantes refletindo os anseios universais de evolução artística, econômica, educacional, política, social. Autênticos reporteres, ainda ofegantes da luta em que tomaram parte, chegam-nos aos microfones para transmitir impressões do combate; comentaristas de inteligência ágil discutem problemas de amanhã; representam-se grandes peças de psicologia humana; faz-se literatura de fundo sociológico; e os próprios cantores de música popular vão buscar no repertório intêrmino das ruas os motivos mais eloquentes de convicção na vitória e de alegria pela esperança de melhores dias no futuro. Capta-se uma transmissão inglesa, norte-americana ou mesmo dos países desta parte do nosso continente, com a impressão de se estar ouvindo a própria vida em movimento. E, por maiores que sejam as preocupações que nos trabalhem o espírito, saímos da faixa dessas transmissões como aquele mergulhador dos mares do Oriente esquecido de labores e desditas pela felicidade das perolas encontradas.

Tôda a existencia do rádio carioca pode ser resumida na singeleza de uma adversativa. Nas três letras do vocabulo mas. Cristina Maristany é, indiscutivelmente, uma grande cantora, cuja presença honra as ondas hertzianas brasileiras, mas... seus programas são relativamente em numero escasso. Ismenia dos Santos e Floriano Faissal? Dois verdadeiros notáveis radioatores, mas... que pena se prestarem aos papuluchos asniáticos das novelas seriadas! Ninguém pode duvidar, em boa fé, da sinceridade das esplendidas realizações anti-facistas da Tupi, que desde a entrada do Brasil na guerra vem liderando a campanha de educação democrática do país, mas... aqueles arrancos de voz do sr. Carlos Frias, aquela ênfase de orador de comício suburbano do sr. Raul Brunini, no Boletim da Guerra, armam tempestades de tédio nas almas mais sinceramente convencidas da necessidade de esmagamento do Moloch hitlerista. Os diretores artísticos querem fazer broadcasting limpo, mas... os patrocinadores exigem estrume literário e musical. Por seu turno, os críticos sabem, perfeitamente, que o rádio está muito longe de ser um paraíso, mas... mas dizem eles que a vida é tão curta, tão curta, que nem vale a pena a gente criar inimizades concretas por causa de um "trem" abstrato como é a arte!

— Entretanto — dirá o meu hipotético leitor — entretanto, algumas vezes o rádio brasileiro apresenta suas coisinhas excelentes. Agora mesmo, por ocasião da abertura da Segunda Frente, as emissoras cariocas, notadamente a Tupi, fizeram reportagens de veras sensacionais.

De fato, o trabalho da PRG-3, e mesmo o das outras, valeu como autentica regeneração do pecado de marasmo, fazendo esquecer ao publico já bocejante as tiradas acacias dos comentaristas internacionais que até agora, quando se plantavam deante dos microfones para analisar qualquer acontecimento, o resto do mundo já se esquecera dele e os proprios ouvintes nacionais estavam fartos de conhecer, pela leitura dos vespertinos, as opiniões dos articulistas ingleses e americanos, remetidas para o Brasil através das agências telegráficas. As reportagens da rede Tupi quebraram, portanto, um irritante tabú da burrice e displi-cencia. Mas (olha o mas!!!) o entusiasmo por esse êxito foi tão grande, que caiu em exagero. A todo instante descabelados e febris locutores interrompem as irradiações normais para transmitir telepaminhas que lhes parecem ainda de efeito muito extraordinario. Senão, eis aqui, transcrita de "O Globo", do dia 9 ultimo, uma opinião do sr. Sodrê Viana a esse respeito:

"Estava a Tupi irradiando o comicio-monstro do Municipal. E quando um dos oradores ia dando inicio ao seu discurso, uma agencia telegráfica — que como inglesa se apresentou — interferiu na transmissão para comunicar aos brasileiros a integra de uma oração pronunciada em Londres. Isso sem a mínima consideração ao publico ouvinte e ao Demóstenes espoliado, cuja voz, num segundo plano de som, ficou soando ridiculamente, entre palmas que se percebiam muito longe, esbatidas, como vindas de uma assembléia de fantasmas reunidos em qualquer parte do outro mundo. Não sei até que ponto esse procedimento pode

"Mas Bernardo!... Então
você acha que eu posso
jantar sem **MALZBIER?**"



J.W.T.

Feita à base de rico malte — o que lhe garante um elevado teor alimentício — a Malzbier da Brahma completa e equilibra qualquer refeição. É uma bebida gostosa, nutritiva e que facilita a digestão. No seu almoço, lanche ou jantar, lembre-se sempre dessa cerveja, levemente adocicada: Malzbier da Brahma.



Malzbier
da
Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA



Emilinha Eorba que aparecerá no próximo filme da Atlântida, Romance de um mordedor com Mesquitinha, Modesto de Souza, Sarah Nohre, Miquita Flores e Antonio de Cordoba.

ser justificado. Não se tratava de noticia sensacional, dessas que fazem um reporter saltar tôdas as conveniências, no interesse supremo de informar com rapidez. O que a agencia divulgou foi uma serie de frases comuns sobre a invasão, assunto já anteriormente esgotado pelos verbos claros, enérgicos e definitivos de Roosevelt e Churchill. E' possível que algum grupo as estivesse aguardando como "clou" indispensavel. Isso todavia, não chega a constituir motivo para os citados porta-vozes se atribuíssem o direito de ser descortesias para milhares de outras pessoas".

PEQUENAS NOTÍCIAS

— "Noite de Nupcias" e "Calor da tua boca" — uma valsa e um fox-canção — foram as duas lindas melodias que Rui de Almeida gravou para a Continental com acompanhamento de J. Casado e sua orquestra. A musica é de autoria do interprete e a letra de Afonso Teixeira.

— Saint-Clair Lopes foi convocado para o serviço do Exército. Como se sabe, o correto locutor da PRE-8 é 1.º tenente das reserva da arma de infantaria.

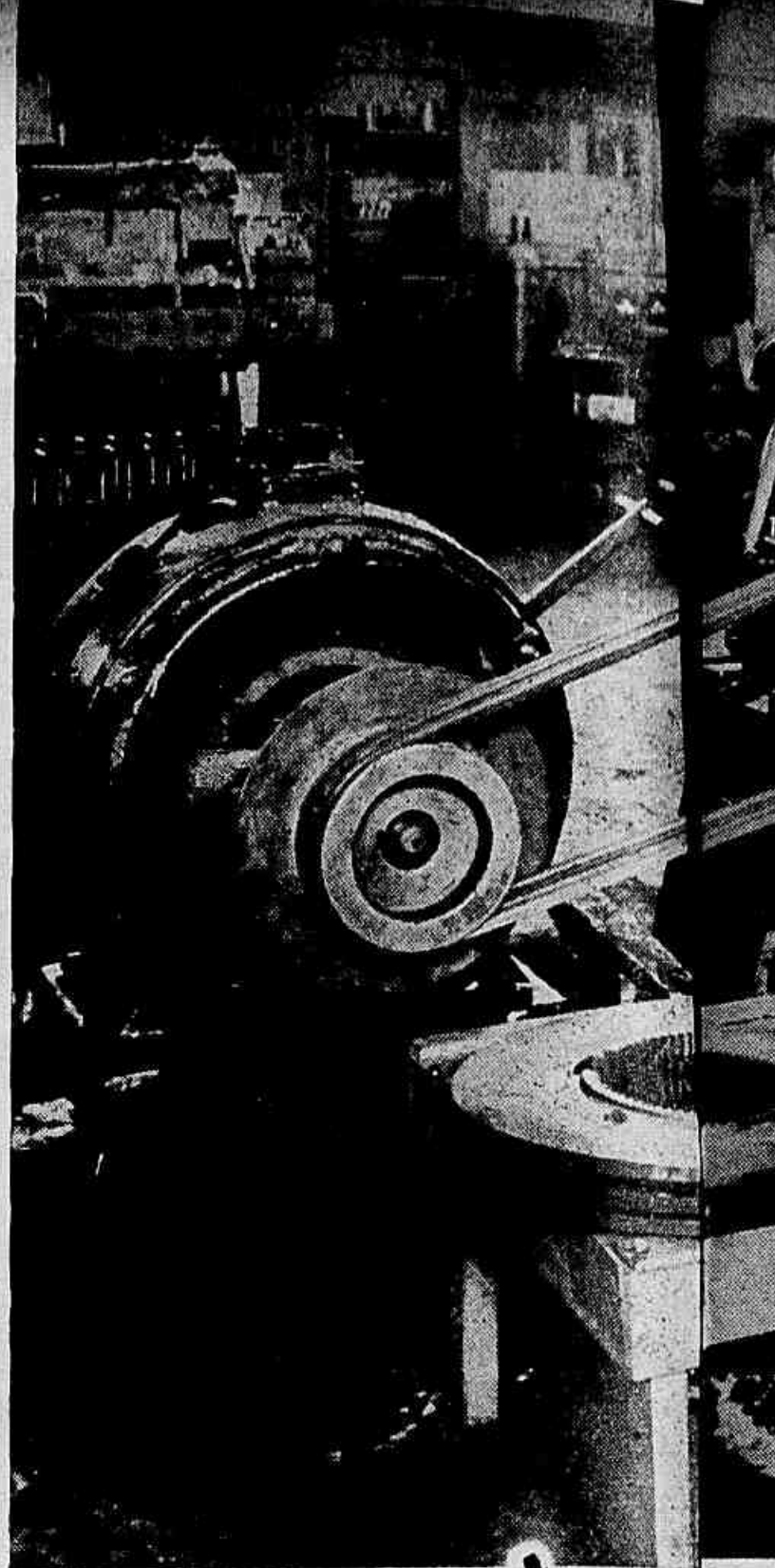
— Uma noticia terrivel: — Zé Bacuráu parece que vai voltar, mesmo, ao microfone da Tupi... Com tôdas aquelas baboseiras caipiras, das quais a mais moça conta a historia de 150 anos de idade...

— Herculano Rui Vaz Carneiro é o novo cronista de radio da "Gazeta de Noticias", em substituição a Jura Camargo Araujo.

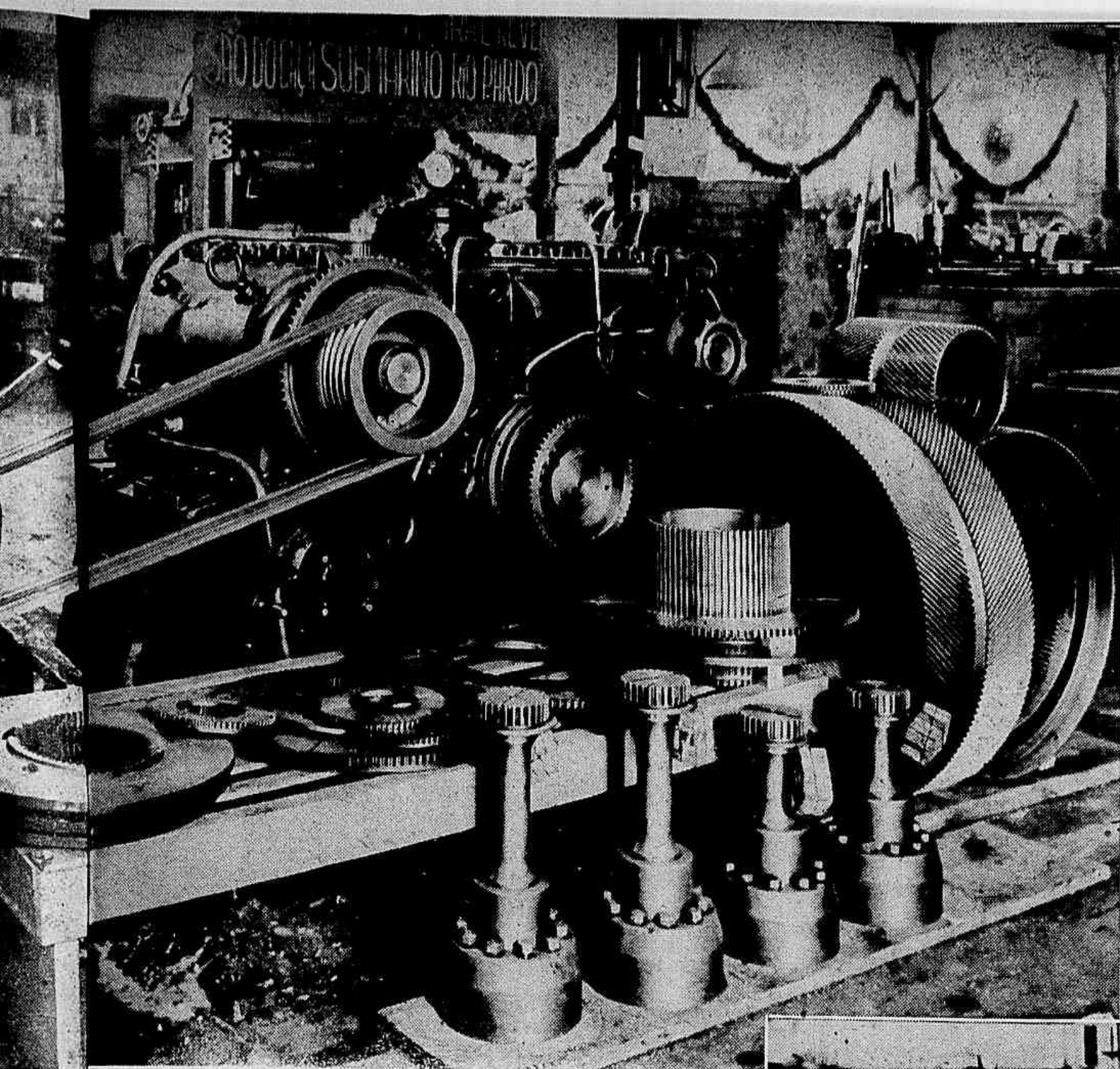


A Central do Brasil

**-CELULA DO PROGRESSO
NACIONAL-A SERVIÇO DA
VITORIA**



A' direita vemos dois aspectos da recente visita que o presidente da República e os ministros da Guerra e da Marinha fizeram a uma exposição de realizações da Central do Brasil, em que se pode admirar em suas exatas proporções o surto de progresso que atravessa a nossa principal ferrovia. Nessa ocasião já estavam concluídos e foram apreciados os motores "N A P" fabricados para os nossos navios de guerra.



Caixa Redutora e de Reversão do caça-submarinos "Rio Pardo", montada nas oficinas da Central.

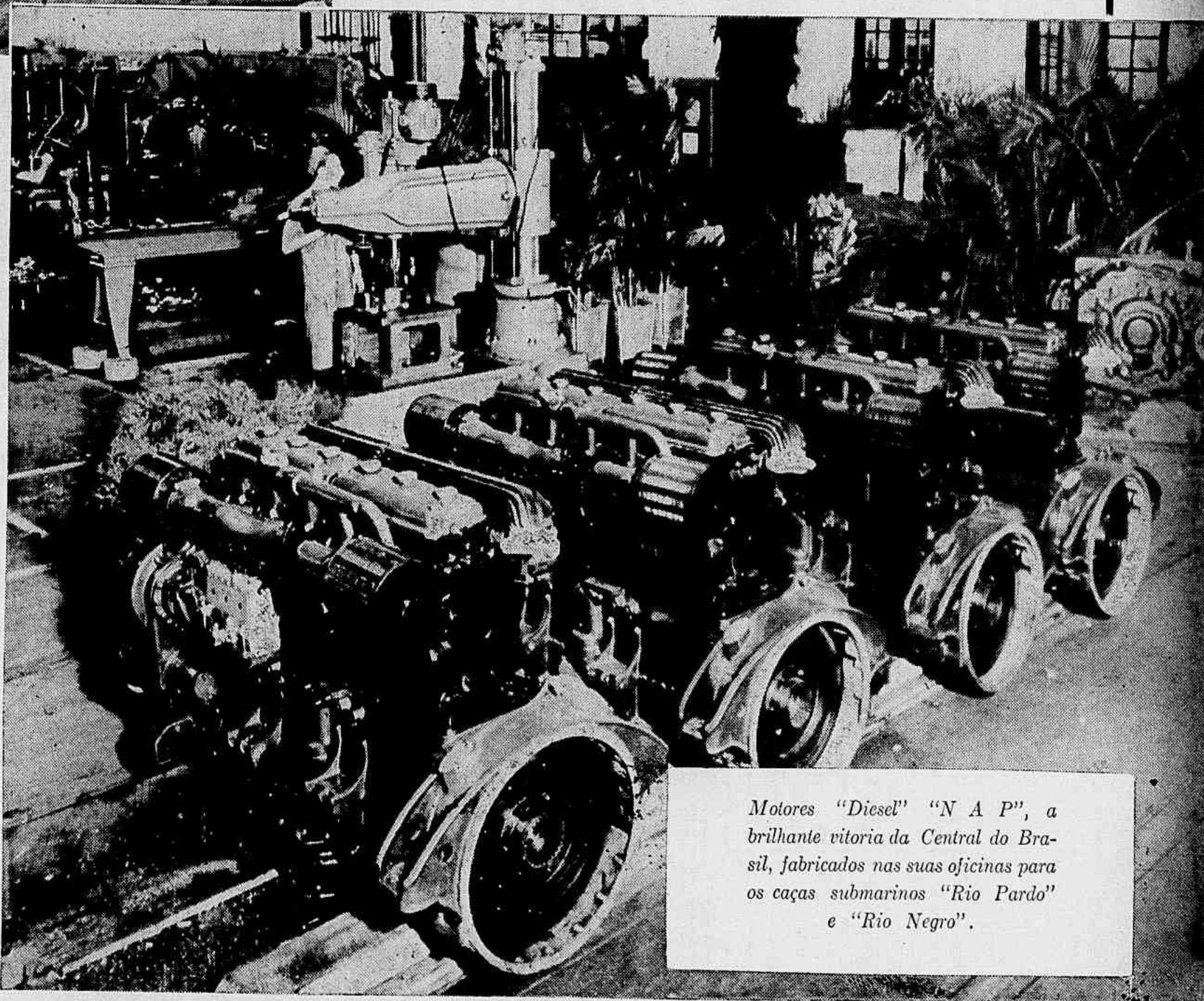
O mundo em guerra criou para o Brasil, como para todos os países, o grave problema dos combustíveis. Reduzidas as importações, imposto o racionamento, houve por assim dizer um colapso momentâneo nos nossos meios de transporte. O País, porém, não podia cruzar os braços, assistindo à paralisação das suas arterias vitais, que são as vias de comunicação, interrompendo o abastecimento e o vai-e-vem das populações. E não ficou. Inúmeras foram as iniciativas visando dominar o mal, e entre estas a Estrada de Ferro Central do Brasil, sob a direção vigilante e segura do major Napoleão de Alencastro Guimarães, que tanto se traduz em realizações de vulto e constante desenvolvimento da nossa principal ferrovia, tomou mais uma vez a dianteira. As suas oficinas, cujo grau de eficiência tão sobejamente está comprovado, começou por adaptar os motores existentes ao consumo dos combustíveis nacionais. Fabricaram e instalaram aparelhos de gazogenio nas automotrices da Estrada, como também nos automoveis da diretoria e dos serviços diversos, inclusive do Rodoviário.

Foi então criada a Comissão de Serviços Motorizados, que passou da questão dos gazogenios às de maior importância, quais sejam as de construção e montagem de motores. Efetivamente, pouco depois, surgia com absoluto sucesso o primeiro motor "Diesel", de 145 HP, 1.690 RPM, que tomou a denominação de "N.A.P." em homenagem ao major Napoleão Alencastro Guimarães, supremo orientador desse notável empreendimento, que vem atestar as nossas possibilidades no terreno da industria mecanica.

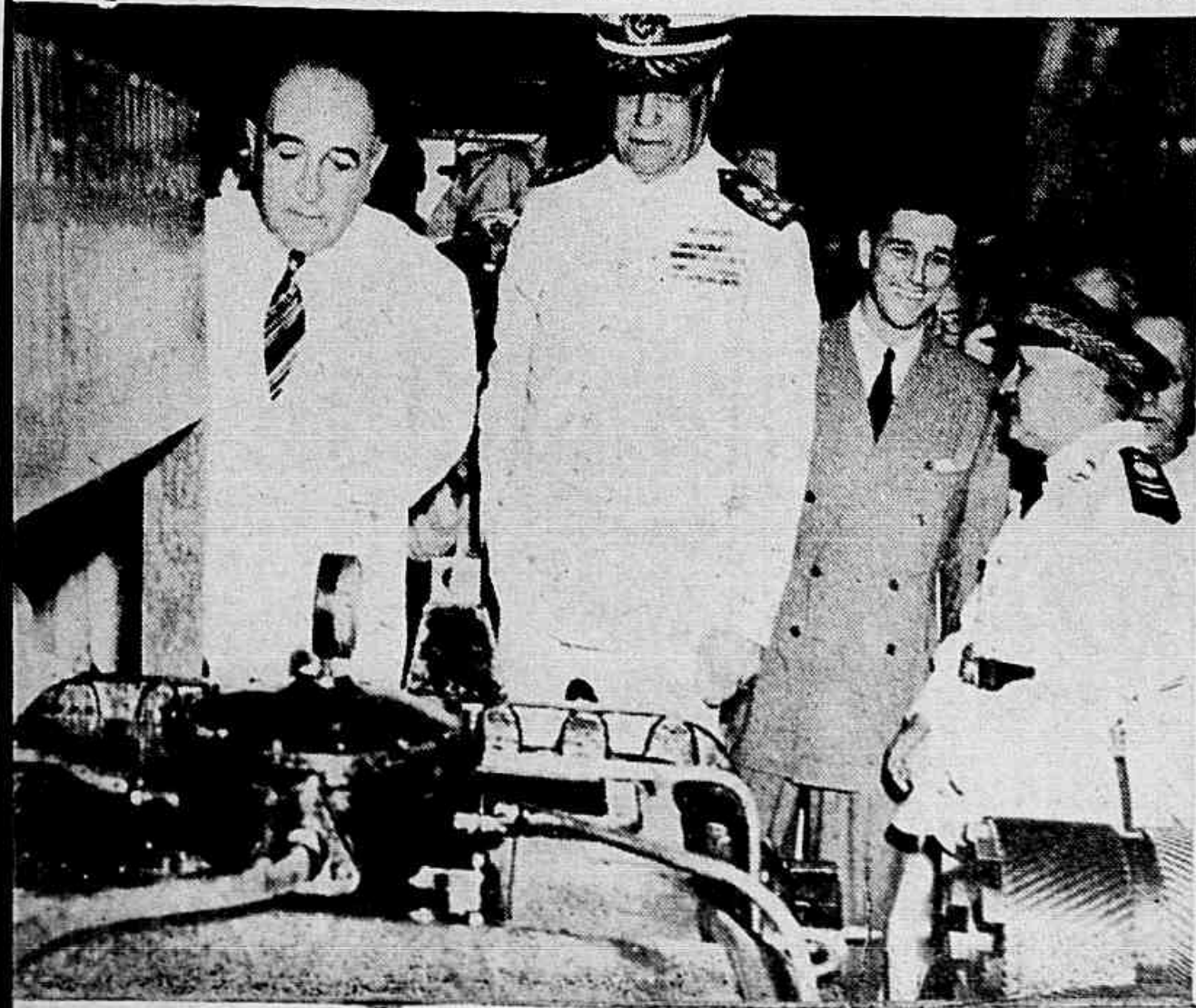
Constatada, assim, a viabilidade da construção de tais motores, foi a Central do Brasil chamada a prestar os seus serviços à nossa Marinha de Guerra, de cuja missão se desincumbiu admiravelmente, fornecendo aos caças-submarinos "Rio Pardo" e "Rio Negro" quatro grupos de motores "Diesel" "N A P", constantes de quatro unidades cada grupo, num total de 16 motores, cuja fabricação empreendeu em série, com os mais completos resultados. Temos, dess'arte, nós brasileiros, o orgulho de ver lançados ao mar navios de guerra inteiramente construídos no Brasil, tarefa de que se podem envaidecer o nosso Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras e a Central do Brasil. Mais uma vez ficou firmemente evidenciada a capacidade técnica dos engenheiros da nossa principal estrada de ferro e o moderno aparelhamento das suas oficinas mecanicas, sendo dignos dos maiores aplausos os esforços da sua direção que, não medindo obstáculos, concebeu e poz em pratica planos que deram frutos tão promissores.

Mas não ficaram aí as grandes realizações. Sempre tendo em vista a melhoria dos proprios recursos, a Central cuidou também da construção de motores eletricos de tração, fato, como o anterior, sem precedentes na America Latina. Foi projetado e já construído o primeiro desses motores — agora conhecido pelas iniciais "G V", numa merecida homenagem ao Presidente Getulio Vargas — destinados a propulsionar as locomotivas eletricas fabricadas no Brasil.

Numa ligeira reportagem como esta, não seria possível enumerar a lista de tantas realizações com que a visão administrativa do major Alencastro Guimarães, com o apoio decidido do ministro Mendonça Lima e do Presidente Getulio Vargas, tem enriquecido o acervo de serviços prestados pela Estrada ao País, notadamente ao esforço de guerra que empreendemos. Trabalhando sem desfalecimentos pelo progresso da Nação, a Central do Brasil está, agora, a serviço das Forças Armadas, o que equivale dizer a serviço da Vitoria.



Motores "Diesel" "N A P", a brilhante vitoria da Central do Brasil, fabricados nas suas oficinas para os caças submarinos "Rio Pardo" e "Rio Negro".



A pessoa enve-
lhecida e aba-
tida pela prisão
de ventre, reju-
venesce, toman-
do com regula-
ridade as

**PILULAS
DE
BRISTOL**

LSK

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evi-
tar as contrariedades provocadas por
uma dentadura postiça frouxa. FIXO-
DENT, um novo pó para polvilhar
a dentadura postiça, prende-a com
mais firmeza na boca, proporcio-
nando maior comodidade. Não deixa
sensação pegajosa. É *alcalino* (não
ácido). Não amarga a boca. Comba-
te o "cheiro de dentadura postiça".
Perfuma o hálito. Compre FIXO-
DENT hoje mesmo, em qualquer
farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

EMFIM, LIVRES DAS HEMORROIDAS



Quaisquer hemorróidas
desaparecem, sem ope-
ração, com o uso das Pi-
lulas de Herva de Bicho,
extraídas da nossa flora.



CUSTAM
FOUQUE...
VALEM
SAUDE!

**PILULAS DE
HERVA DE BICHO**
COMPOSTAS IMESCARD

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Popoís
BANKETS



A SAUDE DA MULHER

QUANTAS vezes um sorriso feminino se transfor-
ma num rictus de dôr! O doloroso sofrimento,
resultante do funcionamento irregular do organis-
mo, e que tanta mocidade e beleza rouba á mu-
lher, desaparece, no entretanto, com o uso de A
SAUDE DA MULHER. A SAUDE DA MULHER é o
remedio que traz no nome o resumo das suas virtudes.

MENTHOLATUM

nos ferimentos e
nas contusões.
Acalma e cura
TENHA-O SEMPRE A' MÃO.

"MAMÃE!
TRAGA
O
MENTHOLATUM!"

ELISEU VISCONTI

E SEU TEMPO



"INSPIRAÇÃO", AUTO-RETRATO.

ÓITO anos de acurado trabalho foram consumidos na reunião de todo o material fotográfico e dos apontamentos necessários para a confecção desse importante estudo — "Eliseu Visconti e seu tempo" — que agora se encontra no prelo e cuja aparição far-se-á proximamente. Frederico Barata, um estudioso da obra desse grande artista do pincel, vai contribuir, não apenas com uma justa e merecida homenagem a Visconti. Mas, também, com um trabalho de crítica e de reconstituição de toda uma época e uma geração de grandes pintores patricios, pois, na realidade, pelas páginas dessa obra vão passar Almeida Junior, Victor Meirelles, Pedro Américo, Rodolfo Amoedo, Henrique Bernardelli, Batista da Costa e Antônio Parreiras, e até mesmo, no capítulo da arte moderna, Portinari, em tão grande evidencia. Mais de trezentas ilustrações vão dar maior realce a esse volume, dentre elas dez tricromias de obras não divulgadas. Visconti, como é do domínio público, festejou em Dezembro do ano passado o seu jubileu artístico. Cinquenta anos de pintor para quem acaba de completar setenta e seis janeiros. Valem por um índice de operosidade incomparável. Para o artista que teve as honras de receber o primeiro prêmio de viagem à Europa depois da República, no ano de 1892, concedido pela Escola Nacional de Belas Artes. Suas obras espalham-se pelos museus públicos e particulares e também em próprios do Estado. Visconti pintou o "Foyer" e o pano de boca do Teatro Municipal, e fez também as decorações do Conselho Municipal. Todo esse material aparecerá no livro em questão, de dimensões apreciáveis — 35 x 27 cms. — e cujo custo para sua confecção se elevou a mais de trezentos mil cruzeiros. Recentemente, o Ministério da Educação convidou Eliseu Visconti para realizar uma exposição retrospectiva de toda sua obra, a qual deve inaugurar-se em Julho na E. N. B. A., sob os auspícios daquele órgão do Estado. Ganha, assim, oportunidade maior a divulgação deste capítulo de Frederico Barata, autor do estudo em apreço, bem como a ilustração de alguns dos mais consagrados trabalhos de Eliseu Visconti, uma das mais altas expressões da pintura brasileira.

"NU" — DA GALERIA DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES.

MARCO DIVISORIO

(Capítulo inédito de ELISEU VISCONTI E SEU TEMPO, por Frederico Barata.)

SERGIO MILHET, num magnífico ensaio em *Pintores e Pinturas*, admite que juntamente com Victor Meireles, de quem foi discípulo, e muito mais que Pedro Américo, Almeida Junior tem para a pintura nacional a importância de um marco divisorio. "Com ele — disse — afirma a nossa liberdade artística e por ele conseguimos um lugar na história da arte contemporânea." Não consigo encontrar em nenhum dos três com que justificar essa asserção. O "marco divisorio", para mim, está mais além, na geração seguinte, liderada por Eliseu Visconti. E', de resto, o mesmo critico quem, em outro trecho, posso citar em abono do meu ponto de vista: "Com 27 anos apenas, lançado de sopetão nessa Paris dos grandes impressionistas em que pontificavam nos jornais os criticos formados na escola simbolista dos meios tons, plasmados na volupia



dos *impares*, como diria "Verlaine", em que os próprios naturalistas, Zola à frente, se lançavam em defesa de Cézanne, que reações iria experimentar Almeida Junior? Tudo nos levaria a responder pela influência dos novos, si aí não estivesse a sua obra inteira a desmentí-lo. A julgar pelas suas realizações, os movimentos artísticos da segunda metade do século XIX não parecem tê-lo atingido nem de leve sequer. Não tomou conhecimento dos mesmos, nem para entrar em conflito, nem para aprova-los. Passou incólume pela batalha artística e voltou tão brasileiro quanto antes."

Ora, justamente por isso, por não ter

assimilado na Europa nada de novo, é que Almeida Junior não pode ser considerado um "marco divisorio" entre o passado e o futuro da pintura brasileira. Voltando tão brasileiro quanto antes, ele ficou na chamada *escala francesa e dentro da orientação dos "salões" oficiais*. (1) Ficou dentro dos limites básicos da Academia Imperial e tem as mesmíssimas conexões com Victor Meireles, Pedro Americo ou Zeferino da Costa, que estes tinham com os seus antecessores ou com sucessores como Rodolfo Amoedo.

O que proporciona a Almeida Junior o largo renome que desfruta na pintura brasileira são o excepcional talento e o

"GLORIFICAÇÃO DE CARLOS GOMES", DETALHE DO PANO DE BÓCA DO TEATRO MUNICIPAL (ESTUDO) SIMBOLISANDO A GLORIFICAÇÃO DE CARLOS GOMES. (OFERTADO PELA ARTISTA À PREFEITURA, QUE MANTÉM TODOS OS "CARTÕES" EM EXPOSIÇÃO NO PRÓPRIO TEATRO, EM SALA ESPECIAL).



"GIUVENTÙ", PREMIADO COM MEDALHA DE PRATA NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, EM 1900. HOJE NA PINACOTECA NACIONAL.

vigor da sua execução pictórica. *O Descanso do Modelo, A Fuga para o Egito, Remorso de Judas*, são telas eminentemente acadêmicas, encarando-se essa designação como indicadora de que não fogem ao espírito da época nem se avanteiam ao que se vinha fazendo no Brasil, a não ser por serem pintadas com a força clássica de um grande artista. Nem se diga que as outras, de temas brasileiros, como *O Derrubador Brasileiro, Caipiras negaccando* ou *A Farida da Monção*, só por isso se excecuavam a regra, visto que a variação é apenas do motivo inspirador. Ainda recentemente vi uma paisagem de Almeida Junior, do Tieté, feita em 1896, ou seja três anos somente antes da sua morte. É uma paisagem como outra qualquer que nada tem de novo e apenas, como só acontece com tudo o que produziu esse pincel privilegiado, é ótima. Mas ótimas foram também muitas outras, talvez somente menos luminosas, pintadas muito antes dele, no Brasil e do Brasil, a começar pelas de estrangeiros como Franz Post nos princípios do Século XVII e por Debret nos princípios do século XIX.

Não vejo, repito, por onde considerar a obra de Almeida Junior como um *marco divisorio*. Muito pelo contrário, junto-a como um cume, um cume altíssimo das fórmulas pictóricas que nas visinhanças do seu tempo o antecederam ou sucederam.

Aliás, em livro mais recente de Sergio Millet (11) deparo com esta observação justa e até certo ponto em conflito com a sua afirmação inicial: "O que Almeida Junior aprendeu na Europa foi a fórmula luminosa. Não a fórmula impressionista, porquanto ignorou o movimento encabeçado por Monet, porém a fórmula Cabanel, muito mais primária. A verdadeira paisagem brasileira de Almeida Junior, ou melhor paulista, se encontr nas obras anteriores à sua viagem de estudos, nas manchas sombrias do Tieté, nas telas da mocidade, quando ainda desconhecia os truques das escolas de Paris e da Itália".

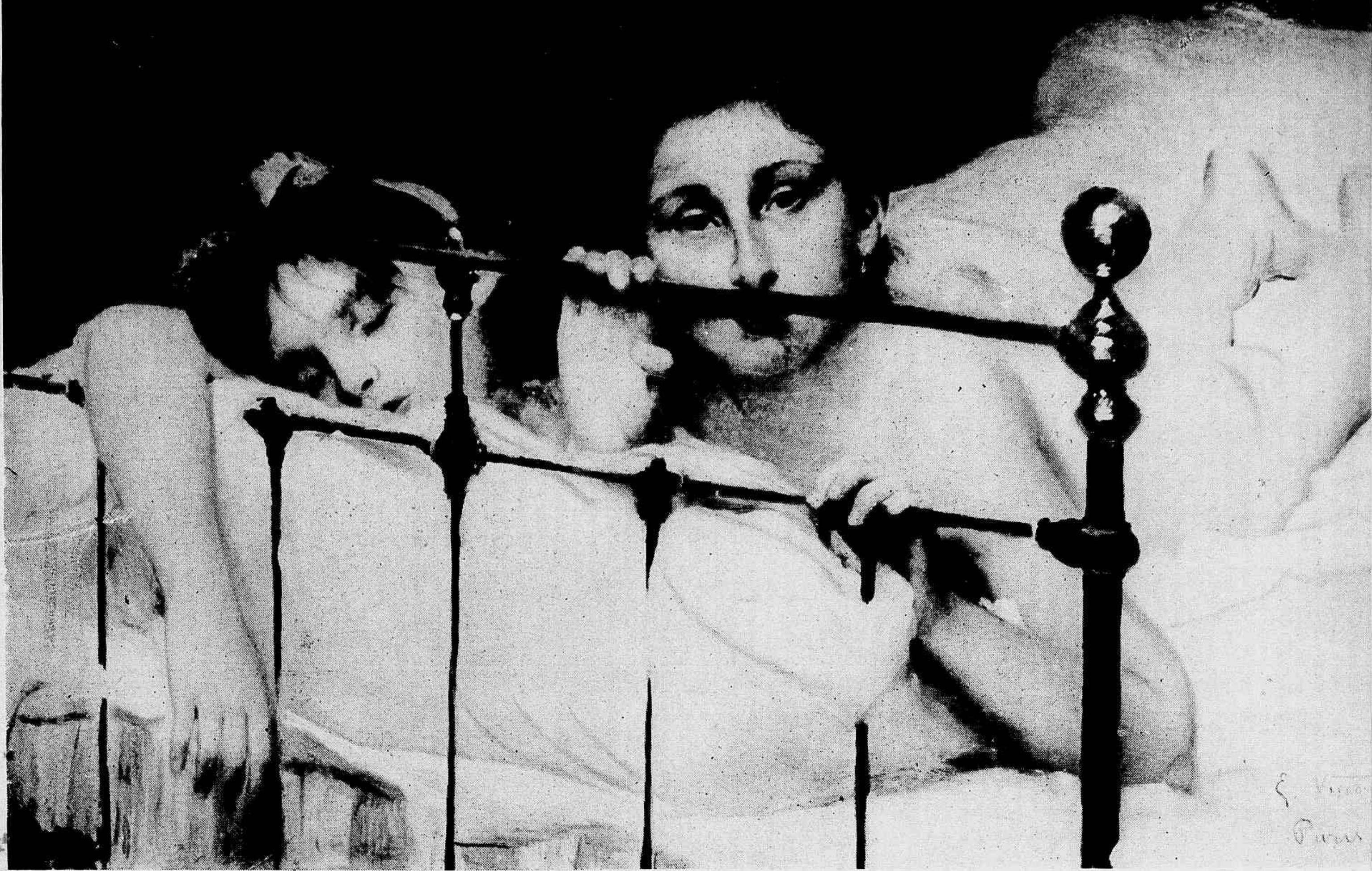
Em verdade o que se pode dizer com exatidão de Almeida Junior é que foi o primeiro dos nossos grandes pintores a fugir mais frequentemente dos assuntos bíblicos e de história sagrada, ou

dos quadros de gênero, impostos pela tradição do ensino na Academia Imperial, para pintar quadros regionalistas ou, melhor, de "temas regionalistas". De fato, mais do que qualquer outro antes dele, inspirou-se realisticamente no ambiente em que vivia, influenciado pelo seu amor às coisas humildes e aos caipiras que cercaram a sua meninice itúana. *Caipiras negaccando, Caipira p'cando fumo, Os caipiras, Cena de Roça, Nhá Chica*, etc., resultam assim de uma pura questão de temperamento sem qualquer intuito de rebeldia, sem consciencia mesmo de estar modificando alguma coisa ou derrubando uma praxe. Único dos nossos pintores famosos que para criar se isolou na provincia, bisinho, desconfiado e tímido, também ele era até certo ponto, nos hábitos, no falar e no amor à simplicidade da terra natal, um legítimo caipira. Não soube viver na Côte, como não pudera aclimatar-se, em Paris, onde, segundo depoimentos insuspeitos, só pensava em voltar, morto de saudades do Brasil. Fixando-se no cenário que o seu temperamento exigia, não terá ele caminhado para os modelos naturais, circundantes, que tinha à mão, levado pela dificuldade de obter outros necessários à obra de imaginação á qual não renunciou quando, em meio maior, compunha a *Fuga para o Egito*?

É muito possível que sim, embora a tela mais forte de Almeida Junior, como pintura, seja o *Derrubador Brasileiro*, de 1879. É uma das suas primeiras grandes obras de tema regionalista e, entretanto, foi feita em Paris, quando pensionista, o que parece prejudicar a hipótese aventada, dada a sua construção sem realismo ambiente, com modelo e cenário estrangeiros, somente com a inspiração nacionalista da saudade imensa que o artista sentia do torrão natal. Já em *Remorso de Judas* de ano seguinte, também de Paris, porque não senti o tema com a mesma paixão, ele nos mostra uma pintura acadêmica, sem a espontaneidade do *Derrubador* e sem sombra sequer da pujança clássica que torna a este uma obra-prima.

(1) SERGIO MILLET, obra citada.

(11) "O SAL DAS HERESIAS".



"AS DUAS IRMÃS", UM DOS MAIS BELOS TRABALHOS DE ELISEU VISCONTI, QUANDO PENSIONISTA, PARIS, 1894. HOJE NO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES.

Eliseu Visconti, ao contrario de Almeida Junior, não passou pelo estagio europeu sem experimentar vivas reações. Interessou-se por todas as manifestações, mesmo as mais revolucionárias, tendo para as pesquisas e inovações uma grande tolerância e uma esclarecida receptividade. Nunca desprezou a bagagem de conhecimentos levada da Academia mas passou a servir-se dela como de um solido alicerce, sobre o qual poderia edificar diferentemente, experimentando os novos elementos que lhe iam sendo revelados pela sua e pela alheia experiencia. Insatisfeito sempre com a propria obra, essa insatisfação passa a ser, desde que chegou à França, como primeiro pensionista da Republica, a característica marcante da sua personalidade.

Poderíamos, si quizessemos, dividir a sua longa vida artistica em dez ou mais periodos distintos e em nenhum deles encontraríamos esses sinais de estagnação comuns a varios dos seus contemporaneos, que estacionaram ao atingir o *savoir-faire* em um rumo determinado, aceitando-o como insuperavel. Na ansia de assenhorar-se de novos processos interpretativos nunca se deteve e seguiu sempre, com independencia, os caminhos escolhidos pelo proprio temperamento, sem jamais admitir que o campo artistico pudesse sofrer limitações intransponiveis, fugindo ás leis da evolução. Nisso ele difere de Almeida Junior e por isso quero considerar a sua obra, e não a do grande paulista, com a importancia de um marco divisorio, precursora real da inquietação moderna nas pesquisas ininterruptas, no estudo continuo e incessante das mais diversas formas de expressão. Aos 76 anos, após festejar o jubileu de pintor, ouço ainda esse mestre de varias gerações defender com enfase, diante dos discipulos e amigos, a tese de que a arte é movimento e que ao artista, eterno pesquisador da forma, como à vida, só a morte poderá deter.

"MATERNIDADE", OUTRO ADMIRAVEL QUADRO DE VISCONTI. PERTENCE AO MUSEU IPIRANGA, S. PAULO.





24 HORAS DA VIDA DE EVA



NUNCA o título daquele livro famoso de Stefan Zweig — *24 horas na vida de uma mulher* — foi tão justificado como no caso da “estrêla” favorita do nosso grande público. Mesmo porque Eva é sinônimo de mulher e ainda mais quando todas as mulheres do Universo, com seus caprichos, temperamentalismos e seus pequeninos dramas, podem resumir-se na personalidade intrínseca da artista. Neste caso, porém, as vinte e quatro horas da vida de Eva — artista — resultam muito mais trabalhosas e exaustivas que as de tantas Evas para quem o dia é apenas um novo pretexto para deliciosos passeios e divertimentos. A artista trabalha. Da manhã à noite. Mesmo quando faz o seu giro de bicicleta pela praia, está refazendo os músculos para o dia que tem à sua frente, cheio de responsabilidades e labôres. Aqui estão, nestas oito pôses da interprete de “*A Sombra dos Laranjais*”, de Viriato Corrêa, que tanto sucesso está marcando neste momento, no Teatro Serrador — as principais etapas do seu dia costumeiro.

9 horas — Ao despertar. No Paraíso já devia ser assim. Seu primeiro olhar dirige-se ao espelho. Mas no Paraíso as águas deviam servir de espelho...

10 horas — Trinta minutos de exercício predispondo todos os músculos para vinte e quatro horas de luta... Oculos escuros para não ferir a vista. E um lindo sweater...

11 horas — Quinze minutos de repouso, após o exercício, mas lendo o papel da peça futura. Artista de responsabilidades, trabalha mesmo quando descansa...

12 horas — Uma hora importante, pois não! ‘A custa desta, giram todas as outras. E o almoço parece apetitoso!

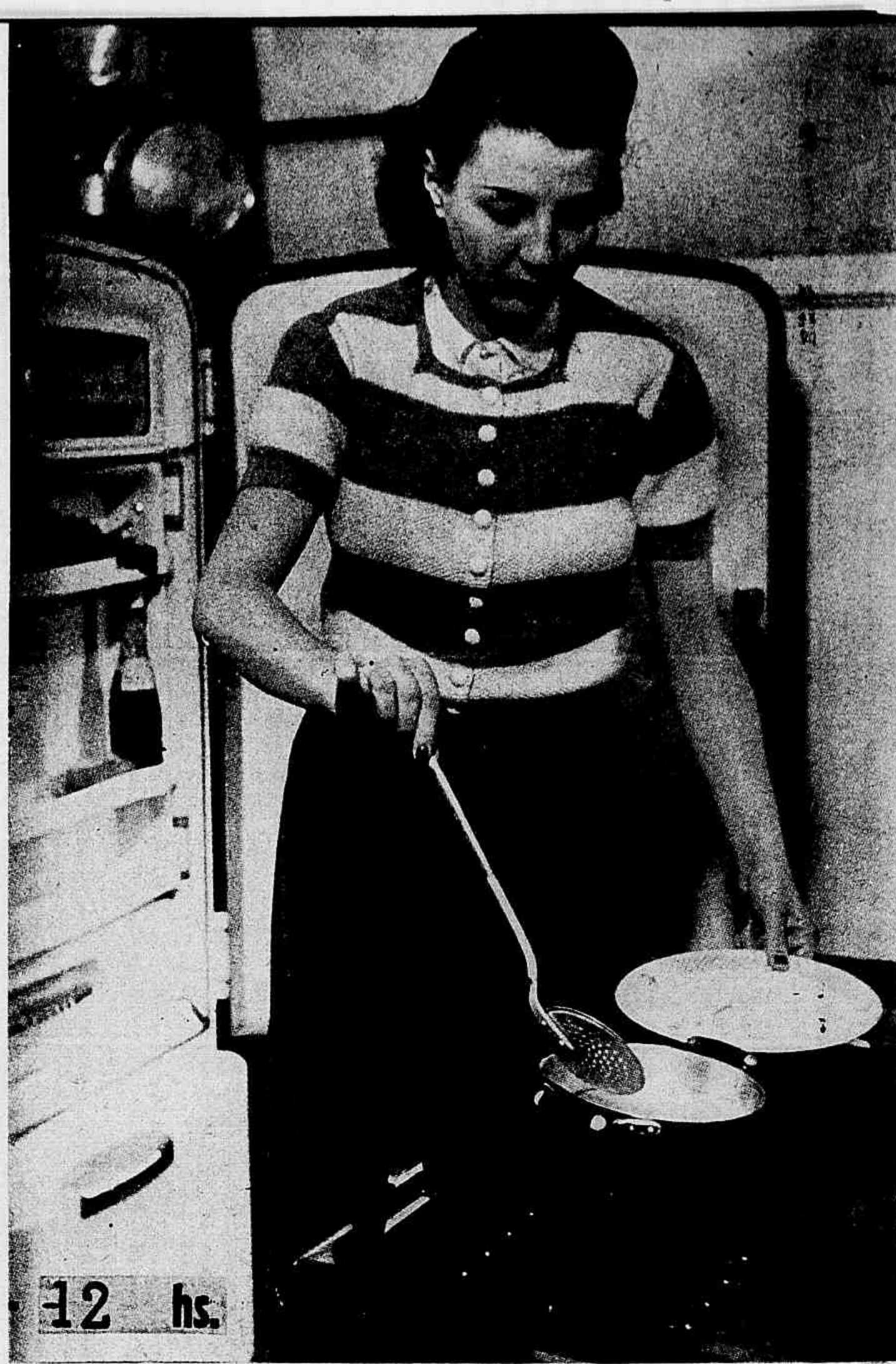
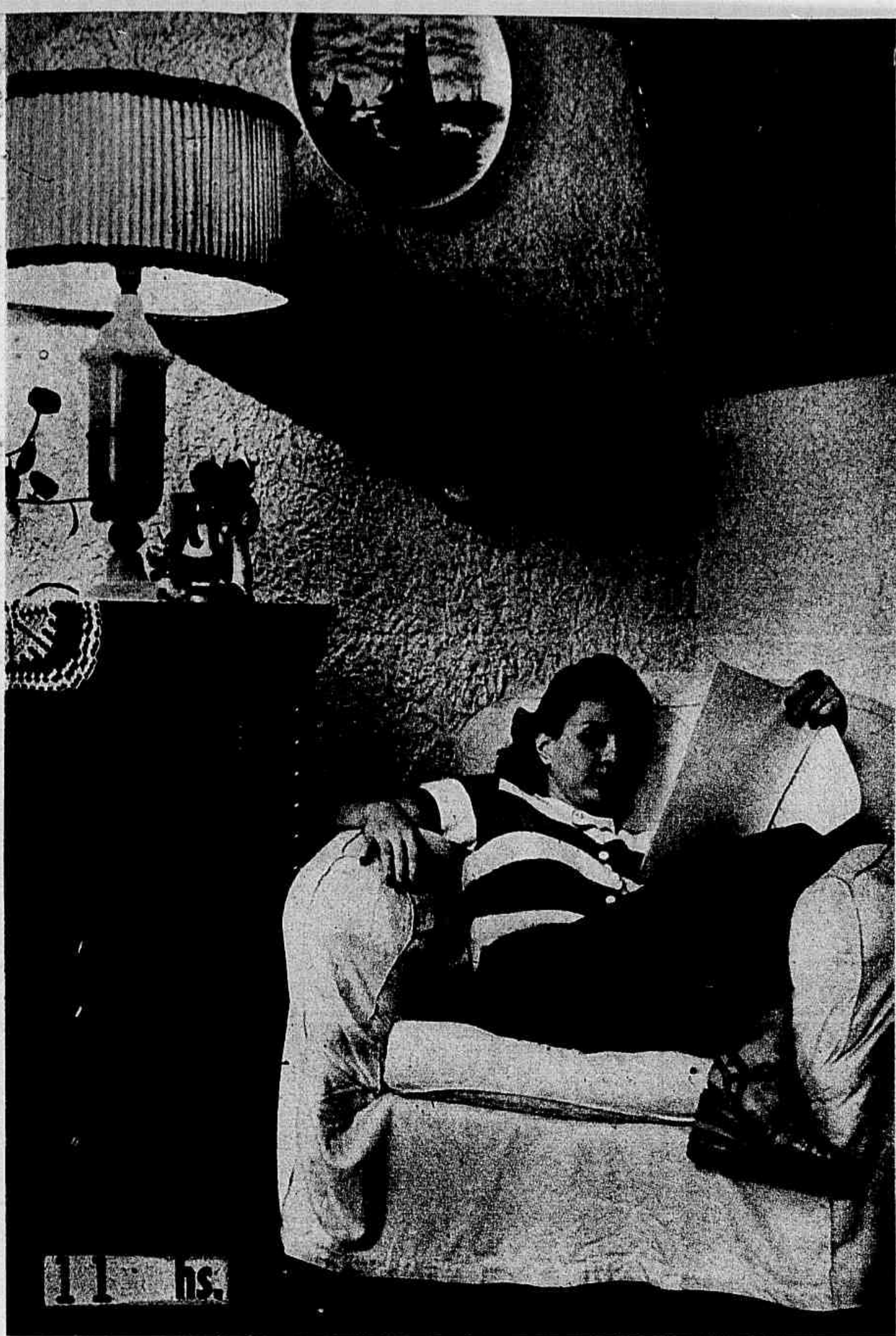
15 horas — Hora de ensaio, no Teatro Serrador. A “estrela” está ouvindo o velho mestre Eduardo Vieira.

17 horas — Alguns minutos de palestra com o Malaquias, seu velho amigo e confidente.

19 horas — Já dentro do camarim. Preparativos para entrar em cena. Esta é a hora em que Eva perde sua personalidade, adquirindo a que os autores tenham dado; ao seu papel. Propriamente o dia de Eva, ela mesma, terminou...

20 horas — Na hora em que deixou de ser Eva, para ser a Zulmira da comédia “*A Sombra dos Laranjais*”.

E no dia seguinte, a historia continua. Ou melhor: repete-se!



PARA O

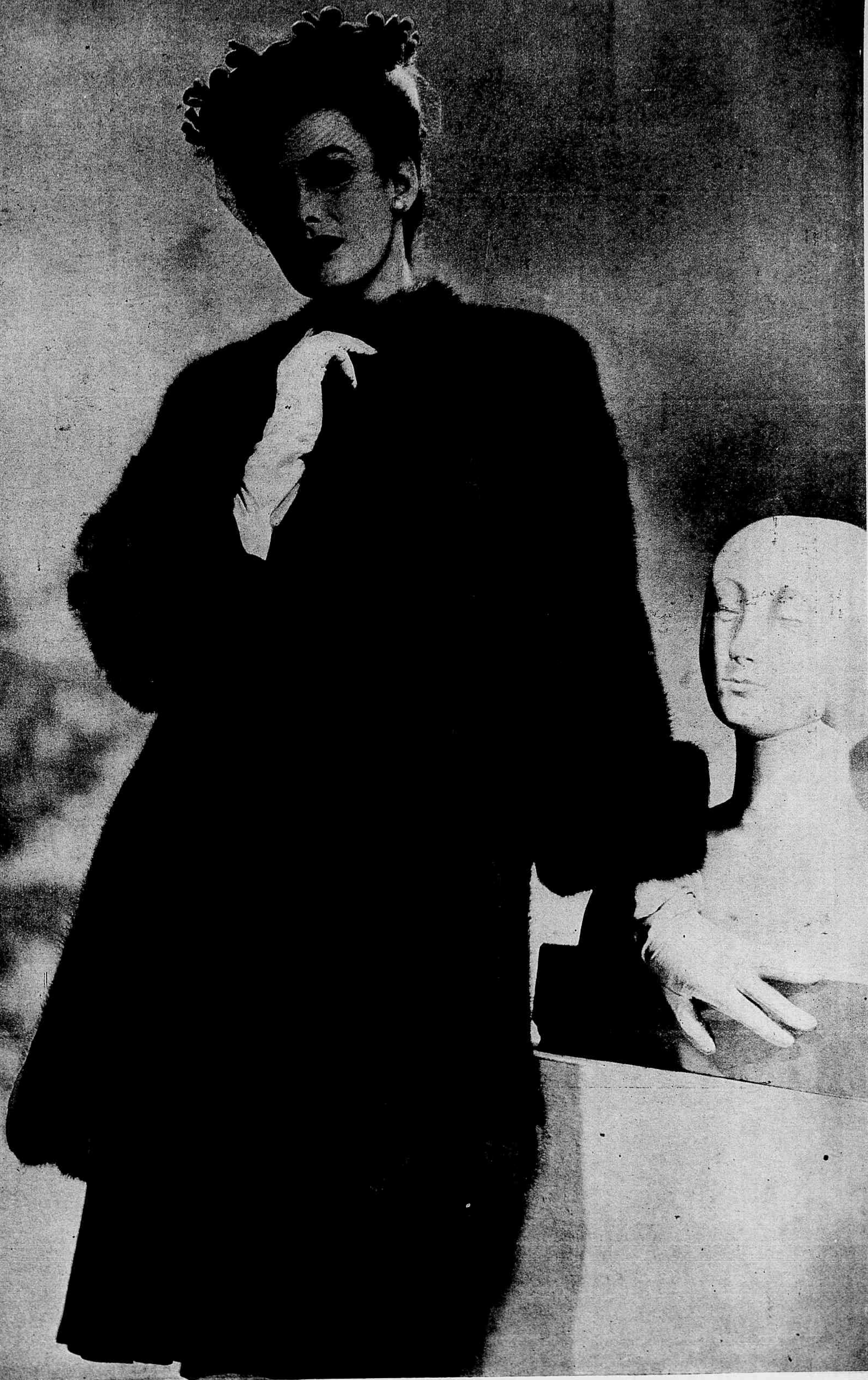
Inverno



UMA LINDA "TOILETTE" DE INVERNO, OSTENTADA PER JANE WYMAN, DA WARNER. CASACO E NO PÉ GOLA ALTA FORMANDO DECOTE PEQUENO. BOTÕES, CHAPÉU E CAPA DE LONTRA. UMA COMBINAÇÃO DE VERDE SECO E MARRON RESULTARÁ DE GRANDE EFEITO. BOTÕES NO MESMO TECIDO DO CASACO.



CASACO COMPLETO, PARA SAÍDA EM "SOI-REÉ", DESENHADO POR "DENTON FREY", DE NOVA YORK. CAI NATURALMENTE, DEVENDO SER USADO SEM BOTÕES, OU RECOBERTO COM UM ÚNICO. CONFECCIONADO EM LONTRA, OU MESMO EM PELO LONGO, NUM TOM BASTANTE ESCURO, VALE POR UMA "TOILETTE" COMPLETA.



MODELO ARISTOCRÁTICO POR EXCELENÇA. PARA AS CRIATURAS TOCADAS DE UM FORTE SENTIDO DE "GLAMOUR". REQUER O COMPLEMENTO DE UM VESTIDO ESCURO EM LINHAS SIMPLES E LEVES. CHAPÉU DE FELTRO, MAS COBRINDO O PENTEADO E FORMANDO PEQUENAS TOQUES DE FLORES. LUVAS DE CAMURÇA BRANCA OU CREME. MANGAS DOBRADAS. BOTÕES INVISÍVEIS.



MOBILIARIO EUROPEU

A gravura acima reproduz um interior de *living-room* para residência de inverno, adaptação de um modelo europeu, com poltronas estofadas em couro escuro, em contraste com a pintura branca da lareira e a côr dos quebra-luzes postos sôbre as pequenas mesas do fundo.

Um tapete cinza de desenhos simples cobre por completo o assoalho, e nas janelas estão colocadas cortinas da mesma côr e do mesmo padrão.

No centro da peça, sustentando vasos de flôres e volumes encadernados em vermelho, uma mesa de cristal completa o mobiliário dêste rico *living-room*.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

Aproveitem os preços reduzidos durante a TRADICIONAL VENDA ANUAL

DA



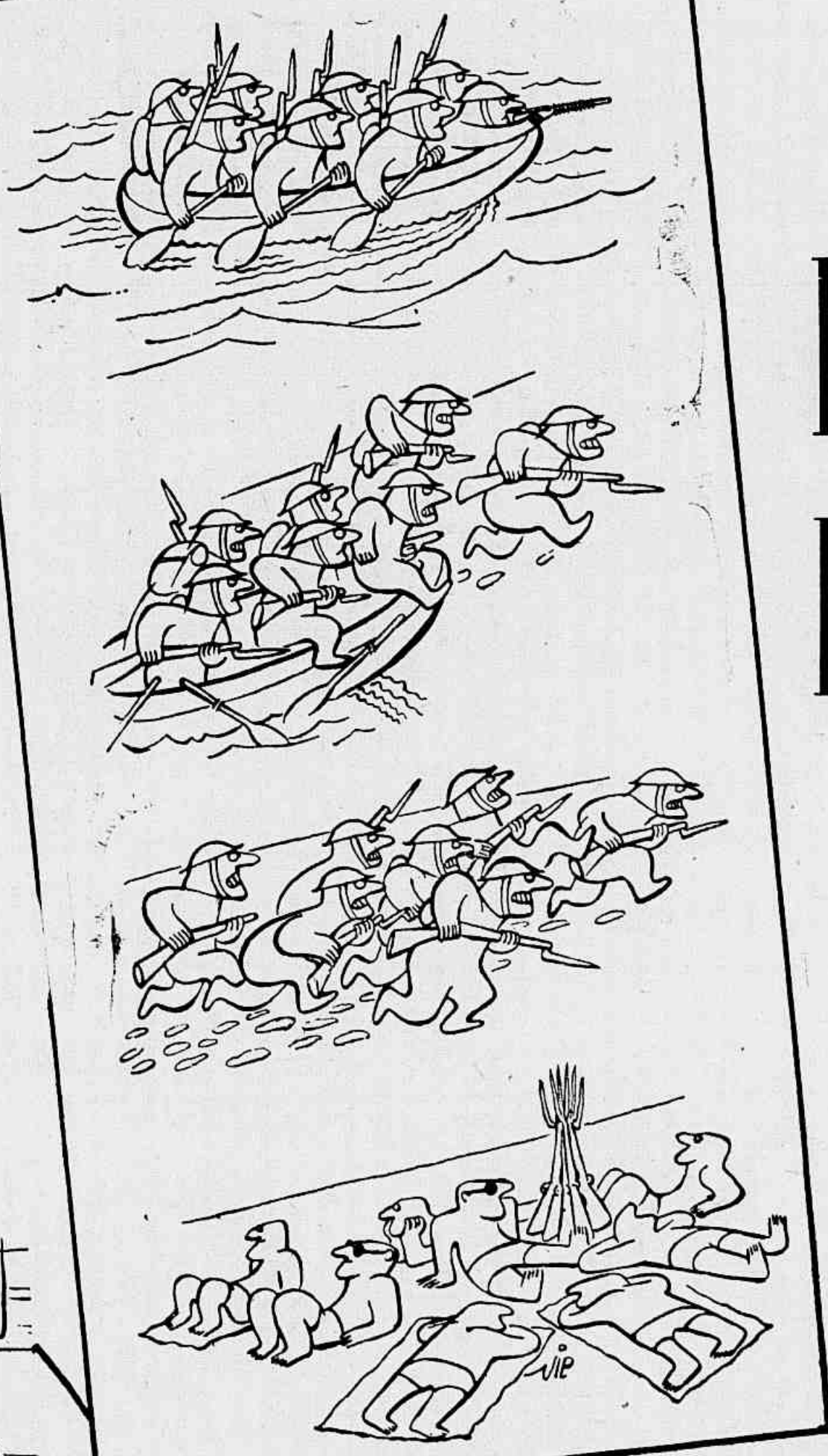
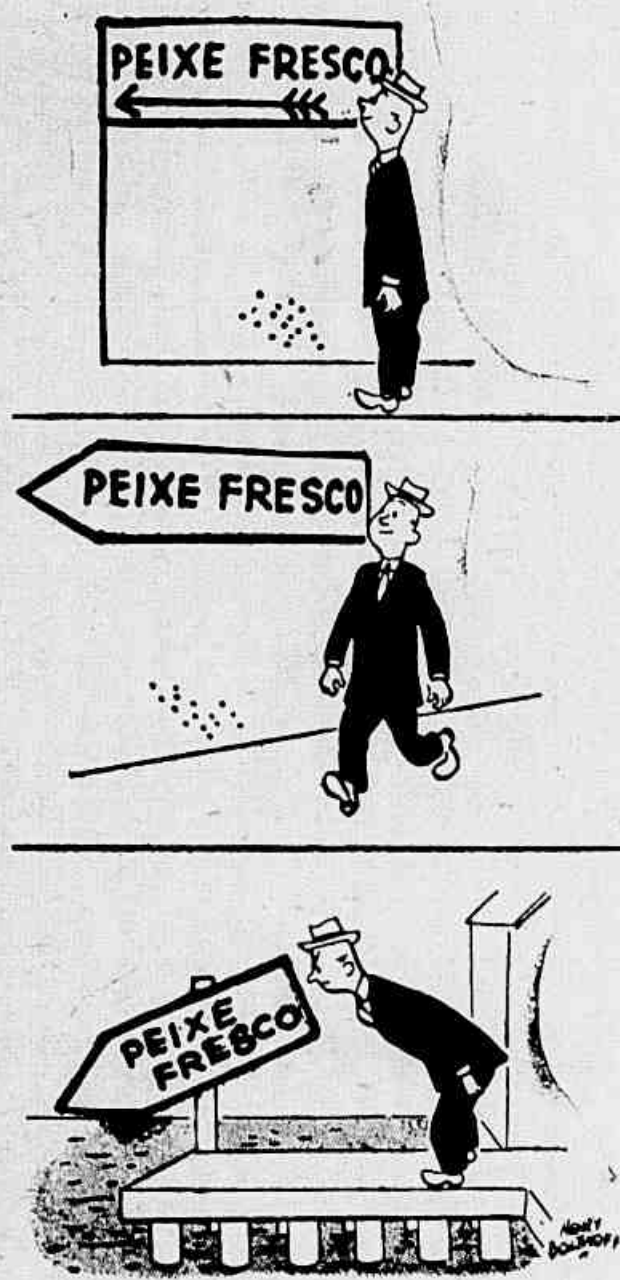
65

.. RUA DA

CARIOCA

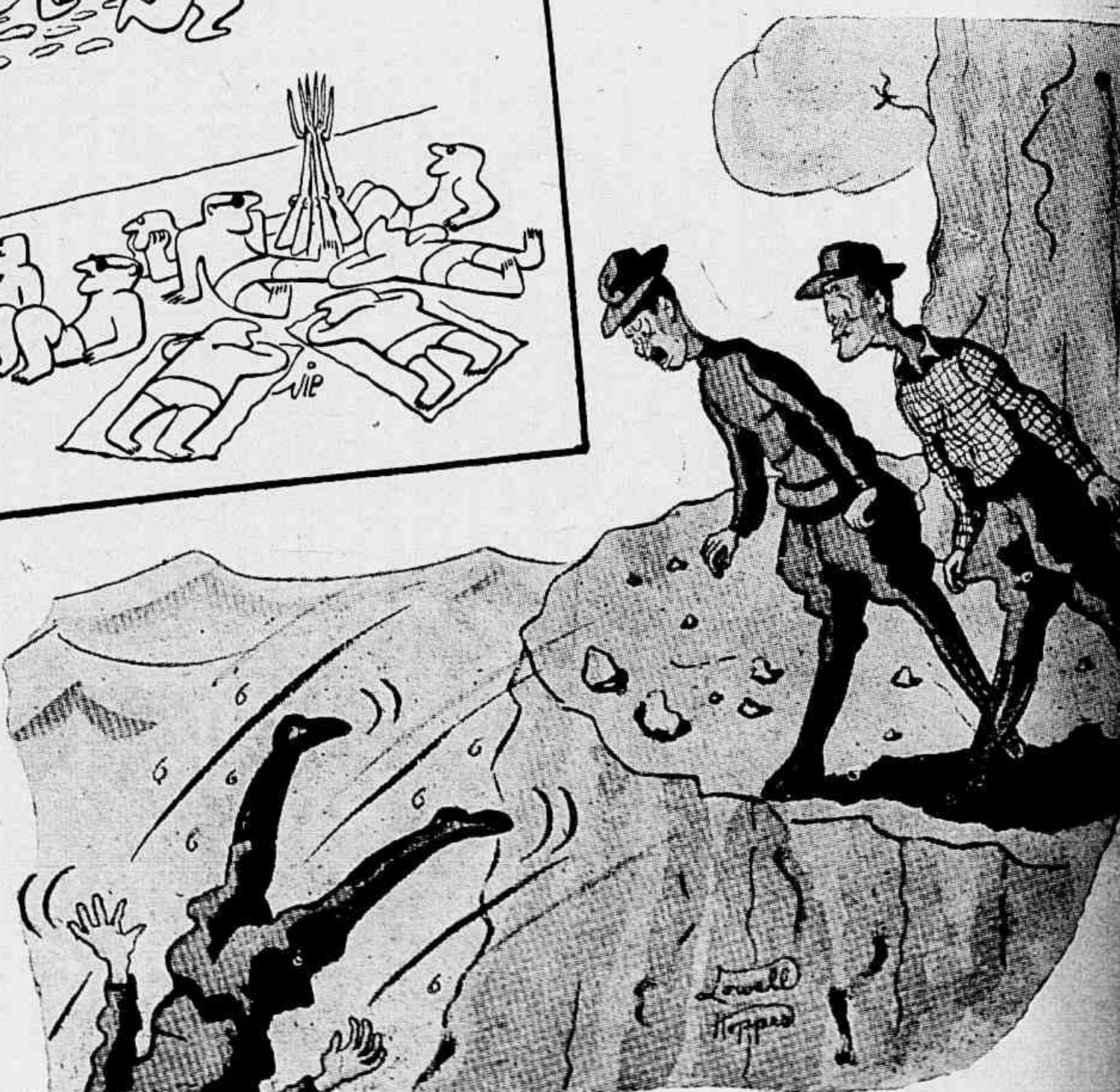
.. 67

.. RIO



De bom humor

— ÉLE PODE SER O GUIA MAS NÃO ME SINTO TENTADO A SEGUI-LO.



Idéia vitoriosa

COM NOVA DENOMINAÇÃO ANTIGA SOCIEDADE POPULAR DE BENEFICÊNCIA

O leitor encontrará em outro lugar desta edição, uma publicação referente a "SOCIEDADE DE AUXÍLIOS E BENEFICÊNCIA ESTRELA" (SABE), antiga Caixa Geral Funerária. A notícia em apreço é um resumo do relatório apresentado por aquela organização, e que demonstra, por meio de cifras, o progresso a que ascendeu aquela tradicional sociedade de auxílios populares.

Por que razão, entretanto, foi modificado o nome desta associação, que há tanto tempo coopera com o público no sentido de lhe proporcionar benefícios de modo inteiramente acessível? Para obter-se uma resposta satisfatória mistér se faz que lancemos a vista para traz e analisemos o seu histórico. A Caixa Geral Funerária foi fundada em 1909, atrando, desde então, grande numero de associados. Sua finalidade inicial era facilitar a família do sócio, em caso de morte, o funeral e seu custeio, estabelecendo para isso a modesta contribuição mensal de 2 cruzeiros para o chefe da matrícula e 1 cruzeiro para os demais membros da sua fa-

mília. Com o decorrer do tempo, porém, dada a ampliação dos trabalhos da sociedade, o seu progresso se acentuou de tal modo, que outras vantagens foram nela introduzidas, sem aumento da mensalidade. Consistem tais vantagens em ambulatório medico, assistência jurídica, etc. Varias filiais foram também inauguradas em diversas cidades do Estado do Rio, de sorte que o quadro social acusa atualmente mais de 100 mil sócios. Os benefícios pagos sobem a quasi 5 milhões de cruzeiros, sendo o patrimônio, constituído de varios prédios, imóveis, utensílios, depósitos bancários, etc., tudo avaliado em cerca de 1 milhão e meio de cruzeiros.

Compreendendo que a finalidade da Caixa não correspondia mais a denominação de funerária, como era conhecida, um grupo de associados ventilou na imprensa diaria a ideia de se dar á mesma outra designação mais expressiva e que se ajustasse inteiramente aos objetivos mais amplos, que a caracterizam atualmente. Operou-se, assim um movimento que logo interessou todo o quadro social e principalmente a Diretoria que deu vida a campanha. Tomando particular interesse pelo caso, a administração procurou solucionar-lo, organizando imediatamente uma comissão para tratar do assunto, entre sócios e diretores. Este processo foi discutido em varias assembléas deliberativas as quais a imprensa acompanhava, noticiando amplamente o andamento das démarches. Assim se chegou a feliz conclusão de se dar a Caixa a atual denominação SOCIEDADE DE AUXÍLIOS E BENEFICÊNCIA ESTRELA (SABE). Dessa maneira, apenas foi mudado, e com muito acerto, o nome, continuando integral o programa da sociedade, que data de 1909.

Com os benefícios consideravelmente aumentados, contando mais de 100 mil associados, a SABE vai realizando um dos mais belos trabalhos de assistência e previdência social em perfeita concordancia com as intenções governamentais.

Nós, que ha' muito, vimos publicando os varios acontecimentos da vida da nóvel agremiação, com o maximo prazer, registamos esse fato auspicioso felicitando os autores da ideia, diretores e associados em geral da SABE.

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e reifrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**

Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202

TELEFONE 43-3234

Companhia Fornecedora de Materiais

LADRILHOS — AZULEJOS — LOUÇAS SANITÁRIAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TEL. 22-7740 — REDE PARTICULAR
TELEGRAMAS "ARTHEDO"

Rua Frei Caneca, 35 - 39

Rio de Janeiro — Brasil

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

SABONETE



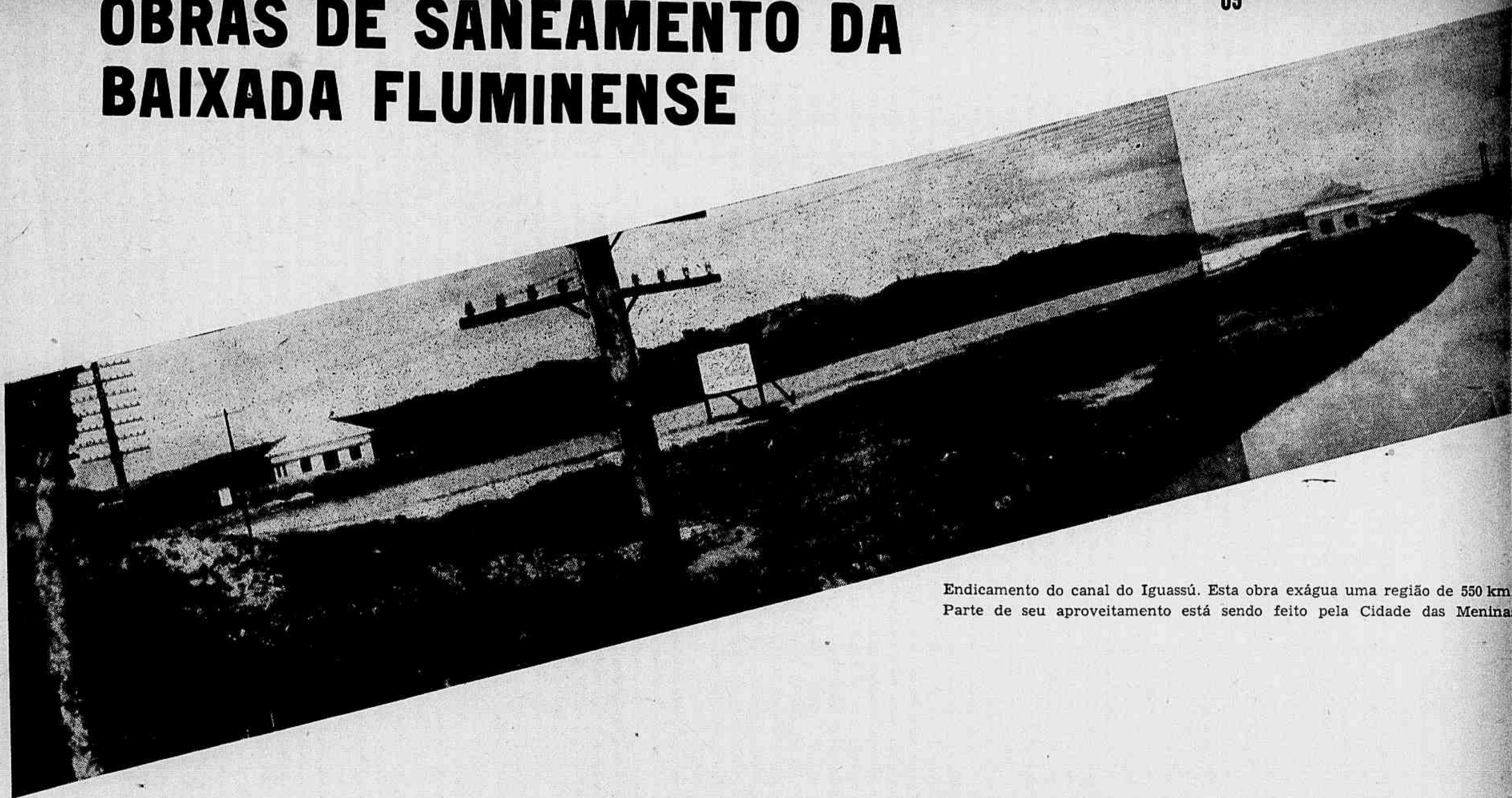
Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

OBRAS DE SANEAMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE

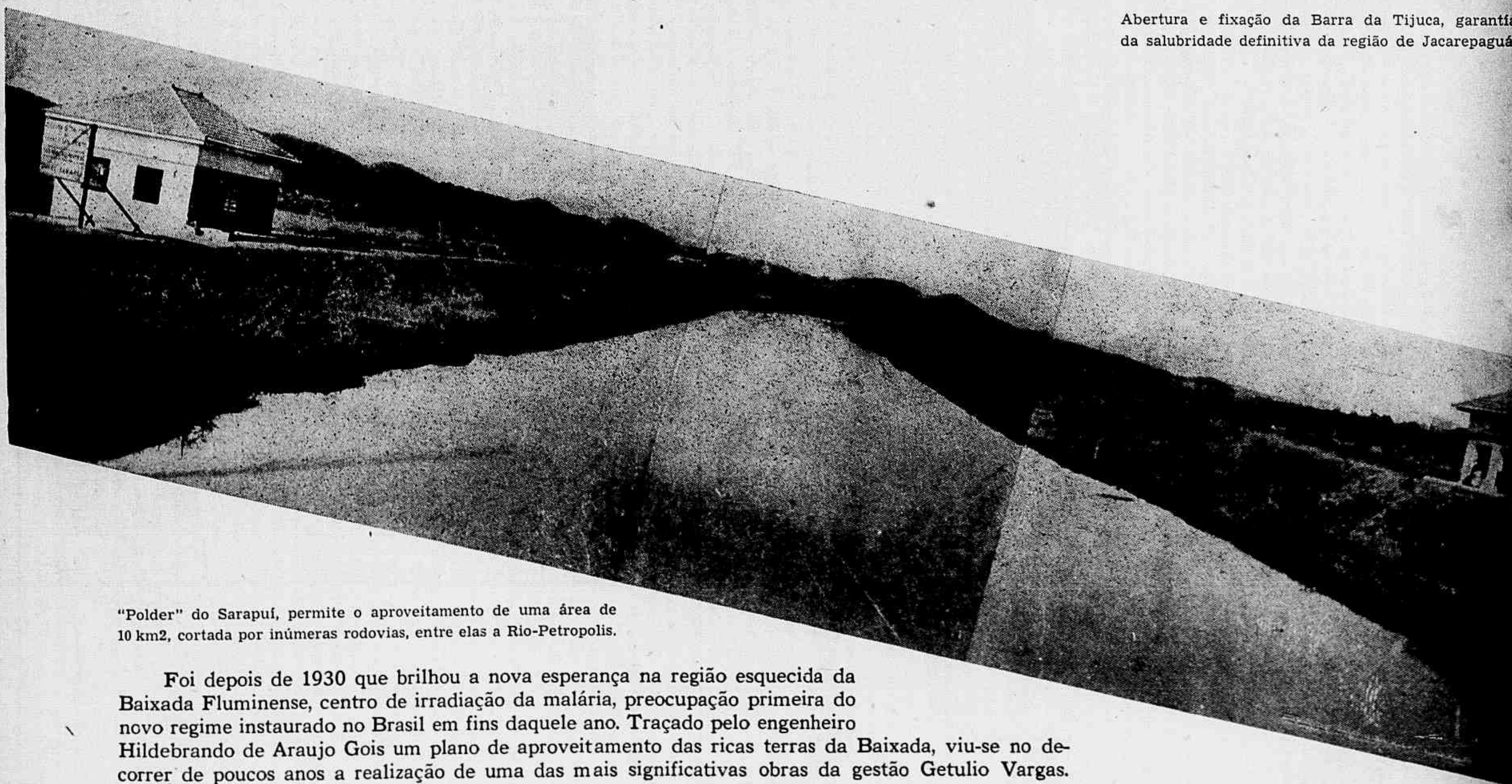
69



Endicamento do canal do Iguassú. Esta obra exágua uma região de 550 km. Parte de seu aproveitamento está sendo feito pela Cidade das Meninas.



Abertura e fixação da Barra da Tijuca, garantia da salubridade definitiva da região de Jacarepaguá.



"Polder" do Sarapuí, permite o aproveitamento de uma área de 10 km², cortada por inúmeras rodovias, entre elas a Rio-Petropolis.

Foi depois de 1930 que brilhou a nova esperança na região esquecida da Baixada Fluminense, centro de irradiação da malária, preocupação primeira do novo regime instaurado no Brasil em fins daquele ano. Traçado pelo engenheiro Hildebrando de Araujo Gois um plano de aproveitamento das ricas terras da Baixada, viu-se no decorrer de poucos anos a realização de uma das mais significativas obras da gestão Getulio Vargas.

O esplendor da beleza feminina refulgindo numa cutis tratada com esmero...



*... e um fascinante sorriso de infalível prazer após uma aplicação de Leite de Rosas! **

Goze, Vcê, também, os benefícios da vida ao ar livre, protegendo sua cutis com Leite de Rosas.

Leite de Rosas

Limpa, clareia e acetina a cutis, eliminando espinhas, sardas, pontos e manchas. Desodorante ideal, conserva a pele e as vestes permanentemente perfumadas.

-O PREPARADO QUE DÁ "IT"

Estes quatro modelos podem ser executados em linho ou brim de seda. Em todos eles os motivos de enfeite principais são os pespontos e botões. As saias são franzidas ou godet dando-lhes amplitude.



OUTROS
Modelos



Ambrósia

O SABONETE DO SÉCULO XX

COM AS PROPRIEDADES QUÍMICAS DO TÍNDÓ E O PERFUME DAS ROSAS

ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR A CUTIS E COMBATER A CASPA

O DEPILATORIO SEREIA é o único produto de seu gênero que, além de combater e extirpar por completo a capilosidade, promove o fechamento dos poros concorrendo assim para a beleza e saúde de sua cutis.

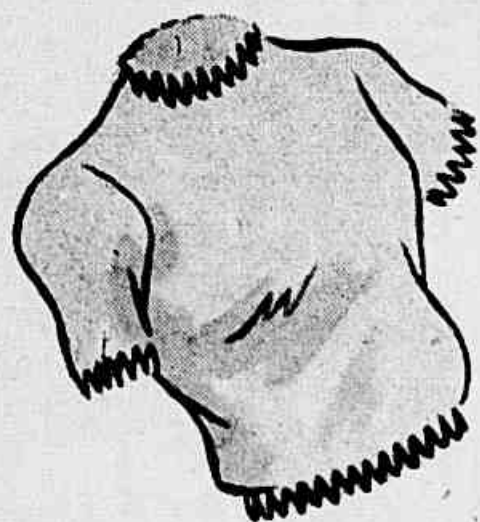
Seja bela e feminina usando o

Depilatorio SEREIA

A VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS



MANTEAUX
LINGERIE
COSTUMES
VESTIDOS
ESPORTE
CHAPEOS
PELES



V. Exa. já conhece a nova secção de modas no SUB-SOLO da Casa Lú? As mais modernas criações para a estação, num ambiente de requintado bom gosto.

QUALIDADE
DISTINÇÃO
PREÇOS

CASA *Lú* MODAS
ASSEMBLÉIA esq. GONÇALVES DIAS

A madrugada de 6 de junho ficará memorável para nós todos. É caso para instituir uma "enquete" com o propósito de saber "de que maneira você soube a notícia da Invasão?"

E quantas respostas curiosas seriam publicadas! Homens doentes morreram repentinamente de tanta alegria. Uma francesa, em Copacabana, abriu as janelas e gritou, para a vizinhança, acordando os vizinhos: — "Brasileiros, acordai! Começou a invasão! Já existem soldados aliados na França..."

Os telefones tilintavam misteriosamente, pela madrugada... As próprias telefonistas davam o sinal de alarme... Pediam-nos que ligássemos os nossos aparelhos de rádio... E que notável serviço o rádio nos deu na manhã de 6 de Junho do ano da graça de 1944!

Depois eram as edições Extra dos jornais. Os grupos nas esqui-



12 CIAA NY A CIAA RIO 6/6/44. WITH THE INVASION FLEET IN THE BACKGROUND MEMBERS OF THE UNITED NATIONS FORCES RECEIVE BLESSING FROM A U.S. ARMY CHAPLAIN AS THEY PREPARE TO DEPART FROM AN ENGLISH PORT TO INVADE NAZI OCCUPIED FRANCE

OUTRA MAGNIFICA RADIOFOTO DA I.N.S. MOSTRANDO-NOS FORÇAS NORTE-AMERICANAS DE INVASÃO QUANDO RECEBIAM A BENÇÃO DE UM CAPELÃO DO EXERCITO AO SE PREPARAREM PARA EMBARCAR, EM UM PORTO DA INGLATERRA, COM DESTINO À FRANÇA OCUPADA PELOS NAZISTAS. ESSES HOMENS PREPARAVAM-SE PARA VIVER O MAIS HISTÓRICO MOMENTO DA HUMANIDADE. ELES SÃO CREDORES DA NOSSA ADMIRAÇÃO E SUA BRAVURA NÃO SE ESQUECERÁ. ANTES, A EVOCAREMOS SEMPRE E CADA VÊZ MAIS.

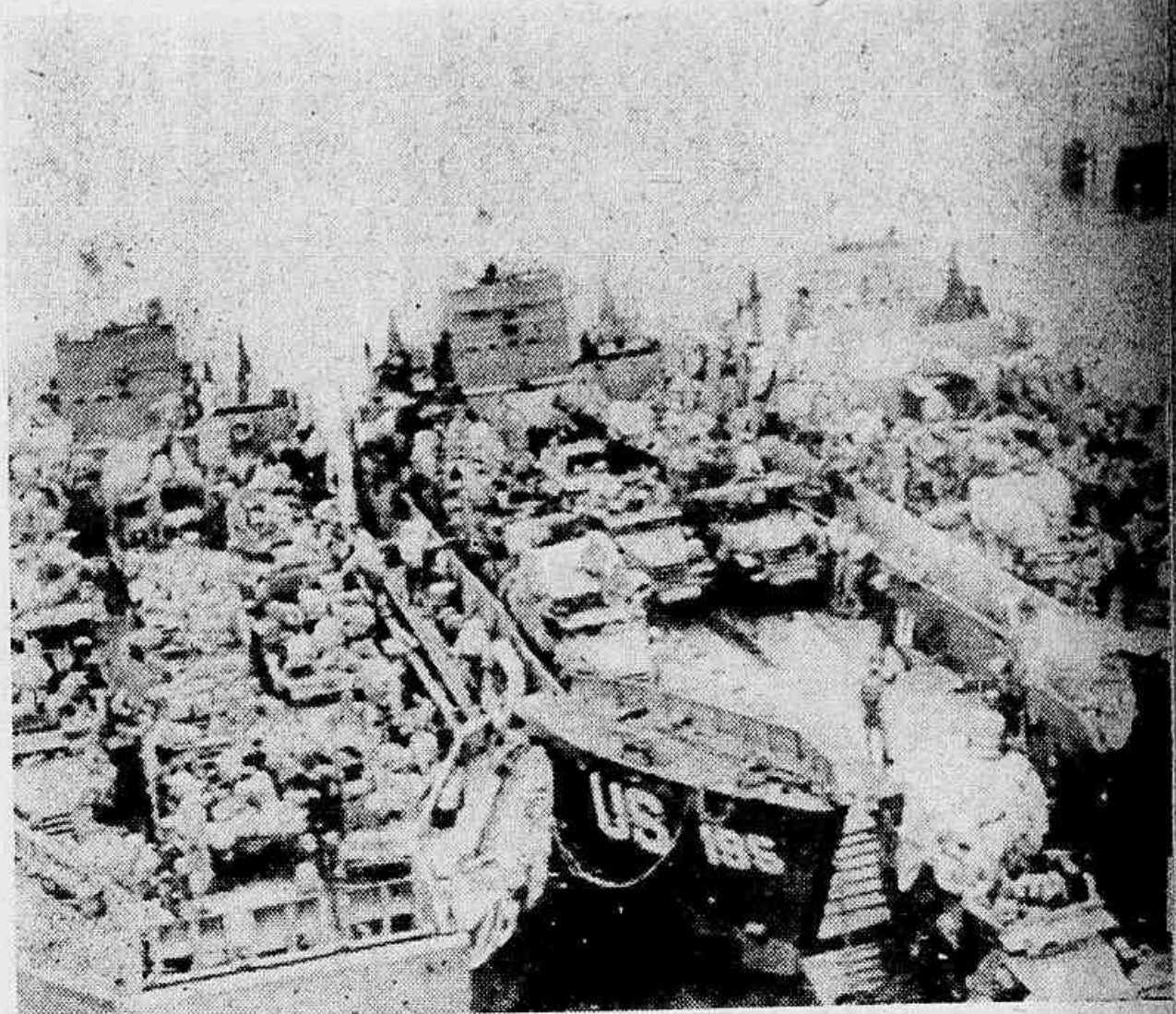
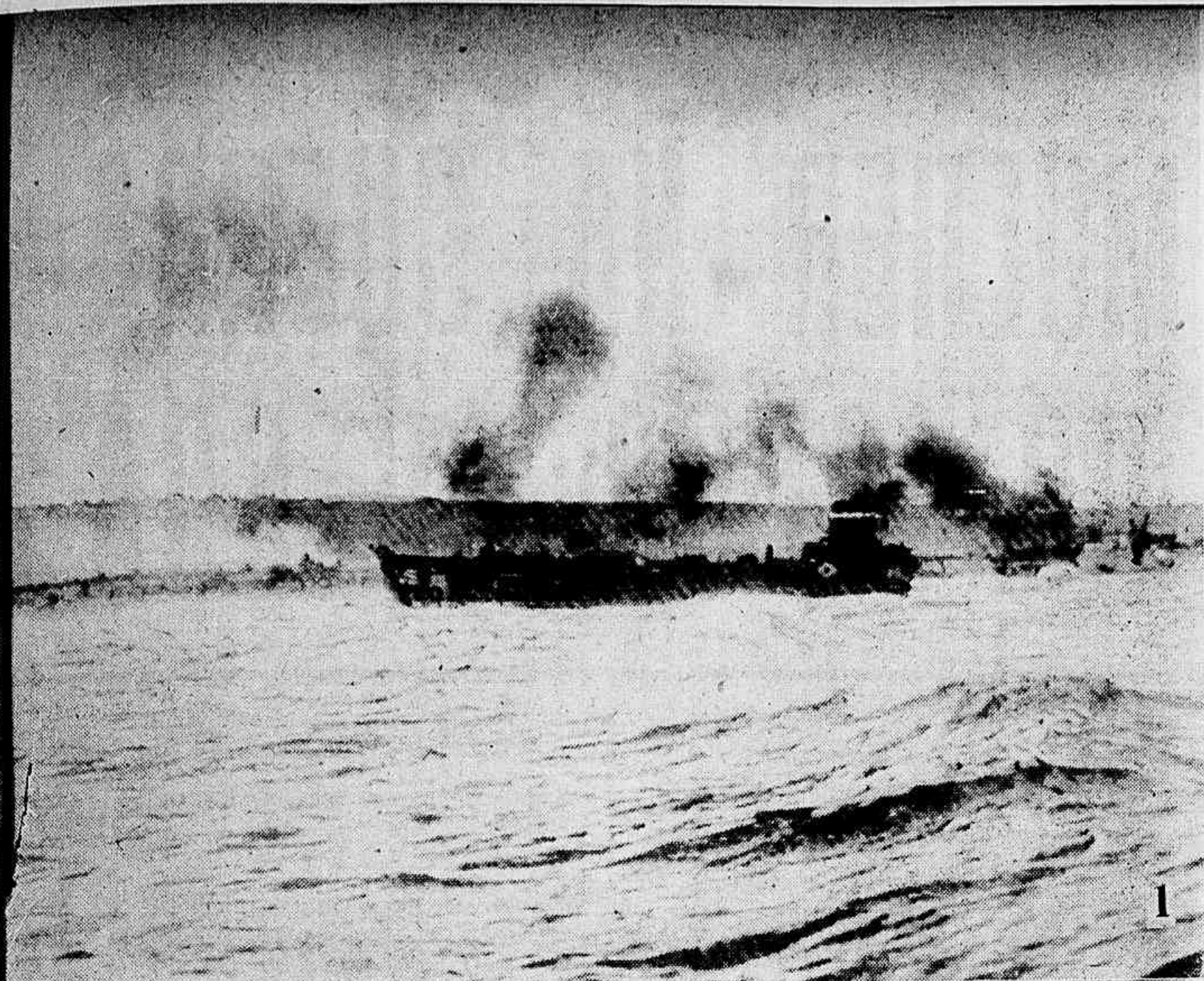
COM PESADOS CAMINHÕES PARA CONDUZIR-LAS NO SEU AVANÇO POR SOBRE A FRANÇA, TROPAS NORTE-AMERICANAS PREPARAM-SE PARA EMBARCAREM TERRAS INGLESA. A INVASÃO VAI COMEÇAR. ESSE FLAGRANTE FOI BATIDO NA NOITE DE 5 PARA 6 E, HORAS MAIS TARDE, OS HOMENS QUE AI VEMOS ATIRAVAM EM CHEIO CONTRA OS BARBÁRIOS NAZISTAS, OS "TAIS" QUE NÃO RECONHECEM OUTRO DIREITO SINÃO O DA FORÇA. OS ALIADOS FIZERAM-LHES A VONTADE. E A FORÇA É RESPEITÁVEL...



11 CIAA NY A CIAA RIO 6/6/44. WITH HEAVY TRUCKS TO CARRY THEM IN THEIR ADVANCE U. S. TROOPS PREPARE FOR EMBARKATION FROM A PORT IN ENGLAND.

BOMBAS ALIADAS DESPEJADAS PELOS AVIÕES DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE TERRITÓRIO INVADIDO. A INVASÃO DEIXOU DE SER UMA PROMESSA PARA CONSTITUIR A MAIS COMPLETA REALIDADE, APEZAR DE TODAS AS NEGAÇÕES NAZISTAS NESSE SENTIDO...

nas. Os telegramas com as primeiras notícias confirmando o acontecimento pelo qual todos esperávamos. Era o comício assombroso daquela mesma tarde, nas escadarias do Teatro Municipal... Aplausos... Desabafos... Era, enfim, o Mundo sentindo que a hora da "vendetta" chegava. E desde esse dia, todos vivemos outra vida. As crianças esperam conhecer dias com outros ambientes melhores. Os falados "chefes" do Eixo teem os seus dias contados. E aqui estão, graças à telefoto, as primeiras cenas da Invasão que o Rio conheceu, cuja reprodução a REVISTA DA SEMANA faz mercê de uma deferência especial do vespertino O GLOBO.



A INVASÃO EM MARCHA!



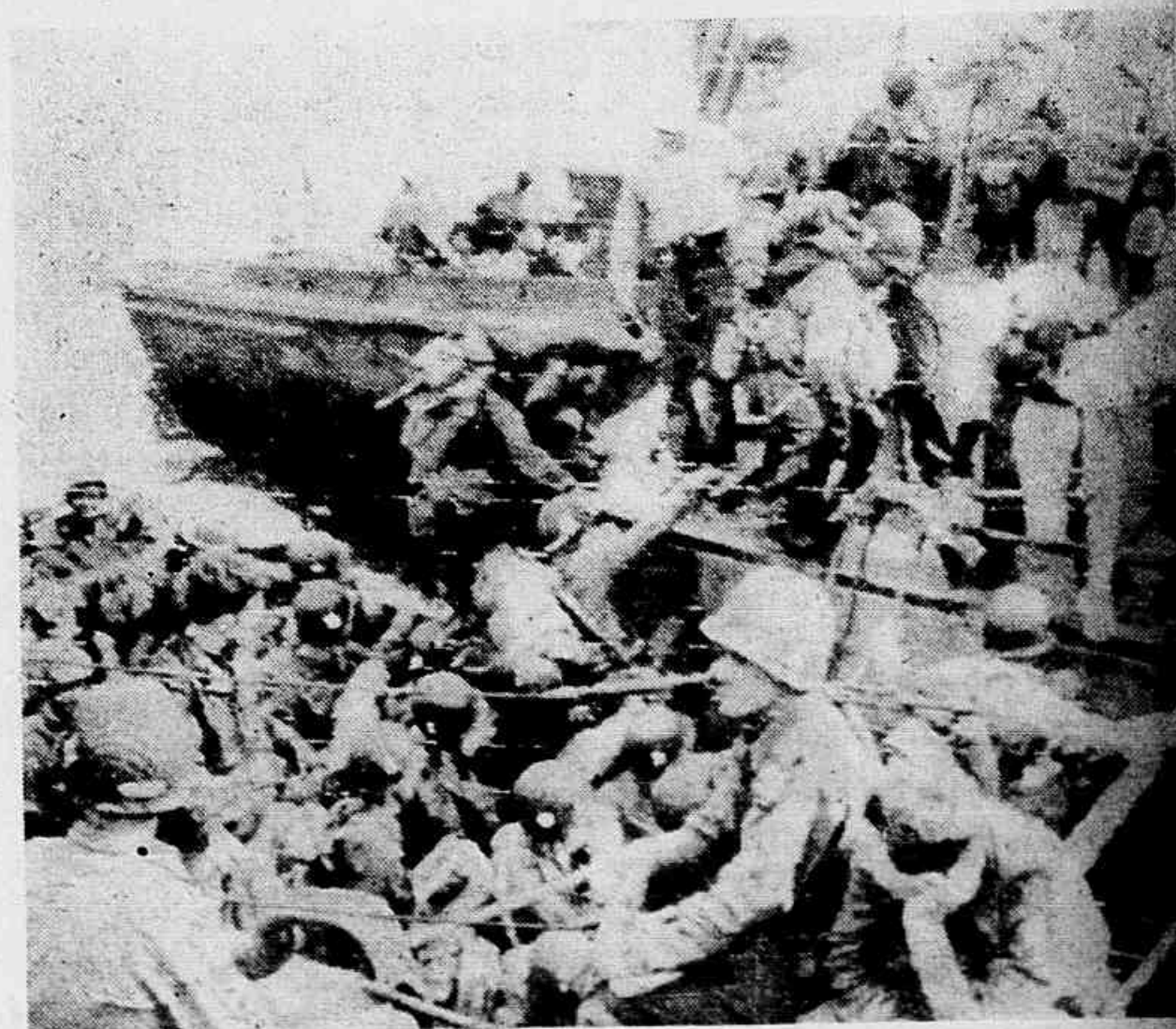
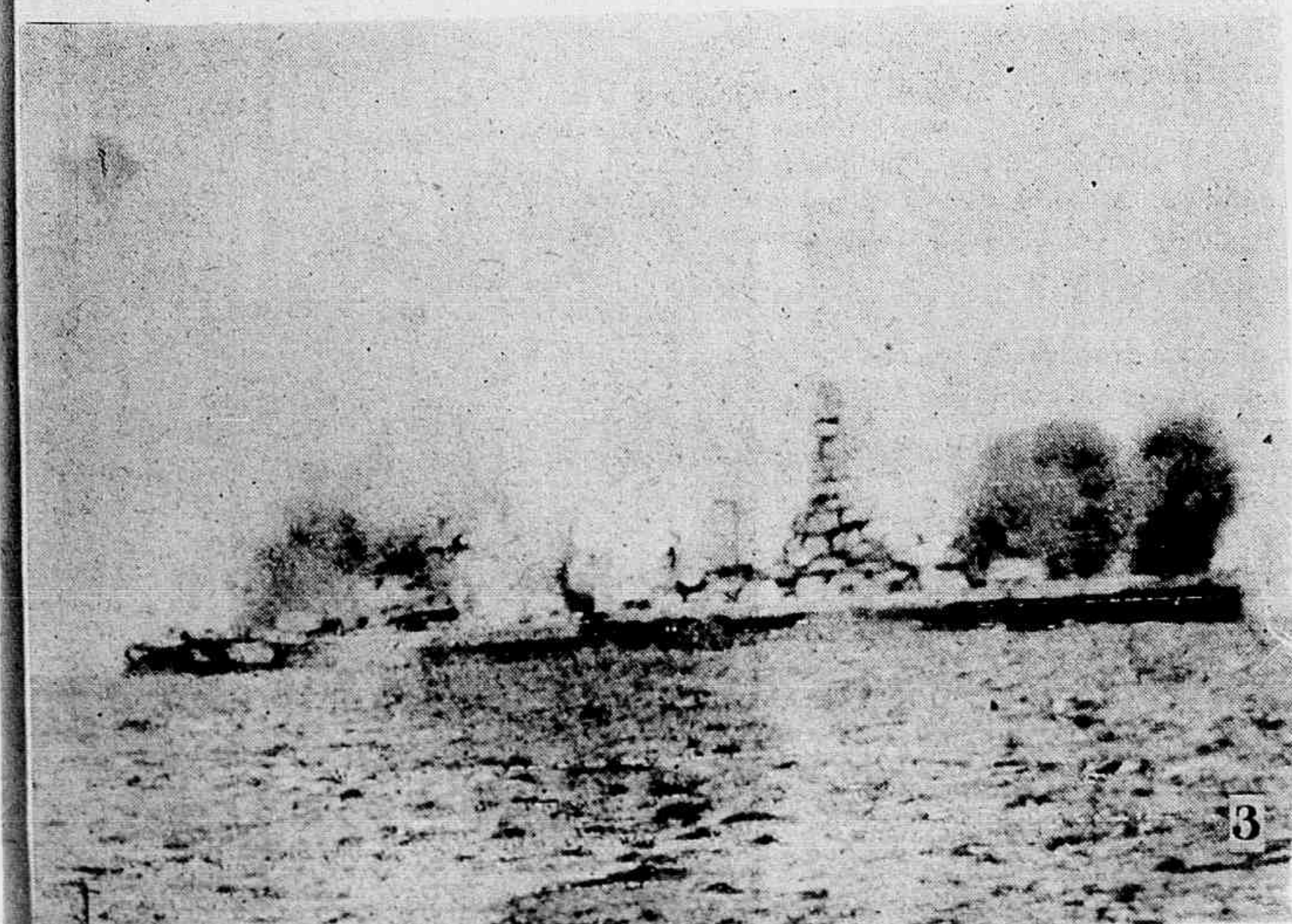
1 — AS PRIMEIRAS BARCAÇAS, TRANSPORTANDO AS TROPAS ALIADAS, CRUZAM O CANAL DA MANCHA INVESTINDO, DECIDIDAS, PARA OS PORTOS DA 1ª AN V, ONDE A "MURALHA EUROPEIA" RECEBEU SEUS PRIMEIROS GOLPES, NOS PONTOS MAIS NEVRÁLGICOS E INESPERADOS.

2 — ESTA FOTO É PRECIOSA. MOSTRA-NOS SOLDADOS DE TIO SAM, ENTÃO AINDA PRISIONEIRO DA ALEMANHA, OS QUAIS, POR FELIZ COINCIDÊNCIA, CHEGARAM A TERRITÓRIO SUÍÇO NA TARDE DO DIA 6, ONDE SOUBERAM DA ALVIÇAREIRA NOTICIA PELOS JORNAIS DA TERRA.

3 — CRUZADORES DAS NAÇÕES UNIDAS, DE FOGOS ACÊSOS, NA MADRUGADA DO DIA HISTÓRICO, RUMAM DESASSOMBRADAMENTE PARA O LADO OPOSTO DA MANCHA. O MUNDO ACORDOU, NESSE DIA, TOMANDO CONHECIMENTO DO MEMORÁVEL FATO HISTÓRICO. COMEÇARA A INVASÃO!

4 — BARCOS E BARCAÇAS NORTE-AMERICANOS, CONSTRUÍDOS ESPECIALMENTE PARA ESSA INVESTIDA, ATRACANDO JÁ EM PRAIAS DA FRANÇA ONDE AS TROPAS SALTARAM DEBAIXO DO FOGO INIMIGO PARA LEVÁ-LO DE VENCIDA EM POUCAS HORAS. DESFAZIAM-SE AS BALÉLAS DA INVENCIBILIDADE...

5 — HOUVE FERIDOS, NATURALMENTE. MAS ESPERAVAM-SE EM NÚMERO MUITO MAIOR. ESTAS PRIMEIRAS TELEFOTOS, RECEBIDAS MENOS DE 48 HORAS APÓS O INÍCIO DAS ATIVIDADES, MOSTRAM-NOS O EMBARQUE, PERFEITAMENTE NORMAL, DOS SOLDADOS FERIDOS, DEVOLVIDOS A GRÁ-BRETANHA.



A MULHER NA GUERRA E NO APÓS-GUERRA

MERCEDES DANTAS

Escritora, jornalista, conferencista (sua última conferência: *A voz dos poetas na consciência nacional*, feita no Liceu Literário português) ensaísta e professora da Cadeira de Prática de Ensino do Instituto de Educação, em cujo concurso tirou o 1.º lugar. Diretora e uma das fundadoras do Instituto Mercedes Dantas.

Ação no ensino — além de ter sido diretora de escola, numa famosa excursão pelo norte do país, em 1930, propagou, em conferências e em artigos, os princípios homogêneos da educação pública, fundando então várias associações de professores.

Foi a 1.ª mulher que organizou as professoras primárias em partido político, em 1933, com o Diretório Político das Professoras Primárias, o qual participou renhidamente das eleições e pugnou triunfantemente pelas aspirações mínimas do magistério público, que lhe deve todas as campanhas pela sua melhoria econômica-social. Chamada, ultimamente, pela Secretaria Geral de Educação e Cultura para dar novos rumos à orientação pedagógica das professorandas do Instituto de Educação, ali depois fez memorável concurso, obtendo o 1.º lugar entre inúmeros concorrentes. É a presidenta da União dos Educadores, órgão de assistência do magistério primário.

Jornalista — 1.ª mulher que ocupa um posto no Conselho Deliberativo e na Diretoria da A. B. I., colaborou nas principais revistas e diários da Capital, destacando-se os seus artigos do *Jornal do Brasil*. Convidada pela direção do mensário *Cultura Política*, e ainda por indicação da Secretaria Geral de Educação e Cultura, é colaboradora efetiva daquela revista.

Membro correspondente da Academia de Letras da Bahia (vaga de Oliveira Lima); do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e do P. E. N. Clube do Brasil.

Sua atividade nas letras: — estreou ruidosa e vitoriosamente nas letras com um volume de contos *Nós*, seguindo-se outro, *Adão e Eva*. No momento dedica-se a estudos histórico-sociais.

Seu livro *O nacionalismo de Castro Alves*, que sua terra, a Bahia, espalhou pelas escolas, é um ensaio que ficará pela beleza e pelo vigor

de suas páginas na interpretação dos poemas imortais do poeta.

Seu volume *A força nacionalizadora do Estado Novo* — obra premiada e publicada pelo D. I. P. — não é trabalho de propaganda mas um sério estudo, sério e corajoso estudo das origens e da evolução do regime político, com um perfil luminoso do Presidente Vargas.

Em *As grandes diretrizes nacionais da escola primária* — define nitidamente os rumos do nosso sistema de educação, constituindo trabalho digno da maior divulgação.

Outros trabalhos prepara Mercedes Dantas e com eles formará, sem dúvida, na grande linha dos pensadores continentais.

MERCEDES DANTAS EM SEU GABINETE DE ESTUDO E EM CONTACTO COM SEUS GRANDES AMIGOS — OS LIVROS.



GERALMENTE NO BRASIL há uma frase dubia e ironicamente elástica para classificar a literatura feminina, mas que infelizmente é, em parte, bastante justificada; porque o sentimentalismo patriarcal de uma velha herança racial não tem a orientá-la uma cultura séria e bem dirigida; daí os extremos de nossa formação literária (que nesse caso também se estende à masculina): ou ela é frívola, laivada de um lirismo piegas, ou se desgarra pela vulgaridade licenciosa e até pornográfica. Falta-lhe o equilíbrio de uma base de cultura geral, sobretudo em assuntos que se prendem à sociologia e à própria literatura universal. Algumas de nossas escritoras, no entanto, que possuem essas qualidades, são logo enquadradas na literatura masculina. Mercedes Dantas é um exemplo. Sua cultura séria, e bem dirigida, encontra em seu claro talento uma fonte fecunda de onde deriva toda a sua valiosa obra literária, naturalmente sacrificada pelo nosso precário ambiente. Em outra língua a nossa ilustre patricinha seria, estou certa, um nome de grande projeção nacional e sua poderosa organização cerebral poderia produzir obras capazes de ajudar a expansão cultural de nossa terra, tão mal colocada, nesse ponto, no concerto das nações cultas do mundo.

A resposta de Mercedes Dantas à nossa "enquête" apresenta-a aos leitores da REVISTA DA SEMANA, onde sua pena brilhante já assinou artigos dos melhores aqui publicados. E podemos dizer com verdade, usando a velha frase, Mercedes Dantas dispensa o verbalismo de elogios literários: a sua obra no magistério e nas letras nacionais é para nós um motivo de sincero orgulho e um sináculo de quanto vale o talento servido por sólida cultura.

"EXISTE UMA TAREFA DETERMINADA PELOS FATOS, E ESSA TAREFA POR MAIS DIFÍCIL QUE SEJA ESTÁ SENDO REALIZADA PELA MULHER PATRÍCIA, COM DEVOTAMENTO E ÂNIMO FORTE", DECLARA A ESCRITORA MERCEDES DANTAS — "POBRE GERAÇÃO CARREGADA DE PROBLEMAS! A RECONSTRUÇÃO DÊSTE VELHO MUNDO QUE DESABA..." — ESTÁ A GUERRA DESEQUILIBRANDO A BALANÇA DO MATRIMÔNIO? — MULHER, ELEMENTO ESSENCIALMENTE CONSERVADOR DA ESPÉCIE HUMANA

Reportagem de JUANITA BOREL MACHADO

1 — Como encarar o papel da mulher brasileira na hora em que os nossos soldados estão prontos rumar para o campo da luta?

— Não há, realmente, aqui nenhuma definição de ordem ideológica ou cívica a fazer. Nem rumos a traçar. Existe, sim, uma tarefa determinada pelos fatos — e essa tarefa, por mais difícil que seja, está sendo realizada pela mulher patrícia, com devotamento e ânimo forte.

Desde as valorosas enfermeiras do Exército Nacional, prontas, no seu posto, até os núcleos silenciosos que trabalham para a Cruz Vermelha e as mulheres que vêm partir, com um sorriso nos lábios, os filhos, os esposos e os amados, todas foram e cooperam naquela retaguarda que a estratégia moderna criou para as lutas deste século.

BIBLIOGRAFIA

Publicados:

NU'S — contos — 1925 — exgotado.
ADÃO E EVA — contos — 1928 — exgotado.

O NACIONALISMO DE CASTRO ALVES — ensaio — 1941 — exgotado.

A FORÇA NACIONALIZADORA DO ESTADO NOVO — 1942 — monografia publicada pelo D. I. P.

AS GRANDES DIRETRIZES NACIONAIS DA ESCOLA PRIMARIA — 1942 — contribuição à cadeira de Prática de Ensino do Instituto de Educação.

UNIDADE CULTURAL — 1942 — tese ao 1.º Congresso de Brasília.

Estudos publicados pela revista *Cultura Política*:

OS REGIMES POLITICOS E A REALIDADE SOCIAL DO BRASIL

FUNDAMENTOS ECONOMICOS DO REGIME COLONIAL

AS IDEIAS DEMOCRATICAS E O ARTIFICIALISMO CONSTITUCIONAL NO IMPERIO

PROCESSOS DE PROPAGANDA POLITICA NO SEculo PASSADO

No prelo:

EPOCAS DO BRASIL — estudos econômicos, políticos e sociais.

O BRAGANTISMO NOS DESTINOS DO BRASIL — estudos históricos

O HOMEM QUE ACHOU A FELICIDADE — contos.



EDUCADORA, ESCRITORA E CONFERENCISTA, A MOÇA ENTREVISTADA TEM DE DESTINAR GRANDE PARTE DAS HORAS DE CADA DIA AO ESTUDO E À MEDITAÇÃO. AQUI A VEMOS NA SUA DIVERSÃO PREDILETA — A LEITURA.

2 — Em sua opinião, que orientação espiritual terá a primeira geração de após-guerra?

— Pobre geração carregada de problemas! A reconstrução deste velho mundo que desaba — reconstrução de ordem material e espiritual — e o próprio reajustamento às novas condições de vida e às experiências políticas constituirão para essa juventude grandes problemas que não chegará a resolver completamente.

A situação já se entremostra tão importante e grave que, dos Estados Unidos, pela palavra dessa grande mulher que é a senhora Roosevelt, já nos veio o primeiro termo da equação: "Vivemos num mundo, disse ela, em que a gente jovem deve planejar o futuro. Deve assentar os planos do mundo já que vai viver nele".

Essa participação da juventude nos debates em torno das amplas linhas arquitetônicas do mundo de amanhã será, sem dúvida, o princípio da responsabilidade espiritual da geração de após guerra.

Experiências, no fim de tudo isso... A humanidade sempre as fez, e terríveis.

3 — Nas artes, letras e em todas as atividades materiais, acha que a mulher terá participação mais destacada no novo mundo de após-guerra?

— Mas naturalmente. A verdadeira civilização, no seu sentido material e espiritual, nas suas formas conservadoras ou originais, não pode dispensar a colaboração, cada vez, maior, da mulher.

Aí vemos o que ela no mundo de hoje, vem fazendo. Supera-se a si própria. Todavia, mesmo quando age, mesmo quando colabora, não deixa a mulher de ser bem feminina, e eis porque sua colaboração se torna complementar, embora imprescindível. A experiência que vem acumulando, especialmente no período histórico atual, fará com que a mulher, diante dos problemas com que se defrontará, quando vier a paz, tenha não só maior parcela de responsabilidades como também, por isso mesmo, atue mais destacadamente em todas as atividades criadoras ou reconstitutivas.

4 — E no terreno sentimental?

— Ah! Todas percebem que a guerra está desequilibrando a balança do matrimônio. Não acredito, entretanto, que a mulher contemporânea, em particular a brasileira, vá muito além, revolucionariamente, nesse terreno. Porque ela é o elemento essencialmente conservador da espécie humana. E o seu mundo afetivo sempre foi para ela, em qualquer situação, o mundo desejado, o mundo indispensável à sua existência e à sua felicidade, na Terra.

SOCIEDADE ANONIMA MARVIN

Fabricantes de: PARAFUSOS e
PORCAS, REBITES, DOBRADIÇAS, PREGOS, ARESTAS,
CANOS DE CHUMBO e
CHUMBO EM LENÇOL, FIOS
e CABOS de COBRE e
ARAME de LATÃO

Importadores de: FERRO, AÇO e METAIS EM GERAL

Avenida dos Democraticos n. 207
TELEFONE 30-3800
RIO DE JANEIRO

EMPRESTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou
aquisição da casa própria.

Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com
juros modicos, sem comissões de qualquer natureza.

INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO
S. A. DE CRÉDITO REAL

Rua do Ouvidor n.º 90-1.º and.
RIO DE JANEIRO

Comp. América Fabril

Fiação e Tecelagem
ESPECIALIDADES EM TECIDOS FINOS



VERIFIQUEM NA OURELA DOS NOSSOS
TECIDOS O NOME

América Fabril

CAPRICHOS

HORMINO LIRA

Sentia Astério aversão por Sílvia. Esta não o suportava com bom semblante. Por que? Explica-se a inimizade de certos animais entre si, como o milhafre e o corvo, o cão e o gato? Nem, tão pouco, a antipatia que teem certas plantas, como o carvalho e a oliveira, as vides e as couves cujas folhas nem se tocam? Ninguém sabe; como se não dá o motivo pelo qual a arruda é simpaticamente da figueira e se ignora também por que o mercúrio se une ao ouro por simpatia.

E' certo quando, se encontravam aquelas duas criaturas, baixavam os olhos ou voltavam-nos para o lado oposto.

Uma vez se achavam em casa de Sônia, amiga de ambos. E confiou Sílvia a donai-rosa amiguinha a sua aversão por aquele indivíduo.

Riu-se a senhorita e disse-lhe era ele um homem bem educado. Já conversara alguma vez com Astério?

Não. Nunca. Nem desejava...

Ela, a menina mais meiga que tinha conhecido, ele o tipo mais delicado que existia; como seria possível não ficarem os dois muito amigos, desde que se falassem?

Não sabia. Não gostava...

Procurou Sônia falar a Astério que, no momento, palestrava com o seu noivo e oportunamente tratou da pessoa de Sílvia.

Rapariga enjoada aquela sua amiga.

Enjoada? Por que?

Não sabia. Não gostava...

Porque nunca tratara com ela.

Aquela água-morna parecia-lhe intolerável.

Sílvia era a mulher mais meiga, mais bondosa que já conhecera, por isso pensava, no momento de se falarem, ficariam bobos um pelo outro.

Quasi impossível, retrucara.

La apresentá-la.

Ele até dispensava a sua apresentação.

Tinha com certeza alguma informação mal averiguada acerca da diletta amiga.

Nada disso.

Então ia dissipar as trevas da antipatia e era já. Fez um aceno a Sílvia, e esta aproximou-se. Queria ter a honra de apresentá-la a um grande amigo. Raramente se aproximavam duas pessoas tão dignas uma da outra.

Astério perfilou-se e estirou-lhe a dextra. A senhorita apertou-lha, um tanto comovida. Ele sorriu. Foi o sorriso mais belo que já vira Sílvia um lábios masculinos. Com os olhos mais belos que já vira Sílvia ela o envolveu numa onda de luz, que o deixou estonteado.

Sônia deixou-os meio embaraçados, aproximou-se do noivo, contou-lhe tudo e este e a noiva ficaram observando os recém-apresentados.

Na realidade, estavam perplexos, falando confusamente e quasi se não entendiam. Estranho acanhamento apoderou-se deles; mas, pouco a pouco, foram se acalmando, se olhando com mais franqueza e menos austeridade. Passaram em seguida a conversar naturalmente, a experimentar maior prazer na palestra, sem rodeio de palavras nem pretensão de esmero na elocução, e, daí a pouco, parecendo amigos de longa data, como que preexistia inclinação recíproca entre os dois.

Em casa, na tranquilidade do lar, ria-se Sílvia da pseudo-antipatia por Astério; ria-se e comentava de si para si — que distinção de porte e como era diferente daquilo que ela imaginava: bem educado, gentil, um homem encantador.

No seu pequenino apartamento de duas peças, a fumar, negligente, um cigarro perfumado e acompanhando com o olhar um filete que fazia a fumaça, comentava Astério de si para si — que "charme" possuía Sílvia e como era diferente daquilo que ele imaginava: meiga, delicada, espírito lucido, uma joia, um amor.

E, assim, pensando sempre um no outro, acabaram por se enamorar. E, assim, gostando tanto um do outro, resolveram contratar casamento.

Casaram-se e consideravam-se felicíssimos, procurando Sílvia ser cada vez mais meiga para com o esposo, esforçando-se Astério por ser cada vez mais delicado para com a esposa.

Alguns dias e propositadamente chegava ele mais tarde em casa ela, porém, nunca reclamava a demora. Nunca. Uma vez, não se conteve o esposo e queixou-se-lhe:



PAPELARIA BRASIL

J. L. COSTA & CIA.

FÔNIOS
43-6545 e 43-1769

ENDEREÇO TELEG.
"PAPELIL"

Artigos para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros para Contabilidade, Papel para Impressão Assentado, Apertado e Couche, Papel para Embulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina branca e de cores, Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscado.

(OFICINAS PROPRIAS)

DEPOSITO E SECCAO DE EXPEDICAO
RUA BUENOS AIRES, 189/191
Fônio 43-6966

RIO DE JANEIRO

ACIDENTAL

"Por que não reclama quando chego mais tarde? Posso chegar á hora que entender, você não se incomoda. Não a compreendo. Parece falta de zelo pelo seu marido."

Se demorava mais, era porque tinha necessidade de o fazer. Não era êle nenhuma criança para lhe estar pedindo ela contas do tempo que gastava na rua.

Tinha Astério o hábito antigo de se levantar muito cedo. A's quatro e meia da madrugada fazia êle próprio um café saboroso, enchia duas chicaras pequenas, levava-as para o dormitório, e o madrugador e a gentilíma esposa em pequeninos goles sorviam a bebida fumegante, palestrando.

Em seguida, ia fazer o seu passeio matinal no bairro.

Diziam as más linguas, quando Astério saía áquelas horas, ia em visita a outra casa onde residia a doce amante com quem dividia o tempo que devia reservar unicamente para a esposa. Diziam ter esposa e amante, entre as quais espargia as bondades da sua alma privilegiada. Diziam por não achar outra explicação para a extravagância dos passeios matutinos e um seu vizinho, estroina inveterado, enredador confesso muitas vezes não dormia, para lhe acompanhar os passos e tirar a limpo a história da amante que ninguém conhecera.

Certo é que a esposa vivia tranquila, pois ainda não houvera o mais leve indício para suspeitas, muito embora já ouvisse dizer-se que — tão perigoso é nunca desconfiar como o desconfiar de tudo.

Uma vez quis por á prova a delicadeza e dedicação do esposo:

Desejava ir ao MUNICIPAL ouvir a partitura do GUARANI'. Não tinha êle nenhum compromisso?

Não. Ainda que o tivesse, não seria justo deixar de sair com a sua Sílvia, quando mostrava desejos de ir ao TEATRO MUNICIPAL. Ia preparar-se.

Ela, também. E as poltronas?

Não lhe dêsse isso cuidados. Compra-las-ia ao cambista.

Entrajaram-se de modo conveniente para assistir à ópera de Carlos Gomes.

Estava êle ás ordens dela.

Muito obrigada. Já ouvira o GUARANI' mais de uma vez. Não queria ir. Arrependera-se.

Bem. Ia vestir o pijama e descansar então, porque trabalhara naquêlê dia, como o não fazia há muito tempo.

Trocou êle de roupa. Ela, também.

Estava tão indecisa... Queria ir.

Pois sim. Ia entrajarse outra vez.

Entrajou-se Astério de novo. Novamente se paramentou Sílvia.

Estavam um casal elegantel dissera êle.

Sim?!

Então! Ela, linda como o lírio do campo, tinha-lhe o mimo, o frescor e o viço, possuía espírito brilhante e corpo esbelto êle, como via a esposa, não era nenhum caxinguelê!

Bem belo homem era o seu marido.

Agradeceu, fazendo humorismo.

Entretanto, com franqueza, já não iria ao teatro.

Não?!

Absolutamente!

Vestiria o pijama de novo.

Trocou êle de roupa. Ficou a esposa com trajo próprio de teatro lirico.

Quando reapareceu o marido disposto a descansar, resolveu a senhora com certa displicência:

Definitivamente, vamos ao MUNICIPAL

— Pois sim. Vou envergar de novo a casaca.

— Não vá! Nunca vi nem é possível existir no mundo outro homem tão bem educado como você. Outro qualquer, na segunda desistência, no mínimo sairia batendo com os pés e soltando um "ora bolas!" Agradeço a sua dedicação por mim.

Sorriu envaidecido com os elogios da esposa.

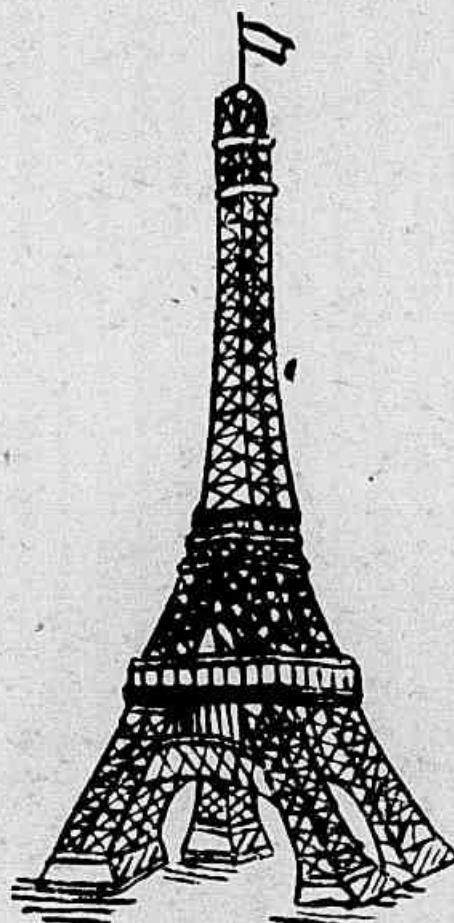
— Estava experimentando-me.

— Sim. E abusando demais da sua delicadeza de maneiras, a ver se ainda restava um pouquinho daquela antiga aversão que existia entre nós dois.

— Por favor, Minha Vida, nem fale mais nisso. Você disse bem: aquilo era apenas uma aversão que se converteu em afeto e, mais tarde, num grande amor. Nunca foi antipatia, senão um capricho accidental.

A TORRE EIFFEL CONFECÇÕES LTDA.

RUA DO OUVIDOR, 97-99
RIO DE JANEIRO



VARIADO SOR-
TIMENTO DE
ARTIGOS PARA
O INVERNO

Siberia

RECEBEU AS ÚLTIMAS CREAÇÕES
PARA A ESTAÇÃO DE INVERNO

RUA GONÇALVES DIAS, 51

CH. LORILLEUX & COMP.

PIONEIROS NO BRASIL, DA INDUSTRIA DE TINTAS PARA IMPRESSÃO
MAIÇAS PARA ROLOS E ACCESSÓRIOS EM GERAL.

CASA FUNDADA EM PARIS EM 1818
FABRICA NO RIO DE JANEIRO:

RUA PEREIRA DE ALMEIDA N. 27 (Matoso)

TELEFONES { VENDAS — 28-2606
 { ESCRIT. — 48-8501



MODELO DE CASACO ESTAMPARIA ALEGRE
COM VIÉSIS LISOS E ROULOTTES COM
ENFEITE, SIMPLICIDADE E BELEZA.



...Embelezados com **BATON COLGATE!**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!



**O coração bate...
com BATON COLGATE**

Sabonete



SIMBOLO DA PERFEIÇÃO EM SABONETES

Modas

A SAPATARIA
BRISTOL

RUA S. JOSE, 108/110
APRESENTA PARA A ESTA-
ÇÃO DE INVERNO OS

Calçado

BRISTOL

de Luxo

ULTIMOS MODELOS DE
SUA EXCLUSIVIDADE PARA
HOMENS, SENHORAS E
— CRIANÇAS —

FONE 22-1082-RIO DE JANEIRO

A RUSSIA EM FOCO

(Por N. Pithan e Silva — Do WORLD'S NEWS LETTER — Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

VERDADEIRA torrente de obras sobre a Rússia tem ultimamente jorrado pelas nossas livrarias. A Rússia é um dos assuntos predominantes, a coqueluche de muitas rodas políticas, sociais e culturais. Desconhecer seus feitos, suas organizações e tudo mais que ali exista, agora, em face da atuação predominante que esses aliados das Nações Unidas veem desempenhando, é estar afastado da atualidade mundial e dos conhecimentos gerais, especialmente da literatura político-social. Entre-

1 — Uma habitação no campo. Ao centro um trêcho do terreno preparado para receber a semente. Ao fundo, algumas habitações camponesas. Tudo pacífico, muito quieto e longe da guerra, até quando Hitler pensou em tomar de assalto o que jamais lhe pertenceu.

2 — Depois do trabalho no campo uma refeição é sempre agradável. Queijo, ovos e leite, tudo muito substancial. Que importa a guerra distante? Se os deixarem em paz — ou os deixassem — jamais pegariam em armas. Porém quando foi preciso defender o sôlo, defenderam-no.

3 — Uma fazenda coletiva na Rússia. Vê-se no primeiro plano alguns camponeses selecionando uma colheita de milho. Notam-se à esquerda espigas já selecionadas. Campos, terras para adubar, semear e colher. Os homens do campo trabalham de sôl a sôl, como em toda parte.

2



3



tanto, apesar de toda essa espetacular difusão de assuntos sobre a Rússia, pouca ou quase nula tem sido a divulgação fotográfica daquele país. Essa ausência de divulgação se explica, não somente pelas questões internas da própria Rússia, como pelas dificuldades de comunicação com a Europa e as naturais precauções que o estado de guerra obriga a qualquer nação tomar.

A divulgação da Rússia anterior à guerra, essa, então, não havia, praticamente, porque o governo evitava qualquer contacto interno do seu país com o exterior, temendo as conclusões apressadas a que comumente chegam os viajantes, turistas e reporters de última hora.

Eis porque mostrando agora cenas da vida na Rússia, anteriores ao conflito que assola o mundo, concluímos quão valorosa e decidida é a coragem desse povo pacato de camponeses e operários que está resistindo vitoriosamente à "grande" Alemanha de Hitler. Não são fotografias de guerra, as que aqui reunimos; ao contrário, são fotografias de paz que bem mostram ao mundo inteiro, o valor daqueles que amam verdadeiramente sua pátria e, unidos, dão caça aos invasores. As ilustrações aqui publicadas pertencem exclu-



4—Uma aula para meninas camponesas. A' direita do clichê um camponês, e ao fundo a professora pública. Não ha mais o analfabetismo dos tempos do Tzar. Agora é preciso aprender a lêr, escrever e contar...

5—O governo preocupa-se também com a educação dos adultos. E aí estão alguns dêles em aula nas horas de folga, que lhes ficam dos afazeres cotidianos. Eles serão outros, conhecendo as "três operações".

sivamente ao autor deste artigo, sendo proibida sua reprodução sem autorização direta do mesmo.

Nossa finalidade é a de oferecer ao público leitor um material inédito e francamente interessante. A Rússia, ao lado dos EE. UU. e da Grã-Bretanha, vem dando a Hitler o merecido castigo, e agora, que o Brasil se apresta para mandar sua valorosa Força Expedicionária ao campo da luta, estas divulgações assumem maior atualidade. Os povos em guerra visam o mesmo ideal; o da liberdade. Eles se uniram para expulsar o barbaro invasor. Essa gente que aqui está, nestas fotos, tem o que defender. Defende o sólo da patria, tomado de assalto pelo tacão da bota nazista, mas este

8—Rusros? Sim — e parecem muito satisfeitos, apesar de viverem então pacatamente, ignorando o resto do mundo. Mas tratando de arregimentar energias para quando fôsse necessário expulsar o invasor.

10—Não é uma igreja? E', sim. Na Russia ainda se vai a igreja. Estas senhoras, ao menos, dão essa impressão. Elas fazem suas preces, agradecem a Deus a paz que então ainda se desfrutava na Russia.

11—Uma aldeia russa num dia de outono antes da guerra. O homem no primeiro plano está enchendo de agua potavel seu vasilhame. A agua é retirada por meios primitivos, de uma fonte publica, como se vê.





6

6—Uma feira numa pequena aldeia russa, em tempo de paz. Depois, vieram as preocupações de guerra e toda a vida nas aldeias foi alterada por completo. Mas essa paz, essa quietude, não de voltar.

7—Em uma casa de camponeses, a' hora do almoço. Vêm-se tres gerações de russos: o avô, o pai e o filho. Não ha solução de continuidade no trabalho das terras. Os filhos vão substituindo os pais velhos.



7

povo soube expulsar o fazanhudo inimigo. Estes campos são devolvidos aos seus primitivos donos. Não ha cogitações de ordem política em aprêço, sirão as de ordem moral. Trata-se de um povo que estava incluído no programa das conquistas germânicas e um po o que, à maneira do inglês, por ocasião da *blitzkrieg* aérea sobre Londres, soube reagir. Vale por um exemplo, essa atitude, um exemplo que todas as Nações seguem. Os derradeiros nazistas serão expulsos dos outros territórios europeus onde se instalaram, e agora, que o momento da vitória se aproxima, é mistér pulverisar a campanha "quintacolonista" que pretende, a todo transe, isolar e criar divergências entre as Nações Unidas. As fotografias destas páginas valem por uma eloquente demonstração da falsidade de tantas acusações feitas pelos fascistas de todos os países. Essa gente quer apenas paz, quer amañhar suas terras, plantar e fazer colheitas, ter o resultado do pão-nosso-de-cada-dia e não parece alimentar outros propositos que não sejam os de ter direito á vida.

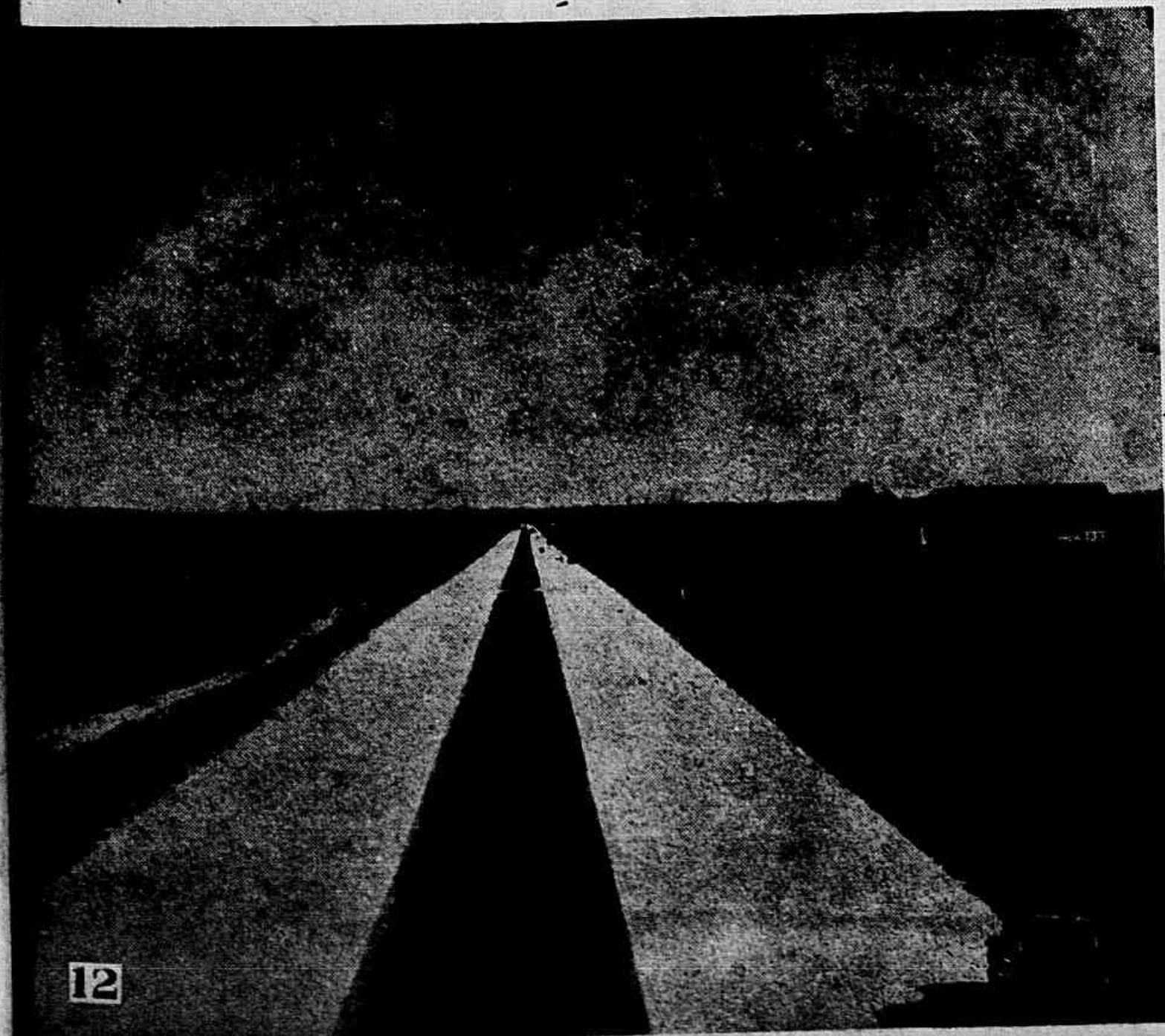
9—As plantações de fumo eram quasi nulas na Rússia antiga. Todo o fumo consumido era na maioria importado. Hoje, nas férteis regiões de Abkazin, é o que se vê. E toda a família trabalha satisfeita...

12—Rússia Moderna do Século XX.—Uma estrada de rodagem que corta a vestição de uma planície na Rússia de hoje. Também isso foi cubição pelos homers de Hitler, mas as desilusões não tardaram em vir.

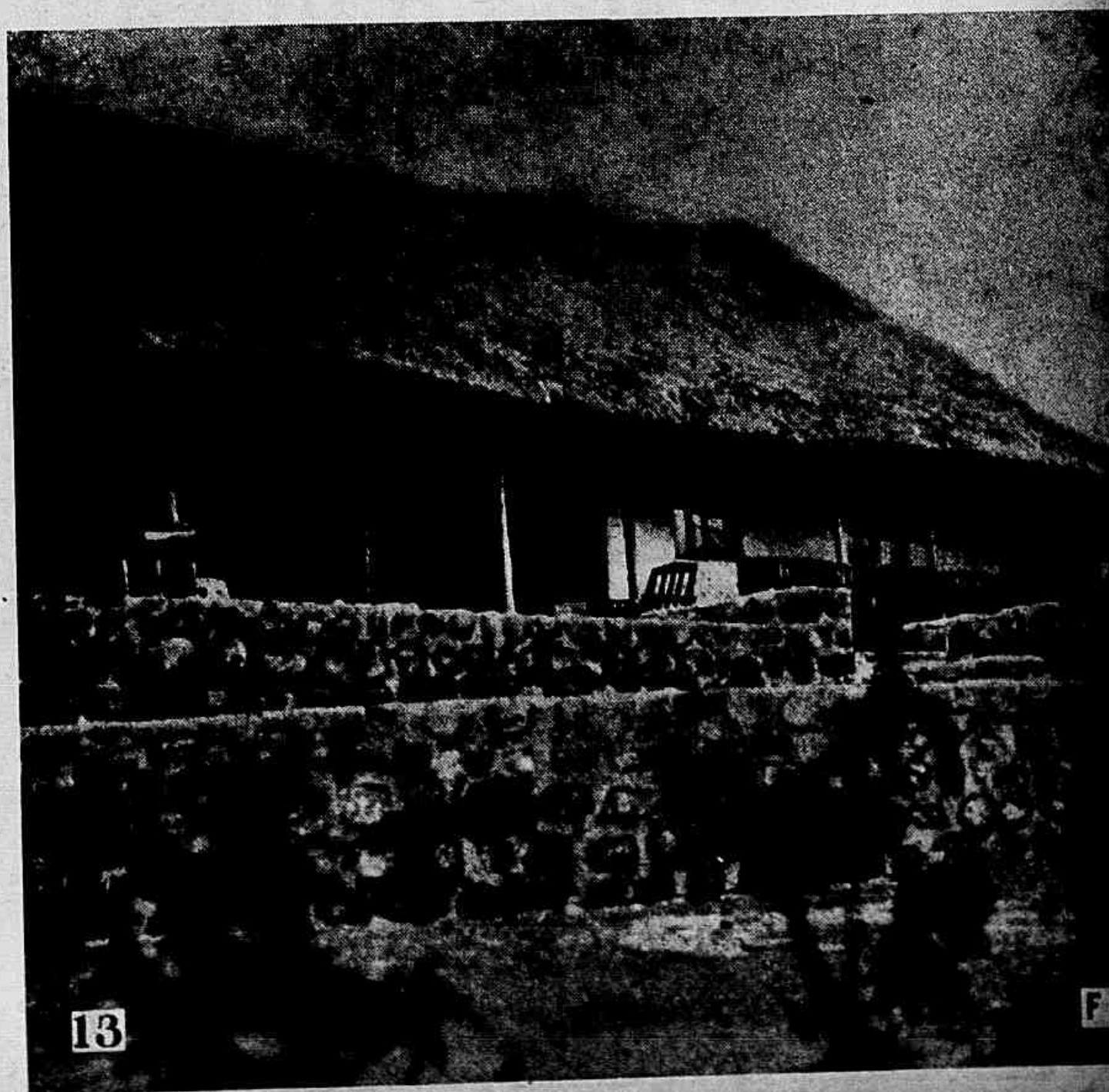
13—Outra habitação. Uma das muitas existentes na Rússia. Habitação simples, modesta, sem requintes de luxo, mas confortavel, destinada a' gente que trabalha durante o dia e precisa de repouso a' noite.



9



12



13

F

MAIS UM PLANO DE SEGUROS PARA O BRASIL.

SEGURO DE VIDA DE ANIMAIS DE PURO SANGUE.



A MORTE NÃO RESPEITA
ANIMAIS DE VALOR!



Só o seguro de vida dos
animais de puro-sangue
poderá proteger a inversão
de dinheiro nêles feita.



Peça uma apólice da
SUL AMÉRICA TERRESTRES,
MARÍTIMOS E ACIDENTES
Companhia de seguros.



MODELO DE CASACO TRÊS QUARTOS, DE LINHAS RETAS E AMPLAS, EM "AGNEAU RASÉ" PRETO, COM GRANDE GOLA E BOTÕES FORRADOS.

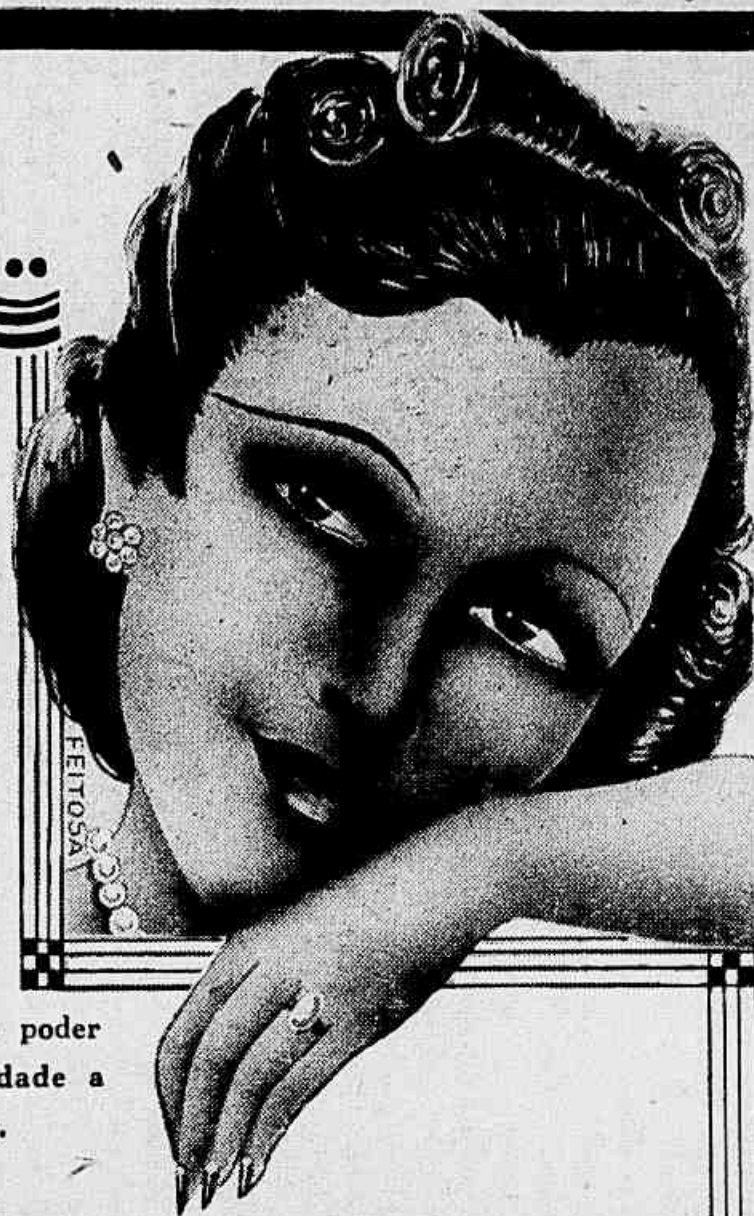
Recordar e viver...

Quantas vezes, ao sentirmos um perfume, recordamos um passado tão feliz de nossa vida!... Porque os perfumes falam; falam de amor... falam de alguém... e esta saudade, então, vem gravar na nossa alma, todas as impressões daquele suave aroma!...

Agua de Colonia
Rua do Ouvidor Mendel



pela sua fina essência, tem o magico poder de dar personalidade a quem a usa.



AGUA DE COLONIA
Rua do Ouvidor
MENDEL

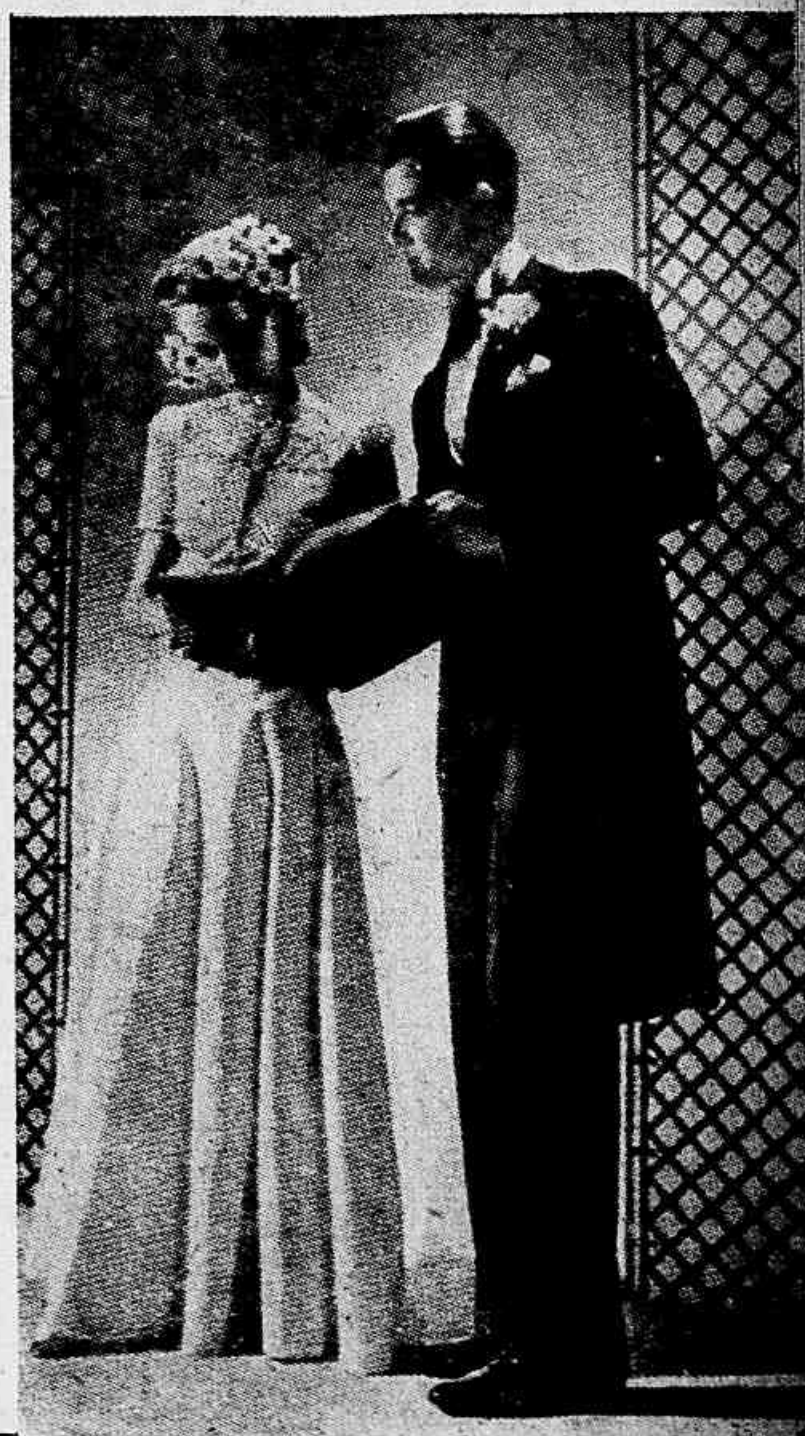
DISTRIBUIDOR: LEONCITO AMBRAN
AV. RIO BRANCO, 109 -- 4.º andar -- RIO

Modas

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

VESIDOS PARA DAMA DE HONOR,
DE FAÏLLE BRANCA, COM PALA E
MANGAS DE RENDA GROSSA BRANCA — MARGARIDAS BRANCAS
NA CABEÇA.



ienicarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



DUQUE E GABY QUANDO CONSTITUÍAM A NOTA DE SENSÇÃO NO BRASIL E NA FRANÇA, ONDE TAMBÉM APRESENTAVAM DANÇAS E CANÇÕES BRASILEIRAS. O SAMBA E O MAXIXE FAZIAM FUROR NOS SALÕES PARISIENSES. E O TANGO, IMPORTADO VIA-EUROPA, ERA OUTRA NOVIDADE, DANÇADO PELO FAMOSO PAR FRANCO-BRASILEIRO...

84



HENRIQUETA BRIEBA, A BRIEBINHA DOS TEMPOS DO ALFREDO SILVA NO SÃO JOSÉ. FAZIA "INGENUAS". HOJE, NÃO É VISTA, MAS OUVIDA EM TRANSMISSÕES DE RÁDIO-TEATRO.

AMELIA DE OLIVEIRA QUANDO REPRESENTAVA NO TRIANON, NO TEMPO DA COMPANHIA ODUVALDO VIANA-VIRIATO CORRÊA. É AGORA DESTACADA FIGURA DO PALCO E DO RÁDIO-TEATRO.



LUCILIA PERES, NOME DE TRADIÇÕES NO TEATRO DE COMEDIA. NÃO HAVIA ELENCO DE RESPONSABILIDADE SEM O SEU CONCURSO. FAZIA O "DOTE" DE ARTUR AZEVEDO. TRABALHOU ENTÃO NO MUNICIPAL.

ANTIGAMENTE ERAM ASSIM...

PERCORRER as coleções e os arquivos da REVISTA DA SEMANA é entrar em contato com as ocorrências de maior projeção destes últimos quarenta e quatro anos. Em todos os setores da atividade humana, e po tanto também no reduto de teatro, esta revista participou sempre, com destaque, dos acontecimentos de maior monta. Aqui estão, por exêmplo, algumas reminiscências da nossa gente de teatro, uma palida amostra das centenas e centenas, sinão milhares de preciosas fotografias que a REVISTA já publicou. Revêr essas fotografias, confrontá-las com os mesmos artistas tal como hoje se apresentam ao publico é, talvez, na afirmação do poeta, viver de novo as épocas que passaram. Desde as apresentações coreograficas ultra-elegantes de Duque e Gaby, passando pelos flagrantes de outrora em que nos surgem Lucilia Peres e Abigail Maia, até essa petulante "cabeça" de Procópio, tão semelhante à de sua filha Bibi — o



ITALA FERREIRA QUANDO INICIAVA SUA CARREIRA EM TEATRO, FAZENDO REVISTAS E, LOGO APÓS, TRANSFERINDO-SE PARA A COMEDIA, ONDE FOI, ALGUM TEMPO, A ESTRÉLA DE PROCÓPIO.



EDMUNDO MAIA, HOJE MUITO POPULAR ATRAVÉS DO RÁDIO-TEATRO, QUANDO SE ESPECIALISAVA EM TIPOS DE ITALIANOS E FAZIA O PROTAGONISTA DE "SÃO PAULO FUTURO". SIMPÁTICO, POIS NÃO?



LAIS ARÉDA, "ESTRELA" DE OPERETAS E ARTISTA QUE SE POPULARISOU DO NORTE AO SUL DO PAÍS. FOI POR MUITO TEMPO A PRIMEIRA FIGURA DO ELENCO DE VICENTE CELESTINO.



ABIGAIL MAIA, PRESENTEMENTE NO RÁDIO-TEATRO, TAMBÉM JÁ FOI "ESTRELA" DE REVISTAS. AQUI A VÊMOS NUM PAPEL DESSE GÊNERO, TAMBÉM ANTES DE SE FIXAR NA COMÉDIA, ONDE FEZ NOME.



ARACI CÔRTEZ NOS AUREOS TEMPOS DAS REVISTAS DE MARQUES PORTO E LUIZ PEIXOTO NOS TEATRINHOS DA PRAÇA TIRADENTES. CANTAVA SAMBAS E MARCHINHAS QUE SE POPULARISAVAM EM DOIS TEMPOS. SUAS GRAVAÇÕES EM DISCOS FIZERAM ÉPOCA. ONDE ESTÁ HOJE?

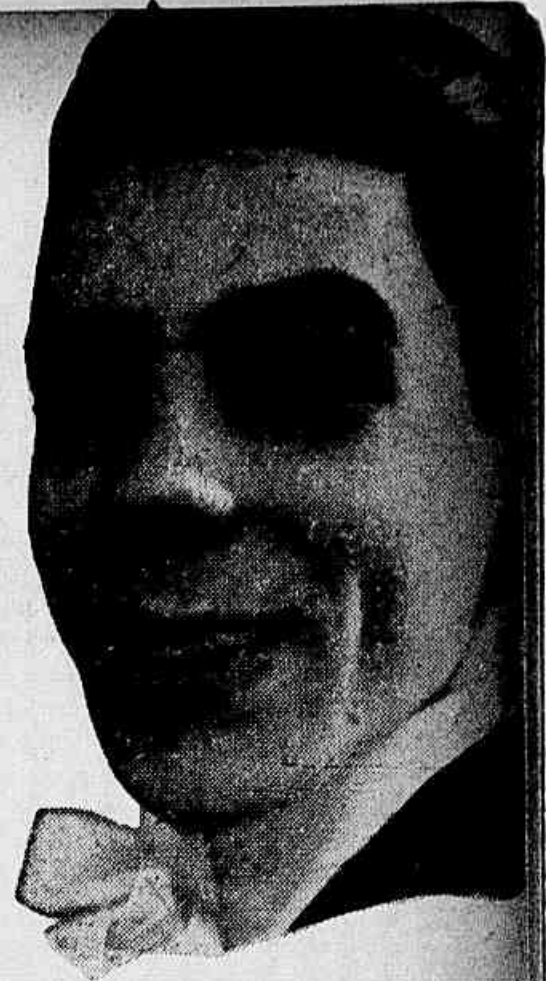
SARA NOBRE QUANDO FAZIA A REVISTA E A OPERETA ANTES DE SE DEDICAR À COMÉDIA ONDE SOUBE IMPOR-SE, ATÉ SE TORNAR ESSA ESPLÊNDIDA ARTISTA QUE HOJE TODAS AS COMPANHIAS DO GÊNERO DISPUTAM ENQUANTO ELA VAI SE DEIXANDO FICAR NO RÁDIO-TEATRO.

PLACIDO E CORDELIA QUANDO INTEGRAM O ELENCO DO SAUDOSO LEOPOLDO FROES, COM QUEM PERCORRERAM O BRASIL INTEIRO E DE QUEM ERAM COMPADRES. FROES BATISOU O PRIMOGÊNITO DO CASAL, TAMBÉM DE NOME LEOPOLDO.



PROCOPIO, AINDA RAPA-ZINHO, CHEIO DE TALENTO E VOCAÇÃO, QUANDO APARECEU NUM ELENCO DRAMÁTICO DE JOÃO BARBOSA E MARZULLO, AINDA ANTES DE FAZER O ZÉ FOGUETEIRO DA "JURITI" DE VIRIATO CORRÊA. NÃO PARECE MESMO A BIBI DE NOSSOS DIAS?

85



que não é surpreender tratando-se de pai e filha — tudo nos fala de um passado não remoto ou, quando muito, longínquo na ordem das emoções. Toda essa gente continua em plena atividade, representando para uma nova geração, deixando que os sulcos do tempo comecem a fazer sentir-se nas faces onde as expressões são multiformes, por força dos papéis que vão "vivendo"... São atores e atrizes que dedicaram uma existência à função respeitável de divertir o público, proporcionando-lhe sempre renovadas emoções. Os tempos são outros, as modas principalmente sofreram alterações imensas, mas as "mascaras" são as mesmas e, por detrás delas, existem os músculos que traduzem a sensibilidade propriamente artística de seus donos. Antigamente eram assim... Hoje, são tal como os leitores da atualidade os conhecem. E os mais moços de agora não devem sorrir, não! O dia deles chegara...

A estranha aventura do comandante Mario

— CONTO DE —
M. URIN COSEL
(ILUSTRAÇÃO DE GOULART)

As más linguas — e Deus sabe se existem sobre a terra! — pretendem que os marinheiros são elementos que nada valem, nem sabem se comportar e, tampouco, conversar em sociedade; singulares desajeitados, vivendo quasi que de alcool e tabaco.

Além disso, suprema depravação, dizem que são devassos, que mal chegado o navio só pensam em correr para lugares que só o diabo poderia nomear sem se envergonhar. Por pouco, seriam acusados de salteadores, sendo até necessário dar o toque de recolher à vista de um navio chegado do alto mar.

O que menos dizem é garantir que cada um tem a sua diva em cada porto que frequentam durante sua existência ambulatória.

Tudo isto é uma grande maledicência, porque — uma vez não é costume — a exceção não confirma a regra. Aviltado seja aquele que não me quer acreditar.

Oh! naturalmente, os marinheiros não são santos. Não fizeram nenhum voto, e muito menos juraram nada. Afinal de contas, são homens como os outros, nem mais nem menos.

Assim pensava o simpático comandante Mario. E, para ser coerente consigo mesmo, agia como pensava.

De vez em quando, por exemplo, acontecia-lhe tomar um gole à saúde do deus das tempestades. De sorte que algumas vezes, ficava ligeiramente adernado.

Nesses casos, o comandante Mario era um homem no sentido mais largo dessa palavra viril. Foi assim que, por uma bellissima noite, estando o céu cheio de estrelas maiores que os balões de S. João, ele tinha aceitado ou melhor, para dizer a verdade, não pde recusar

a graciosa hospitalidade oferecida por D. Nina, a doce bratinha.

Ela residia pela banda da Ribeira, distante uma boa meia hora de bonde da cidade baixa, na qual encontra-se o porto comercial.

Ele comandava um grande navio de carga, fazendo a linha do Rio Grande ao Pará, mais ou menos 3.000 milhas marítimas — tanto quanto do Havre a Nova York — ao longo deste imenso Brasil, onde tudo é gigantesco.

O navio atracava assim muitas vezes em São Salvador da Bahia, cidade das maciças, mas também das igrejas tão numerosas que encontra-se uma em cada canto de rua. Pretende Stephan Zweig que ainda está fora da verdade, pois dizem que existem mais igrejas que dias no ano.

Eles se haviam encontrado depois da festa do Senhor do Bomfim, festa esta que dura uns oito dias, mas a chave dessa santa semana é a lavagem da igreja.

O comandante Mario não tinha ainda assistido a esta festividade. Desta vez, a época e a estadia do navio davam-lhe enfim a oportunidade. Ele foi, com as maiores dificuldades, pois os veículos disponíveis, velhos ou novos, tinham sido alugados, requisitados, tomados de assalto.

Ele não se lamentou disso; primeiro porque essa cerimonia ultrapassa em fantástico tudo que pensava; depois,

porque Dona Nina caiu do céu em seu caminho.

Ela tomou lugar perto dele, sobre o banco da antiga charrete que o trazia à Bahia. Felaram longamente sobre o Senhor do Bomfim e seus entusiastas e apaixonados lavadores. De repente ficaram amigos. Tal acontecimento deve se festejar convenientemente, quando a moça é bela e o rapaz galante. Assim foi feito. E, nessa noite, o brejeiro deus das tempestades, cúmplice da doce Nina, levou o sr. Mario para o lado de Ribeiro, vento de proa, vento de popa, quer dizer um pouco desviado da sua orientação segura.

Assim, depois o nosso amigo, cada vez que escalava à Bahia, dirigia-se para a Ribeira. A doce Nina reconhecia-o pelo modo como batia na sua porta; um "S. O. S." dizia ele, para que ela viesse mais depressa trazer-lhe socorro.

A vida teria assim continuado sem um arranhão nessa felicidade, si não fosse o navio do comandante Mario transferido de linha. Afretado a preço de ouro, foi-se para outras águas menos azues e outros horizontes mais sombrios.

Muito tempo, durante diversos meses mais longos que anos inteiros, não voltou para essa feliz escala. Enfim, São Salvador veio novamente no seu itinerário. Ele chegou à noite, à hora em que o criado de serviço, lá em cima, alumia as lampadas azues que palpitam na noite como corações amorosos.

O "S. O. S." ressoa facilmente na noite serena da Ribeira adormecida. D. Nina abre a porta tão depressa que o comandante Mario fica todo surpreso. — Esperava-te! diz ela simplesmente, com sua doce voz de amante fiel.

— Minha Nina! Enfim te encontro. Toma isso para ti.

— Oh! que belo collar!

— São dos "lou-lou" da costa dos Piratas.

— Deixa-me experimenta-lo, queres? meu amor?

Ele teve que partir antes do dia amanhecer para bordo, para as formalidades da chegada.

— Voltarei logo! disse ele, ao se despedir.

De fato, voltou depois do meio-dia. De longe, percebeu que a casa de D. Nina tinha as portas e janelas fechadas.

— Que aconteceu? — perguntou subitamente inquieto.

Desta vez, teve muita dificuldade em compôr o sinal habitual, pois a sua mão tremia um pouco. E as batidas irregulares, de pequenos golpes breves ou prolongados, pareciam-lhe resoar lugubrememente, como um eco de caixão.

Uma velhinha, no vizinho, apareceu em sua janela.

— Oh, meu senhor! disse com compaixão, não sabia?

— Que aconteceu, minha senhora?

— Ela morreu.

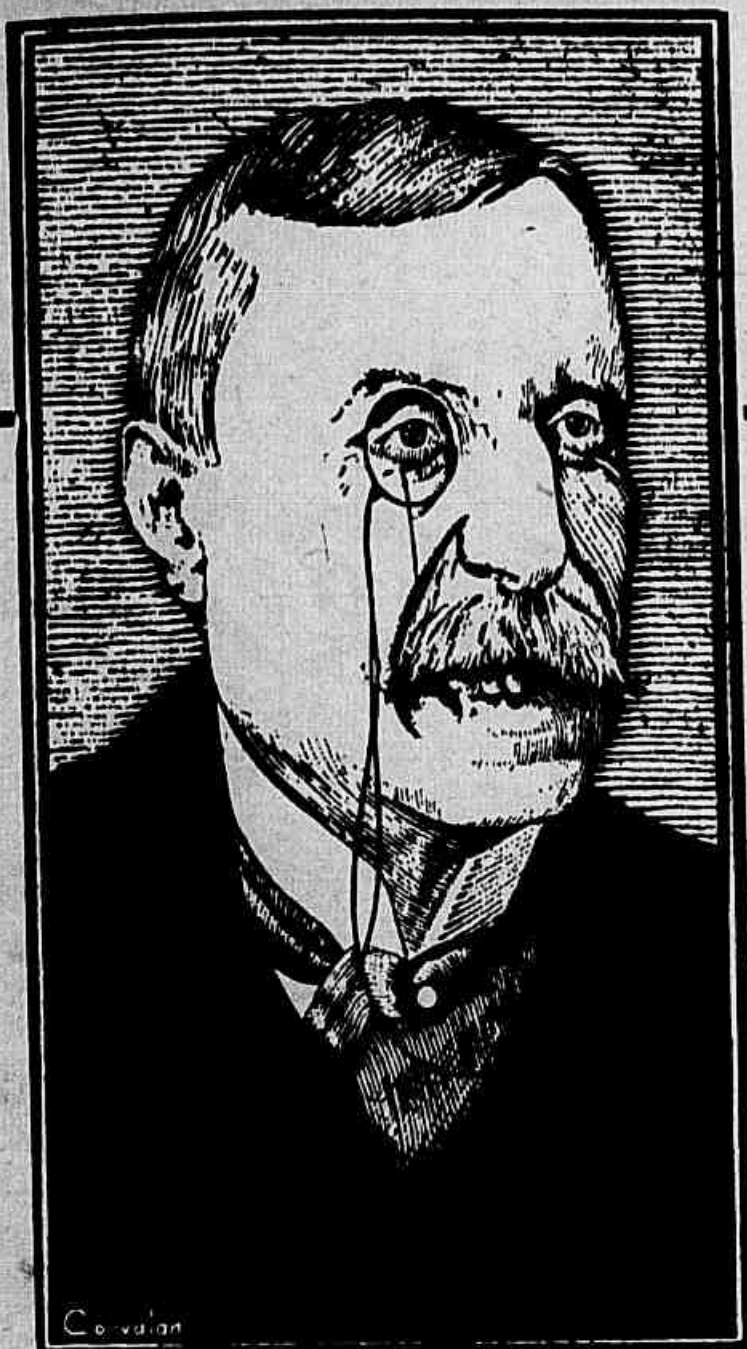
— Morreu! — exclamou o comandante Mario, empalidecendo subitamente até ficar mais branco do que as paredes da casa.

— Já vão quasi dois meses!

O suor frio inundava a fronte do

((Continua na página 105))





SILVIO JULIO EXALTA EÇA

Por MANOEL SILVA PINTO

HÁ meses um livraria lançou em folheto a conferência pronunciada sobre Eça de Queirós, na Casa dos Poveiros, pelo nosso vibrante biógrafo de Bolívar.

Patenteia-se aí a injustiça — seja oriunda de insuficiente conhecimento do autor, seja da má fé — de quantos pintam o ensaísta de *Apostolicamente* como um enegrecido fanático das letras em castelhano, desdenhoso, ou ao menos alheado, de quanto, além do Brasil, exorbite essas raízes do seu afeto.

Dado que não fosse esse um conceito incoadunável com numerosíssimas páginas suas, teriam agora os veiculadores dessa censura o mais radical desmentido. Pois mesmo em Portugal não serão muitos os que ombreiam com o nosso conspícuo mestre de hispanismo na devoção extrema, direi mesmo extremada, ao delicioso estilista que engendrou Fradique Mendes. Para Silvio Júlio, analogamente àquele supererudito medieval de quem se dizia poder dissertar “de todas as coisas sabíveis, e mais algumas”, Eça tem todas as excelências apontadas até hoje pela crítica mais simpática... e algumas outras.

Lidas essas páginas, que, embora não sejam trabalho de fôlego (e sim uma palestra taquigrafada), denunciam um conhecimento íntimo da obra eciana, farei ligeiros comentários sobre os seus lanços mais a meu gosto, — o que dará ao possível leitor uma idéia da variedade de aspectos abordados pelo autor, na individualidade de Eça.

Foi-me particular prazer ver aí gabados, com a plenitude que sempre achei merecerem, os artigos polêmicos do debate com Pinheiro Chagas sobre o passado e o presente da pátria comum, e sobre o conceito mais genuíno do patriotismo. Esse escrito (Brasil e Portugal) não tem ainda a vasta nomeada que se lhe deve, como aliás não a tem o volume onde se encontra, essas “Notas Contemporâneas”, que são um dos maiores livros da língua.

Nunca o estilo de Eça foi mais rico, mais nuançado, penetrante, sutil, saboroso do que na

maioria dos capítulos dessa coletânea de artigos da maturidade. E quanta verdade, quanta agudeza de observação, quanta profundidade de reflexão, a par de um senso estético dificilmente superável! No que diz com a polêmica, jamais li, nem creio haja, modelo mais admirável do que esse maravilhoso amálgama de sensatez e escárnio, o qual foi para Pinheiro Chagas, aliás homem de talento, a mais tremenda ducha que jamais enxarcou na rua um fraque encartolado, de comendador representante do patriotismo balofo a ruminar façanhas pretéritas, cego para os males do presente.

Outro passo muito do meu agrado nessa conferência é a apologia da flexibilização ministrada por Eça à língua literária de seu país, com a pronta repercussão, e vastíssima, que se sabe haver tido isso no Brasil. Na descrição chistosa do estilo tradicional lusitano, que as mais fortes personalidades do romantismo haviam enriquecido, mas sem chegar a suprimir-lhe os inconvenientes, Silvio Júlio tem algumas frases de um pitoresco que eu não hesito em dizer digno daquele que deu o tiro de misericórdia no linguajar pesadão dos vernaculeiros implacáveis.

O conferencista também se faz credor do aplauso de todos os homens de siso, livres dessa praga mesquinha que é o fanatismo de arraial, o localismo míope, ao verberar a xenofobia linguística, e os pruridos provincialistas de certos dos nossos escritores, que parece desejarem multipartir-nos em cem dialetos, como a complicadíssima Índia. Com efeito é preciso combater a todo transe esse vício, felizmente com sintomas de declínio no Brasil, de supervalorizar os modismos idiomáticos locais, mesmo quando eles não têm, como em regra sucede, uma excepcional energia expressiva que nos aconselhe sua adoção genérica.

Os brasileiros autênticos, não incrustados em birras regionalistas, têm que forcejar em sentido oposto, só prestigiando os localismos que designem peculiaridades inominadas na língua geral do país, ou vocábulos e locuções de notável expressividade, enriquecimento positivo para o pecúlio comum.

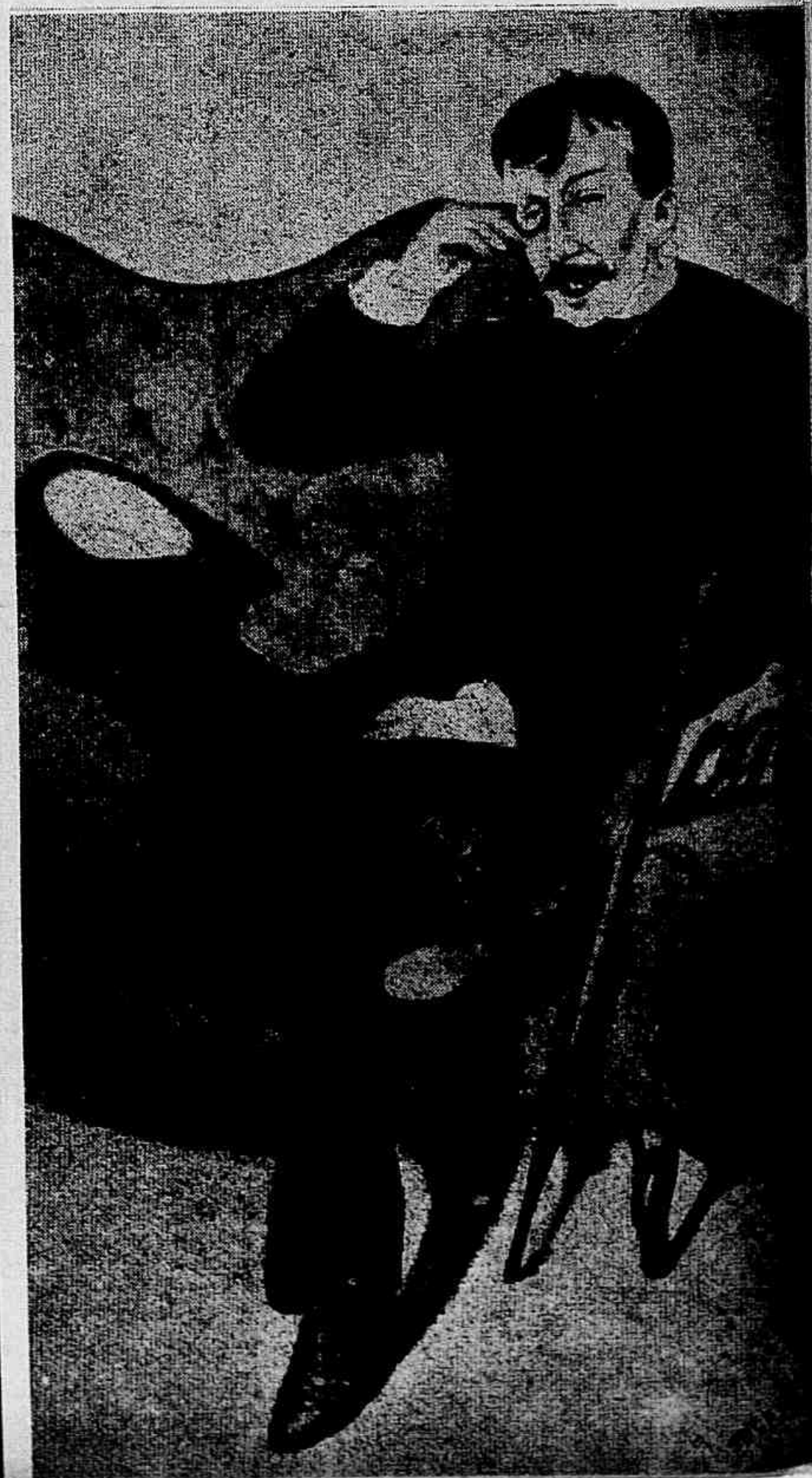
E' evidente que as mais altas obras de arte brasileira serão as que, trasladadas aos seus idiomas, possam ser igualmente admiradas por um professor finlandês e por um jornalista húngaro. E não é outra a convicção de Silvio Júlio: preconizando sempre com entusiasmo o cultivo das boas letras por parte de todos os provincianos, aconselha-os a tomar por moldura a paisagem e os costumes locais, mas sempre insuflando-lhes essência profundamente humana, e portanto universal. E é esse o rumo da marcha da humanidade pelos séculos; não o dos odiosos na-

cionalismos vociferantes e rubros; megalomaniacos e sanguinários. Quanto mais o das bairrises mofinas, pífiás, risíveis! Sustentar o contrário é pôr ao serviço do orgulho e do rancor uma deplorável ignorância da história, da ciência, do cristianismo — enfim de tudo quanto pesa nas conquistas do espírito.

Esse sentido medularmente humano, esse alcance universal, Eça o teve em alto grau, sem que isso importasse, como resmoneou uma crítica estreita e vesga que Silvio Júlio repele com energia, em desdem a Portugal. Apenas, ao contrário da imensa maioria, amou-o com a sua lucidez ingênita, e ainda com a justa convicção da urgência dos reparos, bem certo de que os fátuos não se corrigem, e de que na verdade “o que arde é que cura”.

Bem informada e ardorosa, essa é bem uma conferência de Silvio Júlio, — uma das vastas ilustrações do Brasil e a um tempo um dos seus intelectuais mais vivazes, magnífico na sua impertérrita obstinação em campanhas árduas, louvando e flagelando com igual descaso das idéias correntes.

EÇA NUM EXCELENTE TRABALHO DE BORDALLO PINHEIRO.



Parábolas

FUGIR ?

É o minuto supremo da vida daquele homem loiro de trinta e três anos.

Pregou o Bem e o Amor.

Mostrou os erros dos que faziam do Templo de oração uma casa de negócio.

O Sanhedrim procurava por todos os meios intriga-lo com os poderosos romanos.

Por duas vezes tinha sido expulso da cidade de Jerusalem.

Voltava, agora, para a Páscoa e ali estava num afastado suburbio.

Durante a ceia que devia ser alegre notaram os Doze Amigos que o Mestre estava triste.

Antes da refeição terminar o judeu de Iskarioth saiu para a denúncia fatal.

Retirando-se encaminharam-se para o Monte das Oliveiras onde se detiveram no Jardim de Getsemani.

Era noite.

O carpinteiro de Nazareth sabia porque um dos companheiros se retirára.

Retirára-se para voltar mais tarde acompanhado de guardas de Caifás, e ele seria preso.

Moço, com trinta e três anos, poucos dias antes tinha tido a consagração da entrada triunfal na cidade, fóra de cujos muros fizera milagres. Sua fama corria todas as estradas da Galiléa. Para além da cidade santa dos judeus todos os caminhos o levariam para uma vida de venturas.

Era um minuto supremo.

Dentro da noite silenciosa, quando todos dormem bastava a fuga-fácil. As altas arvores protegeriam o Semeador do Bem contra a claridade lunar e o amigo infiel não o poderia indicar aos milicianos.

Para além era a vida acenando com muitas vitórias, e dias felizes e tranquilos.

Era uma tentação fácil.

Fugir...

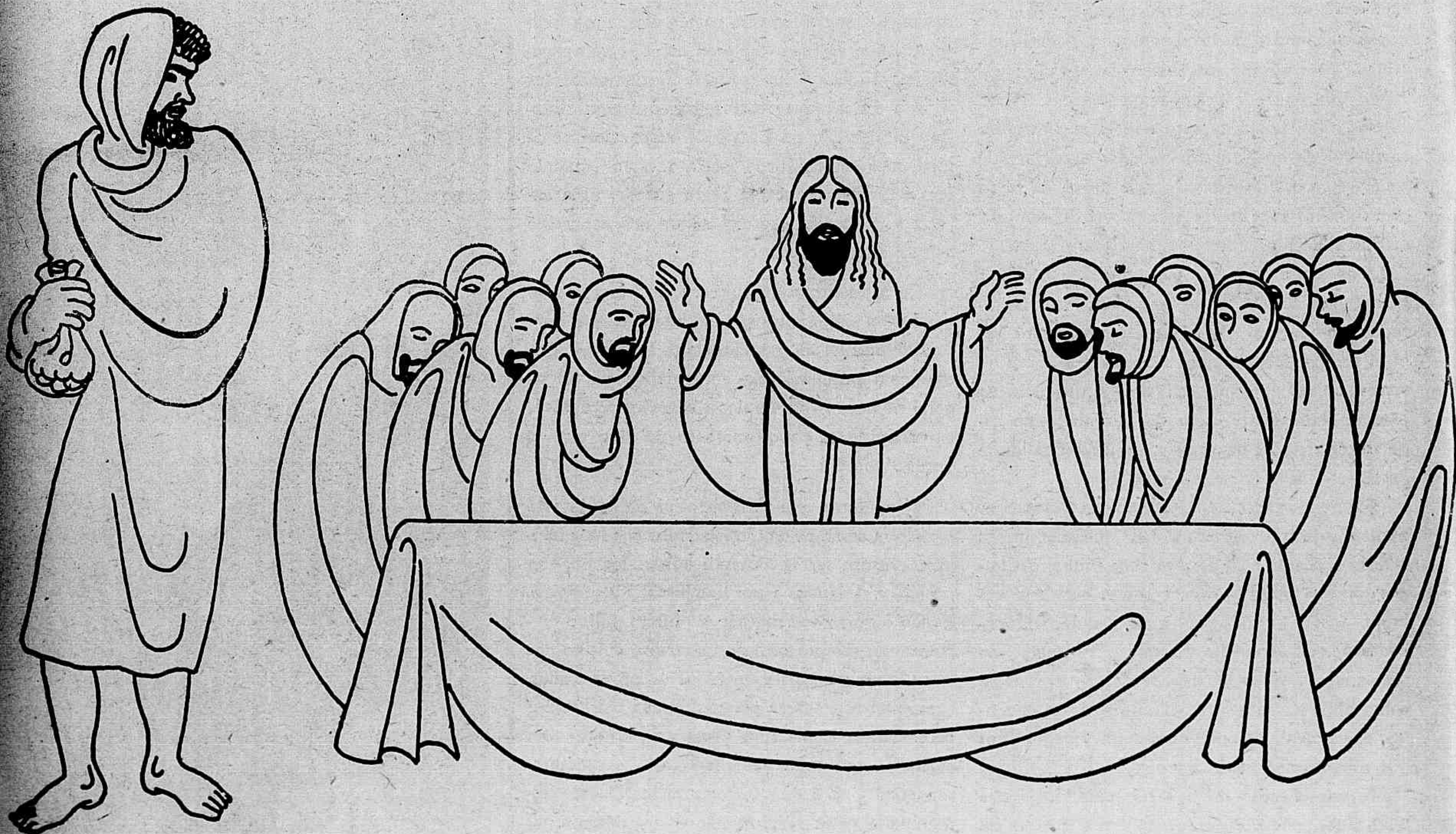
Um minuto supremo.

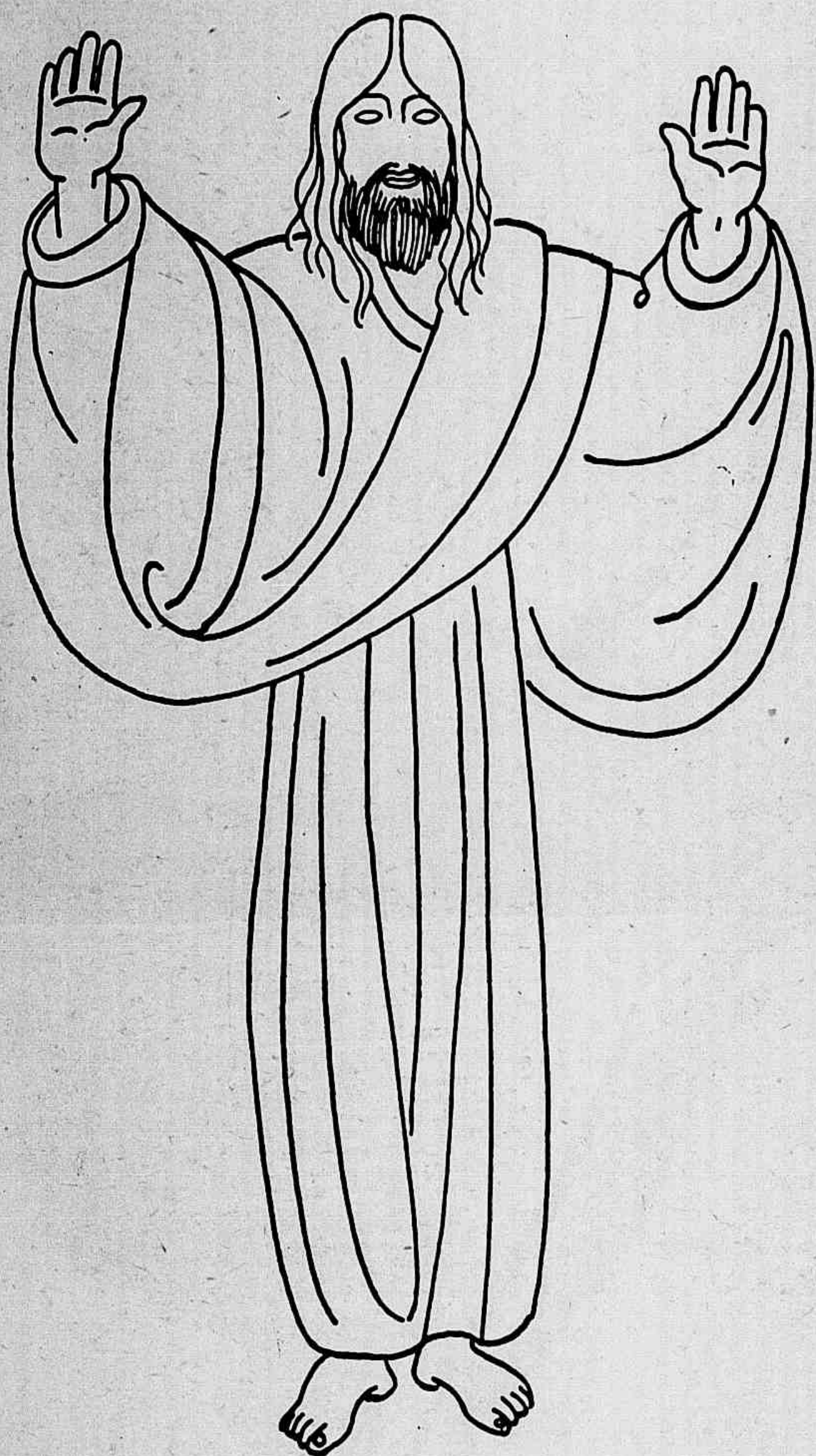
A fuga ou a volta para ser preso e ser morto.

O moço loiro voltou para junto dos companheiros.

AMIZADE

QUANDO Jesús foi para fóra da Galiléa até Cesaréa de Phelipe a assembléa dos primazes, no Sanhedrim, já o queria prender. Com a sua volta no domingo triunfal antes da Páscoa, Caifás convocou novamente o Sanhedrim, mas todos foram acordes em que era perigoso qualquer alteração de ordem pública. As autoridades romanas não gostariam. Caifás não sabia como fazê-lo.





Vacilou.

Foi quando apareceu um dos discípulos do Nazareno. O que guardava o dinheiro. Era um judeu de Iskarioth.

Até à véspera da traição não há um passo de Jesús que o possa denunciar como companheiro capaz duma falsidade. Quando os colegas o elegeram para tesoureiro merecia-lhes uma confiança bem grande e merecida, porque o moço de Iskarioth era digno de respeito embora fosse o único judeu naquele grupo de homens da Galiléa. Jesús sereno tratava-o sempre de amigo. Aquele que via através de todos os semblantes, de todos os corações e de todos os séculos, Aquele que tinha todos os poderes de vida e de morte, e era verdadeiramente o filho de Deus, escolheu Judas para Apóstolo. Jesús que tudo previa lavou-lhe e enxugou-lhe os pés e com êle sentára-se à mesa. Nas Oliveiras, onde orava, recebera-o ante os soldados com a pergunta habitual:

— Amigo, que vens fazer?

Era uma lição para a incrédula humanidade.

Não é desiludido pelo Mestre, quando o vê abandonar a luta contra os dominadores da Galiléa, que o orgulhoso Judas vai ainda procurar os poderosos para salvar-se.

O filho de Deus também sabia que Pedro o negaria três vezes antes do galo cantar assim como seria com um beijo que o judeu de Iskarioth o trairia.

Para que se soubesse na lição divina que fôra vendido pelo dinheiro, mostrando a ignominia do amigo delator.

A parábola estava escrita.

TREVAS

QUANDO na tarde do mês de Nisan à hora nona, agonizava cruciado por todos os martírios que os romanos impunham aos condenados mais vís da natureza, que era toda claridade serena, desapareceu a luz e a terra tremeu dentro da noite rápida que caiu.

Ninguém podia compreender como o sol que era só esplendor ia sendo rapidamente velado por nuvens escuras que, como uma cortina sinistra, apagaram tudo.

Um tremor surdo sacudiu o solo e uma tempestade nunca vista marcou a hora fatal.

O Homem, que trazia uma mensagem de Paz para os homens, de amor para os seus semelhantes, de perdão para os inimigos e faltosos, só recebera injúrias, castigos, traições e vilipêndios.

Nenhum sábio poderia dizer porque só aquele homem fôra indicado para sofrer tanto e de tais formas, assim como ninguém poderia explicar aquela súbita noite que aparecia no momento exato da morte dum justo.

Era uma escuridão acompanhada dum tremor de terra abismando a todos pelo imprevisto.

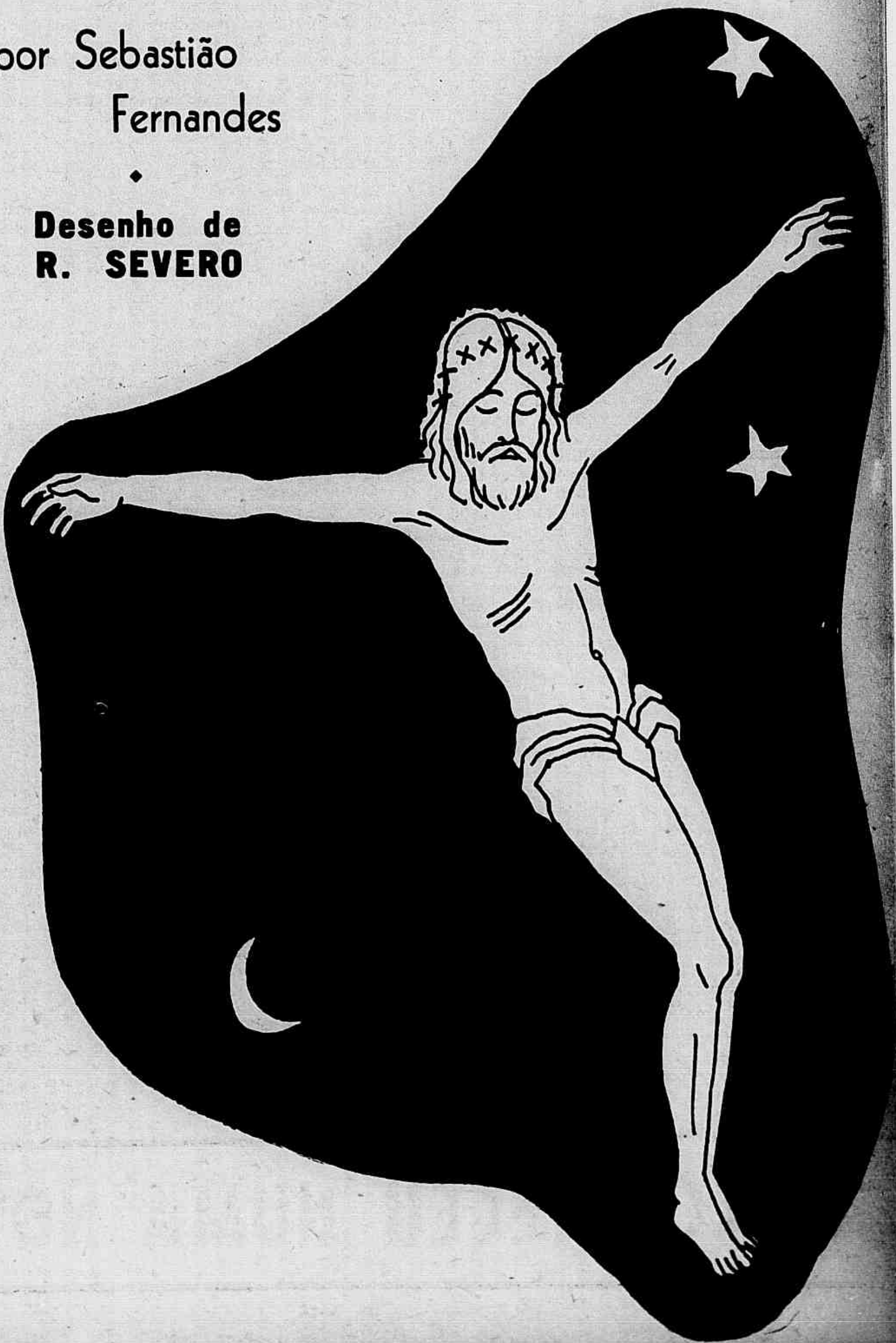
Era sómente a treva que tomara conta de todas as coisas.

A ausência de qualquer claridade amedrontou os circunstantes trémulos de pavor como se o mundo não mais pudesse voltar aos dias tranquilos e claros. Os soldados de Roma viram que nada podiam com o céu. A noite cobriu os homens, as casas, os caminhos e montes, mostrando o erro dos que se julgam senhores do mundo.

Foi a treva que cega revelando a pequenez humana.

por Sebastião
Fernandes

Desenho de
R. SEVERO



F quando a tarde morreu as luzes da cidade se acenderam, pobres imitações de estrelas presas nos pequenos postes negros, a lua pôs a cabeça para fóra do morro e olhou Copacabana.

Um de seus raios palidos vem beijar os pés de Walewska a refugiada judia que, placida e nua, está deitada sobre o divan vermelho de seu quarto, num apartamento de luxo, 12.º andar de um arranha-céu novo.

Tudo aqui entedia Walewska Stravinsk. Desde a beleza das noites até a côr rubro-cereja de seu divan.

E ela pensa com saudade nas noites magnificas de seu palacete de inverno, quando o poderoso papai, dono de muitas maquinas e de muitos homens, oferecia recepções de gala aos magnatas da industria belica polonesa e aos diplomatas alemães.

Hoje, os diplomatas são donos de Varsovia e papai é um refugiado judeu, grato aos novos proprietarios da Polonia que o deixaram fugir com vida. Com vida e com dinheiro. Mas é um homem mudado. Vive só e meditativo. Perdeu com o exilio as suas amizades.

Walewska pensa agora nos amigos perdidos. Fernando Stanislaw lhe toma o pensamento de assalto. Fernando Stanislaw, o melhor aluno da universidade, jogador de bilhar americano, d. Juan alegre e despreocupado, que beijava tão bem os labios assetinados de Walerwska, é hoje um soldado russo, é um renegado. Alem disso é uma recordação proibida pelo papai, uma saudade censurada. Walewska Stravinsk afasta de seu pensamento a figura do soldado vermelho, levanta-se e chega à janela de seu apartamento de luxo, 12.º andar de um arranha-céu novo de Copacabana.

A lua brilha sobre o oceano.

Sobe uma onda, desce outra onda e ao sabor das vagas mansas o bote de borracha oscila, embalando os naufragos como num sonho. Acabou-se a agua, acabou-se a ultima lata de conserva. São dois apenas os homens que restam do "Soledade": Amunto, piloto sueco e Pedro, Catalão de nascimento, ex-combatente da Espanha Republicana.

Pedro olha para os reflexos prateados que a lua deixa sobre a espuma branca e resmunga:

"Eu sabia que estes fascistas salafrios ainda me pegariam. Por isto cobre a minha vida adeantadamente e com juros. Matei mais destes safardas em 36, que a gripe em 18."

E termina com uma praga tremenda contra a ascendencia de Hitler.

A luz da lua amortalha o bote, unindo os dois marujos na camaradagem da ultima hora.

São dois homens de terra distantes lançados no meio do Atlantico imenso pela fatalidade de um torpedo, são dois irmãos que esperam a morte.

O sueco está calado. Pensa na aldeia perdida, pensa na filha, olha melancolicamente o luar e resa em silencio: "Padre nosso que estais no céu".

A lua se esconde de repente atrás de uma pesada nuvem negra.

Louis Antoine Murat está nervoso. Mas não é medo.

Louis nunca teve medo. Lutou no Marne, lutou em Verdun, enterrou-se nas trincheiras de Champagne, chefiou greves, dissolveu comícios de *Croix de Feu* e nunca sentiu medo.

No entanto Louis está nervoso. O frio da noite hibernal entra pelos buracos do capote velho, fazendo tremer o velho lutador, que está escondido atrás de uma esquina de Mont-Martre. Os seus dedos crispam-se em volta da granaça que traz no bolso. E ele espera.

Espera o oficial alemão que deverá sair em breve do portão em frente. Restam-lhe ainda muitas esperanças. Outros têm escapado com vida de empresas semelhantes.

Mal se dê a explosão, fugirá em bicicleta.

Tudo será facil com uma noite escura como esta, sem lua e sem estrelas. Mas Louis está nervoso.

A lua sai de trás de um bloco de nuvens negras e ilumina Paris.

Louis Antoine Murat, velho batalhador, desce o bonet para a testa, cospe para o lado e continua a esperar.

"E' preciso ter cautela com o luar", dissera o comandante da companhia quando o tenente Sergio, à frente da patrulha, deixara a trincheira em missão de reconhecimento.

Sergio guarda na memoria esta frase. Ele sabe que um soldado é mais necessario que um herói e por isto não se expõe a riscos inúteis. Conhece a disciplina ferrea do Exército Vermelho e tem em grande conta a responsabilidade que lhe cabe.

Seguindo os ensinamentos recebidos cobre a cabeça com a manta branca, olha fixamente em frente e começa a desenhar um croquis.

"Ali deve haver uma casamata camouflada".

O tenente Sergio levanta a cabeça.

Hans Krausser está alerta. Quando aquele pedaço movel de neve passa pelo centro da luneta de seu fuzil, ele atira.

E o tenente Sergio, defensor de Staligrado, portador da ordem do trabalho, não é mais que um cadaver.

O sargento da patrulha o arrasta para trás, puxando-o pelos ombros.

Sobre a alvura da neve vai-se desenhando um risco de sangue que se escapa da cabeça de Sergio.

O luar põe reflexos amarelados sobre o fio vermelho.

A luz do grande luar inimigo os aviões evolucionam, em grandes circuitos desiguais, sobre a aldeia de Pip-ieng.

Ao fragor das bombas incendiárias, as ruínas mortas ressuscitam e ganham mobilidade, como esqueletos-fantoches acionados por uma fogueira de cataclisma.

As paredes nuas levantam-se, tremem, movidas pela mão de um diabo brincalhão, para cair de novo, envoltas num oceano de brasa e cinza.

Atrás de um abrigo de sacos de areia, Li-Akui, a enfermeira de guerra, cobre com o seu corpo magro o corpo pequenino de Sieng, o orfão.

Cada nova explosão é um suplicio para ela. Sabe que o seu corpo não servirá de abrigo para o menino, mas abraça-se a ele com furia, pois isto lhe dá mais coragem.

Os olhos pequenos de Sieng, ao clarão das granadas, assumem as proporções de bolas de brinquedos. O abrigo treme, as bombas caem em grandes assobios trinados que terminam de repente no estacato de uma detonação.

O pranto do chineinho é abafado agora pelo latido de uma metralhadora anti-aerea, que um soldado de onze seis

anos maneja sobre um resto de telhado das vizinhanças.

"Nunca mais verás o luar"

— Assim falava

uma voz desconhecida dentro do coração de Oiana Miamo, capitão aviador do Imperio do Sol Nascente.

Oiana sente a verdade aterradora dessa afirmativa.

Lembra-se do ultimo combate com os modernos aparelhos norte-americanos.

Só por milagre escapara com vida.

Demorara demasiado em voltar a si do desmaio, evitando a custo as balas da metralhadora de um jovem que mergulhara em seu encaço.

Oiana, pensa em tudo isto, enquanto corre para a pista.

Dentro de poucos instantes levantará vôu para dar combate aos aparelhos yankees que se aproximam do Japão.

(Continúa na pág. 103)

ACONTECEU NUMA NOITE DE LUAR

POR
COELIUS
AULICUS
ILUSTRAÇÃO DE
MIGUEL H.



QUE PENA O CARNAVAL ESTAR TÃO LONGE ! PACIÊNCIA... MAS SI HOVER BAILE DE GALA NO MUNICIPAL, EM 1945, ESTE MODÉLO DE GINGER ROGERS TALVEZ VENHA A SER COPIADO. NÃO MERECE ? ELA O APRESENTARÁ EM SEU PRÓXIMO FILME, "A MULHER QUE NÃO SABIA AMAR". (Foto Paramount).

À ESQUERDA, UM CASACO ULTIMO MODELO DA BROADWAY, EM CORTE SIMPLES, REALÇADO PELO FOLGADO DA MANGA E A NOTA DE ELEGANCIA FORMADA COM O CONTRASTE DAS LUVAS DE PELICA BRANCA. PROPRIO PARA TARDES INVERNOSAS. CHAPÉU ULTIMO TIPO, DE ABAS CURTAS, EM FELTRO ESCURO.

EM BAIXO, OUTRO MODELO DE CASACO, ESPLENDIDO AGASALHO PARA AS NOITES DE JUNHO. MODELO "DENTON FREY", DE NOVA YORK, ESPECIAL PARA A NOSSA REVISTA. OBSERVE A LEITORA AS DIMENSÕES RELATIVAMENTE CURTAS DESSA ELEGANTE PEÇA, APENAS UM POUCO ABAIXO DO JOELHO; CHAPÉU DISCRÉTO.

PARA O

Inverno

Aí estão quatro magníficos modelos nova-iorquinos oferecidos às leitoras elegantes, para a estação invernal. Outros poderão ser encontrados em páginas seguintes desta mesma edição, proporcionando a quem nos lê o ensejo de confeccionar bonitos figurinos de tarde e noite. A moda continua vindo da America do Norte, até que na França as luzes voltem definitivamente a brilhar.

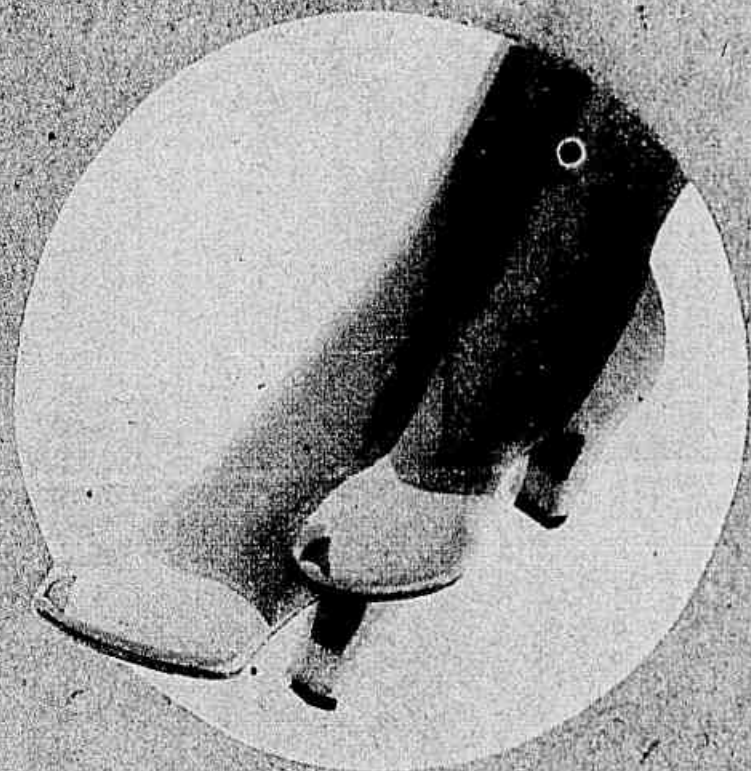
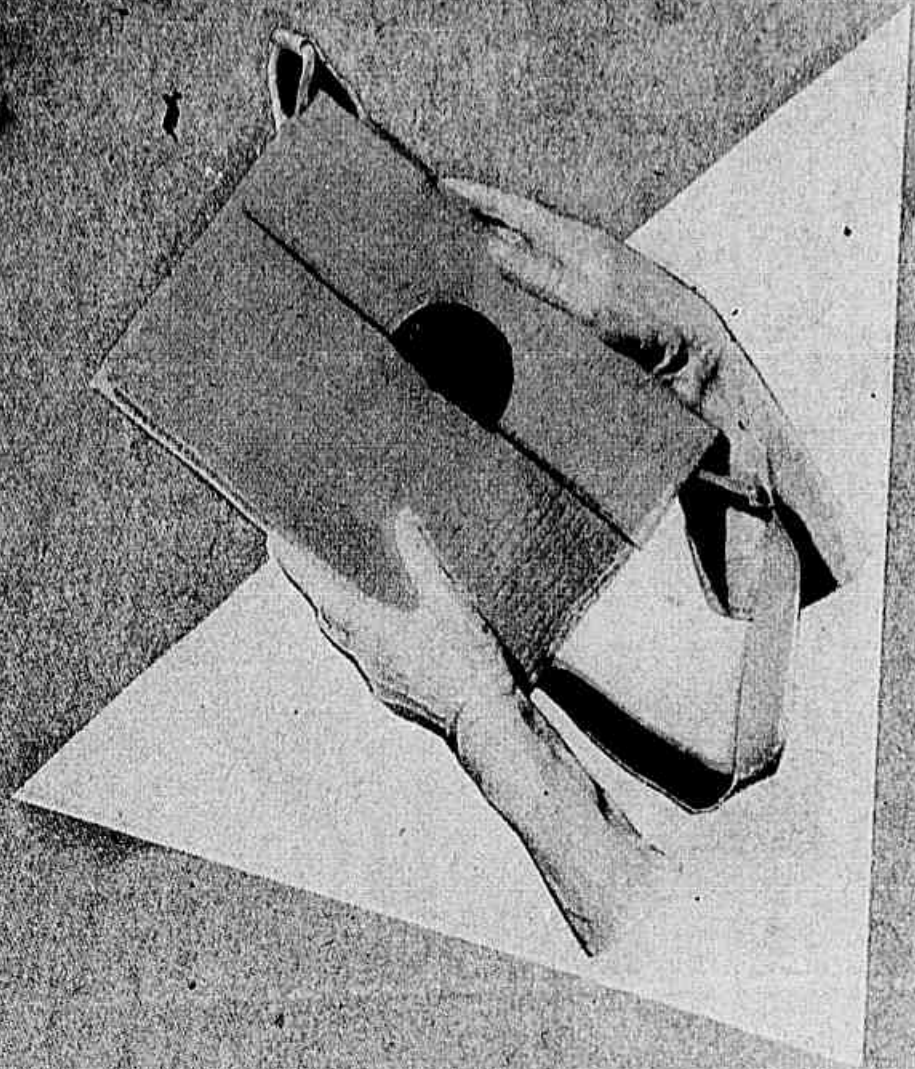
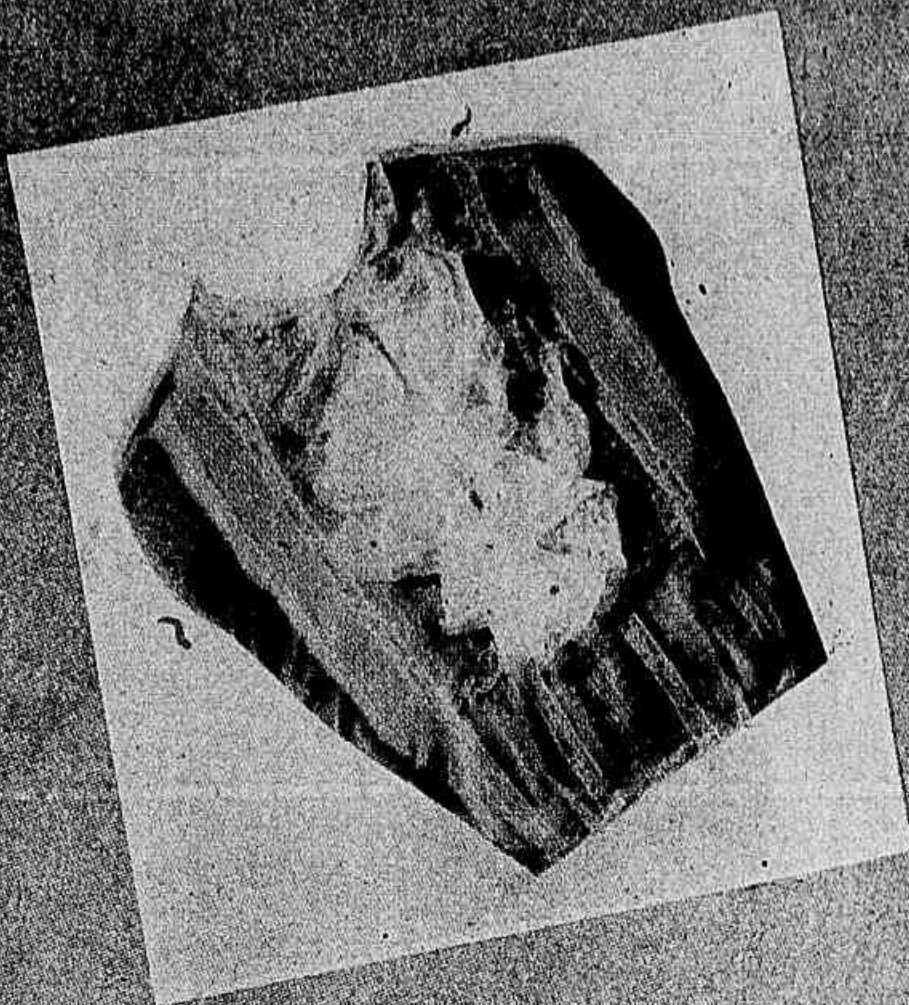
Y
A
E
S
D
M

N
A
S
M
U



EM CIMA, NOVO ESTILO DE PÉLES COM PELO LONGO PARA SAÍDA DE TEATRO OU FESTA NOTURNA. LUVAS PRETAS. "ARRANJO" DE CABEÇA, EM VEZ DE CHAPÉU. CORTE FOLGADO, BEM AMPLO. POR SOBRE O VESTIDO DE "SOIRÉE". PODE SER CONVERSIVEL COM OUTRA PELE DO AVERSSO.

CASACO TIPO JAQUETA, Á ESQUERDA. DE CERTO EFEITO SI CONFECCIONADO EM PÉLE DE FANTASIA.. COM BOTÕES RECOBERTOS, NO MESMO DESENHO. BOLSOS DE LADO, NÃO MUITO AMPLOS. GOLA BASTANTE LARGA, DEIXANDO ENTREVER O AGASALHO DO PESCOÇO. MAIS DE EFEITO QUE PARA AGASALHAR.

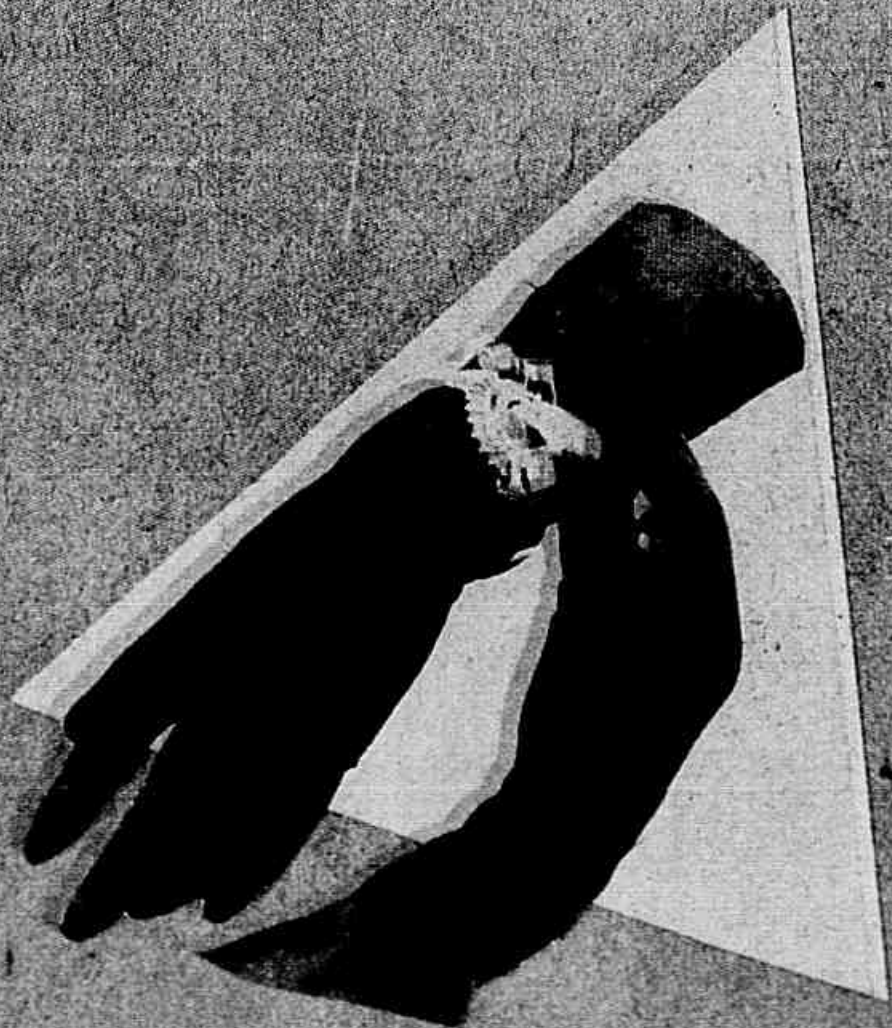


BONITA GRANVILLE oferece às leitoras elegantes, nesta página, um conjunto de pequenos e graciosos acessórios. Um lindo chapéu, ao alto, enfeitado com uma leve gaze, acompanhado de uma blusa bem talhada, bolsa e sapatos. A "estrelinha" da RKO é, hoje, um dos modelos mais apreciados de Hollywood.

Detalhes



Mas, como si não bastassem os complementos de "toilette" da parte superior desta página, aqui estão, em baixo, outros, oferecidos ainda por Bonita Granville. Outro chapéu bem na moda, bolsa e luvas em camurça: outro jogo de luvas com bracelete de fantasia e outros sapatinhos bem abertos, com presilhas de sola ou também camurça.



— O RELÓGIO QUE ACOMPANHA TODAS AS ATIVIDADES HUMANAS



Impede a penetração da água e da poeira
porque é **1 IMPERMEÁVEL**

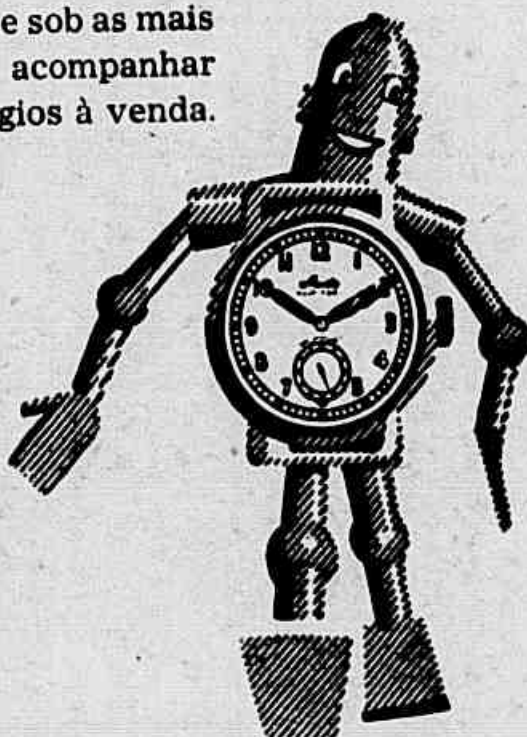
VERDADEIRA maravilha do gênio moderno, MIDO-MULTIFORT pode ser usado, sem o menor prejuízo para o seu bom funcionamento, durante os exercícios de natação, no banheiro ou sob a chuva. Além dessa qualidade, MIDO-MULTIFORT reúne ainda outras vantagens excepcionais. Poupa tempo ao seu possuidor porque é automático. Dá corda a si mesmo, aproveitando o movimento natural do braço. Resiste à ação da eletricidade, porque é ante-magnético, e à ação dos ácidos porque é inoxidável. Possui 17 rubis, o que lhe assegura uma precisão duradoura, e representa o máximo de perfeição até hoje alcançada na categoria dos relógios automáticos. Apresentado em elegantes modelos de ouro, aço inoxidável ou folheado, tanto para senhoras quanto para cavalheiros, tendo a garantia de suas qualidades gravadas na própria caixa, MIDO-MULTIFORT é o relógio que V. pode usar a qualquer momento e sob as mais variadas circunstâncias porque foi feito especialmente para acompanhar o dinamismo da vida moderna. Limitada quantidade de relógios à venda.

- 1 - IMPERMEÁVEL.
- 2 - INOXIDÁVEL.
- 3 - PARA-CHOQUES.
- 4 - LUMINOSO.
- 5 - PRECISO.

- 6 - ANTI-MAGNÉTICO.
- 7 - AUTOMÁTICO.

Mido
MULTIFORT

Relógio Suíço com 17 rubis



O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

Standard Propagand

EXPRESSIVO DOCUMENTO O ULTIMO RELATORIO DA COMPANHIA DOCAS DE SANTOS

A leitura do último relatório da Companhia Docas de Santos, apresentado pela sua Diretoria, e relativo ao ano de 1943, permite-nos, com segurança, avaliar a solidez daquela organização, que, a despeito de todas as dificuldades ocasionadas pelo estado de guerra internacional, acusa um ritmo de trabalho mercê do qual continua a prestar, sem alteração, os indispensáveis serviços de que se ocupa. Constitue, pois, o presente relatório, na sua concepção e no seu desenvolvimento, uma peça eloquente em que a Diretoria dá ampla satisfação aos seus acionistas e ao público em geral acerca das rela-

ções da Companhia com o governo federal; da ampliação das instalações do porto de Santos; serviços de tráfego; fundo de amortização; ambulatório Gaf-fré e Guinle, mantido em S. Paulo, e outros assuntos de igual e relevante interesse.

Dirigida pelos srs. Guilherme Guinle, Oscar Weinschenck, Otavio Pedro dos Santos, Carlos Guinle e Raul Fernandes, todos elementos de projeção em nossas esferas industriais e econômicas, a Companhia Docas de Santos prossegue sua jornada vitoriosa, consolidando dia a dia o prestígio de que desfruta em nosso país.

PARA UM
PALADAR EXIGENTE
UM
CIGARRO DIFERENTE

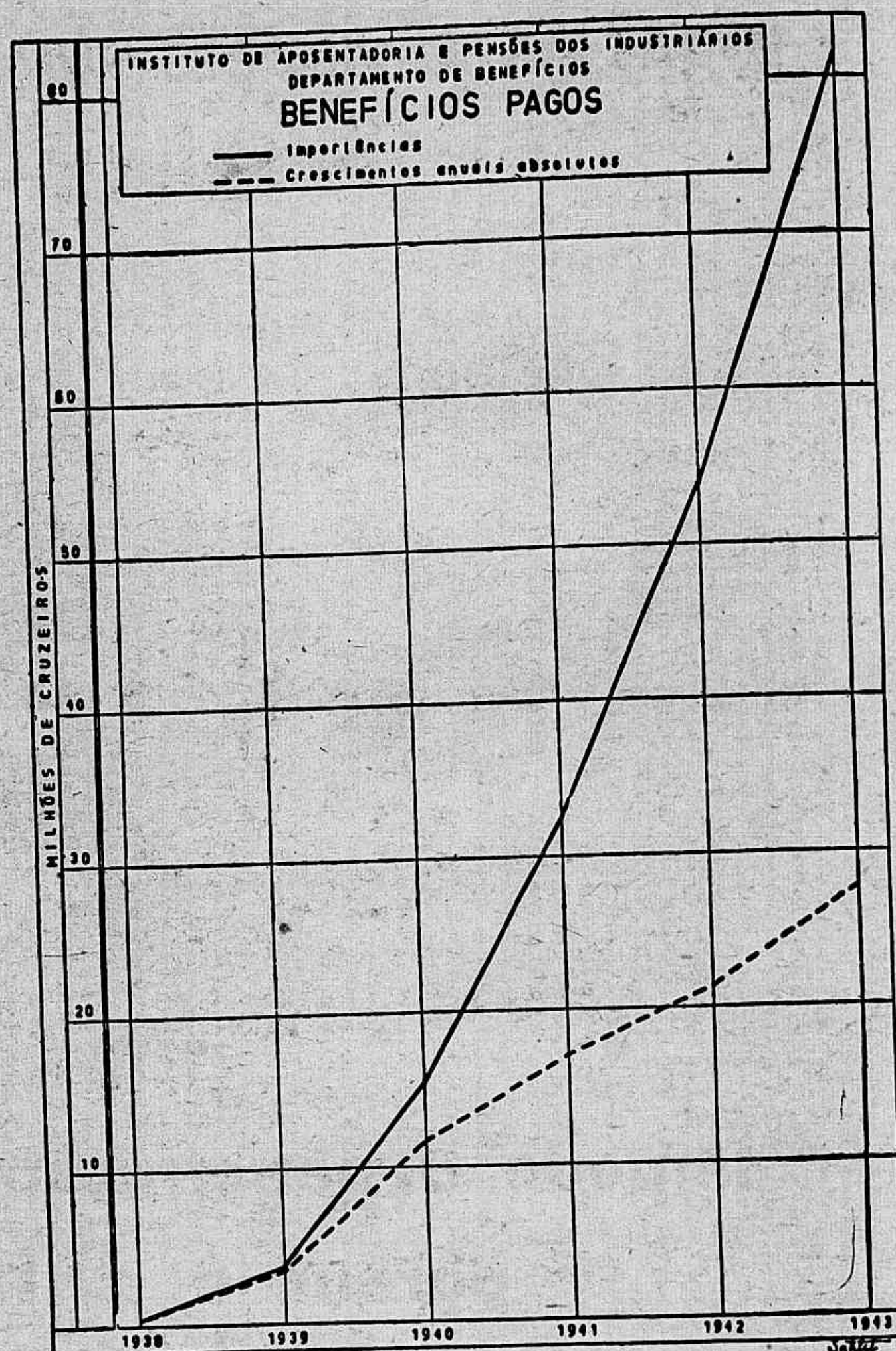


Lincoln

TIPO AMERICANO
COM PONTA

CIA. DE CIGARROS CASTELLÕES

Golpe de vista sôbre o desenvolvimento dos benefícios pagos pelo I. A. P. I.



Apresentamos nesta página um gráfico simples, em que se pode acompanhar a evolução dos montantes de benefícios pagos pelo I. A. P. I. As cifras são as seguintes, representadas pelo traço cheio:

1938 — Cr\$	284.679,70
1939 — Cr\$	3.703.409,10
1940 — Cr\$	15.414.526,90
1941 — Cr\$	32.441.481,90
1942 — Cr\$	53.724.582,20
1943 — Cr\$	81.345.796,80

Demonstram esses números como vêm tomando impulso as despesas com benefícios. A linha que o representa dá uma visão nítida do crescimento; tão intenso é, que ela está tendendo para a vertical.

Isso revela que as críticas que têm sido feitas ao Instituto, quanto a' relação entre despesas administrativas e benefícios pagos, são devidas a' incompreensão, pois o I. A. P. I. é um organismo jovem, que conta apenas 6 anos de funcionamento; por esse motivo, embora os pagamentos feitos com os benefícios já tenham atingido importâncias elevadas, estão muito abaixo daquilo que virão a atingir em futuro próximo.

E o gráfico traz outro elemento indicativo da plena fase de ascensão em que se encontram as despesas de benefícios: a linha pontilhada que representa a diferença, para mais, do total de um ano sôbre o total do ano anterior.

Essas diferenças são:

1938 - 1939 — Cr\$	3.418.729,40
1939 - 1940 — Cr\$	11.711.117,80
1940 - 1941 — Cr\$	17.026.955,00
1941 - 1942 — Cr\$	21.283.100,30
1942 - 1943 — Cr\$	27.621.214,60

Esses números patenteiam, significativamente, o ritmo do crescimento, pois as diferenças, de ano para ano, também têm aumentado! Nesse passo, dentro em pouco os benefícios pagos chegarão a cifras astronômicas; e aí, talvez, as críticas ora feitas se transformem em receios pela estabilidade da instituição. E não fossem elas, não insistiríamos em certas explicações. Ninguém estranha que na fase de formação e instalação de uma empresa de finalidade econômica, preponderem as despesas sôbre os resultados. Só depois de plenamente estabelecida e firmada, é que ela começa a distribuir proventos. O Instituto não podia escapar a essa regra. E' perfeitamente regular o que está acontecendo, pois que nos primeiros anos de funcionamento, mormente em vista de suas proporções, devem as despesas administrativas avultar em comparação com as de benefícios, a-pesar-de nunca haverem excedido o limite para tal fim fixado. Lembremo-nos de que uma obra como o Instituto não é para anos, e sim para séculos...E as despesas de benefícios crescerão indefinidamente...

Parece-nos que o que aqui trazemos a' luz é o suficiente para se certificarem os industriários de que o seu Instituto vem cumprindo, como lhe cabe, os seus deveres, e talvez em cadência mais acelerada do que a que previram os técnicos que lhe traçaram as bases.

ORGANIZAÇÕES



NOVO MUNDO

BANCO FINANCIAL
CIA DE SEGUROS

TERRESTRES E MARÍTIMOS

CIA DE SEGUROS

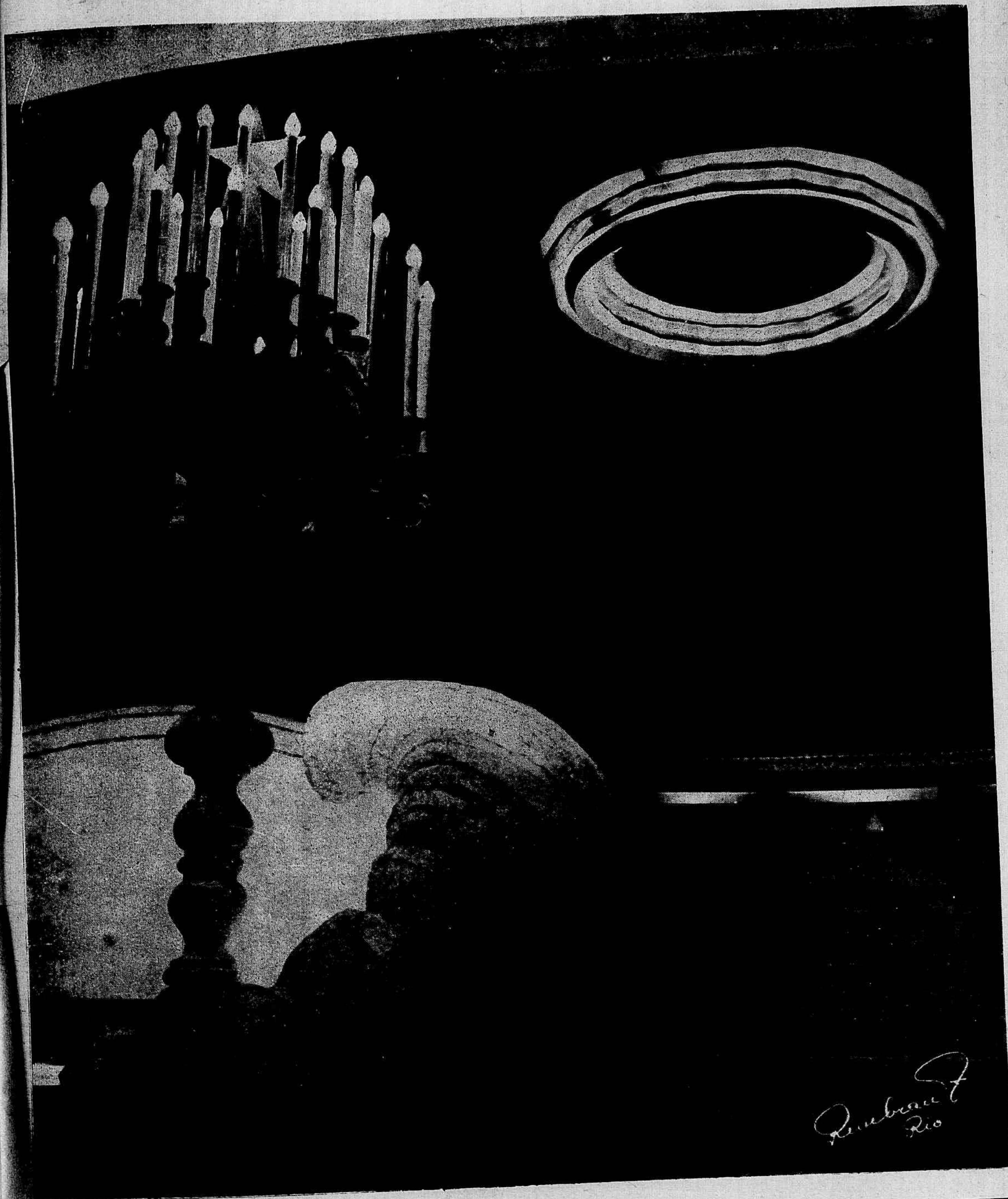
DE ACIDENTES DO TRABALHO

MATRIZ: RIO DE JANEIRO, CARMO 65
FILIAL: COPACABANA, Figo. MAGALHÃES, 22

SÃO PAULO: BOA VISTA 57. SANTOS: D. PEDRO II, 18.
CORRESPONDENTES EM TODO O BRASIL

CAPITAL
Cr\$ 12.000.000,00CAPITAL
Cr\$ 4.000.000,00CAPITAL
Cr\$ 1.000.000,00

Fabrica de Gesso GUARANY Ltda.



GESO GUARANY aplicado em obras de arte e revestimento pela CASA FRANCESA PEDRALIT REVESTIMENTOS LTDA. no Hotel Quitandinha em Petropolis.

ARARUAMA — PONTE DOS LEITES — E. F. MARICÁ

Pedidos no Rio de Janeiro:

Rua da Quitanda, 185 - 4.º andar - Sala 401 - Tel. : 23-4421

Banco do Brasil

O maior estabelecimento de crédito do País

Agências em tôdas as capitais e cidades mais importantes do país e correspondentes nas demais cidades e em tôdos os países do mundo

CONDIÇÕES PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS:

Com juros (sem limite) 2 % a. a.
(retiradas livres)

Populares (limite de Cr\$ 10.000,00) 4 % a. a.
(retiradas livres)

Limitados (limite de Cr\$ 50.000,00) 3 % a. a.
(retiradas livres)

Prazo fixo — de 6 meses 4 % a. a.
— de 12 meses 5 % a. a.

Prazo fixo com renda mensal —
— de 6 meses 3,½ % a. a.
— de 12 meses 4,½ % a. a.

NOTA — Nesta, o depositante retira a renda mensalmente, por meio de cheque.

De aviso — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante *prévio aviso*

— de 30 dias 3,½ % a. a.
— de 60 dias 4 % a. a.
— de 90 dias 4,½ % a. a.

Letras a prêmio — (sujeitas a sêlo proporcional)
— de 6 meses 4 % a. a.
— de 12 meses 5 % a. a.

Nesta Capital, além da Agência Central, sita na Rua 1.º de Março, N.º 66, estão em pleno funcionamento as seguintes metropolitanas:

GLÓRIA — Largo do Machado (Edifício Rosa)

BANDEIRA — Rua do Matoso, 12

MADUREIRA — Rua Carvalho de Souza, 299

MEIER — Avenida Amaro Cavalcanti, 27

TIRADENTES — R. Visconde Rio Branco, 52

RAMOS — Rua Leopoldina Rego, 78

SUB-AGÊNCIA DE CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, 100

Copa e cosinha

Mme. RISOLETA



Uma moda elegante no arranjo da mesa é a de enfeitá-la com cestas e "bibelots" de louça colorida. A volta dos "bibelots" (preciosos às estantes e "boudoir", deu-lhe um prestígio todo especial hoje. Uma mesa arranjada com gosto pode ter entre as flores naturais que a adornam um casal de porcelana com cestos de frutas colocadas de cada lado da floreira.

A dificuldade de vida atualmente está obrigando a dona de casa a ocupar-se mais do seu lar. A falta da criada fá-la ir pessoalmente às feiras e armazens, a escolher ela própria o menu, tão caro e de pessima qualidade, devido ao material de refugio que ela é obrigada muitas vezes a trazer para casa. Esse trabalho obrigatório fez naturalmente com que a dona de casa pensasse mais na saúde de seu marido e de seus filhos, e no aspecto agradável de sua casa, onde a sua presença feminina foi e será indispensável.

M E N U

SALADA ORIGINAL

FILET DE PEIXE AO MOLHO DE VINHO.
FATIAS DE CARNE AO MOLHO DE TOMATE.
BEIJO DE CABOCLA.

SALADA ORIGINAL

Batatas cozidas, camarão, tomates, alface. Passe na máquina a batata e tempere com azeite, vinagre, sal e alho esmagado, misture bem acrescentando salsa picada fininha. Estenda esta massa no prato saladeira. Pique o camarão cozido depois de quase frio e tempere também com o mesmo molho (ou com maionese) ponha por cima da batata. Corte o tomate em fatias, tempere e coloque sobre o camarão; juntar-lhe fatias de pão torrado cobrindo tudo com maionese e alface picada bem fina e passada pelo tempero.

FILET DE PEIXE AO VINHO

Limpe as fatias de filet com limão e coloque-as numa forma própria bem untada de manteiga, cubra-as com fatias de cebola, salsa picada, cebolinha, tomate e sal, despeje sobre tudo isto um copo de vinho branco, cubra com papel untado de manteiga e leve ao forno evitando a fervura muito forte.

MOLHO

Derreter 2 colheres de manteiga com um pouco de farinha de trigo depois de bem misturada, despejar-lhe um pouco do molho em que se cozinhou o peixe, ir mexendo e juntando o molho até engrossar, acrescentar 2 gemas, 1 xícara de leite, depois de bem misturadas, retirando do fogo o molho para não encorçar, depois de bem batido deixar dar uma fervura. Arrumar num prato as fatias de peixe, pão torrado, cenouras cozidas e despejar o molho.

FATIAS DE CARNE AO MOLHO DE TOMATE

Arrume na forma fatias de carne assada, entremeadas com toucinho ou presunto, faça à parte um molho de tomates, com ½ quilo de tomates, cebola, alho, pimenta, sal, cebolinha verde e salsa, acrescente ½ xícara de vinagre e 1 de água, deixe engrossar um pouco, junte 1 colher de massa desmanhada e passe tudo pelo côador. Junte este molho à carne e leve ao forno por uns 5 minutos.

BEIJO DE CABOCLA

250 grs. de açúcar em calda rala, 8 gemas, 4 claras, batidas em neve, 1 colher de farinha de trigo, 250 grs. de queijo ralado. Misturar tudo depois da calda estar fria e sem mexer. Por em formas untadas de manteiga e cozinhar em banho-maria.

A DONA DE CASA É OBRIGADA A IR PESSOALMENTE À FEIRA OU AO ARMAZEM ESCOLHER OS ALIMENTOS.



ELA DECIDIU ABANDONA-LO.
FICOU NOIVA DE UM OUTRO, MAS...

NUNCA ME ESQUECERÁS!

Havia um montículo de brizas na lareira. Genoveva contemplava-o. Bernardo limpou o cachimbo e tornou a acendê-lo. Tinha gestos vagarosos e seguros.

— Como você é forte e resistente, Genoveva! Nunca encontrei uma moça que se desse tão bem com essa vida do campo!

— Não é fácil para as parisienses adaptar-se a essa vida, replicou Genoveva. Algumas delas só conhecem o campo pelos piqueniques, com garrafa térmica e cadeiras de armar...

— Mas você é diferente. Você não detesta o campo. Eu sei disso. Vejo como você sente prazer em estar ao ar livre. Até o inverno no campo parece lhe agradar. E olhe que poucos são os que o suportam... E' duro.

— E' verdade que eu gosto do inverno no campo. Para mim não ha' diferença. Gosto de ver as arvores verdes, cheias de frutos, ou flores, mas também acho lindos os troncos cobertos pela neve, muito alvos. Você ja' reparou como ficam lindos, á noite? A lua brilha sobre eles. E' maravilhoso. Você nunca prestou atenção?

— E' verdade.

— E a vida é diferente. Ar livre, muito oxigênio, exercício... Faz bem á saúde...

— Você, até, ja' engordou um pouco desde que veio para cá, não é verdade?

— Estou ficando uma bola!

— Isso é que não. Você esta' em forma. O exercício impede que a gordura seja excessiva.

— Você acha?

— Esta' claro. Uma mulher não pode parecer atraente quando é muito magra.

— Ora vejá só! Você, ao contrario, dá uma impressão de saúde, de vida! E' uma coisa extraordinária!

João não diria isso. Genoveva lembrava-se das suas palavras: Você é tão linda que eu quase não acredito que esteja acordado. Deve ser sonho! Minha princezinha!

— Não saio muito, prosseguia Bernardo. Um fazendeiro tem sempre que estar em casa, tomando conta de sua terra. E' raro eu visitar a cidade. Mas espero fazer você feliz...

Ah! como eram diferentes as palavras dos dois. João dissera:

— Minha querida, adorada, farei todas as loucuras por você. Tomaremos um avião e fugiremos juntos para o paraíso.

— Paraíso, bôbo?

— Sim, paraíso. O paraíso sera' onde nós estivermos. E, se conseguirmos visitar o mundo inteiro, o mundo sera' um paraíso. A felicidade não esta' no lugar, mas na pessoa. E com você, eu estarei além do paraíso...

Bernardo continuava a falar.

— Entender-nos-emos bem não é verdade, Genoveva?

— Sim, Bernardo.

Oh! Como eram diferentes aqueles dois! Lembrava as palavras de João, murmuradas ao seu ouvido:

— Minha ga'inha, eu, ás vezes, acho que tanta felicidade é demais! Não tenho ainda muita certeza de que tudo isso é mesmo verdade!

Ou, então, como lhe falara, naquela noite em que noivaram:

— Genoveva, minha adorada, eu nem sei! Sinto-me como um garoto que desejou a lua e a obteve!

João! João das Asas, como o chamavam. Provinha esse apelido de um episódio ocorrido na sua infância, quando ja' era o mais fiel dos admiradores de Genoveva. Tinha ela então quatro anos e ele, seis. E ja' queria voar. Sempre fora o seu sonho. Certo dia, construiu um "papagaio" gigantesco e tentara alçar-se, voar, ganhar a amplitude...

Uma queda tremenda, que não lhe arrancou lágrimas, pois ele ja' então tinha a coragem que sempre o notabilizou, valeu-lhe verdadeira consagração entre o grupo de crianças a que ele pertencia. Desde esse dia chamaram-no João das Asas, e passaram a admirá-lo, como um herói.

Quando cresceu, João foi para o exército. A aviação militar era o seu destino, mas Genoveva não dera importância a isso. Afinal de contas, todos nós corremos riscos. Automovel ou avião, não ha' quasi diferença e as probabilidades de um desastre são as mesmas. Noivaram.

Seguiu-se um período de felicidade tão grande e tão completa que ja' era de se suspeitar a tragédia que se seguiria.

A guerra!

Voltando para casa, uma tarde, Genoveva leu a notícia da declaração de guerra. João partiu.

Na sua primeira licença, veio visitá-la e ofereceu-lhe desligá-la do seu compromisso. Aceitara todas as missões mais perigosas, decidira lutar sem medo, e para isso era necessário que ela se conformasse com a ideia de perdê-lo, logo de uma vez, pois todas as probabilidades eram no sentido da sua morte. Ela, amedrontada, aceitou.

Aceitou no momento, mais tarde quis voltar atrás. Abandonara o homem que amava! Sem uma palavra de despedida, pois apoz ter ela expressado a sua aquiescência, ele se retirara!

Deixou-o! Não tivera coragem de reafirmar o seu amor na hora da luta ou, melhor, não tivera coragem de ver esse amor perigar, com o risco que ele ia correr e resolveu perder logo as esperanças, cortar os laços de uma vez, para que mais tarde não sentisse o golpe mais duramente.

Passaram-se varios meses. Apareceu Bernardo. Bernardo que era calmo, pratico, sereno:

— Quer casar comigo?

— Sim, Bernardo.

E ficou decidido o casamento.

— Não sei por que você cismou de ir se enterrar no campo, durante tanto tempo, minha filha. Se você soubesse como me fez falta aqui! A casa agora esta' sempre cheia de gente, eu não tenho mãos a medir para cuidar de todos os parentes que apareceram de repente, pedindo auxílio, pedindo um lugarzinho para ficar, em Paris, perto dos outros que partiram, num ponto mais central. Eu não tenho coragem de recusar uma coisa dessa e logo eles abusam. Como usou você as férias? Você esta' mais gorda.

Continúa na pag. 108)

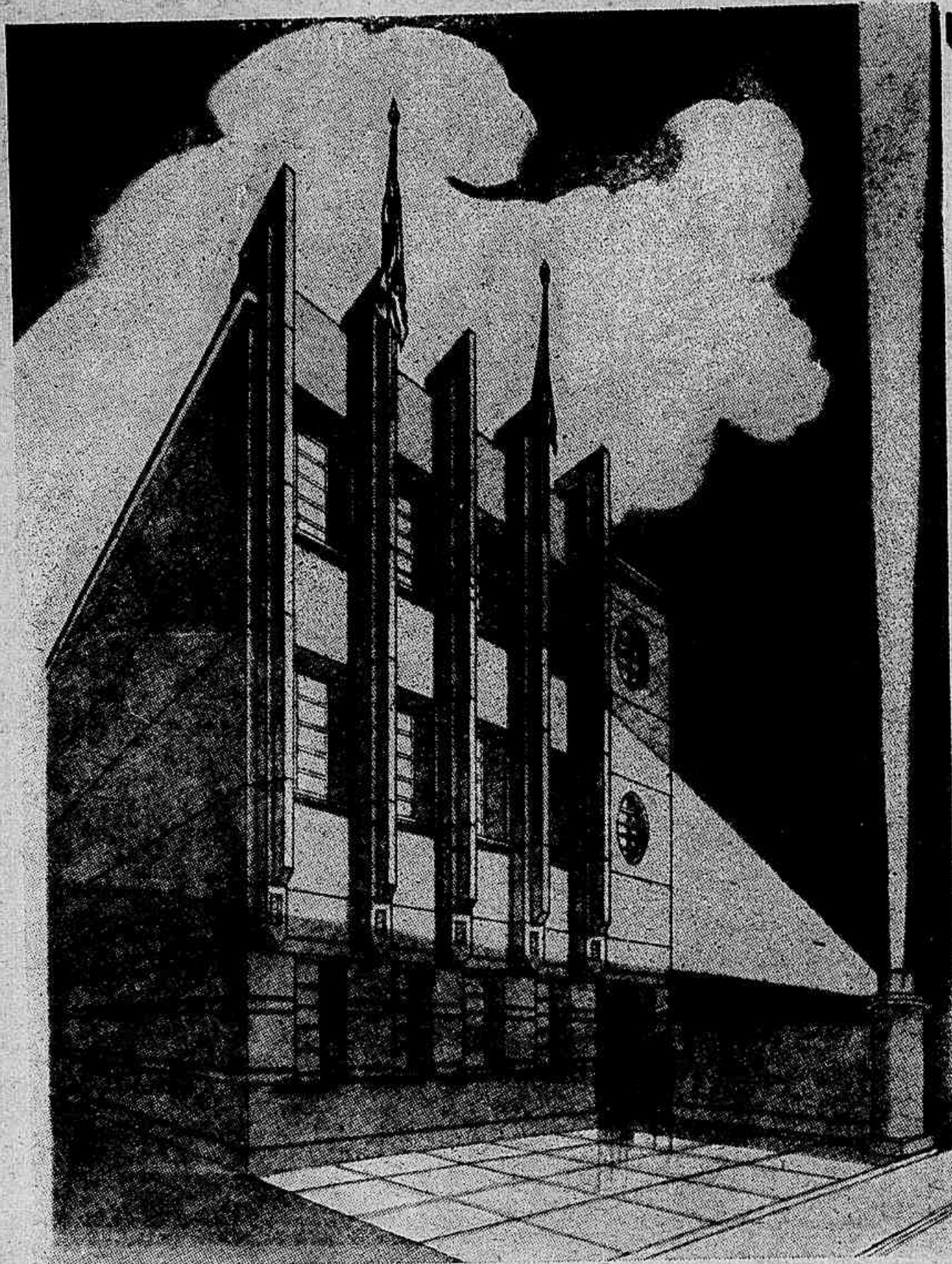
Conto de J. IVERT

(Traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)



AS GRANDES INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

TRINTA E CINCO ANOS COMEMOROU A
S. A. B. E. (EX-CAIXA GERAL FUNERARIA)



A FACHADA DA MATRIZ DA S. A. B. E. (EX-CAIXA GERAL FUNERARIA) NO MEYER.

Aqueles que se julgam previdentes na vida têm hoje razões profundas para sentir na alma um grande halo de alegria. E' que uma das nossas mais sólidas organizações particulares; uma sociedade que por si só representa um patrimônio a mais a juntar a tantos outros que são fontes irradiadoras de benefícios, essa sociedade pela perfeição de seus serviços, pela forma inteligente por que tem sabido expandir-se em nossos círculos sociais e pela força espiritual de seus diretores que lhe tem dado uma orientação segura e retilínea, conseguiu destacar-se de tal forma em todos os recantos da cidade e em diversos pontos fora da área do Distrito Federal que hoje em toda a parte a **S. A. B. E. (Ex-Caixa Geral Funeraria)** com sede no Meyer, é o luzeiro para o qual se voltam todos os corações que anseiam em ter assegurados dias de um futuro longínquo, para o seu socego e de sua própria família. E é por isso mesmo que todos confiam e afirmam a grandeza desse estabelecimento que de dia para dia mais se recomenda ao espírito público, que o encara com esperança e fé, com amor e afeto.

Escusado será dizer que a sua atual diretoria não perde um único instante em procurar aumentar os alicerces daquela casa que é da família, do lar, dos anciãos, dos moços, dos fortes, dos sadios.

Esta conceituada organização de Beneficência, com sede à Rua Carolina Meyer 29 — no populoso bairro do Meyer, comemorou no dia 1.º de maio 35 anos de existência.

Fundada em 1.º de maio de 1909, por um grupo de trabalhadores, entre os quais se destacava a figura de Vital Francisco Senreira, outra coisa não tem feito do que proporcionar benefícios práticos aos associados.

Nos 35 anos de luta e labor para amparar os seus associados, tem essa Sociedade sofrido os seus revezes, por se ter apoiado em forças negativas, porém ela está fadada a grandes realizações em benefício de seus associados, por isso que ela tem a guiar o seu destino, uma estrela luminosa e de um poder inconfundível.

Para se ter a idéia do movimento desta grande Sociedade popular de beneficência, basta que se diga que somente no 1.º semestre do corrente ano foi despendida em benefícios, funerais e assistência a quantia de Cr\$ 170.836,00, sendo o seu patrimônio na importância de Cr\$ 1.648.589,40 e o seu quadro social atinge ao elevado número de 108.637 sócios. Organização como a **S. A. B. E. (Ex-Caixa Geral Funeraria)** honra o espírito de cooperação.

PARABENS

á
REVISTA DA SEMANA
por seu aniversário,
de

Price Bothers Sales Corporation,
Quebec, G. F. Steele & Co. Inc.,
Nova York, e dos seus exclusi-
vos representantes no Brasil,

Murray, Simonsen & Cia. Ltd.
RIO DE JANEIRO

Tintas e Vernizes Para Todos os Fins
Industria de Tintas e Vernizes

COTTOMAR LTDA.

Campo S. Cristovão 170 -- Av. Maracanã 687
Rio de Janeiro ♦ Tel: 28-4039 -- 42-3843

Fabrica:

Tintas Litográficas
" **Tipográficas**
" **Off-set**
" **Estamparia**
" **Dissolventes**
" **Esmalte**
" **Oleo**
" **Laca**
" **p. Navios**
" **Mimeógrafo**
" **Tempera (Guache)**
— **Cera líquida**
— **Cottoblanc (branco p. calçado)**

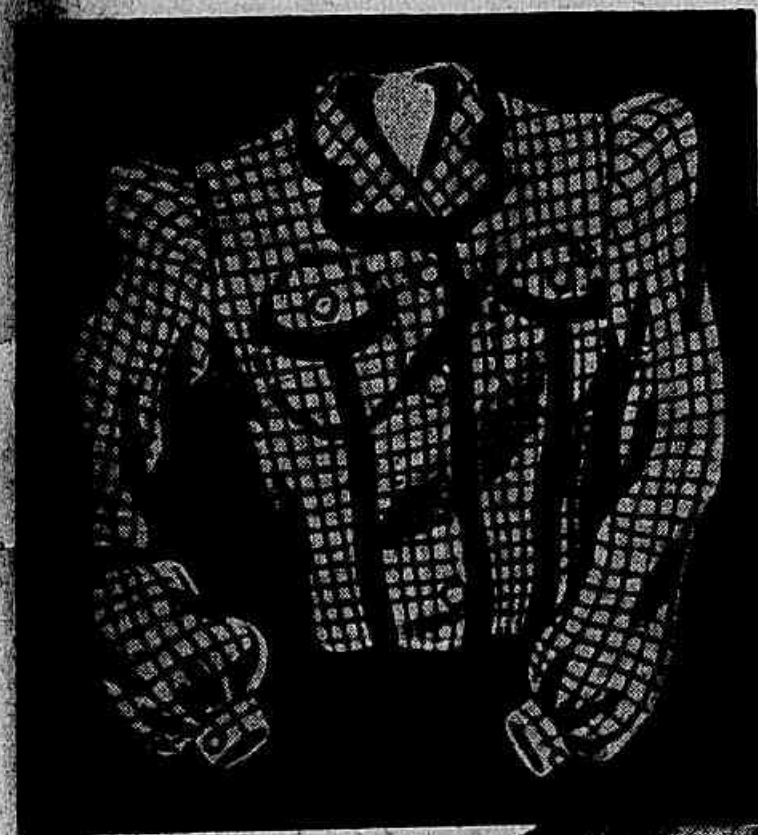
Distribúe:

Papel Carbono Columbia
Fitas p. máq. Columbia
Moletão tipo americano
Briquets p. limpeza de pedras litograf.

COTTOMAR dispõe de um
corpo de técnicos abalisados
para resolver o problema do
cliente.

COTTOMAR Fornece Tintas de Impressão
Para Esta Revista.

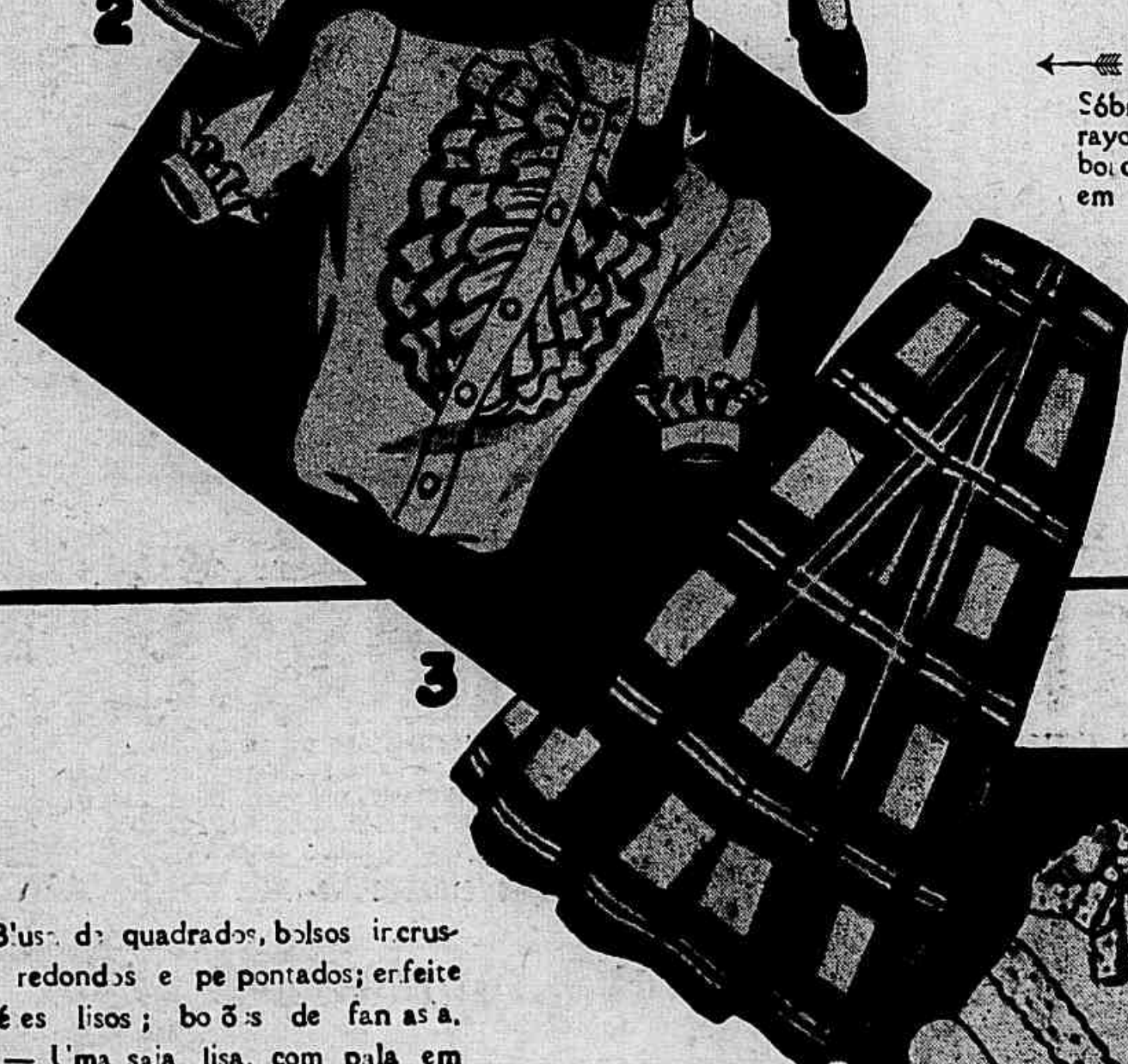
OUTROS MODELOS



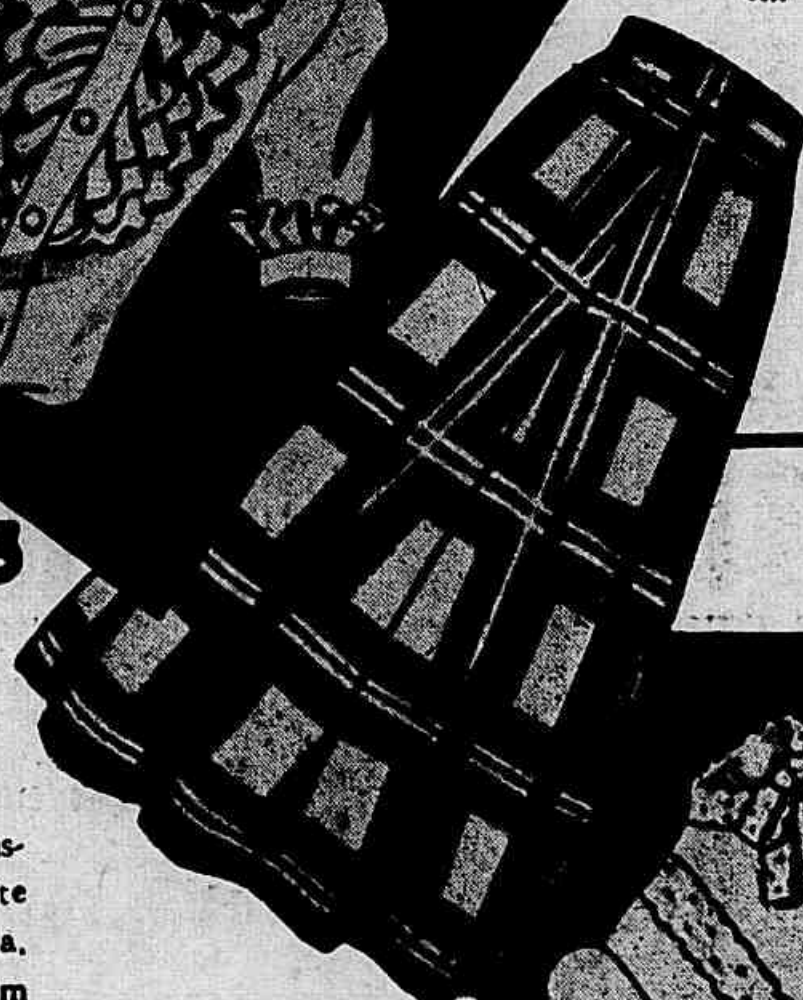
1



2



3



4



5

1 — Blusa de quadrados, bolsos incrustados, redondos e pontados; enfeite de vées lisos; bolsos de fantasia.
2 e 4 — Uma saia lisa, com pala em ponta; outra saia em escossês, abridor de gdet, na frente. 3 — Blusa branca com jabot e babados nas mangas; estes são vados. 5 — Blusa enfeitada com galão bordado. 6 — Frente de casaco em forma de colete, com pregas e laços. 7 — Bonito jabot em forma de gola, com flores na barra.

A virtude
parece mais
bela
num rosto
bonito!

Demonstre pelo zelo e capricho de uma pele, todo o valor do tesouro de sua alma! A senhora que conserva a pele formosa e macia, isenta de espinhas, cravos e penas, por certo dirá com orgulho, às suas amigas:

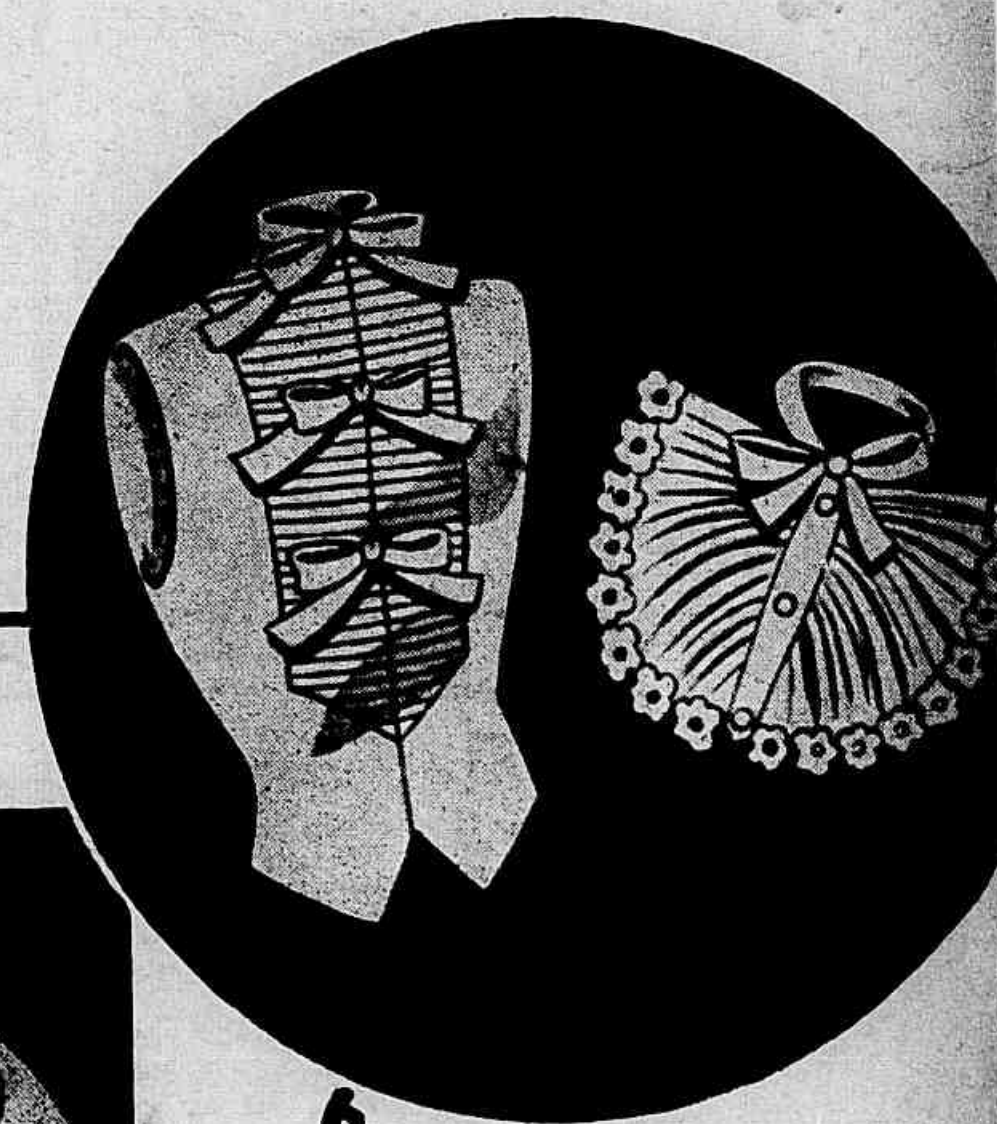
Eu só uso:



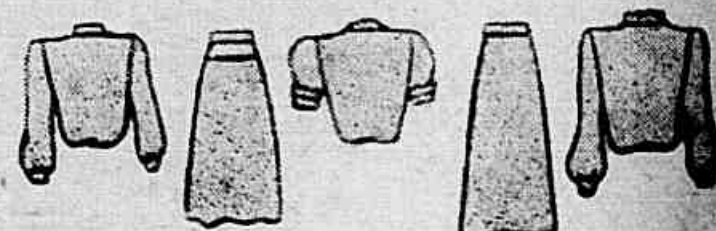
LEITE DE AMENDOAS DE
MENDEL

Distribuidor exclusivo: LEONCITO AMBRAN — Av. Rio Branco, 109
4.º andar — Telefone: 23-3947 — RIO
São Paulo: SANTOS NEVES CO. — Telefone: 2-1046 — Libero Badaró, 443-5.

Sóbrio vestido em rayon ciclamen com bordados de fantasia em tons dégradés.



6



ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo em virtude de ataque traiçoeiro do inimigo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torna-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Cia. que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA

MINAS

DE SEGUROS

BRASIL

CAPITAL SUBSCRITO: CR\$ 10.000.000,00

CAP. REALIZ. E RESERVAS: CR\$ 8.088.996,40

SEDE: AV. AFONSO PENA, 526-2.º AND.

BELO HORIZONTE

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS.

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO:

AV. GRAÇA ARANHA, 416-B.º FONE 22-1844

REDE INTERNA - SUCURSAL EM S. PAULO:

R. ALVARES PENTEADO, 153-3.º

TEL. 3 4451

REUNIDAS

Aconteceu numa noite de luar

(Continuação da pág. 90)

Sabe que não resistirá a uma batalha com os novos aviões inimigos, mas isto não importa. Treme ligeiramente. Será medo? — Não. Um oficial japonês não pode ter medo.

Sobe para a pequena nascele do "zero", experimenta os comandos, descola serenamente e põe o "nariz" do aparelho em direção ao litoral.

Enquanto voa para a costa, Oiama pensa nas colunas chinesas que metralhou de pouca altura, pensa nas ambulâncias que fez voar pelos ares na estrada de Burma, pensa no "tigre" que abateu sobre a Grande Muralha. E não sente remorsos. Matou muita gente e vai morrer agora.

Abaixo de Oiama, destaca-se claramente, iluminada pela lua, a linha branca da praia.

O aviador levanta a mão e ascena um grande adeus à pátria, uma despedida ao mundo.

Brilha a lua sobre o Pacífico. Sobre o oceano infinito, espalham-se as belonaves.

"Isto nem parece uma batalha", grita Douglas para o artilheiro Joe que coloca os fones no ouvido.

"No entanto — responde o outro — isto é uma batalha".

"Alerta!" brada uma voz misteriosa dentro do fone.

"Fogo!"

A cabine estremece com a explosão, Douglas sorri amplamente. Joe tem o rosto queimado e sorri também.

De repente, desaparece o sorriso de ambos, desaparece a cabine de fogo, desaparece o destroyer.

A lua ilumina indiferente o corpo de Joe Thompson, de Cleveland, Ohio, casado, pai de três filhos, que boia sobre um caixote vazio.

O barão von Bomblerg acordou sobresaltado, quando um raio de lua lhe bateu nos olhos.

Levanta-se bocejando, olha as grades da cela, desenhadas nitidamente ao luar.

Tira de sob o travesseiro de seu catre de presidiário uma pequena "automática" negra e, à luz fraca da lua examina a arma. No cano de aço, uma inscrição: Fabrique National de Armes de Guerre.

Tudo lhe vem de repente à memória:

E ele se vê entrando em Ostende ao lado de Himler, no assento alto do carro de combate, envergando o uniforme temido dos camisas negras.

Depois Helena viera ter com ele e sucederam-se dias despreocupados de idílio flamengo, à margem dos lagos românticos e sobre as dunas dos países baixos.

Veio porem a ordem de partir e Helena e ele chegaram a Valparaíso, para organizar a rede sul-americana de espionagem.

Tudo correu bem, até que a polícia do Chile conseguiu localizar sua estação emissora.

E agora, o capitão von Bomblerg, da Gestapo, sabe que tudo foi obra de Helena.

Mas que Helena? — Em verdade nunca existiu Helena.

Existe sim Miss Bele, dinamarguesa, agente B-43 do Intelligence Service.

E o barão sente que apesar da guerra apesar do grande Reich, apesar do Fuhrer, continua a amar a agente britânica.

Tira do bolso uma pequena cruz de ferro, tira-a por alguns instantes. Parado no centro do carcere, ergue o seu perfil rígido de herói hitlerista e levantando a "F. N." à altura do crânio, puxa o gatilho devagar.

A lua abandona a janela gradeada da cela.

As luzes da cidade se apagam, como que tocadas pela vara de um feiticeiro.

A claridade do dia já se define, mas uma grande lua branca paira ainda sobre a Tijuca, numa concorrência desigual com os raios do sol que já vem perto.

Paulo e Edmundo vêm subindo a rua cambaleantes, amparando-se mutuamente.

Edmundo ama aquele estado de semi-embriaguês que deixa o cérebro lucido, amortecendo entretanto a ação dos músculos e tornando o cerebelo incapaz de equilibrar as pernas.

Agora entretanto, o resto do "porre" da noite lhe traz uma onda de romantismo à cabeça.

E ele gagueja: "Seria interessante uma conversa com a lua, em torno do que ela vê cá por baixo, de noite. Amanhã vou ter uma entrevista com ela e saber as suas impressões a respeito das coisas da gente."

O companheiro retruca: "Acho melhor você não dizer-lhe nada pois esta vagabunda é capaz de mandar-lhe um nome feio. Ela já deve estar enojada com as sujeiras que vê obrigatoriamente todas as noites."

Eis que os dois boêmios chegam à porta da pensão. Paulo, ansioso pelo aconchego do leito duro, entra cambaleando.

Edmundo pára para fechar o portão e olhando o astro de prata que vai se sumindo no monte, despede-se polidamente:

"Bôa noite, Dindinha Lua. Recomende-me ao Padre Eterno."

A lua acaba de se ocultar atrás da montanha, sacode a poeira doirada que a via-lactea deixou na barra de sua saia, boceja cansada, assina o ponto no livro do destino e, balançando coquetamente as cadeiras, dirige-se à casa da comadre Estrêla d'Alva, para "bater um papinho" sobre os acontecimentos daquela noite trabalhosa.

A ESTRANHA AVENTURA DO COMANDANTE MARIO

(Continuação da página 86)

infeliz comandante. Ele se apoiou na meia-porta, e, com a outra mão, fechou os seus olhos, como para afugentar uma imagem, uma obsessão.

Estava cansado a tal ponto que sua mão escorregou contra a maçaneta. Bruscamente a porta abriu-se, de tal modo que apenas teve tempo de agarrar-se ao batente, para não cair no interior da peça onde a luz do dia penetrava, agora, a custo.

Seus olhos dilatados não podiam se afastar daquele bucaro enorme, que parecia atrai-lo como um redemoinho. Sua respiração ofegante não é mais que um sopro rouco que incha e esmaga seu peito.

Lentamente, seus braços se alongam diante dele. Dir-se-ia que suas mãos abertas, dedos rígidos, se apoiam desesperadamente, mas em vão, contra uma massa inconsistente, para afastá-lo de misteriosa visão. Seu rosto está todo enrugado de dor e esforço.

Enfim, pesadamente, seus pés levantam-se, um após outro, trazendo-o pouco a pouco, recuando, fóra do círculo mágico desse funebre sortilegio.

Subitamente, libertado de Paços invisíveis, dá meia-volta e fôge espavorido.

A vieinha acorre. Por sua vez, ela fica petrificada na soleira da porta, olhando com espanto impressões de passos de homem na poeira do assoalho e na mesa, perto da cama desfeita, um colar de perolas cujo oriente rutila com ar mofinador.

E também ela, presa de horrível pânico, fôge perdidamente.

CAPITAL REALIZADO E RESERVAS

Cr\$ 20.377.000,00

Juros para contas de depósitos

Movimento..... 4°/o

Limitada..... 5°/o

Populares..... 6°/o

Conta a praso fixo:

3 Meses..... 5 1/2°/o

6 " 6°/o

12 " 7°/o

Aviso prévio - Condições a combinar

**Banco do
DISTRITO FEDERAL S/A**

AVENIDA NILO PEÇANHA, 12
Esquina Aparício Borges — (Sede Provisória)

ESCIRAGNOLLE DORIA

COUSAS NÃO DITAS

AURELIANO

No Rio de Janeiro de 1816 os escolares tinham lições e distrações. Lições lh'as tomavam mestres em geral de condição severa, distrações lhes davam, os espetáculos gratis da cidade de muitas festas ao tempo do Príncipe Regente; transmigrando para Guanabara com boa parte de Lisboa velejada para o Brasil.

Entre os escolares da época um se chamava Aureliano de Souza e Oliveira. Nascido em 1800, em Itaipu, cercanias da Vila Real da Praia Grande, depois Imperial Cidade de Niterói, o escolar Aureliano descendia do consorcio do tenente-coronel de engenharia Aureliano de Souza e Oliveira e D. Francisca Flavia Proença Coutinho, a qualidade de filho de justas nupcias então juridica e socialmente prezada.

Servido por institutos de ensino superior, por efeito da vinda do Príncipe Regente, o Rio de Janeiro desde capitania e vice-reinado conhecia instrução secundaria ministrada por seminarios, aulas régias ou de subsídio oficial e aulas de primeiras letras.

Em 1816 e 1817 o adolescente Aureliano cursou seminario e aulas régias. No seminario de S. José latinisou a ponto de merecer gabos do seu professor João Batista Soares de Meirelles, do numero dos mestres de condição severa.

Da morta mas sempre resuscitada lingua latina, passou Aureliano a' aula régia do padre Renato Boirett a ensinar francês, idioma no qual a clareza se une ao chiste. Aureliano obrigou o padre, Boiret a tomar da pena para dizer do discipulo na seguinte declaração; subscrita a 28 de Novembro de 1816.

"Attesto que Aureliano de Souza e Oliveira filho legitimo de Aureliano de Souza e Oliveira e D. Francisca Flavia de Proença Coutinho, frequentou minha aula durante hum anno com tanta applicação e utilidade sua que presentemente entende, traduz e falla o Francez com facilidade e para constar onde convier passo-lhe o presente attestado por mim feito e assignado".

Do professor da aula régia de inglês, João Joyce, mereceu Aureliano, a 12 de Março de 1817, outro attestado:

"Frequentou a minha aula athé lêr e traduzir bem e fallar menos mal."

De louvor são outros attestados concedidos a Aureliano num tempo em que os estudos eram poucos e graduados, condições essenciaes para bem saber.

Chegado a estudos de filosofia racional, o adolescente Aureliano no seminario de S. José ouviu lições de frei Marcelino de Santa Matildes Bueno. O monge a' qualidade de ex-provincial da provincia da Conceição do Rio de Janeiro ajuntava os titulos de teólogo da Nunciatura e de pregador de Sua Magestade.

O que ensinou frei Marcelino ao discipulo Aureliano é facil de saber. Falou-lhe indubitavelmente da presença da Igreja no campo filosofico semeado de controversias no decurso da História, esta a mostrar um filosofo pagão qual Platão a preparar o mundo para o cristianismo de tão grande divida para com S. Paulo.

Os melhores estudantes do seminario de S. José concorreram à defesa de conclusões ou téses de Logica.

O ato atraía sempre notavel concorrência, desejosa de vêr como se saíam arguentes e defendentes.

Coube a vez a Aureliano. Venceu a prova galhardando como estudante de prôl. Lançou-lhe o Seminario nos seus registros esta nota:

"Mereceo o louvor publico pelos decizivos testemunhos que apresentou de seus grandes talentos e avultado aproveitamento, fazendo-se alem disto digno de toda a estimação por seus excelentes costumes moraes e civis. He um dos estudantes que honrão as au-

las deste Seminario e que tem todas as proporções para servir qualquer emprego que se propuzér occupar."

O Rio de Janeiro já havia sabido os estudantes laureados em provas publicas convidados a jantar por vice-reis. Atraz de vice-reis, delegados da corôa, não podia ficar um rei, D. João VI. Não ficou.

Em remuneração dos serviços de engenharia prohibida e competente do tenente-coronel Aureliano de Oliveira, D. João VI favoreceu-lhe o filho. Conscio da inteligencia, da cultura precoce, de moralidade do joven Aureliano, premiou-o o rei com uma pensão ou bolsa de estudos em Portugal.

Conhecendo os dotes de Aureliano, a gente do Seminario, não é difficil crê-lo, quieria inclinar o disci-



**Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho,
Visconde de Sepetiba,**

QUANDO PRESIDENTE DA PROVINCIA.

pulo a' vida do sacerdocio, a Igreja procurando recrutar no seculo verdadeiras competencias que lhe fossem de gloria.

Aureliano prezara mestres sem pender para o serviço da Igreja. Por si mesmo, ou influenciado no lar, preferio a carreira das armas no exemplo paterno.

Tratou de entrar para a Academia Real Militar, distinto mal entrado na mesma.

Não afirmamos sem prova. Diga por nós um documento firmado pela Junta de Direcção da Academia por seu Presidente e por seus Deputados. Presidia a Junta o tenente-general Francisco de Borja Garção Stockler, eram-lhe membros o marechal José Manoel da Silva e o coronel Nogueira da Gama, o futuro Marquês de Baependy.

Reunida a Junta, a 24 de Fevereiro de 1818, examinou, aprovando, uma proposta dos lentes da Academia Militar. Em seguida a Junta, aprovada a proposta,

passou a distribuir os Partidos ou Premios mandados dar por D. João VI "aos discipulos mais benemeritos (sic) da Academia.

Atestou então a Junta:

"Mereceo ser contemplado Aureliano de Souza e Oliveira, Paizano, como digno do segundo Partido destinado aos Discipulos que passam a ouvir as lições do Segundo anno por haver dado constantes provas de capacidade, applicação e aproveitamento no estudo das Doutrinas do primeiro anno que concluiu com plena approvação. Portanto o provemos no Partido de setenta e dous mil reis e mandamos lhe passar Carta para a' vista della ser pago pela Tesouraria Geral das Tropas desta Côrte, satisfazendo-se-lhe a sobredita quantia de setenta e dous mil reis no segundo anno de seu Curso em quatro pagamentos iguaes de dois em dois mezes, devendo apresentar a' mesma Pagadoria Geral das Tropas Certidão de frequencia do dito segundo anno em os fins de Abril, Junho, Agosto e Outubro para então haver seus pagamentos".

Desistindo Aureliano de estudos militares e mostrando desejos de cursar a Universidade de Coimbra, D. João VI pensionou-o para ali estudar ciencias naturais, condição expressa para o favor.

Não se valeu dele Aureliano. A expensas paternas preferio estudos de leis ao de ciencias naturais indicados pelo corôado protetor.

A Universidade laureante de muitos brasileiros, laureou mais um, Aureliano. Em Coimbra, como no Rio de Janeiro, foi tido como estudante de primeira plana mesmo por condiscipulos e colegas de turma. O arquivo da Universidade dira' a respeito do seu merito.

Aureliano fôra a Portugal a' mingua de cursos juridicos no Brasil, que só os conheceria em 1827 marcando S. Paulo e Olinda.

O ex-aluno do Seminario de S. José, o ex-aluno da Academia Real Militar, o proposto cultor de ciencias naturais, Aureliano, afinal bacharel formado em leis por Coimbra a Doutora, escolheu a magistratura para inicio de vida publica.

Não permaneceria na carreira até fim da vida. Boa parte desta absorveria a politica, que, no Imperio, afastou da igreja e de tribunais tanto padre, tanto juiz.

Na politica, sobretudo no após Maioridade, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, em 1826 acrescentando apelido de lado materno ao paterno, seria uma das figuras mais de vulto se mais discutidas do Brasil. Não o estudaremos sob tal aspecto no quadro das presentes linhas, talvez o fazendo depois. Completando imediatamente sucintas informações de Porto Alegre e Macedo acerca de estudos de Aureliano, quér nos parecer adiantar algo.

Rematem este relato da vida escolar de Aureliano duas reflexões, uma de alheios, outra nossa.

Mestres do Seminario de S. José auguraram a Aureliano "todas as proporções para servir qualquer Emprego, que se propuzér occupar." Assim foi e disto a historia patria passa attestado a Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba. Dele diria o seu acerrimo inimigo Bernardo de Vasconcellos: "o nome do Snr. Aureliano esta' gravado na base da nossa monarquia." Louvor de adversario quanto vale...

Depois da grande profecia das batinas do Seminario uma pequena reflexão nossa. Em 1837 o discipulo dos mestres de 1816 e 1817 era ministro dos Estrangeiros. Ministro de tal pasta, tendo de entender-se com diplomatas, Aureliano não deixaria mal nem o padre Boirett, nem o professor Joyce, podendo falar francês "com facilidade" e inglês "menos mal".

TAAHRAN — o velho sabio egipcio, consultor dos humildes e dos que necessitam de conselhos uteis, havia deixado sua tenda, em busca do ar fresco da manhã, tão reconfortador e util a' saude dos que ja' são avançados em idade.

Ao passar por uma das alamedas floridas da sua pitoresca vivenda, ao norte do Cairo, foi abordado por um jovem que, arrogantemente, pediu ao sabio que o ouvisse.

— O que queres de mim? — disse Taahrán.

— Preciso dos teus uteis conselhos!

— As' tuas ordens, meu jovem!

— Ouve-me: — Sou filho unico de um velho ferreiro que me educou com extraordinario esforço e dificuldade, pois ganhava muito pouco, apesar de trabalhar dia e noite. Para o meu sustento e estudos nunca me faltou o necessario. Quando me fiz moço, encaminhou-me na vida, conseguindo para mim colocação honrosa e de acordo com o meu saber. Mostrou-me sempre, com palavras repassadas de carinho, o caminho da honra e o dever de bem servir áqueles que nos ajudam a vencer na vida. Acordava-me cedo para que eu nunca entrasse fóra da hora no meu trabalho. Nunca consentiu que eu faltasse ao serviço sem causa justificada.

— Excelente pai! — disse Taahrán.

E o moço continuou:

— Certa vez adoecei seriamente. Lutou heroicamente contra a minha doença. Nada me faltou, desde o melhor especialista ao medicamento mais caro. Ganhou a batalha! Salvei-me graças a sua assistencia e o seu esforço.

— Pai na verdadeira expressão da palavra!

— Sem duvida!... Mas Taahrán, sinto que os seus cuidados agora, que sou casado e que tenho filhos, são inoportunos! Meu pai não dorme sem que eu chegue! Isto me humilha! Julga-me ainda uma criança!

— Para os bons pais, os filhos não tem idade! São sempre as mesmas creanças de outr'ora! Feliz do filho que tem um pai como tu! Mas...digo-te: feliz do filho!

— Criança! Sou maior! Independente! Ganho bem! Não preciso dele para coisa alguma! E por isso não quero mais me sujeitar às suas rabugices e exigencias! Ademais, sua idade ja' ultrapassou da casa dos 70! Ja' não pode trabalhar! Não me auxilia em coisa alguma! E' um verdadeiro fardo que carrego às costas sem saber até quando! Sou obrigado a trabalhar para ele e para os meus! Não aguento tanto esforço!

— Dissiste-me que teu pai muito trabalhou para dar-te instrução e que te fez um homem honrado! Si tens boa colocação a ele deves! E' justo que o tenhas em tua companhia e cuides dele porque nada mais fazes do que recompensar-lhe o muito que ele fez por ti! — disse Taahrán.

— Era sua obrigação! — replicou o jovem profundamente contrariado com a advertencia do sabio.

— Ele plantou e esperava colher na velhice!...

— Achas então que tenho obrigação de sustentar um homem inutil, somente por ser meu pai?

— Aho! Um bom filho nunca esquece o que o pai fez por ele! Assiste-o com carinho e dedicacão, até o dia em que Deus o venha buscar! Porque não sera' feliz, disse o Creador, o mortal que não tiver sujeição e obediencia áqueles que lhe deram o ser!

— Acreditas então que a felicidade consiste em aturar-se um velho decrepito, somente porque nos dera o ser? Não! Não preciso dele! E' um fardo pesadissimo!

— E o que pretendes fazer de teu velho pai?

— Atira-lo a um asilo comum, ou obriga-lo a recorrer a' caridade publica. Assim ele tera' dinheiro para comer sem onerar os meus ganhos! Esta' velho! E' um inutil!... Ninguém negar-lhe-a' uma esmola!

— Recolher a caridade pública um pai que te deu tudo? Um pai que ainda hoje cuida de ti, como si fosses ainda uma criança? Um pai que não dorme sem que tu chegues? Que te salvou a vida? Que te deu emprego honrado?

— Que queres, Taahrán? Não vejo outra solução! O que tenho é para minha familia! Ele que se arranje como puder!

— Ouve-me rapaz: — Ha um conto egipcio que durante muitos anos vem correndo o mundo, como uma advertencia aos filhos como tu!

— Um conto egipcio?

— Sim! Havia, ha meio seculo, um velho andrajoso que perambulava pelas ruas do Cairo, a pedir esmolas. A cada pessoa que passava, estendia sua mão tremula, dizendo: — uma esmola para um pai, cujo unico filho, que era toda a sua esperanca, todo o seu orgulho, abandonara-o a' caridade publica!

Ja' se vê que os transeuntes paravam pesados, e auxiliavam o pobre ancião, cada um na altura de suas posses. Todos na cidade conheciam a historia triste desse velhinho infeliz. Havia trabalhado muito para educar o unico filho que possuia, e a quem legára, em vida, todos os seus haveres. De posse da economia do velho e de alguns bens, o filho do ancião, alegando uma viagem a' Europa, vendeu o que restava. E numa noite estrelada e quente, sem que o pobre pai percebesse, partiu o moço em busca de aventuras...

O pai que ficára sem recursos, pois tudo o filho levára, teve que recorrer á caridade publica.

Vinte anos foram decorridos depois da partida do filho e o velhinho esmolava ainda. Uma tarde, numa das ruas da cidade, viu o pedinte que um homem emagrecido, de barbas grizalhas e crescidas, olhos fundos, caíra em plena via publica! O trópego velhinho correu a socorre-lo.

— O que sentes? — perguntou o ancião.

— Fome! — respondeu o infeliz.

— Tens morada?

— Não! Vivo como um Judeu errante, ora dormindo nas escadarias dos predios, ora nos bancos dos jardins publicos!

— E quem te alimenta?

— A caridade publica, quando quer!

— Tal e qual como eu, disse o velho! Tens familia?

— Tive! Hoje vivo só! Sofro muito!

— Viverás comigo agora! Tenho um quarto onde poderei colocar mais uma cama!

— Muito obrigado! Como o senhor é bom!

— Devemos auxiliar uns aos outros, disse Deus! Nada mais faço do que cumprir o que nos ensinou o Salvador! Dá-me o teu braço e caminharemos juntos!...

E os dois mendigos partiram...

O velho morava em confortavel quarto, bem espaçoso e arejado. A' primeira vista, sentia-se que o ancião ja' havia desfrutado conforto regular em épocas passadas, tal o cuidado que tinha, não só na arrumação e limpeza do quarto, como no seu arranjo. Os dois infelizes ali foram ter. O rosto do velho mendigo resplandecia uma alegria que não lhe era comum. Sorria a cada instante e procurava cercar o recém-chegado de conforto moral e material. Deu-lhe boa comida e lavou-lhe os pés que sangravam das longas caminhadas que empreendera.

CONTOS ORIENTAIS

TAAHRAN E O FILHO MAU

DJALMA NUNES - (Do Instituto Brasileiro de Cultura)
ILUSTRAÇÃO DE E. BRAGA



— Tenho andado muito! O senhor nem pode imaginar! — disse o recém-chegado.

— Acredito! Mas agora vejo que és bem moço! Bem moço mesmo!

— Mas velho no fisico! Velhissimo de alma! Tenho sofrido muito! Muito! O sofrimentos envelhecem...

— De onde vieste?

— Do norte! Atravessei todo o deserto! Afrontei terríveis tempestades!...

— Pobre moço! Porque vieste para o Cairo? Aqui tudo é tão difícil! Não ha trabalho!...

— Vim em busca da felicidade!...

— Da felicidade?!

— Sim! Conheci-a aqui! Penso que ainda hei de encontra-la! Confio em Deus!

— Talvez!... E' tão difícil encontrar-se a felicidade!...

— Confio em Deus!

— Mas...precisas raspar estas longas barbas! E's ainda moço! Tenho naquela canastra velha uma navalha que pertenceu a alguém que me vive sempre na lembrança! E o velho foi buscar a navalha e entregou-a ao moço dizendo — Serve-te dela, terei muito prazer nisso!

O moço começa a barbear-se. A' proporção que o rosto do jovem tornava-se sem barba, o velho ia fixando seus grandes olhos negros no recém-chegado! A certa altura parece que o coração quer lhe sair boca a fóra. Volta á canastra, remexe com sofreguidão a papelada esparsa. Contempla um quadro! Olha fixamente para o jovem! Torna a olhar! A essa altura o jovem já havia terminado a barba.

— Pareço outro, não acha?

— Para mim, pareces sempre o mesmo! Tu' és meu filho! grita emocionado o ancião! E's o meu Karlic!

— E's Eric, meu pai?

— Sim! Sou teu pai!

— A felicidade que buscava encontrei-a agora! — disse o moço a beijar as faces unedecidas do velho.

— E porque sofreste tanto, meu filho? Meu pensamento vagava pelo mundo inteiro a' tua procura! Rezava todas as noites pela tua felicidade! E porque sofreste tanto?

— Era necessario, meu pai! Era necessario que eu sofresse para aquilatar os desgostos por que te fiz passar! Sofreste talvez mais do que eu! Si todos os filhos pensassem um momento na fortuna imensa que possuem representada por um pai bom e amoroso, não haveria filhos como eu! Bendigo agora o que sofri!

— Não sofrerás mais! Sempre esperei que Deus me restituisse o filho! Tão grande era a minha fé que das esmolas que recebia uma grande parte guardava, dizendo comigo mesmo: Guardo para Karlic!

— Não sou digno de ti, meu pai! Abusei de tua confiança! Deixei-te entregue á caridade pública! Foste humilhado! Escarnecido!... abandonado! Enquanto tinha dinheiro, confesso, não me lembrava de ti! Não mereço teu perdão e muito menos teu amor!

— E's meu filho...e é quanto basta! Todos os rapazes da tua idade fazem o mesmo! Dizem-se independentes! Esquecem os pais!...A culpa não foi tua! Eu talvez é que não soubesse te compreender! Talvez exagerado na minha dedicacão!...Isto não agrada a mocidade! Acredito que tivesse sido eu o unico culpado!...

— Desculpas-me, ainda?

— Sim! E's meu filho! Quero-te sempre! Por muito mau que seja um filho, os pais sempre perdoam...

— Mas Deus não perdoa, meu pai! E devem sofrer aqueles que não sabem compreender o amor, a dedicacão, e os cuidados de um pai! E é só com o sofrimento que se pode avaliar esse amor desinteressado, sincero e puro! Meu Deus! Meu Deus! Como sou feliz agora! Sou um milionario de felicidades!

— Graças a Deus que te encontrei, meu filho!

— Que nos encontramos, meu pai!

— E agora ainda pensas em atirar o teu velho pai á caridade publica? — interrogou Taahrán.

— Nunca mais, Taahrán! Repito agora, como disse o filho do conto: Eu hoje sou UM MILIONARIO DE FELICIDADES... E partiu...

A Confederação Ameríndia do Norte

(CONCLUSÃO DA PÁG. 35).

— Esse rei poderoso mandará construir, para os teus, grandes malocas e te fará senhor de cem tribus,

— Ajuricaba tem cem malocas e é chefe e senhor de cem vezes cem tribus.

— Si a guerra continuar o rei mandará tantos guerreiros quantos forem necessários para destruir tuas malocas e incendiar a floresta.

— Mas não destruíra a honra de Uniebene; não trairá os Ajuricaba porque o neto de Caboquena odeia o traidor, caçadores de índio e ladrões da nossa terra. Odeio os assassinos de Uniebene. Guerra ao invasor!

— Guerra ao invasor? E como és aliado dos holandeses?

— Os brancos do Surinam não são traidores, não caçam o índio, não escravizam, não invadem as malocas para levar o jacumaba para as cachoeiras tirar ouro para o branco.

Tinha razão o guerreiro, pensava Frei Manuel; os holandeses obedecendo às leis severas do seu governo mantinham com os nativos um comércio amistoso de ouro e especiarias; desde o Xingu ao Tapajós haviam fundado postos comerciais, conseguindo, desse modo, penetrar o habitat sem dificuldades. Aproveitando agora a luta com os portugueses davam aos índios armas e munições, numa lucrativa barganha.

Frei Manuel tentou ainda:

— Não sei como Ajuricaba pôde esquecer que os brancos de Surinam são amigos dos Caribbas; não são estes teus maiores inimigos? Como pôde haver aliança entre amigos de teus inimigos?

Não preciso de aliança com os brancos e não despreso o inimigo quando é leal. Os Manáos têm ouro para comprar todo o Surinam, e compram aquilo de que precisam. Ajuricaba respeita as leis de sua gente para não ser castigado como Uniebene, que fez aliança com o invasor, assassino e traidor.

Houve uma pausa de silêncio, depois Frei Manuel José de Souza perguntou:

— Então, não aceitas nada?

— Não.

— Nem treguas?

— Não. O branco mente.

— E si ele suspender as hostilidades?

— Ajuricaba tem atrás de cada Sapupema da floresta dois olhos atentos; dois braços armados, a astúcia do branco não engana, sua traição será fatal aos seus.

— Ouve Ajuricaba; vou voltar aos meus e pedir-lhes que deixem as armas; que não caçam o índio e deixem em paz as malocas. Si assim se fizer prometes não atacar?

O índio impertigou-se soberbo e apontando o moço guerreiro ao seu lado falou:

— Este é Cucanaca meu filho; o neto do filho de meu filho ha de contar aos seus, a historia de Ajuricaba, o vingador da traição, o flagelo do branco caçador de índios e ladrão da terra de seus maiores.

Frei Manuel não conseguiu saber ao certo a intenção do caudilho índio, não conseguiu ao menos arrancar-lhe uma afirmação boa ou má; conseguiu apenas que o guerreiro desse treguas até sua volta, dali a duas luas, assegurando-lhe que tudo se faria pelo melhor.

Mal havia Ajuricaba afrouxado as escaramuças, para esperar a volta do Jesuíta, quando soube que os portugueses préadores de índios, de uma aldeia de Carmelitas haviam aprisionado alguns indígenas e entre eles o filho de um principal seu aliado. O guerreiro fuzilou ódio, mandou tocar a reunir e tomou posição.

Os Carmelitas foram queixar-se ao capitão João Paes; nomeado pelo governador Maia da Gama, para pôr cobro a' desordem reinante e dar ajuda aos sertanistas não préadores. Reuniu todos os importantes do lugar, fez devassas, documentou fatos e pediu então permissão para a "guerra justa", diante dos dispositivos da lei de 28 de Abril de 1688. De todos os presentes, inclusive o bispo, o unico que votou contra a guerra foi o reitor do collegio dos Jesuítas.

Foi organizado um forte contingente sob o comando de João Paes do Amaral ajudado por Belchior Mendes de Moraes.

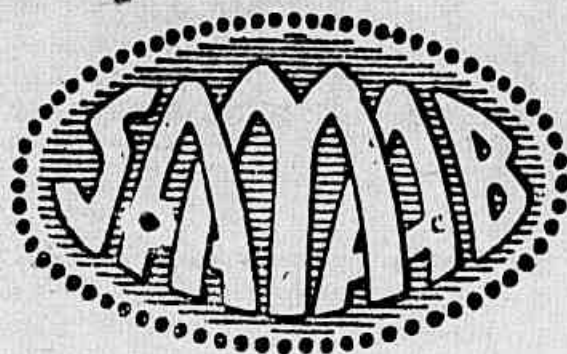
As tropas portuguesas ficaram a' vista das estacadas de Ajuricaba, mas antes que pudessem tentar o cerco foram surpreendidas por uma saraivada de flexas incendiarias ou embebedas no terrível curaré. Os portugueses fizeram fogo intenso sobre os índios e estes responderam com denodo ao ataque desigual.

A' noite, cessado o fogo, Ajuricaba entrou na oca e disse: Pela madrugada vai recomençar a luta, Cucanaca tem de render a sentinela, os nossos estão cansados.

Maiby sentiu o coração oprimir-se dentro do seio, olhou o chefe e disse timidamente:

— O nosso filho lutou o dia inteiro; e é nessa hora maldita que o branco costuma mandar seu raio da morte de surpresa.

— O guerreiro não tem hora para cumprir o dever; respondeu Ajuricaba largando o corpo cansado na maqueira.



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos
Importação direta == Fornecimento de "stock"

Fornecedores desta revista



Como distribuidores dos produtos nacionais

MELRODE

Recomendamos o seu uso às indústrias siderúrgicas, de fundição, e outras que necessitem de material refratário de alta qualidade
Este material é empregado pelo Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras.

Oferecemos o

SULFATO DE ALUMINIO "FLOCALUMEN BRASIL" (em pó ou britado)

Empregado com grande vantagem e em larga escala nos mais diversos ramos de indústria; peçam ofertas com amostras.



S/A MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA RIO DE JANEIRO -- S. PAULO

Escritório da matriz, Rio de Janeiro: rua da Candelária.
9 -- 6.º andar. -- Edifício da Associação Comercial
Telefones: 43-0920 - 23-4569 - 23-4461 - 23-2885.

A madrugada mal se anunciava por uns resquícios de claridade difusa, quando Cucanaca foi render a sentinela em frente ao campo dos portugueses. Já havia movimento no acampamento inimigo; nesse lusco-fusco Belchior Mendes mandou fazer fogo para surpreender os selvagens mas a ousada resposta não se fez esperar e veio na ponta das flexas envenenadas.

Durante o dia chegaram novos reforços e começou por dentro da mata o cerco ao índio; o comandante pretendia envolver também os Maipenas que estavam na retaguarda.

O fogo da artilharia era tremendo e ininterrupto, os lusos não podiam compreender tamanha resistência e temeridade.

Ajuricaba indomito e terrível dirigia a luta nas fileiras da frente. Obrigado a recuar pela intensidade do fogo inimigo e sua superioridade numerica foi enrinchar-se na ponta do Azambari acompanhado por todos os tuchauas dispostos a morrer com ele como um protesto a' invasão. E a luta recresceu, a tenacidade feróz do selvagem, defendendo palmo a palmo a terra ensopada de sangue, fez ainda uma vez recuar o inimigo atônito. Foi nesse tragico instante que o valente Cucanaca, o filho bravo do leão da selva, tombou varado por uma bala inimiga, bem aos pés de seu pai. Tomando o filho nos braços, entregou-o agonizante a um dos chefes para que o levasse a Maiby, e cego de ódio pulou a estacada e foi abater o branco que lhe matara o filho. Acompanham-no os seus numa investida

brutal, o inesperado do choque assustou os portugueses: a carnificina foi tremenda e fatal.

Depois de batidos e rechassados em quatro investidas, têm eles afinal a oportunidade desejada, cercam os nativos pela retaguarda impossibilitando-lhes a resistência.

O grande chefe caiu em poder do inimigo. Metido em grilhões no fundo da embarcação que devia levá-lo a Belem, viu os companheiros de luta, amigos leais na vitória e na derrota. Nenhum lhe censurou a épica loucura daquele gesto tragico que os perdera. Ajuricaba, fero e grave, encostado a' prôa do barco, larga os olhos ignescentes de ódio e desejo de vingança, pela imensidão da planície edenica e murmura roucamente:

— A terra é nossa. A terra é nossa!

Singra o barco as aguas do rio-mar e está na embocadura do Rio Negro, no limiar dos seus dominios, terras que Tupan deu a' sua gente. E' ali que ele deve ficar, é ali na terra ensopada com o sangue de Uniebene, de Cucanaca; Maiby o espera a' porta da oca. E antes que alguém o pressentisse atira-se à agua, atrás dele atiram-se os outros chefes.

Ninguém registrou nas paginas da história sua epopeia, mas o maior rio do mundo foi seu tumulto, por sobre o qual tremula a bandeira verde da floresta, e a apoteóse flamejante do sol da terra brasileira.

JUANITA BORRER MACHADO

O QUE SE DEVE evitar

CODIGOS CONJUGAIS

Justamente entre a correspondência desta semana venho encontrar duas consultas interessantes, por se tratar de uma moça e de um rapaz que fazem perguntas semelhantes; sobre as qualidades que desejariam encontrar na pessoa amada, e se tais qualidades seriam de fato suficientes para tornar feliz um casal.

Tudo é muito vago e muito variável, tudo é muito relativo com o evoluir da própria personalidade do indivíduo. As qualidades que uma moça de 16 anos deseja tenha o seu príncipe encantado são diferentes das que ela desejará que ele possua, quando ela tiver 30 e a vida se lhe mostrar mais real, mais categórica, mais marcada pelas experimentações, e sobretudo pela compreensão.

O prisma cor de rosa ou celeste como os sonhos líricos, se transmutará num mais brumoso cosmorama.

— "La donna é mobile" — diz a aria do Rigoletto. "La vita é [mobile]" — diríamos nós; tão móvel que nenhum "codice" de amor, como [nenhum código civil consegue dar ao homem a felicidade por ele sonhada.

Contudo, querida leitora, e leitor amável, há códigos individuais em matéria de amor que podem colaborar eficazmente para a felicidade em comum de um Adão e uma Eva, mesmo nos tempos tempestuosos e inconstantes em que vivemos.

Um dos mandamentos mais imutáveis desse código é o respeito mútuo e a mútua compreensão dos deveres e direitos de cada um. Mas esses direitos como esses deveres devem ser imputados ao outro sem egoísmos. Quinhão equitativo para cada conjuge.

A título de curiosidade vou transcrever dois desses códigos individuais, escritos por um esposo e uma esposa, condicionados, naturalmente as suas preferências.

O QUE DESEJO QUE MEU ESPOSO FAÇA :

- 1 — Que esteja sempre aseado.
- 2 — Que não atire suas roupas por toda parte.
- 3 — Que não transforme o banheiro em piscina quando toma banho.
- 4 — Que tenha cuidado com as pontas de cigarro e a cinza, para não os semear pela casa.
- 5 — Que me leve a passear mais vezes.
- 6 — Que preste mais atenção aos meus chapéus novos.
- 7 — Que me diga de vez em quando que me ama.
- 8 — Que me consulte algumas vezes sobre seus negócios.
- 9 — Que não passe os domingos dormindo à sesta.
- 10 — Que não esqueça nosso aniversário de casamento.

O QUE DESEJO QUE MINHA ESPOSA FAÇA :

- 1 — Que esqueça as pontas de cigarro que jogo no chão.
- 2 — Que se abstenha de criticar meu comportamento na mesa.
- 3 — Que fique em casa às tardes.
- 4 — Que se conforme com alguns vestidos e chapéus.
- 5 — Que não se besunte tanto de creme de noite.
- 6 — Que considere que o homem está verdadeiramente cansado muitas vezes.
- 7 — Que embora ocasionalmente diga que sou um bom sujeito.
- 8 — Que espere eu sair para limpar a casa.
- 9 — Que me deixe ler os jornais em paz.
- 10 — Que não me repita a todo instante que estou ficando obeso.

Aqui estão os 10 mandamentos que uma mulher e um homem escreveram para um código matrimonial que eles julgam um resumo da complicada alquimia do amor em comum por toda a vida.

Estará em algum desses mandamentos a fórmula ideal para algum de vocês? Como vemos são cousas prosaicas da vida conjugal, com uns ligeiros toques, aqui e ali de romantismo; umas pinceladas de amor e carinho.

Quando o desejo de ser feliz é mútuo, ele exige renúncias de parte a parte, e a força de renunciar cada um, algo do que lhe agrada em benefício do outro vai-se simplificando a maneira de viver em comum; de modo a obter na cooperação inteligente de cada conjuge a felicidade tão ambicionada e tão variável e tão relativa e transcendente.



José Sturbi e Grace Allen.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

CONTENTO-ME COM UM GOSTOSO!



Não! Dentifício não é "spaghetti al sugo"! Não dispense gosto, mas exija que este venha acompanhado do poder de proteger os dentes. Tenha ambos, pedindo Lever S.R.

CONTENTO-ME COM QUALQUER UM!



Não! Pedir na bamba, é o mesmo que enfiar a mão em combuca! Afinal, não é um sorriso lindo e sadio que você quer? Então basta pedir Lever S.R.

CONTENTO-ME COM UM BARATINHO!



Não! Ninguém anda de pé no chão, só para poupar calçado! Suas gengivas, que valem milhões, podem ser mantidas rosadas e saudáveis, de maneira econômica, com Lever S.R.

- EU USO Lever S.R.

O TIPO DA ESCOLHA CERTA!

Que dentifício completo é Lever S.R.! É econômico, gostoso e refrescante. E ainda proporciona a proteção de Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. E' assim que Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!



LINTAS SR 1-9-0100

F. JOHNSON & C.^{IA}

PAPEL

NACIONAL E ESTRANGEIRO

RUA MONCORVO FILHO, 48

TEL.

ARMAZEM 23-0607
ESCRITORIO 23-0755

Costa Irmãos Ltda.

EMPREITEIROS DE
REVESTIMENTOS E ALVENARIAS

Rua do Rezende N.º 7 -- 1.º andar -- Sala 2

TELEFONE 42-1785



METROPOLE

Companhia Nacional de Seguros Gerais

OPERA EM:

VIDA — FOGO — AUTOMOVEIS
ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES
NO TRABALHO — TRANSPORTES:
marítimo — rodoviário — ferroviário

Avenida Rio Branco, n.º 110 - 1.º andar

Edifício do "Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro

Bruno Mandarino & Cia.

Casa Bruno
FUNDADA EM 1917

Papelaria e objetos
de escritorio, Livros
comerciais, Fichas,
Arquivos, etc.

Largo da Lapa, 34-B
Telefone: 22-4487



**Artes
graficas
em geral**

OFICINAS:
Trav. do Mosqueira, 13
Telefone: 42-6494

Grande fábrica de brinquedos de madeira



**O MAIOR EMPORIO e o mais bem
sortido da AMERICA DO SUL**

Brinquedos nacionais e es-
trangeiros das melhores pro-
cedencias nas suas originais
e ultimas novidades.

VENDA POR ATACADO

A. J. Gonçalves D'Oliveira & Cia.

113, RUA DA ALFANDEGA, 115

FONES: 23-2451 e 43-9072 — RIO DE JANEIRO.

Nunca me esquecerás!

(Conclusão da pag. 99)

A rapidez com que Madame Durand dizia as coisas e passava adiante estonteava qualquer um que não estivesse habituado a isso. Era interessante. Ela frequentemente se queixava de que os filhos eram muito calados.

— Pudera! protestavam eles. Se a senhora não dá oportunidade a ninguém de responder!

Mas era inutil, porque Madame Durand positivamente recusava-se a ouvir o que lhe era desagradavel. Era invencivel numa discussão pelo simples fato de que não tomava conhecimento dos argumentos do adversario.

Quando Genoveva anunciou-lhe que ia casar-se com Bernardo Macaire, Madame Durand foi forçada a prestar atenção. Era, no fundo, uma mãe extremosa e a felicidade da filha preocupava-a. O rompimento com João fôra uma surpresa para ela. Desaprovara a atitude da filha, e ainda mais: dissera-lhe que ela se portara indignamente.

— Bernardo!

— Sim, mamãe.

— Aquele bobalhão?

— Oh, mamãe, não diga isso. Ele é muito inteligente até é diferente. Não fala muito.

— Belo argumento, não há dúvida. Para esconder a burrice do noivo diz que a intelligencia dele é diferente! Diferente, pois sim, mas para pior, para muito pior. Calado, sizado? Ora essa é muito boa você já viu pobre de espirito que tivesse a palavra facil? Decididamente, você me saiu uma errada de primeira. Briga com o noivo certo e agora arranja um noivo errado. Não, minha filha, com esse você não casa. Pelo menos não casa com o meu consentimento. Se quiser tornar-se a digna esposa do Sr. Fazendeiro, vá para a casa dele e case-se lá.

— Mas mamãe...

— Você é uma bobinha!...

Madame Durand era decidida. A sua diplomacia era da pior espécie, e quando, tinha que convencer uma pessoa não procedia por persuasão, mas por imposição. Ora, isso é metodo falho, comprovadamente falho, e que estimula a reação. Foi esse o resultado que ela obteve ao tentar convencer a filha. Acontece porem que, alem de expedita, ela tinha em grau apreciavel aquela mesma qualidade que negava ao noivo da filha: intelligencia. E, por isso, sabia que o melhor meio de abrir os olhos a alguém é fazer barulho.

Não teve dúvidas. Pegou o telefone e, dentro de duas horas, já descobrira o paradeiro de João.

— Meu filho, você vai morrer!

A voz do rapaz do outro lado do fio soou, surpresa:

— O que foi que a senhora disse?

— Eu disse que você vai morrer. Fingir, somente, está claro.

— Eu confesso que com a probabilidade de ver isso transformado em realidade, a qualquer momento, a ideia não me agrada, mas já que é para a senhora terei muito prazer. Mande anunciar nos jornais o meu falecimento e avise-me quando eu tiver que ressuscitar.

— Você sabe por que eu estou fazendo isso?

— Não tenho a minima ideia.

— Pois eu lhe conto...

E Madame Durand entrou em minúcias...

— Telegrama para a senhora.

Madame Durand simulou surpresa.

— Telegrama para mim?

— A senhora não é Genoveva Durand?

— Não. Genoveva Durand é minha filha.

Genoveva adiantou-se e tomou o envelope. Abriu e leu.

— Que aconteceu minha filha! Genoveva! Meu Deus! Foi pior a emenda do que o soneto!

A moça caíra desmaiada aos seus pés.

A meia noite uma telefonada chamou João, que, tirando uma licença, às pressas acudiu ao chamado.

— João, ressuscite imediatamente e venha o mais depressa possível!

O médico tranquilizou Madame Durand. Não foi nada, minha senhora.

— Mas o desmaio...

— Nada de importante. Com o calmante, ela ficará melhor.

— Graças a Deus, Dr.

No quarto da moça, às seis horas da manhã, entrou um rapaz uniformizado. Olhou, ternamente, para o leito em que repousava a jovem.

— João das Asas! murmurou a moça, no sonho.

Madame Durand, que contemplava-os, pensou:

— Eu posso ser desastrado, mas os meus remédios são como halopatia: doem, ardem, mas curam!

F. M.

Fornecemos nosso
indicador "GRATIS"
CAIXA POSTAL 602

ENCONTRADA EM TODAS AS

HOMOPATHIA

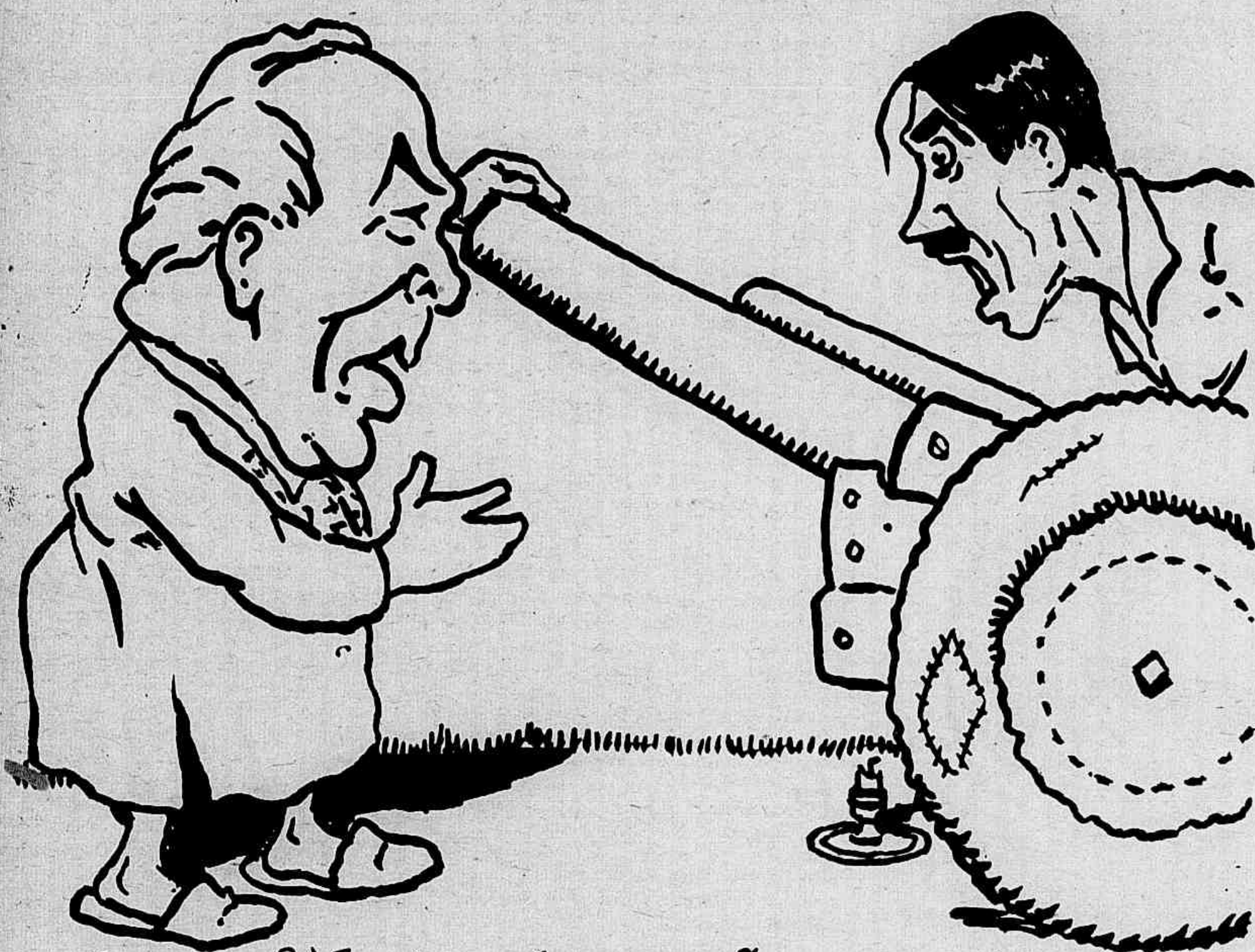


1858 COELHO BARBOSA 1943

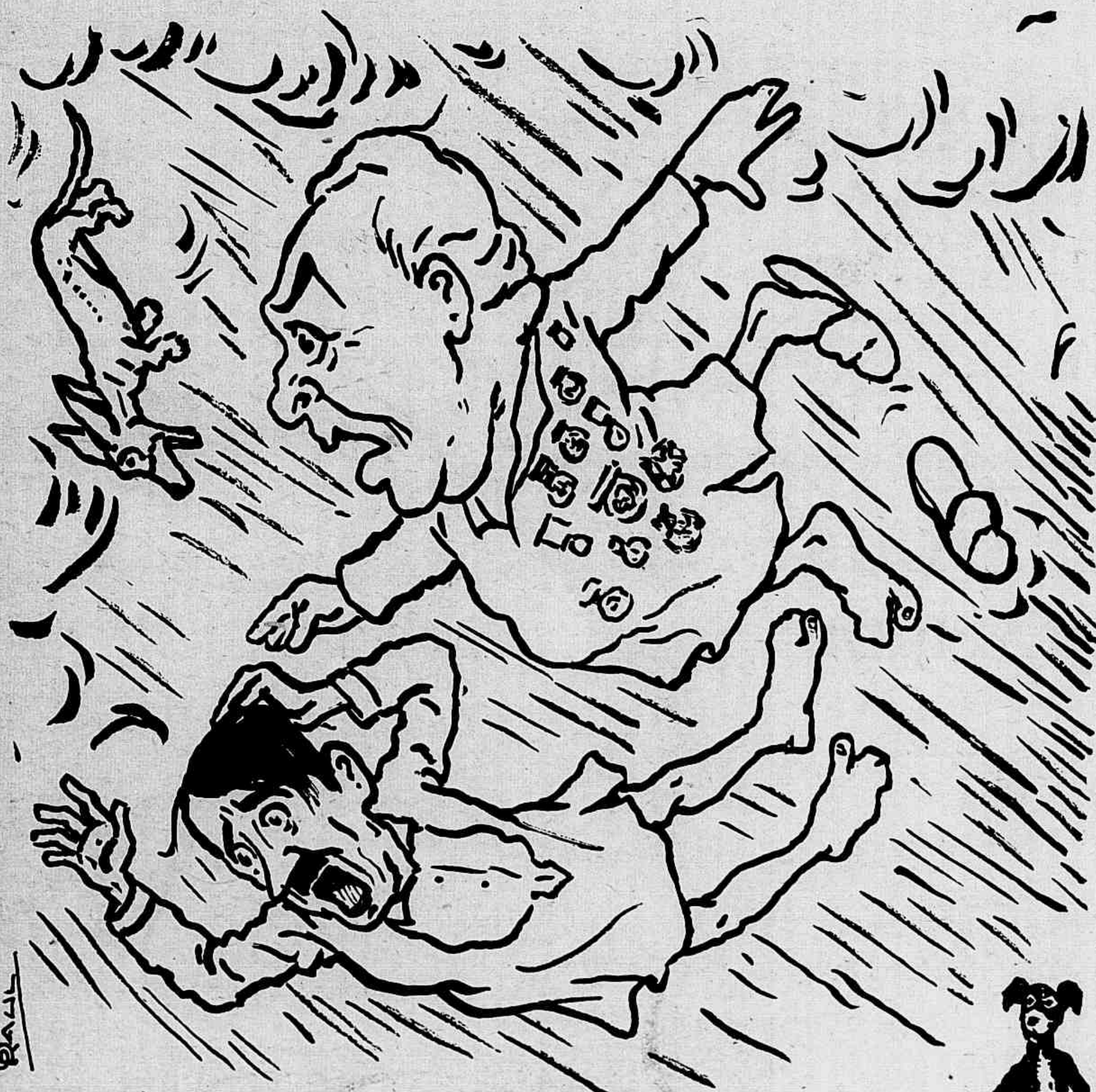
FARMACIAS DO BRASIL

Rua da Carioca, 32
RIO

Mira...bolante...



-Que é isso? Não é por ahi que se faz a mira!



-É para aprender a "disparar" para atrás...

FABRICA DE TINTA PARA IMPRESSÃO

NELLO GARAVINIDISTRIBUIDOR PARA O RIO DE JANEIRO
DAS TINTAS DA**General Printing Ink Corpora-
tion de New York**

SEÇÃO DE METAIS

BOBINAS DE COBRE E LATÃO — CHAPAS DE
COBRE E LATÃO — VERGALHÕES DE COBRE
E LATÃO — TUBOS DE COBRE E LATÃO
E ARAME DE COBRE E LATÃOCHAPAS DE ZINCO — PURPURA BRONZE E
ALUMINIO — PAPEIS DE ALUMINIO

RUA DO SENADO, 10 — TEL. 22-4869

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidias rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traícoiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



AS CARTAS COPAG

SÃO AS PREFERIDAS

Porque
são econômicas,
flexíveis,
vívidas
e são nacionais

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRÁFICAS

SÃO PAULO - RUA UBALDINO DO AMARAL, 93 - TEL. 42-7046

RIO DE JANEIRO - RUA DO ARAÚJO, 110 - TEL. 22-2001

Galeria Cruzeiro e o Bar e Restaurante Brahma -- ponto tradicional para todos os encontros.

EM todos os centros populosos há recantos que se tornam famosos, conquistam foros de popularidade, adquirem nome apenas porque passaram a ser o objeto da preferência pública, já pela situação, já pelo padrão social que ostentam. Assemelham-se tais centros a certos escritores que ganharam publicidade uma vez e nunca mais desapareceram do cartaz. Lembra também o renascer de certos estudos, que, havendo interessado alguma vez um sábio, chegaram a revolucionar os setores das ciências correlatas. Haja vista, por exemplo, a egiptologia, iniciada com a entrada do grande Napoleão nas terras férteis e lendárias do velho Egito. A aplicação e o estudo paciente de um Champollion tal repercussão obteve no mundo letrado que não só a antropologia e a paleontologia, mas a própria filologia ainda muitos recursos encontram na decifração dos hieróglifos para a explicação de certas obscuridades que, às vezes, saltam ao espírito de observador. Crônicas capitosas conhecemos de lugares mundialmente conhecidos e que são verdadeiros remansos quer para os intelectuais quer para os homens de negócio, atarefados com as mil preocupações diárias.

A França, a Inglaterra, Portugal e toda a Europa, nos tempos calmosos da paz, vivem nesses pontos, neles pensam, neles realizam grandes negócios, planejam empreendimentos monumentais, transfiguram-se, seja no auge da boemia, seja nos estios do mais puro espiritualismo, ou nos arroubos das mais violentas discussões.

Também a nós brasileiros, não nos são desconhecidos esses centros de agrupamento popular. Temo-los muitos. Ora são os cafés, cuja fama transpõe as barreiras estaduais, celebrizados pela elite que os frequenta, ora os restaurantes de luxo em cujos salões desfilam diariamente as mais notáveis figuras da nossa sociedade. No Rio de Janeiro, já se vê, o trecho mais frequentado pelo carioca e no qual mais humorismo se fabrica, mais amigos se revêem, mais negócios se assentam, mais planos se concertam, mais comentários se fazem é, indubitavelmente, a Galeria Cruzeiro. Dada a sua própria situação, localizada bem no coração da metrópole, é ela uma parada obrigatória de todo o carioca, quando lhe sobra algum momento de folga. Procuram igualmente a Galeria os recém-chegados, os homens da província, ciosos de se entrevistarem com algum conhecido, alguém, enfim, que lhes possa dar uma orientação relativa à maneira de proceder nesta babel em que se cruzam e entrecruzam todas as raças, todas as castas, todos os caracteres na mais admirável identificação que faz estarreecer os espíritos mais cultos da Europa, como o saudoso Stefan Zweig. Explica-se esse agrupamento constante na Galeria, porém, de um modo bem simples: é que ali se ergue o conhecidíssimo "Bar e Restaurante Brahma", o mais prestigioso e mais fino do Rio de Janeiro. Há muito tempo, já o dissemos dessas mesmas colunas, é ele uma espécie de chefe do ceremonial da "urbs", encarregado de formular o "welcome" protocolar aos recém-chegados. E todos querem conhecer o Brahma precisamente porque a sua fama não se restringe apenas ao Brasil, mas transpõe as fronteiras, indo repercutir no estrangeiro, convidando-o implicitamente a visitar a Cidade Maravilhosa, o que representa uma forma admirável de propaganda. Sob a administração dos Irmãos Cuquejo Limitada, várias modificações foram ali introduzidas. Assim é que foram entrosados os serviços de bar e restaurante; confortáveis cadeiras de vime foram colocadas na parte de fora, sob a Galeria, o que trouxe a vantagem de mais movimentar o grande e aristocrático bar da nossa principal avenida. Dispondo igualmente de esplêndida e harmoniosa orquestra e de um corpo de auxiliares operosos e polidos, o Brahma satisfaz às mínimas exigências dos seus frequentadores, agradando também às mais requintadas sensibilidades.

A firma Irmãos Cuquejo Limitada, constituída de elementos genuinamente brasileiros, colabora, pois, de modo bastante eficiente no sentido de proporcionar à sociedade carioca e aos visitantes desta bela cidade, um ponto onde, com distinção, possam reunir-se para o saboreio de deliciosas iguarias. E isto já é um galardão.

Rio, Junho, 1944.
LITERATO DA PRAÇA

BRITO OLIVEIRA & CIA.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046 ••• RIO DE JANEIRO

**TINTAS PARA
IMPRESSÃO**

**ARTIGOS
CRÁFICOS**

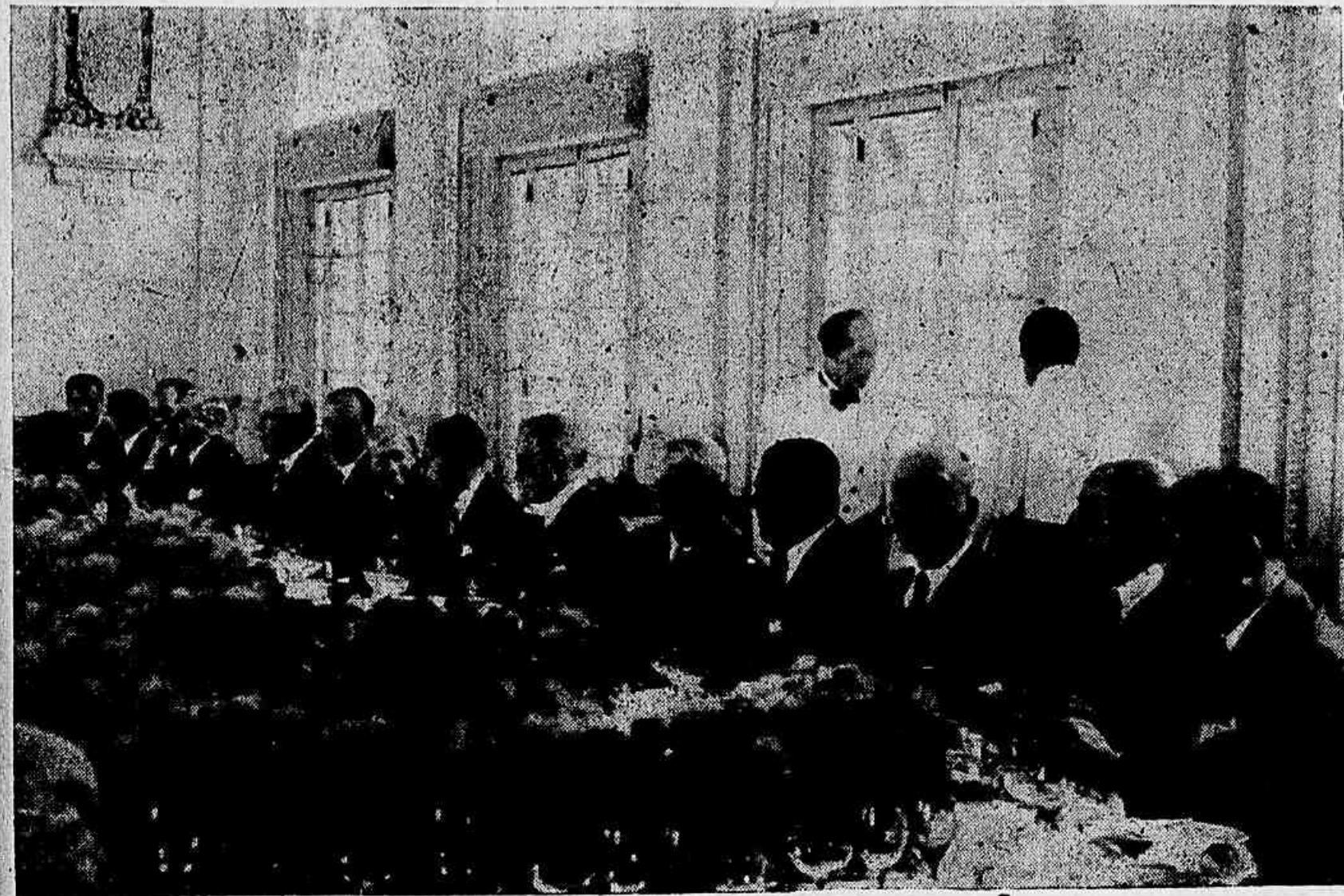
ARAMES ESTANHADOS A FOGO
E COBREADOS PARA:
ENCADERNAÇÃO,
CAIXA DE PAPELÃO E
FABRICA DE CALÇADOS

STOCK PERMANENTE PARA ENTREGA IMEDIATA

Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



Jockey Club

Mundano

OS CRONISTAS DE "TURF" DO RIO DE JANEIRO HOMENAGEARAM RECENTEMENTE O MINISTRO SALGADO FILHO, OFERECENDO-LHE UM ALMOÇO NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO, AO QUAL, ALÉM DO HOMENAGEADO E DOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA, COMPARECERAM ALTAS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES. DESSA MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA PRESTADA AO PRESIDENTE DO JOCKEY CLUB, ESTAMPAMOS AO LADO UM EXPRESSIVO FLAGRANTE.



QUATRO GRACIOSOS GRUPOS DE AFICIONADAS DO "TURF" SURPREENDIDAS PELO FOTOGRAFO NA "PELOUSE" DO HIPODROMO DA GAVEA, DURANTE O "MEETING" DE DOMINGO ULTIMO.





A mais moderna e bem instalada fabrica nacional de tintas para impressão

Prepara em sua fabrica á Praia São Cristovão, 249:

QUALQUER TINTA para impressão em Tipografia, Litografia, Off-Set, Folha de Flandres, Rotativa, Marcar, etc.

TEL. 48-5435

RIO DE JANEIRO



CASA NIEPCE

MATERIAL FOTOGRAFICO

Alberto Martins & Cia.

RUA 7 DE SETEMBRO, 133 -- SOB.
TELEF. 22-6259 — END. TEL. GRAVOFOTO — RIO DE JANEIRO

Use m

Papel

Couché

Nacional

KLABIN

PORTELA & CIA. LTDA.

ESTUCADORES EMPREITEIROS

Revestimentos e Alvenarias

Rua do Resende, 7 -- 1.º and. -- Sala 3 Tel. 22-2577.

Homicídio por amor?

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 17).

— Sinto muito, senhora, mas isso é impossível. A senhorita compreende que, por mais que eu desaprove esse casamento, não posso expor minha filha a isso. Além do que, eu me recuso a intervir diretamente nas ações de Corinne. Ela fará o que entender.

— Mas, madame...

— E' inútil, senhorita...

— Madame, eu lhe suplico...

— Já lhe disse que de nada servem suas súplicas. Si a senhorita vai ser prejudicada pela minha filha com esse casamento, eu estou disposta a lhe dar um pequeno auxílio... uma ajuda, ou melhor, uma indenização; sim, uma indenização pelo que a senhorita perde.

E Hermione Lapham, como um rei toma o cetro, apanhou o livro de cheques e dispunha-se a escrever, quando Elsie protestou:

— Não, pelo amor de Deus! Eu não sou uma chantagista! Sou uma mulher que luta pelo seu amor. Uma pobre mulher que sofre...

— Mas, nesse caso, senhorita, que lhe posso dar?

— Paul! Paul! E' ele unicamente o que eu quero!

— Mas...

— Não posso suportar isso! Ele, casado com uma moça jovem, bonita! Não é possível! Ah! Meu Deus!

— A senhorita está nervosa...

— Ah!

Elsie estava tão perturbada que nem encontrou resposta.

— Vou buscar um calmante para a senhora, disse a milionária.

Quando Hermione saiu do **boudoir** ouviu ruído de passos apressados que se afastavam. Os criados estavam ouvindo a conversa, com certeza, refletiu. Dirigiu-se para um armário que havia a um canto e daí tirou um copo e uma garrafa de **cognac**. Voltou ao **boudoir**.

Elsie Pender desaparecera!

Imediatamente Hermione olhou em torno, procurando com os olhos um objeto. Uma gaveta aberta na penteadeira, com o conteúdo caído pelo chão, revelou-lhe o que se passara.

Com decisão, Hermione tomou o telefone e discou um número.

— Alô? Onde fala? E' da Polícia Central Aqui fala Hermione Lapham, moradora do número 1324, avenida do Parque. Desejo comunicar o roubo de um revólver automático calibre 32.

II

E eis que, finda a explicação preliminar, entra na história a nossa velha amiga Hildegarda. A intervenção foi obra do acaso.

Achava-se a solteirona em visita a Oscar Piper, seu particular amigo, quando foi anunciada a chegada de Hermione Lapham.

Oscar Piper, que tinha o hábito de confiar os casos mais espinhosos que apareciam na Polícia Central à solteirona detective, imediatamente lembrou-se de fazer com que ela se encarregasse do caso do revólver desaparecido e estudasse a complicada intriga que se seguia.

Hildegarda, entretanto, não demonstrou o menor interesse pelo caso.

— Um caso bem banal, meu amigo!

— Mas ouça ao menos o que tem a dizer a milionária...

— Não vejo nenhum inconveniente nisso.

— Ótimo. Vou mandá-la entrar.

Madame Lapham entrou na sala.

— Madame Lapham... Senhorita Hildegarda Withers.

— Muito prazer.

— Muito prazer.

Depois de um breve silêncio de constrangimento, durante o qual as duas se examinavam com curiosidades, Oscar falou:

— Madame Lapham, eu estava justamente contando o seu caso aqui à senhorita Withers, que prometeu interessar-se por ele...

— Ficaria muito grata si a senhorita quisesse tomar conta do caso. Uma investigação feita por policiais chamaria muita atenção e atrairia uma publicidade desagradável tanto para mim como para os

senhores. E, afinal de contas, o homicídio não ocorreu. Não passa de uma suspeita de intenção de homicídio...

— Minha senhora, começou Hildegarda, eu neste momento não posso...

— Não me diga que vai recusar. A senhora não pode fazer uma coisa dessas! E... E, si for preciso, eu saberei ser reconhecida...

— Madame, não se trata de dinheiro, é que eu...

A senhora Lapham, percebendo logo que estava tratando com outra classe de detective, emendou-se:

— Não falava em dinheiro. Não tinha a intenção de ofendê-la. Mas a senhora me é absolutamente indispensável. E' como uma mãe preocupada com o destino da sua filha que eu falo. Pelo amor de Deus, não me recuse este favor!...

Desta vez acertou, e, percebendo-o, exagerou a nota sentimental. Hildegarda comoveu-se. Pois si havia alguma coisa capaz de comover essa velhota decidida e enérgica era um caso de amor e uma súplica de mãe extremosa não podia deixar de emocioná-la.

— Pois bem, a senhora venceu... Vamos ao que interessa...

— Muito obrigada.

— De nada, de nada. Vamos ao assunto. Por que a senhora teme que Elsie Pender apareça em sua casa no dia desse jantar?

— Quando ela me visitou pediu-me que a convidasse para o jantar, pois, segundo disse, queria estar cara a cara com minha filha e o noivo. Eu recusei, é claro.

— Mas não seria este um ótimo meio para desencantar sua filha de uma vez e de tal modo que ela não quisesse mais saber do noivo?

— Mas eu não poderia sujeitar minha filha a suportar uma cena humilhante...

— E' verdade. E, além do mais, essa mulher roubou um revólver. Imaginem só do que ela não seria capaz!

— Bem, eu estarei lá para o que der e vier...

— Espero que não aconteça nada...

— Tudo irá bem.

— Esperemo-lo. Bem, a senhora passará por uma velha tia vinda do interior. Tia Marta, de Dubuque. Creio que não terá dificuldade nenhuma em...

— Não. Nenhuma. Especialmente na parte da idade... disse Hildegarda amargamente. Era uma das poucas coisas que a irritavam. Não gostava que se aludisse à sua idade.

— Espero-a às oito.

— Estarei lá. Não se preocupe.

III

Hildegarda chegou bem cedo, pois queria conversar um pouco com Corinne antes do jantar.

— Você é que é o tal detective de saias? Que número! disse a moça com uma risada alegre.

— Sua mãe já lhe avisou que passarei por sua tia?

— Sim. Já sei de tudo... tia. Só uma coisa mamãe não me disse.

— Que foi?

— Esqueceu de me contar para que a chamou. Por que você está aqui? Será que alguém quer roubar as joias da família, como nos romances policiais? Ou é um assassinato que vai ser cometido, nas suas barbas, ou melhor, às suas vistas, para que você mais tarde descubra o criminoso? Não tenho a menor idéia.

— Eu não sei também por que estou aqui. Pode-se dizer que sou uma medida de precaução. E basta de falar sobre mim. Você como vai? Como vai o noivo?

Ao ouvir falar no noivo, Corinne sorriu:

— Vai otimamente. Você o conhece?

— Não? Precisa conhecer. Ele é um amor! Sabe quem vem jantar hoje?

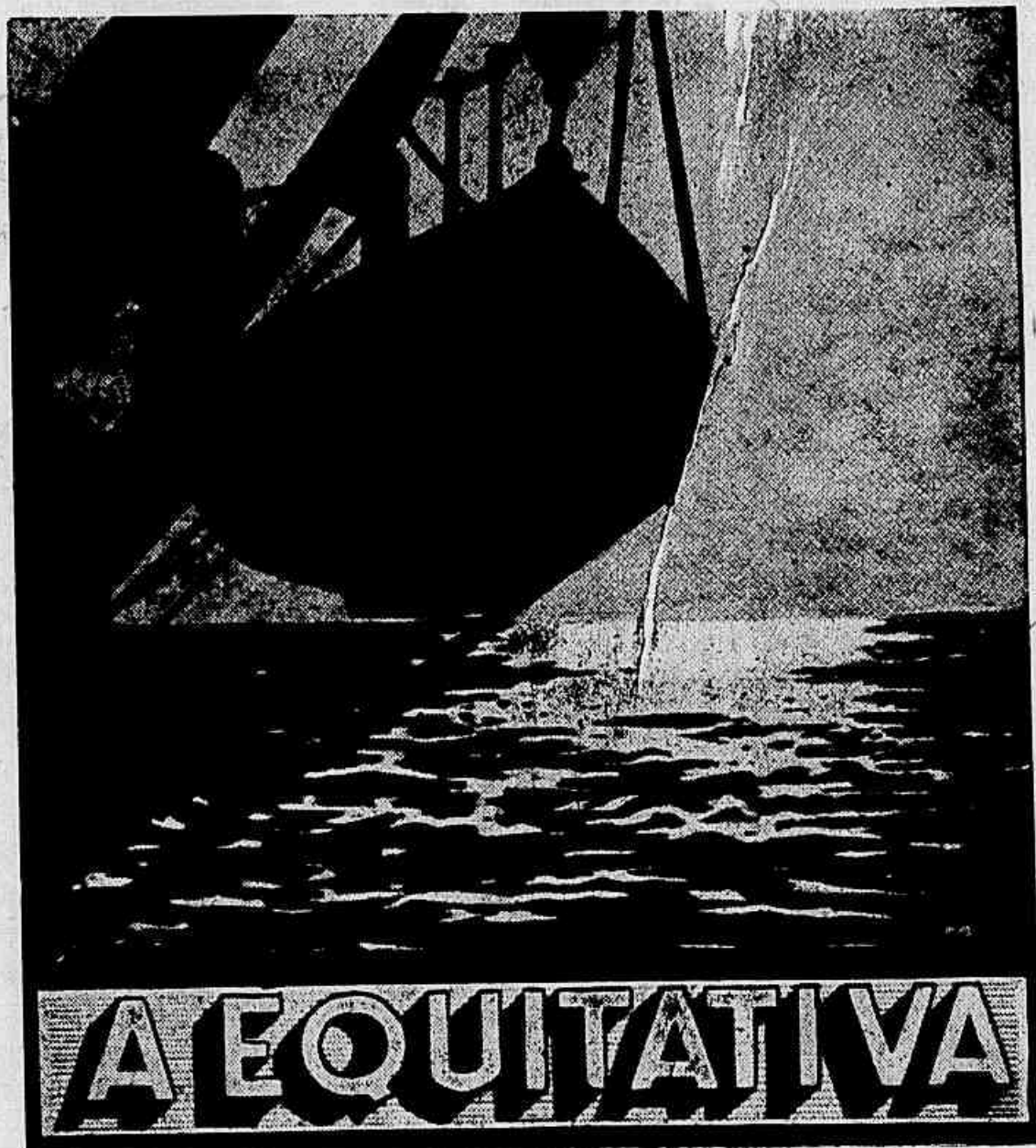
— Não.

— Olhe: veem os Hemple — eles foram vizinhos nossos quando vivíamos em Georgetown. O filho deles, Vaughn, foi o meu primeiro namorado. Vem também o dr. Parkhill, assistente de Paul. E Paul...

— Conte-me alguma coisa sobre ele.

— Ele é muito camarada! E' um bom sujeito!

(CONTINUA NA PÁG. 116).



NO MAR, COMO NA VIDA...

...tudo são imprevistos. Mantenha-se alerta, protegendo o futuro de sua família com uma apólice de A EQUITATIVA. Será o seu bote salva-vidas, pronto para qualquer emergência, mesmo em águas tranquilas...

Siga o exemplo de milhares de pessoas em todo o Brasil, que procuram esta sociedade para fazer o seu seguro de vida.

A EQUITATIVA é a única Sociedade que lhe pode oferecer estas vantagens: participação nos lucros; sorteios trimestrais em dinheiro; garantia subsidiária do Governo Federal.

Emite apólice de todas as modalidades.

Séde:

Avenida Rio Branco, 125

RIO DE JANEIRO

Ha 40 anos

vem servindo à
sua numerosa e
distinta cliente-
la dentro do
invariável pa-
drão de bom
gosto, arte, dis-
tinação e serie-
dade.

JOALHERIA
ARMANDO BERNACCHI
GONÇALVES DIAS, 28
1904 1944

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

50 ALFANDEGA 50

RIO



Funciona até às
19 horas
**DEPOSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS**

CULTURA MUSICAL NO BRASIL

(Continuação da pag. 52)

divulgação feita pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Os resultados vitoriosos da organização de Szenkar e José Siqueira estão aí para provar que as sinfonias não são privilégio de uma elite, embora até bem pouco tempo fôsem dela monopólio. Todos podem chegar até elas, mais cedo ou mais tarde, de acordo com as leis da evolução; mas este progresso pode ser ajudado, pode ser acelerado, desde que haja a necessária educação, que só será obtida pela divulgação. "A beleza e a inspiração da música não devem ser restritas a um número privilegiado de pessoas — diz Stokowski — mas sim postas ao alcance de todo homem, toda mulher, toda criança". Foi isto que a O. S. B. fez em suas populares dominicais, criando

um público numeroso e constante. Ela iniciou o movimento, agora surge outra e esperemos que logo venham mais outras. Cada vez maior será a divulgação da boa música.

E agora um fato auspicioso vem completar este panorama animador. O melhor e mais poderoso meio de divulgação popular — o rádio — descobriu enfim a música sinfônica e começa a contribuir para a educação musical do povo. Algumas das nossas estações comerciais criaram programas sinfônicos e uma delas acaba de comemorar um ano de audições regulares. Outra, em felicíssima iniciativa, traz para seus microfones a popular e vitoriosa O. S. B.

Isto significa que o rádio brasileiro está começando a atingir o último grau na escala musical, o que promete a aceleração do progresso de muitos dos que estão sob a sua grande zona de influência.

JUNHO...

Junho...

Antigamente, eram outras as bombas, os foguetes eram outros e os balões também eram diferentes. Abriamos bem os olhos, num contentamento quase infantil.

Hoje — contraste! — apertamos as palpebras com força, na contração instintiva do horror: Marte corre o mundo, ateando a tudo a sua chama impiedosa. E a tudo vai devorando, sacrificando, destruindo, na dança macabra dos engenhos modernos.

E homens e homens, aos milhões, arrastam-se agora para o torvelinho infernal. Um rendez-vous com a Morte? Ou um encontro com a Glória?

Junho...

No interior do templo, contritos e genuflexos, assistem os fiéis à cerimônia que conseguiu atravessar milênios. Exibicionistas infalíveis, impacientes, passeiam os olhos pelos altares e decorações, cansados do indiferentismo que lhes apresenta a gente devota, enquanto as excentricidades de Caron ou de Worth, lembrando profanadoramente títulos e instantes de amor, invadem a atmosfera



CELSE GUIMARÃES.

templar, usurpando-a à intimidade tradicional do perfume de incenso. E vencem as essências famosas, até que o sacerdote, voltando-se de braços abertos para os crentes, despede-os com o *Ite, missa est*.

Todos obedecem. Inicia-se a dispersão. É o fim. Fóra, o sol vai no apogeu da trajetória luminosa. E no adro aparece, então, toda sorrisos, toda bons-dias, a turba que rezou. Movimentam-se agora os cavalos HP. Ha interlocuções curtas na meio daquela familiariedade gentil. Depois, tudo isso some no conforto gostoso dos "gazogenios — ultimo tipo" ou desaparece vagarosamente nos angulos das primeiras esquinas.

Volta a igreja ao vazio das coisas findas! Lá dentro, porém, alheia à determinação cerimonial, esquecida de si própria, alguém fica. Fica ao pé de um Santo Antonio confidente e protetor, com todo o fervor do coração que ama e sofre, pedindo-lhe, sem nenhum ciúme, que faça voltar breve o noivo expedicionário, ostensivamente, orgulhosamente de braço dado com a Glória!

CELSE GUIMARÃES

Molière

(CONTINUAÇÃO DO PAG. 54)

mesmo bairro, Poquelin, Denys Beys, Clerin, Ragueneau (3), Bonenfant e outros representavam comédias, de quando em quando, para um pequeno círculo de amigos e parentes. Entusiasmados pelos aplausos de sua platéia reduzida, resolveram transformar aquela simples brincadeira em uma coisa mais séria, representando para um público verdadeiro, num verdadeiro teatro. E para isso teriam pedido o auxílio de Madeleine e Geneviève Bejart, bem como de outros artistas já experimentados, amigos de Beys que tivera algumas peças representadas pela *troupe* do "Marais".

Outros, ainda, querem que Molière, antes de renegar a profissão paterna e abraçar a nova carreira, tenha tomado lições com os saltimbancos da Pont-Neuf.

Seja como for, o fato é que a primeira manifestação de sua

vontade transparece da renúncia à herança do cargo de seu pai, assinada a 6 de Janeiro de 1643. E no mesmo ano, a 30 de Junho confirmando as suas disposições Molière assinava em terceiro lugar o contrato de sociedade entre os comediantes do que seria chamado o "Ilustre Teatro", feito e passado em Paris, em presença do nobre homem André Mareschal, advogado no Parlamento, e de Fieffé, notário.

Subscriam o documento, além de Jean-Baptiste Poquelin, Denis Beys, Germain Clerin, Joseph Bejart, Nicolas Bonenfant, Georges Pinel, Madeleine Bejart, Magdeleine Malingre, Catherine de Sur-lis e Geneviève Bejart.

Organizada a *troupe*, tratou-se de arranjar uma sala para os espetáculos e os associados alugaram, por contrato de 12 de Setembro, um "jogo de péla" que tinha o nome de seus primeiros proprietários o "Jeu de paume des Mestayres".

Mas o arranjo e a adaptação do local só terminarão no fim do ano e, para não permanecer em uma

perigosa inatividade, os Comediantes do Ilustre Teatro partem para Rouen, onde alcançam ainda os últimos dias da feira do Perdão ou de Saint-Romain.

Na capital normanda, onde provavelmente Molière conheceu Corneille, já célebre pela apresentação de "Menteur" no ano anterior, a *troupe* permaneceu até os fins de Dezembro.

A 31 de Dezembro desse ano a sala do antigo "jogo de péla" estava pronta e pavimentada. Tudo leva a crer que a 1.º de Janeiro de 1644 o Ilustre Teatro tenha aberto as suas portas, ostentando o título de "Comédiens de Monseigneur d'Orléans", com as devidas permissões de Sua Alteza Real.

E' a 28 de Junho desse ano, assinando contrato com um dançarino Daniel Mallet, que aparece pela primeira vez o nome de Molière, que daí em diante, sozinho ou precedido dos nomes de família, nunca mais deixaria de brilhar.

Os começos foram duros e atribuindo o insucesso ao local a *troupe* abandonou o "Jeu de pau-

mes des Mestayers", alugando um outro, o da "Croix Noire", situado na rua de Barrés.

A mudança não deu resultado. Além de todas as outras atribuições, as dívidas começaram a acumular-se, e no dia 2 de Agosto de 1645 Molière, respondendo pela sociedade em nome da qual assinara os documentos de débito, é preso e levado ao "Grand-Châtelet", onde permanece até o dia 13, quando consegue ser solto sob fiança prestada por Léonard Aubry, "calceteiro do rei", que fora o encarregado de pavimentar a sala do "jogo da péla" dos Mestayers.

Durante um ano e meio ou dois anos, Molière e alguns companheiros que lhe ficaram fiéis na adversidade lutam encarniçadamente para impor a sua *troupe* já bastante reduzida com a deserção de diversos signatários do contrato de 30 de Junho.

Luta vã, esforços perdidos... Eles resolveram partir, abandonando a capital para tentar a conquista da província, menos exigente e mais fácil de explorar.

O Fim da Odisséia

COMÉDIENS de Mr. le prince de Conti" é o título usado pela *troupe* de Molière, depois de representar, em 1653, no castelo da "Grange-des-Prés", em Pézanas, então residência do generalíssimo das tropas da Fronde, para distrair a amante do príncipe.

O conceito alcançado pelo grupo aumenta sempre e com ele aumentam os proventos.

Sempre com sede em Lyon, Molière e seus companheiros compareceram à abertura dos Estados do Languedoc, em Montpellier e em Pézanas, nos anos de 1653 e 1654. Nesta última cidade existe ainda hoje uma poltrona que o barbeiro Gely possuía em sua loja frequentada por todos os habitantes da região, onde Molière costumava sentar-se para observar os tipos que por ali desfilavam.

Uma viagem a Bordeaux, uma outra a Narbonne, os espetáculos de Lyon, de uma ou de outra cidade próxima, enchem o tempo até o outro acontecimento notável registrado nesse período: a estréia de "Le Dépit amoureux", segunda comédia de Molière, apresentada em Béziers, em Dezembro de 1656.

A conversão do príncipe de Conti ao catolicismo praticante e a influência do clero no seu espírito, levam-no a retirar da *troupe* o seu patrocínio e a renegar a proteção que lhe dispensava.

Molière está livre da obrigação de comparecer todos os anos às festas de abertura dos Estados do Languedoc, e retoma a sua independência.

E' tempo de pensar na capital. As economias acumuladas e a fama alcançada já permitem a audácia de enfrentar Paris.

Daí por diante é esse o objetivo da *troupe*.

Dijon, Nîmes, Orange, Avignon... Molière não pára, mas namora a sua cidade...

Uma estadia curta em Lyon, uma viagem a Grenoble, para as

festas do Carnaval, e ele se aproxima de Paris, instalando-se por cinco meses em Rouen, onde quinze anos antes estreara.

Tinha vencido quinze anos de luta diária e encarniçada, estimulado pela força de vontade inquebrantável que o impelia para o seu destino ilustre, ajudado pelos seus companheiros da primeira hora, entre os quais se destacava a figura de Madeleine Bejart, amiga devotada nessa longa odisséia para a vitória.

Ombro a ombro, escudados por uma confiança quase absurda no

gênio de seu chefe, e por uma solidariedade comovedora, eles percorreram essa longa distância no tempo e no espaço, erigida de obstáculos, emprestando-se mutuamente o apoio moral indispensável, animosos no desespero dos fracassos, vendo em cada tropêço um empurrão para a frente, tirando de cada golpe adverso uma lição prática, sabendo querer, inflexíveis nos seus propósitos.

Foi assim que avançaram sobre Paris, a cidade sonhada, o objetivo marcado quinze anos antes.

Narciso Azul
de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO PEQUENO Nº 1504 GRANDE Nº 1547
LOÇÃO Nº 1575 Nº 1576
COLÔNIA 1 Lit. Nº 1531 1/2 Lit. Nº 1532 3/4 Lit. Nº 1533 1/2 Lit. Nº 1534
NARCISO AZUL Nº 1513
BRILHANTINA Nº 1512

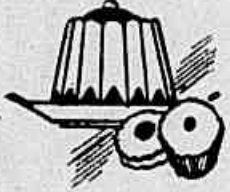
A VENDA EM TODO O BRASIL

Chás e almoços



em ambiente de alta distinção e elegância, ao som de excelente música, servidos por pessoal competente e atencioso.

Confeitaria



são famosos os doces e produtos da confeitaria Colombo, preparados com preferência e esmero por mestres confeitadores.

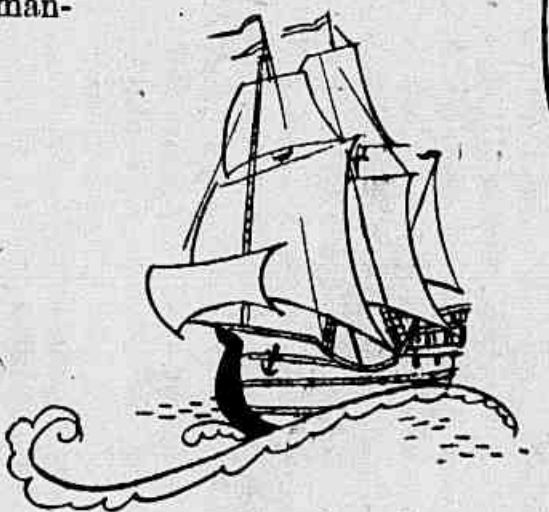
Vinhos, frutas, especiarias



em grande profusão, de todas as procedências, tornam o "Anexo" da Colombo o mais completo armazém da cidade, tanto em artigos de consumo diário como em especialidades para dia de gala.

Eis alguns dos motivos que mantêm o tradicional prestígio da

Confeitaria
COLOMBO



Homicídio por amor?

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 112)

— Pensei que você fosse dizer uma coisa mais romântica!

— Está vendo essa cicatriz?

— Que cicatriz?

— Essa cicatriz que eu tenho no queixo. Não é verdade que é invisível? Foi trabalho de Paul. Eu ia ficar com uma marca horrível no rosto se não fosse ele. A cirurgia plástica não tem segredos para ele.

— Estou vendo.

Nesse momento chegaram os outros convidados. A impressão que Hildegarda teve de Paul Severance foi a melhor possível, mas ela logo compreendeu por que a mãe da moça não gostava dele. Paul era um desses felizes homens que concentram em torno de si as atenções de quantos saia houver pelas vizinhanças. Evidentemente, era de suspeitar que ele não fosse de todo indiferente à homenagem que lhe tributava o belo sexo. Mas suas maneiras eram irrepreensíveis. Sabia falar e, mais, sabia agradar a todos. Era não só um grande cirurgião, mas também um grande diplomata.

Vaughn, antigo namorado de Corinne, era muito diferente. Seu tipo musculoso e atlético, feio, era diferente do de Paul. Era evidente que o rapaz não tinha inteligência ou a cultura do cirurgião e defendia-se chamando-o de "efeminado" e "médico de senhoras"... Os Temple e o dr. Parkhill conversavam com madame Lapham, enquanto Vaughn, Paul e Corinne se agrupavam em torno de Hildegarda, que fazia grandes esforços para mostrar-se suficientemente excêntrica, como era de se esperar duma velha tia que morava no campo. Deu, entretanto, graças a Deus, quando sou o gongo anunciando que o jantar estava na mesa.

A atmosfera era de uma cordialidade um tanto forçada e todos esperavam que alguma coisa acontecesse ali bem que não soubessem bem o que.

Estavam quase chegando à sobremesa quando abriu-se a porta, repentinamente, e entrou Oscar Piper.

Madame Lapham levantou-se.

— Inspetor, ficou combinado que...

— Minha senhora, asseguro-lhe que não teria vindo aqui se não houvesse um motivo urgente para isso.

— Não compreendo. Que sucedeu?

— Dr. Severance, posso falar com o senhor em particular?

— Que deseja?

— Doutor...

— Fale aqui mesmo. Estamos entre amigos.

— Pois bem. Peça-lhe que me acompanhe ao seu escritório.

— Para que?

— O senhor compreenderá quando lá chegar.

Dois investigadores de má catadura escotaram o médico.

— Que houve? perguntou, mais uma vez, madame Lapham.

Oscar parou na soleira da porta e disse:

— Bem, podem saber logo de uma vez: no escritório do dr. Severance há um cadáver, o cadáver de uma moça, identificada como sendo Elsie Pender, com duas balas no seio. A arma utilizada foi um revólver automático calibre 32!

Nesse momento ouviu-se um grito e o ruído de um corpo caindo. Todos se voltaram. Corinne desmaiara. Vaughn carregou-a até o quarto, enquanto a sra. Temple ajudava a mãe da moça a procurar saís voláteis e cognac.

Na desordem que se seguiu, Hildegarda ficou a um canto, observando. Quando todos subiram para cuidar de Corinne, ela aproximou-se de Oscar e falou:

— Oscar, eu acho...

— Francamente, Hildegarda, a sua opinião não me interessa muito!

— Francamente, "seu" Oscar, o senhor está ficando muito mal educado!

— Não é isso, Hildegarda, eu sei muito bem que você vai fazer alguma objeção à minha teoria, e estou seguro de que, desta vez, ao menos, estou certo. Não é possível que haja engano. A vítima foi ao escritório de Severance para fazer uma última tentativa. Esperava ainda que ele rompesse com a noiva. Ele recusou e, com certeza, ela o ameaçou. Ele não teve dúvidas: matou-a. Não é possível que tenha havido suicídio. A moça foi alvejada duas vezes. Não há alternativa.

— Isso de não haver alternativa é história sua, meu caro amigo. É claro que há alternativas. Sei de uma porção delas...

Ele sorriu, superior.

— Nós já vimos que não pode ter sido suicídio. Aliás, a prova é cabal. Imagine você que havia um bilhete da moça, anunciando que se tinha suicidado.

— Parece-me que este é um argumento em favor da teoria do suicídio, você não acha?

— Francamente, não. Você diz isso porque não sabe que o bilhete era escrito a máquina e que a assinatura também estava datilografada. Além disso a linguagem não era a que uma moça sem educação usaria. Acredito que isso constitui prova de que a teoria do suicídio é insustentável.

— E as mãos da moça?

— Você se refere ao test que se faz para saber se há queimaduras de pólvora nas mãos? Pois bem, fizemos o test com as luvas que ela calçava. Ficou provado que a moça não tinha disparado o revólver. Está convencida?

Hildegarda ainda tinha algumas dúvidas. Já expliquei que ela sempre gostava das teorias improváveis; mas não podia argumentar com os poucos dados que possuía e, por isso, calou-se.

O dr. Parkhill, assistente de Severance, ia passando naquele momento. Oscar chamou-o.

— Você trabalha para Severance, não é verdade?

— Sim, sou seu assistente.

— Que sabe a respeito das relações entre ele e Elsie Pender?

— Nada que possa interessá-lo. Elsie Pender entrou para a clínica afim de se submeter a uma operação plástica no rosto. Depois de operada, não podendo pagar, ofereceu-se para trabalhar gratuitamente. Passou um ano como secretária de Severance. Mas eu afirmo-lhe que nunca ele demonstrou o menor interesse por ela.

— Não é fato, entretanto, que ele tinha a intenção de casar-se com ela?

— Pois se acabo de lhe dizer que ele nunca demonstrou o menor afeto por ela! Se tinham alguma combinação, era coisa secreta, o que é muito improvável.

— A que horas Severance saiu da clínica esta tarde?

— Por volta das duas horas...

— E o senhor ainda ficou por lá?

— Sim, até às quatro. Depois, saí também.

— E foi então que Severance voltou e matou a moça que o esperava.

— Inspetor, eu acho que o senhor está enganado. Paul nunca faria uma coisa dessas.

— Meu caro dr. Parkhill, o senhor pode entender muito de medicina e de cirurgia plástica, mas de investigações quem entende sou eu e a nossa amiga Hildegarda...

Parkhill afastou-se.

Hildegarda subiu ao primeiro andar para saber como ia passando Corinne, e ouviu, da porta, a conversa dos Temple, de madame Lapham e da moça.

— Corinne, você devia aceitar...

— Mas, mamãe, eu não posso fazer uma coisa dessas, você não vê que...

— Corinne, pense no escândalo que a prisão de Paul vai causar. Você não teme a publicidade?

— Temo. Por que negar? Mas não abandonarei meu noivo.

— Corinne, seja razoável!

— A senhora é que não está sendo razoável, mamãe.

— Pois bem, eu desisto; mas depois não venha me dizer que eu não lhe avisei em tempo.

— Pode ficar descansada que não me queixarei, mamãe.

— Está bem, menina, está bem.

Hildegarda fez meia volta e tornou a descer.

IV

Uma coisa preocupava Hildegarda: as luvas. Foi só o que ela disse a Oscar quando este lhe perguntou as suas impressões.

— As luvas, Oscar, as luvas.

— Que é que há com as luvas? Ela estava usando luvas. Procuramos sinais de pólvora nas luvas: nada.

Quando Paul foi levado à presença de Piper, depois de várias horas de interrogatório, Hildegarda fez-lhe uma única pergunta. Encarando-o, falou:

— Foi você quem escreveu o bilhete dizendo que ela se ia suicidar? Foi você quem quis fazer passar a morte de Elsie por um suicídio?

E ele, com voz calma e segura:

— Não.

— E' só isso. Pode retirar-se.

— Um momento, protestou Oscar, eu ainda não fiz as perguntas que queria fazer.

— Não é preciso, replicou Hildegarda. Já está resolvido tudo. Sei quem é o assassino. Não foi Severance.

— Como descobriu?

— Você já olhou para as roupas da moça?

— Já.

— Como está ela vestida?

— Vestido marron, chapéu vermelho e luvas pretas...

— Nada de extraordinário nisso?

— Não.

— Bem se vê que você não é mulher.

— Por que?

— Porque não notou que mulher alguma usaria uma tal combinação de cores. Vestido marron e luvas pretas!

— Não sei por que.

— Mas eu sei.

— Escute aqui, Hildegarda, eu não gosto de mistérios...

— Nem eu... Não me importune, Oscar. Vamos à casa do dr. Parkhill. Tenho mais umas perguntas a fazer a ele, e então o caso estará resolvido.

V

— Dr. Parkhill, nada tem a acrescentar ao seu depoimento?

— Não.

Hildegarda fez uma pausa.

— Nesse caso, explique-me por que substituiu as luvas e o bilhete.

— Como?

— Não se faça de desentendido. Sei que o senhor substituiu as luvas e o bilhete.

— Pois bem: confesso. Elsie suicidou-se. Descobri-a morta, na sala de entrada. Troquei o bilhete que ela escrevera e as luvas, para que pensassem que se tratava de um assassinato. Com luvas novas sem vestígios de pólvora e com um bilhete evidentemente falso, as suspeitas de homicídio recairiam sobre Paul. E era isso que eu queria. Queria que prendessem Paul. Ele sempre me manteve obscuro muito embora fosse eu quem fizesse a maior parte do trabalho. Não era direito. Não podia ser...

— O senhor compreende que esta confissão pode custar-lhe a vida?

— Como a vida? No máximo uma condenação por perjúrio...

— Nada disso. A sua ambição levou-o mais longe, sei-o eu. O senhor não só fez passar o crime por obra de Paul Severance, como deu um tiro no coração da moça. O primeiro tiro, dado por ela, não foi fatal. O senhor completou a obra.

O médico levantou-se e pegando um revólver intimou a Oscar e Hildegarda que levassem as mãos ao alto. Porém a solteirona, que estava perto da luz, apagou-a. Seguiu-se uma luta na qual Oscar teve oportunidade de demonstrar os seus conhecimentos profundos do box.

Duas horas mais tarde o médico deu entrada na prisão. A porta cruzou com Severance, que ia saindo...

O que fez, em 1943, a Associação Commercial

Vale a pena lembrar o que fez a Casa de Mauá durante o ano de 1943.

Fundou o Instituto de Economia, com o fim de sistematizar estudos e promover pesquisas, de caráter objetivo, sobre o panorama econômico brasileiro, coligar elementos sobre a produção, o consumo e a distribuição das riquezas e colaborar no prévio exame das medidas financeiras e econômicas a serem decretadas pelo Poder Público.

Inaugurou o seu Departamento Cultural, com três divisões: a de Ensino a de Seleção e Aperfeiçoamento e a de Difusão Cultural, como trabalho prévio para a futura Universidade do Comércio, a "Universidade de Mauá", cujos planos já estão elaborados.

Colaborou, como órgão consultivo do Governo, no debate sobre os problemas financeiros, como o imposto sobre a renda.

Recebeu a visita do Sr. Eric Johnston, Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos; do Sr. General Eurico Dutra, Ministro da Guerra; Sir Noel Charles, Embaixador da Grã Bretanha, e de numerosas outras figuras de grande destaque.

Reorganizou seu Departamento Jurídico-Fiscal.

Recebeu o apoio de mais de dois mil sócios, que integraram seus quadros com novas forças, de alta significação.

Lançou o movimento de expansão associativa, para que cada município do Brasil tenha sua Associação Commercial, filiada à Federação Estadual, que por sua vez, irá figurar na Confederação Nacional das Associações Comerciais.

Acolheu, em sua sede, a III Conferência Inter-Americana das Associações de Comércio e Produção.

Colaborou nos estudos sobre arbitramento comercial.

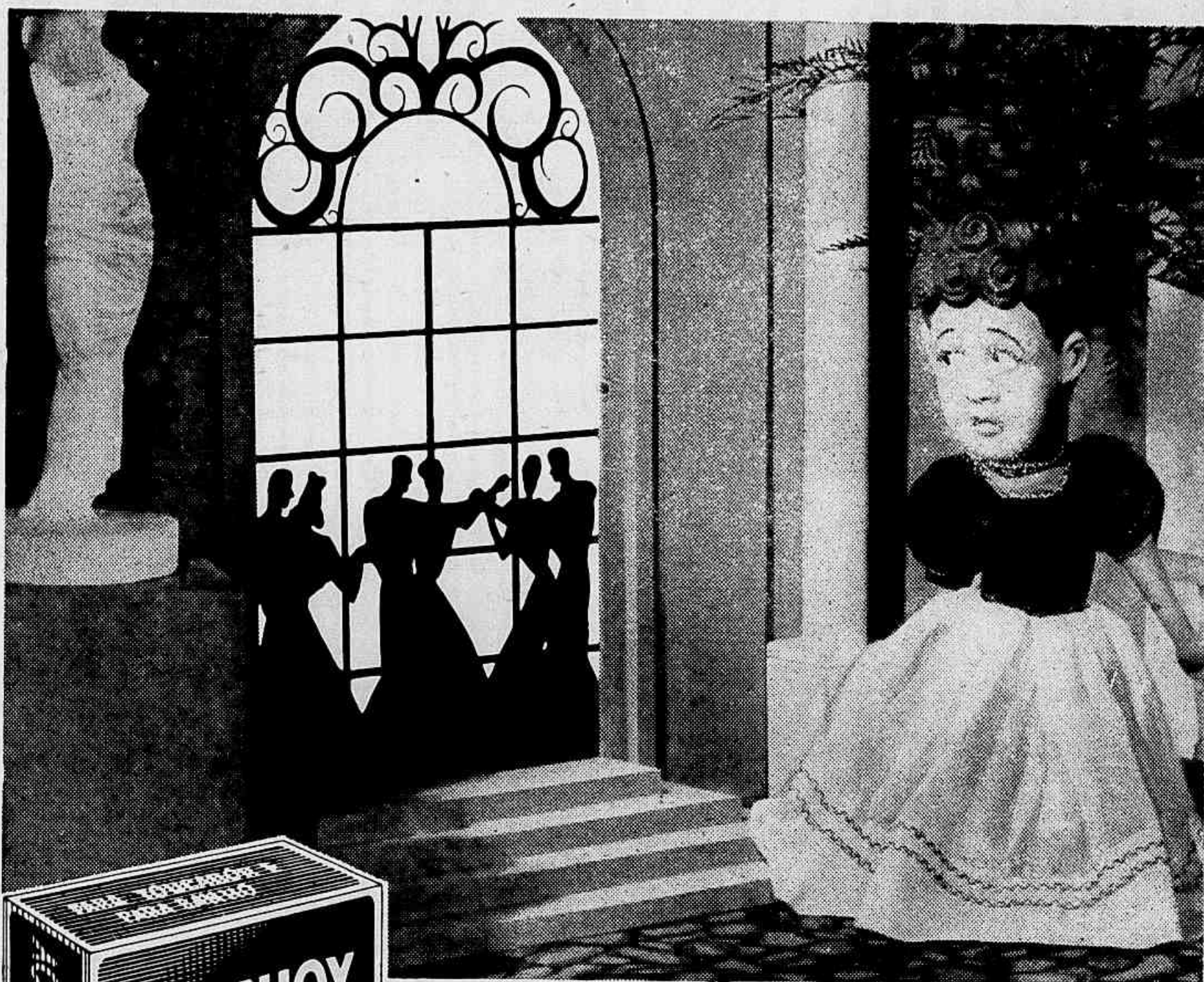
RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

A "tal" que não usa LIFEBOUY



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

LINTAS LHS 76-0220 A

ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!

Promoveu o Congresso Brasileiro de Economia, realizado no Palácio do Comércio e que reuniu as figuras mais expressivas da economia nacional, delegados das associações de classe, economistas e técnicos, planificando as diretrizes ideais recomendáveis para o pleno desenvolvimento da economia brasileira.

Foram esses, entre outros, os acontecimentos centrais do ano que passou, na tradicional entidade representativa do comércio, dentro do seu permanente esforço construtivo para servir ao Brasil, erguendo bem alto o nome da sua classe e honrando suas tradições seculares.



E m São Paulo...

e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr Ramos de Azevedo, 131

IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA



CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5140

Uma esperança e uma realidade

A geração de adolescentes de há trinta anos atrás viveu de uma deslumbrada esperança que só a presente geração teve a alegria de vê transformada em realidade.

Aquele tempo, já o espírito jovem se impregnara do sentimento vivo de um grande destino aviatório brasileiro. Havia as distancias perdidas do imenso império territorial, sugerindo a necessidade inercível das asas velocíssimas. Havia o fato de haver-mos dado ao mundo Padre Bartolomeu, Augusto Severo, Santos Dumont. Havia a prédica dos mestres de espiritualidade e civismo, acordando as inteligências imaturas para a ambição de uma pátria incomparável.

A geração de adolescentes de há trinta anos atrás fremia de ansia incontida pelo começo de realização desse destino. Mas os céus brasileiros continuavam vazios. As enormes distancias como que de cada vez mais se distendiam. E entre as colmeias humanas, agitados e vivas, mas dispersas, a solidão como que se fazia de cada vez mais densa. A trepidação dos motores aéreos só existia no sonho ardente, e muita vez se transformou, por isto, em ritmo de poesia.

Ao terminar, porém, em 1918 a primeira guerra dos povos não deixava apenas um fundo rastro de sangue e sofrimento. Deixava também uma ansiedade maior no coração dos homens. Sobretudo, porque definitivamente estabeleceu, com as experiências, ainda meio frustradas, mas decisivas, do avião nas frentes de batalha, que o homem por fim conquistara o domínio dos ares, realizando a quimera do nosso imortal pátrio.

Nas patrias moças, no Brasil inclusive, o ímpeto novo não pôde mais adormecer. Surgiram entre nós as primeiras tentativas heroicas. Marinha e Exército,

a um impulso de civismo criador mais poderoso do que todos os cepticismos, organizaram seus primeiros núcleos aeronáuticos. Em 27 nasceu a aviação comercial, com a instalação dos serviços da "Cruzeiro do Sul" (a antiga Condor) e da Varig. Depois, os anos se sucederam. E o ritmo da conquista de cada vez mais se acelerou. O que já agora realizamos é bastante para satisfazer momentaneamente o mais fervido civismo.

No domínio da aviação militar, apenas isto: F. A. B. — a F. A. B., cujas asas já receberam a sagração gloriosa da luta e do triunfo; que já deram concurso decisivo à vitória aliada, com o manterem imunes as águas atlânticas de nossas costas do corsário insidioso e invisível, depois de lhe haverem castigado a ousadia de começo, sepultando nas profundidades inacessíveis várias de suas unidades de combate; que, a esta hora, sobrevoam os campos de batalha do velho mundo, unindo seu ímpeto de heroísmo audaz à decisão invencível de asas mais experientes.

No domínio da aviação comercial, aí temos este resultado magnífico: a tímida pioneira de 1927, a "Cruzeiro do Sul", é hoje senhora de uma frota de 22 aviões possantes, a maior da América do Sul; e já cobriu extensões vastas do território pátrio de uma teia cercada de linhas nas mais diversas direções; e já alcançou transportar, num só ano, cerca de 35 milhões de passageiros, — quil netos e cerca de 37 mil toneladas de encomendas, como aconteceu em 1943; e já pôde, em só três dias, conduzir entre Rio e S. Paulo 1.066 passageiros, como se verificou no período de carnaval deste ano, batendo um record sul-americano, quicá continental.

E além da "Cruzeiro do Sul" há a Varig, sua companheira de iniciativas inaugurais; há a Panair, ha-

COMPREM OBRIGAÇÕES DE GUERRA

— no —

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SÉDE EM LISBÔA — FUNDADO EM 1864
(Único Banco Português no Brasil com séde em Lisboa)

Caixa do Tesouro e Emissor nas Colônias Portuguesas — (Exceto Angola)

Filiais nas principais cidades de Portugal, Ilhas e Africa

FILIAIS NO BRASIL

Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Pará e Manaus

Filiados em — Londres, Paris e New York

DEPÓSITOS, EMPRESTIMOS, DESCONTOS DE DULICATAS e cobrança de Letras das melhores taxas do mercado.

Guarda de VALORES, COMPRA E VENDA DE TÍTULOS na Bolsa e cobrança das respectivas rendas. Aceita Propriedades em Administração.

OPERAÇÕES DE CÂMBIO: remessas de dinheiro para qualquer cidade de Portugal, às melhores taxas do mercado.

COFRES DE ALUGUEL em CASA FORTE, para guarda de valores.

Sub-Agência — Rua Santana, 182. ♦ Filial — Rua da Quitanda, 120. ♦ Endereço Telefónico: COLONIAL. ♦ Telefone — 23-1776.

RIO DE JANEIRO:

a Vasp, ha' a Nab. E todas as outras companhias em vias de organização.

Os olhos adolescentes de há trinta anos atrás sonharam ardentemente. Mas a realidade gloriosa que aos olhos adolescentes de hoje se apresenta supera aquele sonho.

Podemos, acaso, guardar em nosso coração a sombra mais tênue de cepticismo em tal sentido?

TASSO DA SILVEIRA.

— Como tens um pai diferente do pai que eu tive!... Aquele que ali está naquele quadro, ao lado de tua avó, ah! esse era um homem!

— Não recomeces por amor de Deus! Vai-te embora!

— Aquele não conhecia tédios, nem fastios! Não tinha vícios! Trabalhou toda a vida! Triplicou a fortuna que herdou, e que eu desbaratei antes dos trinta anos! Era um justo!

— Já sei de tudo isso! Já me disseste mil vezes! Vai-te embora! Vai-te embora, se me não queres ver disparatar.

— Se eu tivesse ao menos amado tua mãe... é possível, se assim fôsse, que te salvasses!... E como merecia ela ser amada!... a infeliz senhora!... Ah! se a conhecesses, meu filho!... (E a voz do miserável começou a estalar, ameaçando abrir em soluços). Era uma santa criatura! Fria, indiferente, mas resignada e casta!... Imagina que eu...

O outro, porém, ergueu-se possesso e começou a agitar-se por toda a sala, bradando desabridamente:

— Mas que mal fiz eu para me torturarem deste modo?!

— Acalma-te! Acalma-te!

— Arre! E' muito! E' demais!

— Acalma-te, meu filho!

— Acalmar-me, é boa! Já me não posso conter! Era isto que querias?! Pois aqui o tens! Daqui a pouco estou por terra, espumando!

VÍCIOS

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

— Não! Não te apoquentes! Saio já! Saio imediatamente!...

— Agora! Agora pouco me importa que saias ou não! O que eu não queria era cair neste estado! Vê como tremo todo! Olha como tenho já a língua! Olha para as minhas mãos!

— Vê se sossegas!...

— Que inferno! Que inferno! bramiu o moço. E, depois de puxar pelos cabelos e bater contra a cabeça os punhos contraídos, exclamou, de braços e olhos arrancados para o teto: — Mas, meu Deus! meu Deus! porquê me fizeram viver?! Que espírito cruel me chamou a esta vida de lama, sem indagar se eu tinha forças para arrastá-la pelo mundo! Porquê me entalaráram nesta prisão que me dói, onde meu pobre espírito ofega oprimido e a minha carne geme e os meus ossos estalam?! E para que me deixaram cá dentro do barro podre deste corpo só prestável para doer, esta maldita consciência que marca os segundos da minha agonia como um relógio de médico; esta enfermeira coberta de luto que ronda a minha insônia e pesa a minha incalculável miséria, grama a grama, numa balança de hospital?! Porquê?! Porquê?! Que mal fiz eu ao mundo, meu Deus?! Amaldiçoados sejam os criadores de existências e mais os seus agentes e os seus

cúmplices! Amaldiçoado sejas tu, velho libertino!

— Meu filho!...

— Vai-te para o diabo! Se ao menos pudesses eu matar-me! Mas o covarde instinto da vida agarra-me torpemente a esta carcassa epilética e leva-me de bruços pela existência, como a lesma rastejando na própria baba!

— Acalma-te, meu filho!

— Mostra-me então o meu lugar nesse alegre banquete, do qual nunca te levantaste! Mostra-me o meu talher e o meu copo! Aponta-me a cama da mulher que tenha lábios e braços para me amar! Vamos! O que é do meu quinhão? Devoraste-me tu, Falstaff! Choras, hein? mas choras repleto e ainda não saciado! Choras, bem vejo! mas tens rido a vida toda com todas as dissolutas que topaste no caminho! tens palpitado de comoção em todas as bancas de azar! tens te embriagado com todos os vinhos que existem na terra! E continuas a beber, a fumar, a viver noites inteiras no amor e no jôgo; e eu?! O que foi que eu gozei até agora?! desmamaste-me a "cognac"! levaste-me ainda criança a todos os lugares em que te corrompestes! fizeste-me, na idade em que se aprendem as orações, fumar e beber para divertir os teus companheiros de libertinagem! E's um monstro! Sai da minha presença ou eu te mato!

— Não! não, meu filho, não quero que fiques mal comigo!... Não ficarás! Aqui tens morfina!

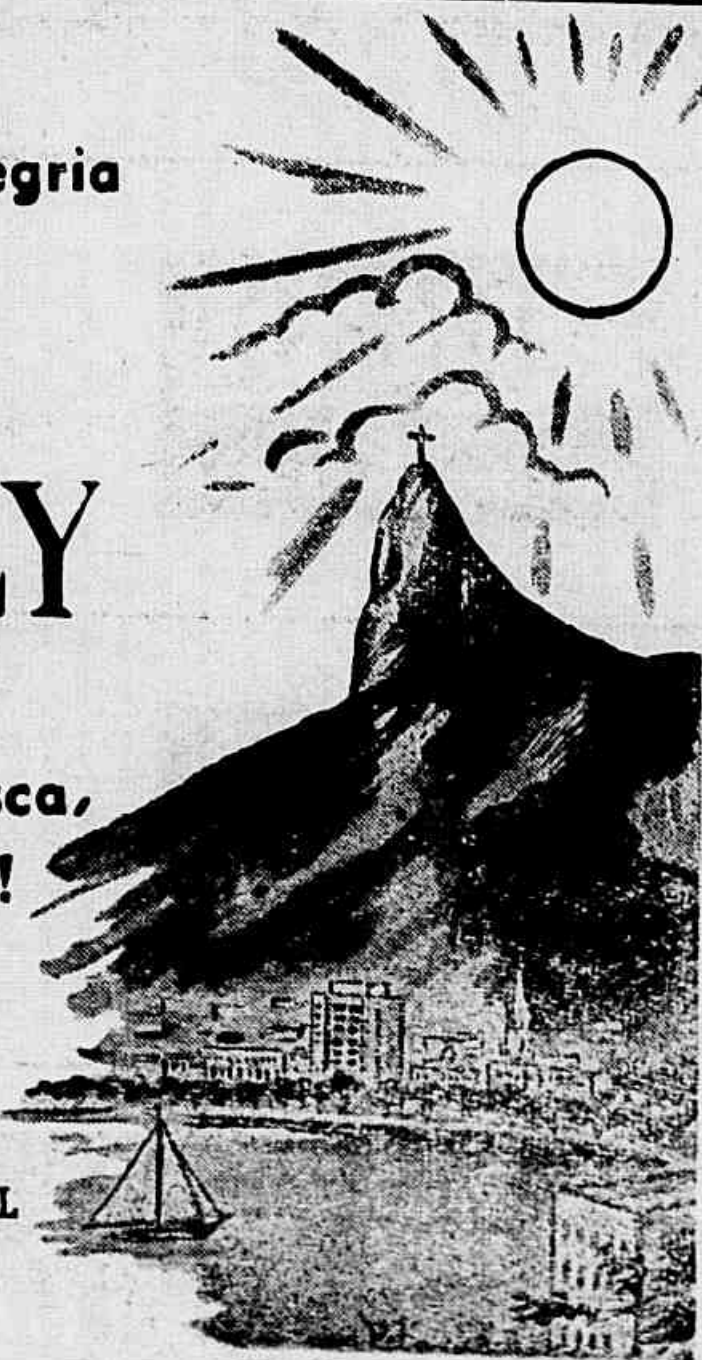
— Morfina?! Ah! dá-ma! dá-ma! Perdôo-te tudo! Como és bom! como és bom, meu pai! Muito obrigado!

As chuvas refrescam e trazem alegria à natureza!

LAVANDE GALLY

— nos dias de intenso calor, refresca, perfuma o corpo e alegria a vida!

À VENDA EM TODO O BRASIL





GENTE NOVA



MARCO-ANTONIO, FILHO DO DR. CAIO VALADARES, JUIZ DE DIREITO NA COMARCA DE CRUZEIRO DO SUL, TERRITORIO DO ACRE, E D. MARIA DA CONCEIÇÃO SAMPAIO VALADARES, AOS SEIS MESES DE IDADE.

SONIA MARIA, FILHA DO CASAL RAQUEL-DR. JOSÉ VELHO TITO.

SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS CR\$ 1,90



DIVA E RUI, FILHOS DO SR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES E DE D. DIRCE DUARTE RODRIGUES.

Aniversários da Semana

18 — Senhores: J. Carlos de Brito Cunha, Dr. Manoel Antonio Ferreira, Miguel Campanello, Dr. José Candido Almeida dos Reis, Comendador Antonio Januzzi, Dr. Pedro Vergara.

20 — Senhoras: D. Eulayr Tinoco Vasconcellos. Senhores: Professor Francisco de Oliveira Viana, Dr. Amadeu Laquitinie, João Wircker, Vice-Almirante Dario Paes Leme, João Daut Filho, Dr. Alvaro Dias, Dr. João Pereira de Camargo, Benedito Bueno, Dr. Paulo Tavares da Gama.

21 — Senhoras: D. Amelia Molina Alves Bastos, D. Palmyra Serôa da Motta, D. Clelia Mascarenhas Setta, D. Dalia de Abreu Mascarenhas; Senhores: Mario Lisboa Barbosa, Dr. Anibal de Toledo, Dr. Abdon Milanez, Eduardo Alves de Souza.

CASA



AMERICO

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, CAL, TELHAS, CIMENTO, FERRO, ETC.

A. Rodrigues Vieira

VENDE E ENCARREGA-SE DA COLOCAÇÃO DE TACOS, ESQUADRIAS, ETC.

MATRIZ

RUA EQUADOR, 506 (Esq. rua 4)
TELEFONE 25-6116
RIO DE JANEIRO

FILIAL

AV. FELICIANO SODRÉ, 864
TEL. 208 — (EM FRENTE À PREFEITURA)
TEREZOPOLIS — EST. DO RIO

Agência do Ministério da Fazenda



Agência de Madureira



Agência do Catete



Agência Rio Branco



Agência da Ilha do Governador



Agência de Botafogo



Agência de Vila Isabel



Agência de S. Cristóvão



Agência da Penha



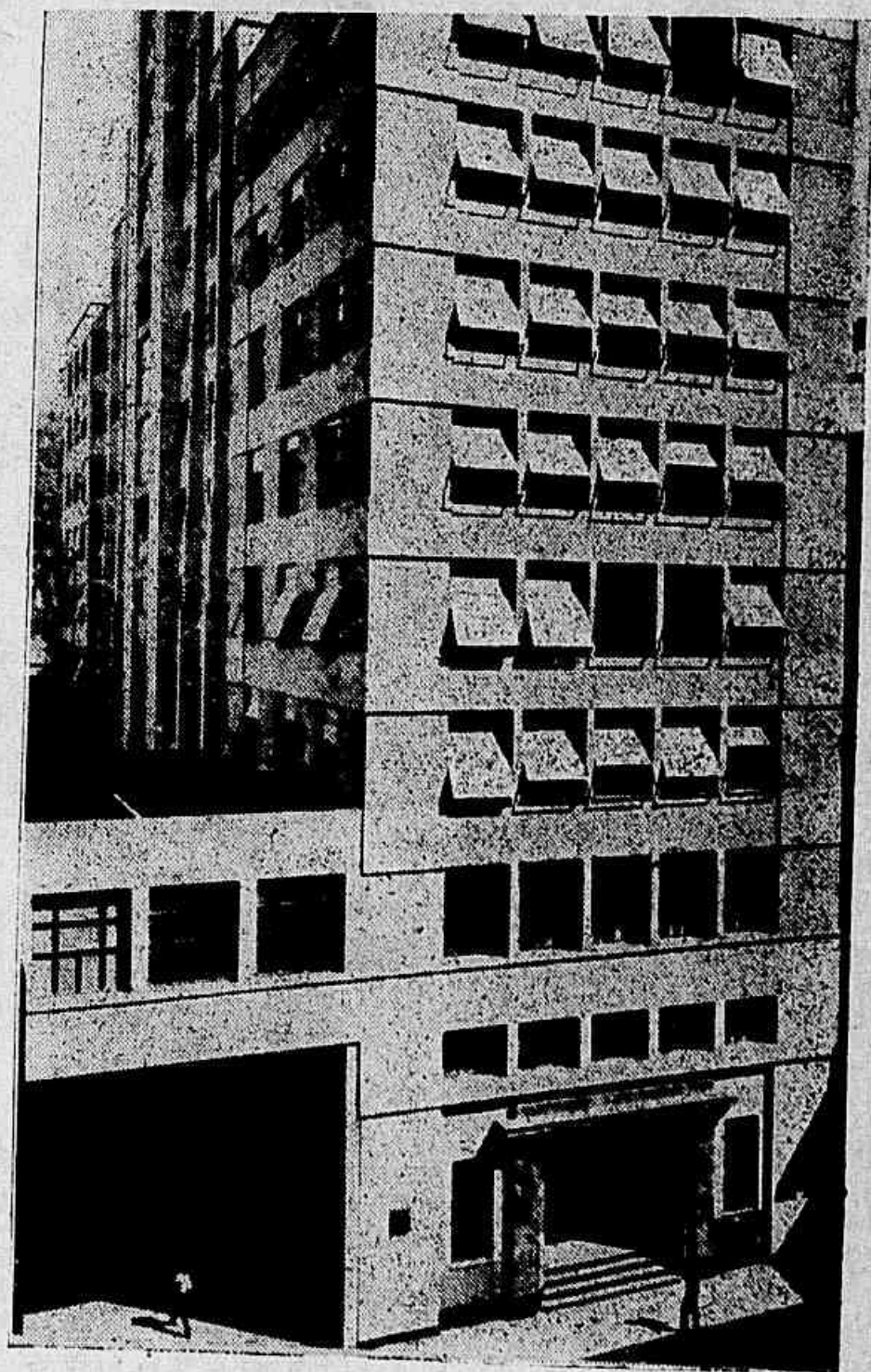
EM CADA BAIRRO

No propósito de difundir o mais possível o hábito da poupança, a Caixa Econômica instalou em cada bairro uma agência de depósitos.

Dentro de sua zona residencial V. S. poderá movimentar as suas economias, sem para isso necessitar ir à cidade.

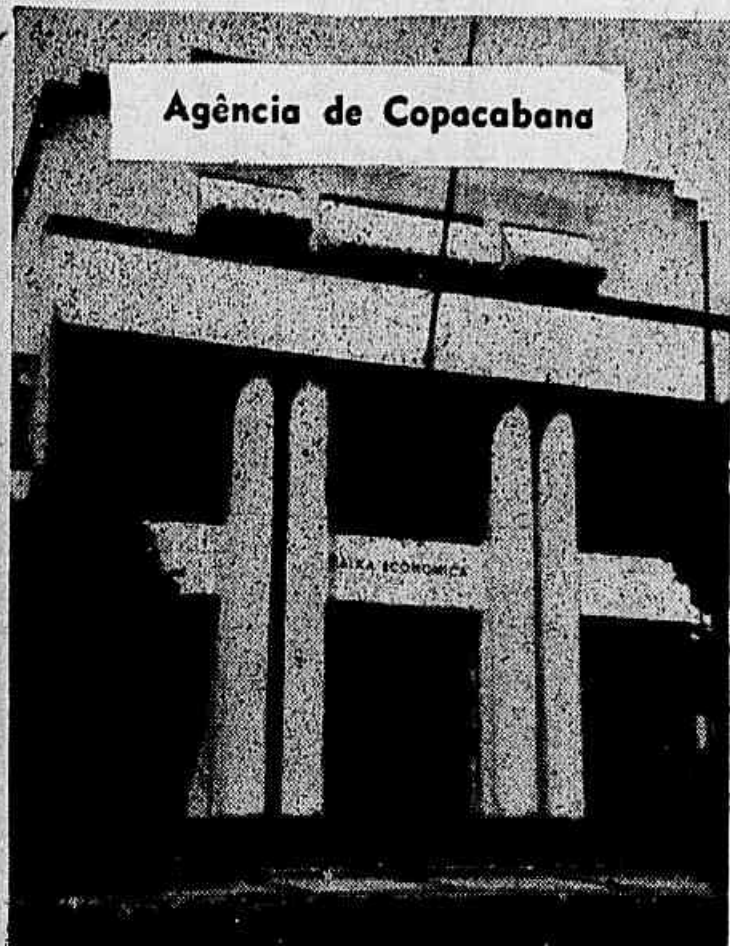
Nenhuma outra instituição bancária oferece esta vantagem e comodidade a V. S.

Procure hoje mesmo a Agência da Caixa Econômica mais próxima do seu domicílio e abra uma caderneta.



SÉDE: — RUA 13 DE MAIO, 33-35

Agência de Copacabana



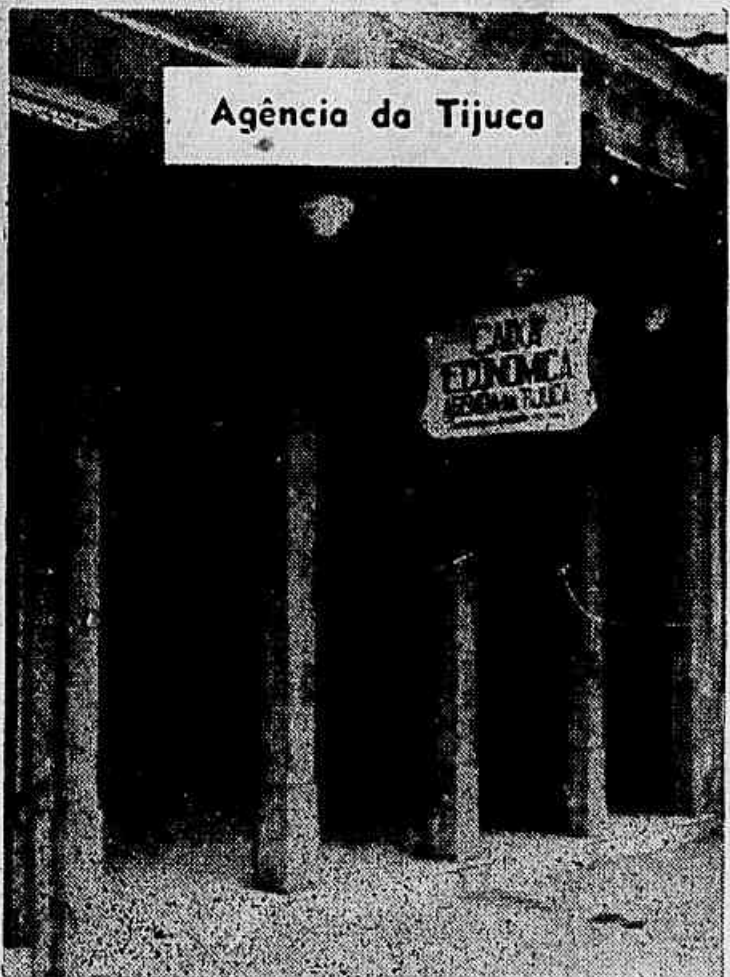
Agência da Praça da Bandeira



Agência do Meier



Agência da Tijuca



UMA AGÊNCIA PARA MELHOR SERVIR AO PÚBLICO

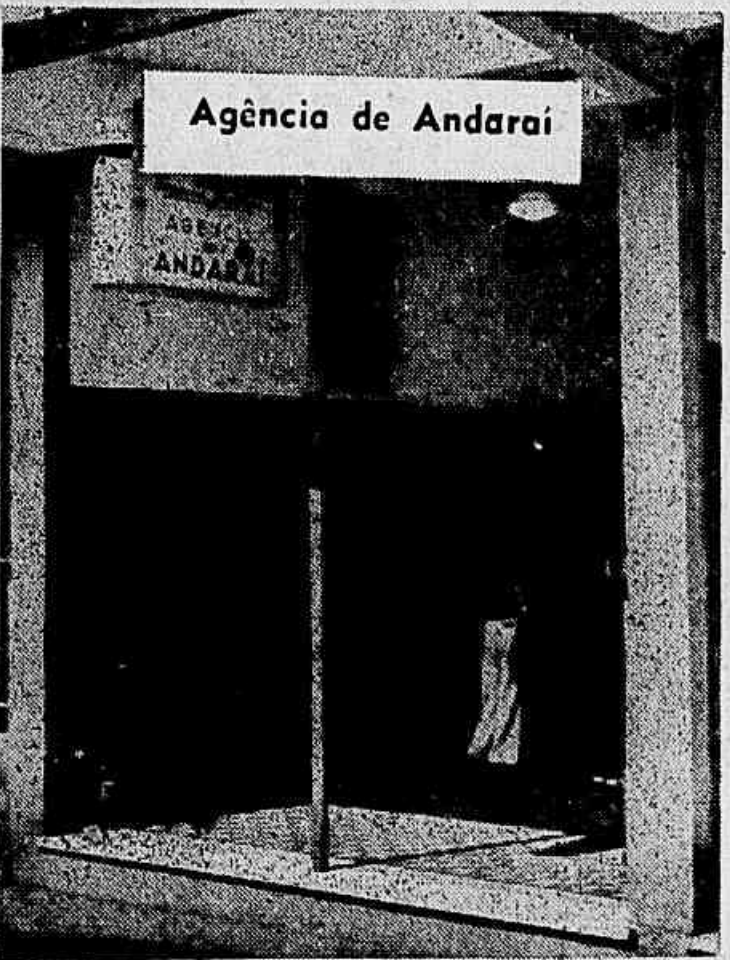
Agência D. Manoel



Agência Pedro II



Agência de Andaraí



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Agência da Candelária



Agência de Campo Grande



Agência de Bangú



**Resida próximo
a bons colégios para seus filhos...**
...adquirindo um lote de terreno na
CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS
— o novo bairro carioca!



ENVIE-NOS ESTE CUPÃO

Queira enviar-me, acompanhadas de plantas, folhetos, etc. sem o menor compromisso, informações mais detalhadas sobre as condições e facilidades com que poderão ser adquiridos os lotes de terreno na CIDADE-JARDIM LARANJEIRAS.

Nome

Endereço

O bairro de Laranjeiras oferece às famílias que ali residem, a maior soma possível de conforto além dos benefícios de um dos climas mais saudáveis do Rio! Dotado de modernos estabelecimentos comerciais, bons cinemas e suntuosos templos, aquele tradicional ponto da zona Sul, destaca-se, sobretudo, pelos modernos estabelecimentos de ensino que possui. É justamente nesse bairro preferido pelos pais que desejam dar uma educação perfeita aos seus filhos que a Cia. Textil Aliança Industrial, está loteando os magníficos terrenos da Cidade-Jardim Laranjeiras. A excelente situação desses lotes, distribuídos ao longo da rua General Glicério que ligará Laranjeiras a Botafogo através do futuro Túnel Aliança e a proximidade em que se encontram do Largo do Machado e da Praia do Flamengo, contribuem para a valorização crescente de toda aquela extensa área e representam uma sólida garantia para o capital empregado. Escolha também o seu terreno nesse pitoresco recanto, aproveitando a grande facilidade de pagamento que a Cia. Textil Aliança Industrial, oferece a todos os compradores. Mande construir sua casa e instale sua residência na Cidade-Jardim Laranjeiras — o moderno bairro carioca! Seus filhos gozarão melhor saúde e poderão frequentar bons colégios com a maior comodidade e segurança!

- Distantes 10 minutos do centro urbano. Condução rápida, confortável, abundante e econômica.
- Lugar independente e de absoluta tranquilidade, próximo aos melhores colégios de Laranjeiras.
- Rigorosa seleção de proprietários.
- Todas as ruas terão serviços de Água e Esgoto.

- A Cia. fornece aos compradores de lotes, pedra ou macadam da sua pedreira, com grande abatimento de preço.
- Não será permitida a construção de prédios de mais de 3 andares, nem prédios para fins comerciais ou industriais exceto na área central onde a Prefeitura permite a construção de prédios de mais de 3 pavimentos.

Incorporadora

CIA. TEXTIL ALIANÇA INDUSTRIAL

Av. Rio Branco, 120-7.º andar - sala 732 - Edifício Associação Empregados Comercio - Tel. 42-6030

**Oleo de
peroba...**
a vida da mobi-
lia antiga e a
longa vida da
mobilia nova

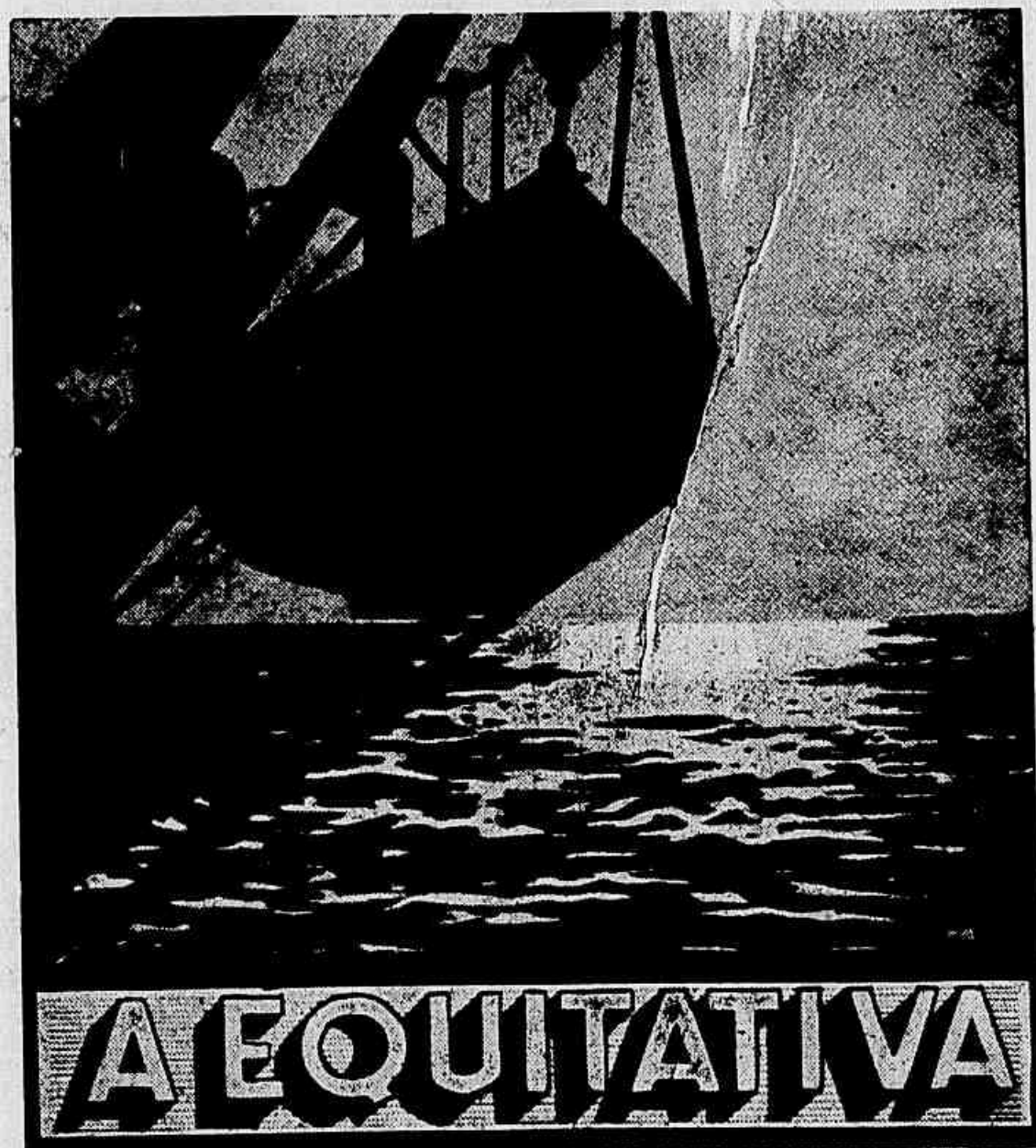


CÊNAS DA REVISTA
BARCA DA CANTAREIRA



TEATRO RECREIO

EMPRESA WALTER PINTO



NO MAR, COMO NA VIDA...

...tudo são imprevistos. Mantenha-se alerta, protegendo o futuro de sua família com uma apólice de A EQUITATIVA. Será o seu bote salva-vidas, pronto para qualquer emergência, mesmo em águas tranquilas...

Siga o exemplo de milhares de pessoas em todo o Brasil, que procuram esta sociedade para fazer o seu seguro de vida.

A EQUITATIVA é a única Sociedade que lhe pode oferecer estas vantagens: participação nos lucros; sorteios trimestrais em dinheiro; garantia subsidiária do Governo Federal.

Emite apólice de todas as modalidades.

Séde:

Avenida Rio Branco, 125

RIO DE JANEIRO

Ha 40 anos

vem servindo à
sua numerosa e
distinta cliente-
la dentro do
invariável pa-
drão de bom
gosto, arte, dis-
tinação e serie-
dade.

JOALHERIA
ARMANDO BERNACCHI
GONÇALVES DIAS, 28
1904 1944